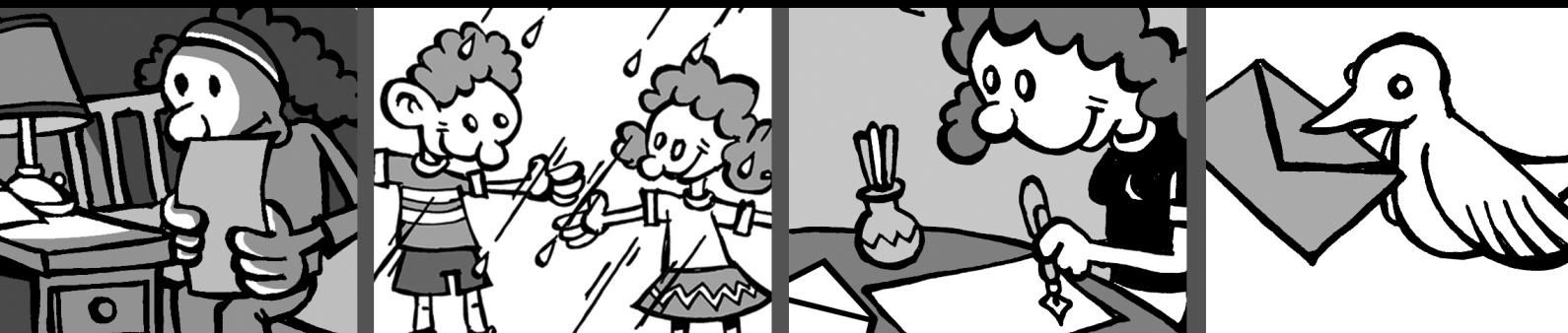


Evelyn Orrico
Lucia Moutinho
Marcio Mori

Português Instrumental





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português Instrumental

Volume 2 - Módulos 3 e 4

Evelyn Orrico

Lucia Moutinho

Marcio Mori



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério
da Educação



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Vera Maria de Almeida Corrêa

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Evelyn Orrico
Lucia Moutinho
Marcio Mori

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Ana Paula Abreu Fialho

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

José Meyohas

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COPIDESQUE

José Meyohas

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho
Daniela de Souza
Elaine Bayma
Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

ILUSTRAÇÃO

André Dahmer

CAPA

André Dahmer

PRODUÇÃO GRÁFICA

Patricia Seabra

Copyright © 2009, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

O75

Orrico, Evelyn.

Português instrumental. v. 2 / Evelyn Orrico, Lucia Moutinho, Marcio Mori. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.
282p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-559-9

1. Língua Portuguesa. 2. Resumos e resenhas 3. Projetos. 4. Fichamentos. 5. Dissertações. I. Moutinho, Lucia. II. Mori, Marcio. III. Título.

CDD: 469

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 15 – As ligações perigosas e as articulações necessárias (I) _____	7
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 16 – As ligações perigosas e as articulações necessárias (II) _____	23
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 17 – As ligações perigosas e as articulações necessárias (III) _____	41
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 18 – As ligações perigosas e as articulações necessárias (IV) _____	55
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 19 – Lendo, compreendendo e produzindo (I) _____	69
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 20 – Lendo, compreendendo, parafraseando e produzindo _____	89
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 21 – Relendo o texto e adequando o vocabulário _____	117
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 22 – Dúvidas acerca de expressões e do uso da vírgula e outros sinais – uma revisão _____	143
<i>Marcio Mori</i>	
Aula 23 – Análises, resumos e resenhas, expressões latinas, normas bibliográficas, ata, memorando e agradecimento _____	167
<i>Evelyn Orrico e Marcio Mori</i>	
Aula 24 – Projeto: objetividade e subjetividade na produção acadêmica _____	213
<i>Lucia Moutinho</i>	
Aula 25 – Fichamento _____	231
<i>Lucia Moutinho</i>	
Aula 26 – Dissertação: o pensar e o escrever _____	243
<i>Lucia Moutinho</i>	
Referências _____	269

As ligações perigosas e as articulações necessárias (I)

AULA 15

Meta da aula

Demonstrar que a compreensão do texto está vinculada à coerência e à produção de sentidos para o receptor da mensagem.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- dialogar com a autora do texto e reelaborar as definições dos conceitos: similaridade, proximidade, continuidade e fechamento;
- elaborar frases declarativas;
- redigir manchetes atentando-se à coerência;
- redigir textos curtos com introdução, desenvolvimento e conclusão;
- analisar as mensagens apresentadas e organizar as idéias coerentemente.

O processo perceptivo exige organização e regularidade das mensagens para que possa ocorrer a sua compreensão (TISKI-FRANCKOWIAK, 2000).

Vamos dialogar com esta epígrafe?

Repetindo: vamos dialogar com a citação anunciada no começo desta aula e que mantém relação com o assunto a ser desenvolvido?

Ao trabalho!

Wertheimer, Köller e Kofka, pesquisadores dos princípios da psicologia da *Gestalt*, citados por Tiski-Franckowiak (2000) como seus criadores, afirmam que as leis da organização perceptiva são fornecidas ao receptor da mensagem, em parte, pela teoria da *Gestalt*. E, também, que a percepção está intimamente ligada à aprendizagem e tem como princípio a compreensão das relações estabelecidas entre os elementos contidos numa mensagem.

Tiski-Franckowiak (2000, p. 87) informa que não há uma palavra em Português correspondente à alemã *Gestalt* e que a tradução mais utilizada é “forma, totalidade sensível ou jogo entre figura e fundo de um campo perceptivo”. Acrescenta, ainda, que a compreensão do todo envolve processos mentais, elos que relacionam os fatos, ou seja, elementos que relacionam e interligam os fatos. Segundo essa autora, o processo de compreensão das relações entre os elementos de uma *Gestalt* se inicia com um *insight*, que significa aquele “*heureka!*” ou “*achei!*”. O *insight* é aquele estalo que, de repente, acontece, e o sujeito pode até dizer, numa linguagem informal, que “*caiu a ficha*”. Para que ocorra o *insight*, é necessária a presença de elementos suficientes no campo externo (op. cit., 2000, p. 87).

De acordo com essa pesquisadora, “o ser humano tende naturalmente para a complementação e a organização das coisas incompletas, busca o equilíbrio das formas perfeitas” (op. cit., 2000, p. 87).

E fornece exemplos típicos dessa necessidade de complementaridade, que é forte, como os boatos não bem compreendidos na fonte e a explicação dada pelo homem simples para o fenômeno da emanção

do **FOGO FÁTUA**. No que concerne aos boatos não compreendidos na fonte, ressalta que o sujeito acrescenta significados às mensagens que nada têm a ver com a realidade, isto é, o sujeito aumenta, distorce o fato, a fim de realizar uma compreensão lógica. Com relação ao fogo fátua, afirma que o homem simples, que nada sabe sobre a emanção do fenômeno, encontra no misticismo uma explicação lógica. Daí, surgem os fantasmas, as assombrações e até mulas-sem-cabeça.

Finalmente, essa autora informa que as páginas de um jornal ou livro, um cartaz, um cenário de teatro ou de televisão, entre outros, formam uma *Gestalt*. E conclui afirmando que, para essas *Gestalten*, o receptor também precisa atribuir lógica e coerência. No entanto, destaca que a composição total dos elementos pode favorecer ou dificultar a compreensão, em face do desejo de equilíbrio ou de perfeição, que “só será satisfeito se o arranjo das coisas no ambiente permitir que o sujeito as entenda” (TISKI-FRANCKOWIAK, 2000, p. 87).

Tal arranjo, conforme explicita essa autora (op. cit., 2000, p. 88), implica quatro leis, a saber: similaridade, proximidade, continuidade e fechamento.

Ao diálogo! Leia as quatro definições fornecidas por essa pesquisadora.

1. A similaridade é a semelhança de certos elementos no conjunto, favorecendo a compreensão do todo pela lógica e clareza que oferecem.
2. A proximidade imbrica-se com as demais leis gestálticas, mas refere-se, especialmente, a blocos unidos de essencialidade a serem transmitidos: é concernente a parágrafos íntegros nos quais o jornalista, o escritor ou o professor não salta de um assunto para outro sem a devida coerência.
3. A similaridade e a proximidade necessariamente levam à continuidade. As coisas que têm continuidade apresentam uma sequência lógica.
4. Fechamento é o estalo ou heureka nos primeiros dez segundos de atenção sobre determinada informação.

FOGO FÁTUA

Trata-se de um fenômeno proveniente da inflamação do fosforeto de hidrogênio que exala dos corpos em decomposição. Ocorre, geralmente, em pântanos e cemitérios.



ATIVIDADES

1. Com suas palavras, reelabore as duas primeiras definições dadas pela autora. Ao diálogo!

a. Similaridade:

b. Proximidade:

2. Imagine que você irá realizar uma propaganda, uma peça publicitária, para o café de sua cidade. Por exemplo, *Café Itaocara – o melhor do Brasil!!*

Pare, pense e escreva na linha:

- Em que cenário você colocaria uma xícara de café?

- Crie uma frase declarativa, após pensar no cenário, para fortalecer a idéia de que o café de Itaocara é o melhor do Brasil.

RESPOSTAS COMENTADAS

1.a. *Similaridade é a semelhança que existe entre determinadas partes de um conjunto. Essa semelhança facilita a compreensão total do objeto pela lógica e pela clareza que proporciona.*

1.b. *Proximidade refere-se aos blocos unidos de essencialidade, isto é, com as partes que constituem a natureza de algo, com as partes que são inerentes a esse algo. Voltemos ao exemplo do café. A lei da proximidade, ainda segundo Tiski-Franckowiack (2000, p. 89), exige a “rigorosa escolha do componente principal da mensagem”, eliminando tudo o que é supérfluo e adicionando estímulos simples e iguais ao do componente principal, apresentando tudo em blocos unidos. Ao exemplo!*

Ao criar o cenário do café, imagine uma mesa com pães, biscoitos, manteiga, um bule e uma xícara branca com café bem quente; imagine aquela fumacinha subindo da xícara, mostrando que o café está bem quente.

Pois é, não se pode colocar nesse cenário crianças correndo pela cozinha, mostrar que há uma panela com feijão sobre o fogão, entre outras coisas supérfluas, que não estão ligadas à mensagem principal, isto é, ao cafezinho. O essencial é o café e as partes que estão a ele ligadas. Na busca pela coerência, lembre-se sempre, essencialidade é a palavra.

2. Acreditamos que você tenha pensado em um dos seguintes cenários para realizar a sua peça publicitária: cozinha, casa-grande de fazenda, pilão e moinho (na fazenda), mesa e cadeira na cozinha e outros cenários que possam remeter a um desses citados. Impossível pensar em um cenário onde haja uma corrida de Fórmula 1, em um cenário onde haja praias e quiosques. Tiski-Franckowiack (2000, p. 88) alerta para o fato de que “os elementos da Gestalt precisam se encaixar num padrão de semelhanças conhecidas para que haja o senso de harmonia e aceitação”.

Quanto à frase criada para a divulgação do produto, certamente, você deverá ter pensado em: Café Itaocara: o melhor do Brasil. Saboroso, forte e revigorante! Ou algo semelhante, acreditamos.

ATIVIDADES



3. Vamos continuar? Imagine agora que você irá aparecer na primeira página do jornal da sua cidade. Imagine-se como o primeiro colocado entre todos os alunos do Consórcio CEDERJ, pois você tem o maior CR, isto é, você tirou 10 em todas as disciplinas. Continue imaginando. Os diretores do jornal decidem fazer uma matéria com você. Matéria de primeira página! Continue imaginando. Neste momento, um fotógrafo do jornal lhe pede para dar um sorriso, um sorriso de vitória. Em sua mente, como num filme, cenas do sacrifício e do esforço que você fez para conseguir tudo isso passam aceleradamente. É o reconhecimento público, você imagina.

Agora, ao trabalho!

Escreva, nas linhas a seguir, a possível manchete do jornal:

Vamos continuar trabalhando juntos?

4. Responda:

a. Você colocaria a manchete acima, abaixo ou ao lado de sua foto?

b. Seria possível colocar somente a foto na primeira página e a manchete na página seguinte? Ou vice-versa?

COMENTÁRIOS

3. O ideal é ser breve e fornecer toda a informação.

Por exemplo:

"Aluno nota 10 ganha bolsa de estudos na Universidade de Paris."

Ou

"Histórico repleto de notas 10 garantiu a conquista de prêmio."

Acreditamos que cada um dará a sua resposta; afinal, sonho é sonho.

Mas para que os sonhos se realizem, primeiramente, é preciso tê-los.

4. A manchete poderia vir acima ou abaixo da foto. Poderia também ser colocada ao lado. O importante é que manchete e foto estejam próximas para que haja compreensão da totalidade. Na outra página... Certamente, você já compreendeu que é impossível. Isso dificultaria a compreensão. Não é coerente. Seria o mesmo que colocar a manchete, isto é, o texto, e, ao lado, uma fotografia de incêndio. Como já foi dito, não há coerência.

**ATIVIDADE**

5. Com suas palavras, explique o que é continuidade e fechamento, evidenciando a importância desses elementos para que haja coerência.

COMENTÁRIO

Quanto à continuidade, importante lei para que haja seqüência de idéias, é importante que o criador da mensagem continue a apresentar logicamente a idéia, pois, como já foi dito, a similaridade e a proximidade necessariamente conduzem à continuidade.

Voltemos ao exemplo do café. Imagine se o criador da mensagem pensasse em adicionar à cena anteriormente imaginada um casal se beijando, beijando, beijando...

Pense: a mensagem foi elaborada para destacar o café, fortes paixões ou um novo batom? Pois é, caro(a) aluno(a), pois é...

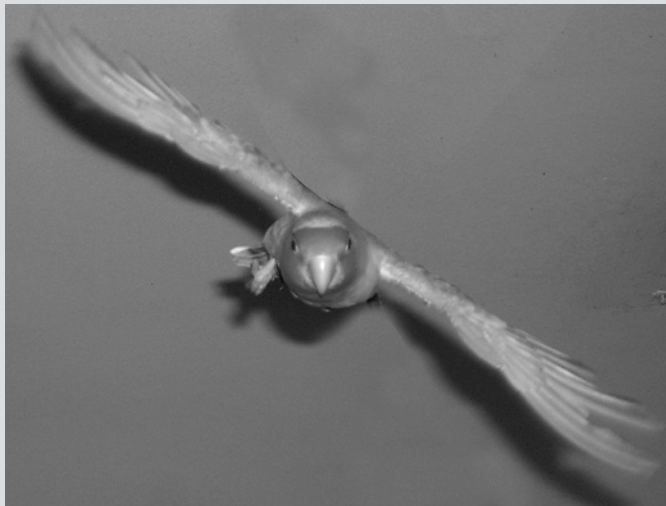
Quanto ao fechamento, trata-se de uma lei que tem como principal regra perceber se há compreensão da mensagem na sua totalidade.

Rapidamente, você compreendeu que, se vir uma cena de uma mesa com pães, biscoitos, uma xícara com café bem quente, trata-se de uma peça publicitária sobre marca de café, não é?

ATIVIDADE



6. Observe a foto do pássaro a seguir. Com ela, o fotógrafo construiu um cartão de Natal para enviar aos amigos. Depois, acrescentou um texto abaixo da foto.



Qual texto é o mais adequado à foto?

- a. Voe PAN AM. Nada supera a sua experiência.
- b. "O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado" (Rubem Alves).
- c. "A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos" (Martin Buber).
- d. "Nada supera o filme *Os pássaros*, de Alfred Hitchcock, em se tratando de suspense.

RESPOSTA COMENTADA

Certamente, você não assinalou a letra **a**, pois se trata de um slogan de uma antiga companhia aérea, que sempre colocava um avião desbravando os céus para afirmar: "You can't beat the experience (Nada supera a sua experiência)". Quanto à letra **c**, é possível perceber, claramente, que se trata de um trecho da obra "Eu e Tu", de Martin Buber, um dos pensadores mais lúcidos do século XX; entretanto, a primorosa frase não se relaciona com a foto. No que tange à letra **d**, é importante lembrar que, no filme *Os pássaros*, Hitchcock utilizou gaivotas para a realização do ataque às personagens, e não periquitos. A frase **b** é a mais adequada à foto, portanto.



ATIVIDADE

7. Leia os trechos dos textos a seguir, retirados da revista *Língua Portuguesa*, ano II, nº 25, lançada em 2007 pela Editora Segmento. Mais informações sobre essa revista você encontra em: www.revistalingua.com.br

Texto 1

Histórias de amor – com emoção

Por Geraldo Galvão Ferraz

Escrever histórias de amor parece fácil, mas não é. Imagine só quantas já foram escritas nos últimos anos. Se for feita a conta com a ficção produzida a partir de quando Adão quis impressionar Eva com palavras românticas, o céu é o limite. Para você contar alguma coisa original e eficiente em tal cenário, é preciso trabalhar muito.

Como qualquer ficção, histórias românticas são sobre pessoas. Sobre duas pessoas, o herói e a heroína. A história é contada sob o ponto de vista delas, embora você possa usar, ocasionalmente, o ponto de vista de um personagem secundário.

Há dois elementos básicos em qualquer história de amor. O primeiro, evidentemente, é um romance central entre os protagonistas. Em torno dessa trama, há conflitos, tensão, obstáculos. O segundo é um final feliz. No final da narrativa, o leitor quer sentir-se bem. É verdade que isso é uma generalização. Histórias de amor clássicas e eternas podem terminar mal, como *Anna Karenina* e *Guerra e paz*, de Lev Tolstói, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert ou, até mesmo *...E o vento levou*, de Margareth Mitchell, não têm final feliz. Mas elas envolvem algo mais do que isso, sendo painéis de uma determinada época ou situação. Quando se trata de histórias de amor mais limitadas à ação, o final feliz é bem-vindo pelos leitores.

Para dar certo, a história de amor tem de ser emocionalmente envolvente. Mas também tem de evitar o melodrama, a qualquer custo. Ou seja, evitar o exagero, o excesso, que vai mergulhar a história numa melosidade que acaba com a verossimilhança e a aproxima das novelas venezuelano-mexicano-colombianas. E muitas das brasileiras.

Texto 2

Trava-língua pop

Por Guilherme Bryan

O trava-língua é aquele conjunto de palavras que formam uma ou mais frases de difícil pronúncia, cuja graça está em repeti-lo de cor, várias vezes seguidas e o mais rápido possível. Depois de divertir gerações de crianças, o trava-língua é, desde setembro, o mais novo pretexto para um quadro de humor da Rádio Mix FM, um dos líderes de audiência em São Paulo.

(...) O Trava-Língua da Mix convida artistas a brincarem de dizer de maneira

improvisada seis frases diferentes de difícil pronúncia. Já participaram do quadro, entre outros, a atriz Denise Fraga, o nadador Gustavo Borges e os cantores Nando Reis, Pitty, Samuel Rosa (Skank), Dinho Ouro Preto (Capital Inicial) e Badauí (CPM22) (...)

Os trava-línguas são utilizados, geralmente, de forma técnica por profissionais da voz, como locutores, cantores, atores e professores, como exercícios de foniatria e impostação vocal. Isso porque eles requerem atenção, ritmo e agilidade orais. Também são usados em clínicas de fonoaudiologia para auxiliar pessoas com dificuldades na produção de alguns sons, no tratamento de dislálidos (pessoas com dificuldade em articular palavras) e aos que têm língua presa.

Interessante exercício de dicção teatral, surge em aulas de expressão corporal ou contra problemas de dicção. Começou a ter espaço reservado até em cursos de aperfeiçoamento, como ferramenta para superar dificuldades de expressão. O alvo é muita gente tímida, pouco comunicativa ou atormentada pelo medo de errar em público.

Mas os trava-línguas servem mesmo é como excelente passatempo e diversão para pessoas das mais diferentes faixas etárias, com sucesso principalmente entre as crianças. Afinal, é sempre um desafio tentar dizê-los sem errar.

Trava-línguas (exemplos)

1. A vida é uma sucessiva sucessão de sucessões que se sucedem sucessivamente, sem suceder o sucesso sucessivamente...
2. Um paralelepípedo é feito de paralelogramos. Mil paralelepípedos fazem uma paralelepipedovia. Uma paralelepipedovia tem milhares de paralelogramos. Então uma paralelepipedovia é uma paralelogramolândia?
3. O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.
4. A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha; nem a aranha arranha a jarra nem a jarra arranha a aranha.

Após a leitura, redija um texto para cada manchete a seguir em, no máximo, oito linhas. Ao criar o seu texto, inspire-se nos textos lidos e fique atento à coerência. Para isso, confira, após a criação, se há similaridade, proximidade, continuidade e fechamento. Eis as questões:

- a. História de amor é o ingrediente da próxima novela das oito na TV XYZ.
- b. Programa Trava-línguas na Rádio Cantagalo é sucesso entre a garotada.

COMENTÁRIO

Para cada manchete, você deverá proceder da seguinte maneira: selecione as palavras mais importantes e construa uma frase declarativa. Por exemplo, no primeiro exercício, você poderá iniciar o seu texto assim:

“O ingrediente da próxima novela das oito é uma história de amor passada no século XIX. Histórias de amor...”. Continue e utilize dados fornecidos no texto 1. O importante é que você releia o que está escrevendo o tempo todo e perceba se fugiu ou não do assunto principal: história de amor na novela das oito.

No segundo, eis uma sugestão:

“A Rádio Cantagalo lança mais um sucesso de audiência: o programa Trava-línguas.” A seguir, explique o que é trava-línguas e informe em que segmento o programa está fazendo sucesso, ou seja, informe que o programa está fazendo sucesso entre a garotada na escola, sendo utilizado nas aulas de Português pelos professores da rede pública.

ATIVIDADES

8. Imagine que você tenha sido o escolhido para fazer a revisão de redação de um jornal dos alunos do segundo grau de uma instituição particular. Para realizar essa tarefa, com “tolerância zero”, propomos-lhe que leia o trecho a seguir, retirado da internet. Trata-se de brincadeiras.

TOLERÂNCIA ZERO

1. Quando você leva um aparelho eletrônico para a manutenção, já antigo, e o técnico lhe pergunta:

- Está com defeito?
- Não, ele estava cansado de ficar em casa, e eu o trouxe para passear.

3. Quando está chovendo e percebem que você vai enfrentar a chuva, perguntam-lhe:

- Vai sair nesta chuva?
- Não, vou sair na próxima.

No entanto, não é brincadeira a revisão de redação do jornal. Pedimos que você corrija as frases seguintes, fazendo as alterações necessárias, tornando-as coerentes.

a. A polícia suspeita que ele seja um dos braços direitos da quadrilha.

b. No Chile, mais de cem pessoas foram presas durante protestos contra e a favor do ex-ditador.

c. Os condôminos querem reaver o prejuízo.

9. Comente as ambigüidades (provavelmente, feitas de propósito) na manchete em negrito, publicada na revista *Caras*. A seguir, desfaça tais ambigüidades e torne a frase coerente.

Claudia Raia surpreende Edson Celulari nos seus 50 anos.

RESPOSTAS COMENTADAS

8.a. A polícia suspeita que ele seja o braço direito da quadrilha. Esta é a resposta adequada, haja vista que temos somente um braço direito.

8.b. No Chile, mais de cem pessoas foram presas durante manifestações contra e a favor do ex-ditador. Não pode haver protestos contra e a favor, mas manifestações.

8.c. Os condôminos querem reaver o dinheiro ou qualquer outro bem, menos o prejuízo, pois isso significa perder duas vezes. Vale lembrar que, ultimamente, os condôminos estão de olho nos eleitos para comandar o condomínio, fiscalizando tudo, pois a democracia começa em casa.

9. Com relação à manchete:

“Claudia Raia surpreende Edson Celulari nos seus 50 anos”, feitas propositadamente pela revista, acreditamos, há duas ambigüidades:

- O verbo surpreender nos fornece a idéia de pegar de surpresa, além, é claro, causar surpresa a alguém (como no caso em questão)
- Nos seus 50 anos: cinquenta anos de quem? Para quem não conhece essas celebridades, há ambigüidade no enunciado. No entanto, para nós, é óbvio, não podemos imaginar a referida atriz, em todo o seu esplendor, com 50 anos.

A seguir, apresentamos uma das possibilidades de transformação da manchete, a fim de retirarmos o duplo sentido:

“Claudia Raia comemora (ou festeja) os 50 anos de Edson Celulari.”

ATIVIDADE FINAL

Esta atividade é extraclasse. Propomos que você visite, em sua cidade, uma banca de jornal. Veja as capas de revistas do mês, veja a primeira página dos jornais que circulam em sua cidade. Selecione uma capa de revista e a primeira página de um jornal – de preferência, o jornal de sua cidade. Faça uma análise do material selecionado, verificando se há coerência entre os elementos contidos na mensagem, aplicando as quatro leis estudadas nesta aula, a saber: a similaridade, a proximidade, a continuidade e o fechamento.

COMENTÁRIO

Esperamos que você inicie a sua análise assim:

O objetivo deste trabalho é o de analisar a capa da revista “X”, publicada neste mês pela editora “X”, no intuito de verificar se há coerência entre os elementos contidos na mensagem publicada. Para atingir esse objetivo, serão utilizados os seguintes conceitos: a similaridade, a proximidade, a continuidade e o fechamento.

Quanto à similaridade, na capa da revista “X”, é apresentado(a)...

(Propomos que você continue.)

Faça o mesmo com a primeira página do jornal.

Agora, voltemos ao diálogo com a epígrafe apresentada inicialmente, a fim de encerrarmos esta parte da aula:

O processo perceptivo exige organização e regularidade das mensagens para que possa ocorrer a sua compreensão.

Portanto, a compreensão ocorrerá se houver coerência, que é o resultado da articulação das idéias no texto, veiculando sentidos para o receptor. Para que seja veiculado sentido, é preciso que o produtor do texto saiba adequar a mensagem à situação, considerando, como nos alerta Koch (2006, p. 46), a intenção comunicativa, o objetivo da mensagem, o mundo e a vivência do receptor dessa mensagem, as regras socioculturais, entre outros.

Assim, em resumo, podemos afirmar que a coerência textual está relacionada à organização do texto em sua totalidade (com introdução, desenvolvimento e conclusão) e à adequação da linguagem ao tipo de texto. Por exemplo, textos acadêmicos (científicos ou técnicos) têm a sua coerência baseada em relatos, em comprovações, em estatísticas etc. Já um texto poético se utiliza da linguagem figurada, da conotação.

A falta de coerência ocorre quando não existe organização das idéias, quando há ausência de argumentação e concatenação das idéias e, também, quando não existe semelhança com o possível, isto é, quando não há verossimilhança.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos quatro novos conceitos: a similaridade, a proximidade, a continuidade e o fechamento, no intuito de destacar que o receptor precisa atribuir lógica e coerência ao que percebe. Quando não consegue atribuir essa lógica, pode perceber o que o cerca de maneira inadequada, haja vista que o sujeito tende naturalmente para a complementação e a organização das coisas incompletas, a fim de buscar o entendimento. Da não-compreensão surgem os fantasmas e boatos, ou seja, explicações não-verossímeis, pois o sujeito pode distorcer o fato ou aumentá-lo para realizar uma compreensão lógica; no entanto, sem relação com a realidade.

Importante destacar que a compreensão ocorrerá se houver coerência, que é o resultado da articulação das idéias no texto, veiculando sentidos para o receptor. Para que seja veiculado sentido, é preciso que o produtor do texto saiba adequar a mensagem à situação, considerando, como nos alerta Koch (2006, p. 46), a intenção comunicativa, o objetivo da mensagem, o mundo e a vivência do receptor dessa mensagem, as regras socioculturais, entre outros.

Assim, podemos afirmar que a coerência textual está relacionada à organização do texto em sua totalidade (com introdução, desenvolvimento e conclusão) e à adequação da linguagem ao tipo de texto. Por exemplo, textos acadêmicos (científicos ou técnicos) têm a sua coerência baseada em relatos, em comprovações, em estatísticas etc. Já um texto poético se utiliza da linguagem figurada, da conotação.

As ligações perigosas e as articulações necessárias (II)

AULA 16

Meta da aula

Demonstrar que a compreensão do texto está vinculada à coerência e à produção de sentidos para o receptor.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- analisar mensagem e verificar se há similaridade, proximidade, continuidade e fechamento;
- identificar os problemas de coerência;
- distinguir textos coerente de incoerentes;
- reconhecer e explicar a incoerência textual.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, informamos que a compreensão somente ocorre quando há coerência, que é o resultado da articulação das idéias no texto, veiculando sentidos para o receptor.

Nesta aula, realizaremos exercícios para a compreensão de tão fascinante tema. Entretanto, verificaremos se os conceitos aprendidos na aula anterior foram assimilados. A seguir, voltaremos ao assunto desta aula: a coerência textual.



ATIVIDADE

1. Vejamos o comercial imaginário, a seguir, a ser publicado numa revista imaginária, para um público-alvo imaginário, e façamos a análise da mensagem. Trata-se de um comercial de perfume, cujo nome é “Beijo”. Cabe lembrar que analisar significa decompor em partes, fazer análise, isto é, examinar cada parte para conhecer a natureza, a função etc.

No amor, quando um corpo se estende em direção a outro corpo, exige que esse corpo, que ele deseja, também se estenda; porque amar é desejar o desejo do outro. Além disso, o amor é um convite para sair de si mesmo” (ARANHA, MARTINS, 1995).



No amor, para o amor, para o beijo – beijo inesquecível
use o PERFUME DA NATUREZA BEIJO e voe nas asas do amor.

Responda ao que se segue; porém, antes, vamos lhe fornecer algumas informações. Você conhece os pássaros que estão na foto?

Para auxiliá-lo(a) nessa tarefa, segue uma informação importante para a compreensão, que somente ocorre quando há coerência, que é o resultado da articulação das idéias no texto, veiculando sentidos para o receptor.

Ei-la: você conhece os pássaros que estão na foto? São dois AGAPÓRNIS ou agapornes? Soletrando: *a.ga.pór.nis* ou *a.ga.por.nes*. Trata-se de periquitos africanos, também conhecidos como “pássaros do amor”.

AGAPÓRNIS

Segundo Kolar (1992, p. 9), zoólogo dedicado há muitos anos à investigação do comportamento e da criação de diferentes espécies de papagaios, “não é em vão que os agapórnis também são conhecidos como *inseparáveis* e *aves do amor*, uma vez que esses pequenos e alegres papagaios, depois de escolherem uma companheira, dedicam-lhes fidelidade eterna. Por essa razão, o melhor é tê-los em pares”. Oriundos da África, vivem em harmonia com seus congêneres, numa expressiva e estreita relação, o que lhes justifica o nome: inseparáveis ou pássaros do amor (em francês, são chamados de *inséparables*; em inglês, *lovebirds*). No que se refere à designação pássaro do amor, é importante verificar a etimologia da palavra *agapórnis*, pois, em grego, *ágape* significa amor e *ornis*, pássaro (op. cit., p. 10).

Descreva a fotografia e informe o que as “personagens” da foto estão fazendo:

A mensagem da peça publicitária ou do comercial do perfume “beijo” está coerente? Examine cada parte, texto e foto, e verifique se há similaridade, proximidade, continuidade e fechamento nessa mensagem antes de responder à questão. Inicie o seu texto com uma frase declarativa e, a seguir, justifique a sua resposta.

RESPOSTA COMENTADA

1. Na fotografia, aparecem dois agapórnis se beijando, demonstrando a expressiva e estreita relação que desenvolveram. Vale ressaltar que, nessa espécie, eles se escolhem e apresentam características comportamentais muito semelhantes às dos humanos, haja vista que, entre eles, há afeto e discórdia (KOLAR, 1992, p. 9).

No anúncio do perfume “Beijo”, há coerência entre o texto e a foto, pois a composição total dos elementos fornecidos favorecem a compreensão e atribuem lógica à disposição da mensagem. Tal comprovação pode ser conferida, quando verificamos as características presentes nessa mensagem e confirmamos que essas características se complementam. No que tange à similaridade, há semelhanças entre os elementos; pássaros do amor, natureza, beijo, texto sobre o amor, perfume. Quanto à proximidade, que se imbrica com as demais leis gestálticas e que se refere, especificamente, a blocos unidos de

essencialidade a serem transmitidas, é perceptível a relação entre os blocos natureza (pássaros) e perfume (perfume da natureza), pássaros (os agapórnis — conhecidos como pássaros do amor) e beijo (uma das formas de demonstrar amor). Complementa esse quadro, o texto de Aranha e Martins (1995):

No amor, quando um corpo se estende em direção a outro corpo, exige que esse corpo, que ele deseja, também se estenda; porque amar é desejar o desejo do outro. Além disso, o amor é um convite para sair de si mesmo

E finaliza com “voe nas asas do amor”, estabelecendo as ligações entre pássaro, amor e perfume. No que concerne à continuidade, vale lembrar que a similaridade e proximidade levam à continuidade, e que esta somente pode ocorrer quando se apresenta uma seqüência lógica. Assim, o estalo ou heureka sobre os primeiros momentos de atenção acontecem, promovendo o fechamento.

Importante destacar que, se o receptor não tiver informações sobre o nome, o significado do nome, dados sobre a origem e o comportamento dos pássaros, possivelmente, não atribuirá significado à mensagem.

Vejamos a definição da palavra “coerência”:

Coerência s.f. 1. Qualidade, estado ou atitude de coerente. 2. Harmonia entre idéias ou acontecimentos (Aurélio).

Coerência s.f. Do latim cohaerente 1. Qualidade ou estado do que é coerente; conformidade, harmonia entre dois fatos ou idéias; nexo; conexão; (fís.) aderência recíproca entre as moléculas de um corpo (FERNANDES, 1993).

Em diálogo com as definições e ligando-as ao nosso assunto, podemos perceber que o conceito está ligado à existência de conexão, de sentido entre idéias. Para corroborar tal afirmação, vamos relembra as palavras de Tiski-Franckowiak (2008, p. 87), da aula anterior:

(...) a compreensão do todo envolve processos mentais, elos que relacionam os fatos, ou seja, elementos que relacionam e interligam os fatos. Segundo essa autora, o processo de compreensão das relações entre os elementos de uma gestalt se inicia com um insight, que significa aquele “heureka!” ou “achei!”. O insight é aquele estalo que, de repente, acontece,

e o sujeito pode até dizer, numa linguagem informal, que “caiu a ficha”. Para que ocorra o insight, é necessária a presença de elementos suficientes no campo externo (op. cit., 2000, p. 87). De acordo com essa pesquisadora, “o ser humano tende naturalmente para a complementação e a organização das coisas incompletas, busca o equilíbrio das formas perfeitas.

Nesse momento, à procura de organização e de compreensão, o receptor da mensagem busca a coerência, busca explicação, busca sentidos.

Em se tratando de textos escritos, que será o nosso objeto de estudo, cabe lembrar que o produtor da mensagem pode não conseguir realizar as articulações entre os elementos da mensagem de maneira coerente. Nesse sentido, a seguir, discutimos os problemas de coerência textual.

Van Dijk e Kintsch, citados por Koch e Travaglia (2002, p. 42), apontam diversos tipos de coerência. Para explicar o que foi dito, apresentamos os tipos de coerência com exemplos, fornecidos por Koch e Travaglia (2002, p. 43) — dois pesquisadores que mais entendem desse assunto no país. Ei-los:

a. *Coerência semântica* — é a que se refere à relação existente entre os significados dos elementos das frases em sequência em um texto ou entre os elementos do texto em sua totalidade.

Exemplo:

“A frente da casa de vovó é voltada para o leste e tem uma enorme varanda. Todas as tardes ela fica na varanda em sua cadeira de balanço apreciando o pôr-do-sol” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002).

Observe que a posição da frente da casa — a varanda — está voltada para o local onde o sol nasce (leste). A seguir, há informação de que, à tarde, a vovó gosta de ficar apreciando o poente na varanda (oeste). Ora, se a varanda é voltada para o leste, como pode observar o sol se pondo?

Portanto, não correlatas quanto ao valor semântico.

Vale lembrar que Garcia (1992, p. 36) salienta que, em certos casos, há paralelismo gramatical; entretanto, sem correlação de sentido. Esse autor exemplifica tal correlação com o seguinte exemplo:

Fiz duas operações: uma em São Paulo e outra no ouvido.

Posteriormente, informa que “em São Paulo” e “no ouvido”, embora paralelamente estruturados, não indicam circunstâncias de lugar correlatas quanto ao valor semântico, haja vista que a referência geográfica ou topográfica “São Paulo” pede uma outra palavra que indique lugar, correspondente a outra cidade.

Entretanto, adverte que na poesia moderna há uma série de anomalias semânticas “perfeitamente admissíveis (e admiráveis)” e também em certa prosa dos mestres e dos seguidores do chamado realismo mágico, “mas que repugnam ao raciocínio frio” (op. cit., p. 37).

Observe outro exemplo que apresentamos para você:

É como se tapássemos os ouvidos e não nos permitíssemos tentar enxergar.

Uma pérola! Entretanto, às vezes, acontece. Por isso, é sempre recomendável, após escrever um texto, lê-lo em voz alta e solicitar opinião de um amigo. Questões como “você compreendeu o que eu quero dizer?” ou “você acredita que o texto está claro?” ou “consegui transmitir a mensagem?” é um bom exercício. Aliás, trata-se de um exercício de humildade.

b. Coerência sintática — é a que se refere aos meios sintáticos para expressar a coerência semântica. Os meios sintáticos para expressar a coerência semântica são, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, entre outros (KOCH; TRAVAGLIA, 2002).

Exemplo:

“A felicidade, onde não existem técnicas científicas para sua obtenção, faz-se de pequenos fragmentos captados de sensíveis expressões vivenciais (...)” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002).

Observe que a utilização de “onde” causa a incoerência sintática. Para tornar o trecho coerente, é preciso reconstruí-lo. Assim:

“A felicidade, para cuja obtenção não existem técnicas científicas, faz-se de fragmentos captados de sensíveis expressões vivenciais.”

Outros exemplos fornecidos por Koch e Travaglia (2002, p. 42):

a. “João foi à festa, todavia porque não fora convidado.”

b. “João foi à festa, todavia ele não fora convidado.”

No primeiro exemplo (a), observe que não há continuidade da idéia. Com a utilização de “todavia”, espera-se a continuação da idéia, que não é apresentada.

No segundo exemplo, o texto é coerente, pois toda a idéia é apresentada pelo produtor do trecho.

Koch e Travaglia (2002, p. 44) salientam que “a coerência sintática nada mais é do que um aspecto da coesão que pode auxiliar no estabelecimento da coerência”.

Sobre esse assunto, a coesão, você encontrará mais informações na próxima aula.

c. *Coerência estilística* — o produtor da mensagem deve usar em seu texto elementos lingüísticos, isto é, léxico, tipos de estruturas, frases etc. que pertençam ao mesmo estilo ou registro lingüístico. No entanto, o uso de estilos diversos parece não criar problemas para a compreensão. Esses autores (op. cit., p. 45) afirmam que, na verdade, “esta é uma noção que tem utilidade na explicação de quebra estilística”, e exemplificam o caso com o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais, e com o uso de expressões de ressalvas antes de anunciar o que se deseja, com expressões como “se me permitem o termo”, “para usar expressão popular que bem expressa isso”, “com o perdão da palavra”, entre outros.

Observe o exemplo fornecido por esses autores em que há incoerência estilística inaceitável pelas normas sociais; entretanto, não é problemática do ponto de vista do estabelecimento de sentido, caso a intenção do produtor da mensagem fosse a de irreverência ou de não respeito ao sentimento do receptor.

Exemplo:

“Prezado Antônio:

Neste momento, quero expressar meus profundos sentimentos por sua mãe ter batido as botas” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002).

d. *Coerência pragmática* — relaciona-se com o texto visto como uma seqüência de atos da fala. Tais atos devem satisfazer as mesmas condições “presentes em uma dada situação comunicativa”. Caso contrário, temos incoerência (op. cit., p. 46). Observe o exemplo fornecido por esses autores:

Se um amigo faz um pedido a outro, pode-se esperar a seguinte seqüência de atos:

- pedido/atendimento;
- pedido/promessa;

- *pedido/jura;*
- *pedido/solicitação de esclarecimento;*
- *atendimento ou promessa;*
- *pedido/recusa/justificativa;*
- *pedido/recusa.*

E não seqüências como:

- *pedido/ameaça;*
- *pedido/declaração de algo que não se relacione com o pedido.*

Caso sejam apresentadas essas últimas seqüências, vistas como incoerentes, o autor do pedido, provavelmente, pode pedir esclarecimentos e considerar a fala do outro como recusa ou descaso, entre outras possibilidades – acrescentam esses autores.

Exemplo:

A: Você me empresta o seu livro do Guimarães Rosa?

B: Hoje eu comi um chocolate que é uma delícia!

Vale lembrar, como nos alertam esses autores (op. cit., p. 46), que:

(...) a coerência é um fenômeno que resulta da ação conjunta de todos esses níveis e de sua influência no estabelecimento do sentido do texto, uma vez que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade do texto, caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender, inclusive a própria produção do texto, na medida em que o produtor do texto quer que seja entendido e o constitui para isso, excetuadas situações muito especiais.



ATIVIDADE

2. Identifique, em cada um dos textos a seguir, os problemas de coerência apresentados. Reescreva-os, faça as alterações necessárias para que o texto se torne coerente e explique o porquê da necessidade de efetuar a alteração.

a. "Ao completar 43 anos, Chico Itamar sentiu no peito uma felicidade incrível invadir-lhe a alma. Nesse dia, reencontraria seu filho, Chiquinho Júnior, que saíra do país ao completar a maioridade. Pai e filho estavam separados há quinze anos. Esse seria o grande dia"(Adaptado de KOCH; TRAVAGLIA, 2002).

b. Nas entrevistas não dirigidas sobre a importância atribuída ao futebol durante o evento, na fase B da investigação, 58% dos participantes, alunos do primeiro segmento, responderam que valeu pra caramba a atividade.

c. Prezado Atendente:

Vê se dá um *rolé* no computador e responde ao meu *e-mail* antes da avaliação. Trabalho o dia todo e não tenho computador. Para me informar, consulto a página três vezes por semana. Está na hora de sacudir a poeira do teclado. Obrigado e aguardo ansiosamente a sua resposta.

Obrigadooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

d. Em 1898, onde as mulheres ainda usavam vestidos longos, Chiquinha resolveu inovar: encurtou a barra de sua saia.

e. Todo dia, em seu programa matinal na TV, ela insistia em dizer que, enquanto mulher, não poderia aprovar agressão de espécie alguma.

f. Personagem A:

— Eu lhe digo que a “mentira é uma recriação de uma verdade. O mentidor cria ou recria. Ou recreia” (Ana Hatherly).

Personagem B:

— É... As crianças deveriam ter mais tempo no recreio escolar.

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Trata-se da ausência de coerência semântica. Observe que o filho, Chiquinho Júnior, saiu de casa aos dezoito anos. No entanto, o produtor do texto informa que há quinze anos pai e filho estão afastados. A primeira pergunta que vem à mente: Quantos anos tem o filho? Vamos fazer as contas necessárias: saiu de casa com 18 anos e há quinze não se vêem, ou seja, $18 + 15$, que é igual a 33. E o pai, quantos anos tem? Portanto...

“Ao completar 55 anos, Chico Itamar sentiu no peito uma felicidade incrível invadir-lhe a alma. Nesse dia, reencontraria seu filho, Chiquinho Júnior, que saíra do país ao completar a maioridade. Pai e filho estavam separados há quinze anos. Esse seria o grande dia.”

Ou :

“Ao completar 43 anos, Chico Itamar sentiu no peito uma felicidade incrível invadir-lhe a alma. Nesse dia, reencontraria seu filho, Chiquinho Júnior, que saíra do país ao completar a maioridade. Pai e filho estavam separados há dois anos. Esse seria o grande dia.”

b. Trata-se do problema de coerência estilística. Houve quebra do estilo. O produtor do texto deveria colocar antes da resposta dos alunos uma expressão de ressalva, como “se me permitem o termo” ou “com o perdão da palavra” ou “com suas próprias palavras”. Assim:

Nas entrevistas não dirigidas sobre a importância atribuída ao futebol durante o evento, na fase B da investigação, 58% dos participantes, alunos do primeiro segmento, com suas próprias palavras, responderam que “valeu pra caramba” a atividade.

c. Trata-se da ausência de coerência estilística. Vejamos. Ao iniciar, o produtor do texto anunciou corretamente o receptor, chamando-o “Prezado Atendente”, seguindo a enunciação de dois pontos. Adequado! A seguir, utilizou-se de uma linguagem extremamente

informal, uma linguagem para ser usada entre amigos em conversas informais. Não se utilizou de um registro lingüístico adequado. Entretanto, cabe lembrar que não causou problema para a coerência, “entendida como princípio de interpretabilidade”, como nos alerta Koch e Travaglia (2002, p. 45). É mister lembrar que, ao dirigir uma mensagem ao receptor, o produtor do texto deve pensar em adequação da linguagem, pois pode transmitir uma idéia de irreverência ou de não respeito. Seria mais adequado reescrever a mensagem e dela retirar o “excesso de informalidade”. Afinal, toda relação deve ser permeada por respeito e carinho. E carinho nunca é demais. Ou de mais. Assim, a mensagem, para ser mais coerente, poderia ser escrita desta forma:

Prezado Atendente:

Por gentileza, envie-me resposta à minha questão antes da avaliação. Trabalho o dia todo e não tenho computador. Para me informar, consulto a página três vezes por semana. Obrigado e aguardo ansiosamente a sua resposta.

(Obrigadooooooooooooooooooooooooooooo)

Quanto ao excesso da letra “o”, após “obrigado” (própria da linguagem digital), isso pode ser interpretado como uma brincadeira carinhosa, parecendo que a letra “o” se sonoriza longamente como forma de agradecimento; entretanto, não é adequado.

d. Trata-se de ausência de coerência sintática. Após anunciar “Em 1898”, o produtor do texto deveria se utilizar do advérbio “quando”, pois anteriormente não há indicação de lugar, mas de tempo.

Assim:

Em 1898, quando as mulheres ainda usavam vestidos longos, Chiquinha resolveu inovar: encurtou a barra de sua saia.

e. Trata-se de ausência de coerência sintática. O produtor do texto utilizou de maneira inadequada a conjunção, basicamente temporal, “enquanto”. Em seu lugar, deveria se utilizar da palavra “como”. Assim: Todo dia, em seu programa matinal na TV, ela insistia em dizer que, como mulher, não poderia aprovar agressão de espécie alguma.

Modernamente, as pessoas se utilizam inadequadamente da palavra “enquanto”. Utilize-a quando a idéia for de tempo concomitante. Caso contrário, evite tal utilização.

f. Trata-se de coerência pragmática. A seqüência da segunda fala nada tem a ver com a primeira. Por outro lado, possivelmente, o falante B, por não compreender o falante A ou por desejo de brincar com a palavra “recreia”, lançou a fraca piadinha.

Seria coerente o diálogo, se a frase seguinte assim fosse:

Personagem A:

— Eu lhe digo que a “mentira é uma recriação de uma verdade.

O mentidor cria ou recria. Ou recreia” (Ana Hatherly).

Personagem B:

— É ... como diria Pessoa: “O poeta é um fingidor.”



De acordo com Comparato (1983, p. 15), o roteiro deve ter basicamente três qualidades essenciais: *logos*, *pathos* e *ethos*. Nesta aula, aplicaremos esses conceitos a toda forma de narrativa, isto é, não somente ao roteiro escrito para teatro e televisão.

Segundo esse autor (op. cit., p. 15), *logos* é a palavra, o discurso, a organização verbal; *pathos* é o drama ou a comédia, a ação, o conflito do dia-a-dia, gerando acontecimentos; *ethos* é a ética, a moral, é o significado do que se pretende transmitir, com suas implicações morais e políticas, entre outras.

Queremos deixar claro que o surgimento da escrita causou uma mudança radical na comunicação, haja vista a possibilidade de interação por pessoas deslocadas no tempo e no espaço. Eu escrevo hoje: você poderá ler o que escrevi amanhã ou daqui a cem anos. Está escrito, está gravado, está registrado em algum meio, quer seja em livro, quer seja no disco rígido do computador.

Daí, a real necessidade de se preocupar com o que se escreve e como se escreve. Aquele que escreve deve sempre pensar:

- As palavras que estou usando estão adequadas para este texto?
- Estou redigindo com boa argumentação? Será que o receptor da mensagem vai compreender o que estou transmitindo?
- Estou sendo ético? Quais as implicações morais e políticas da minha argumentação?

É preciso pensar nessas questões.

Acreditamos que este assunto, a coerência, merece mais destaque em nossa caminhada acadêmica. Assim, recorremos a outro estudioso do assunto: Antônio Suárez Abreu. Em sua obra *Curso de redação*, esse autor nos apresenta um pesquisador francês chamado Michel Charolles, que afirma a existência de quatro princípios fundamentais responsáveis pela coerência textual.

Charolles, citado por Abreu (2005, p. 43), chamou esses princípios fundamentais meta-regras da coerência.

Com relação ao hífen na palavra meta-regras, há autores que preferem a palavra com o “r” dobrado em vez do hífen. Assim, teríamos metarregras.

Utilizaremos a palavra conforme o autor a usa em seu livro: com o hífen.

A seguir, apresentamos as meta-regras da coerência, com as definições e com os exemplos fornecidos por Abreu (2002, p. 43). Ei-las:

- Meta-regra da repetição – para que um texto seja coerente, deve ter elementos repetidos, que chamamos de coesão. Trata-se da primeira condição (necessária, mas não suficiente) para que um texto seja coerente. Vejamos:

“Acabamos de receber trinta termômetros clínicos. Esses instrumentos deverão ser encaminhados ao departamento de pediatria” (ABREU, 2005, p. 15).

Observe que, por meio da recuperação do termo anterior (trinta termômetros clínicos), o produtor da mensagem inicia a frase seguinte por um processo de repetição, substituindo a expressão anterior por “esses instrumentos”.

- Meta-regra da progressão – para que um texto seja coerente, deve apresentar informações novas à medida que vai sendo escrito.

Vejamos o exemplo fornecido por esse autor (op. cit., p. 43):

Essa criança não come nada. Fica apenas brincando com os talheres, ou seja: pega a colher, o garfo e não olha para o prato de comida. Ela não se alimenta. Brinca apenas. Diverte-se com uma colher e um garfo, e o prato fica na mesa. O ato de brincar substitui o ato de alimentar-se.

Segundo o autor do exemplo, trata-se de um texto circular, que nada acrescenta em se tratando de informatividade, pois não apresenta progressão. Entretanto, apresenta coesão.

- Meta-regra da não-contradição – para que um texto seja coerente, não se pode contradizer o que se disse ou o que ficou pressuposto.

Vejamos o exemplo adaptado, retirado do livro *O dia D* – 6 de julho de 1944, de O. Ambrose, e a explicação fornecida por Abreu (2005, p. 44):

Para as tropas aliadas, o dia 4 de julho foi um dia terrível. Os homens da 4ª Divisão de Infantaria ficaram o dia inteiro no mar. Os navios-transporte e as embarcações de desembarque faziam círculos ao largo da ilha de Wight. As ondas arrebentavam sobre os lados, caía uma chuva forte. Os homens estavam prontos para o combate, mas sem destino nenhum. Depois dessa exaustiva caminhada, todos estavam cansados. Nesse dia 3 de junho, ninguém queria jogar dados ou pôquer, ou ler um livro ou ouvir outra instrução. O desânimo tomava conta de todos.

Vejamos a explicação dada por esse autor.

Observe a informação sobre a condição física dos soldados após uma caminhada e, a seguir, o que está pressuposto no início do texto.

Há uma contradição, pois os soldados estavam embarcados em navios-transporte e embarcações de desembarque e, nessas condições, pressupõe-se que não façam caminhadas. Logo no início do texto, a informação de que o dia 4 de julho foi um dia terrível contradiz a informação de que no dia 3 de junho ninguém queria jogar dados ou pôquer.

Assim, esse autor complementa que há coesão e progressão; entretanto, o texto é contraditório e, conseqüentemente, incoerente.

- Meta-regra de relação – para que um texto seja coerente, “seu conteúdo deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis” (ABREU, 2005, p. 43).

Vejamos o exemplo fornecido por esse autor e, a seguir, a explicação dada ao texto.

O município de São José do Rio Preto abrange uma região imensa que é composta por vários Estados limítrofes que ocupam uma área respeitável (...) Conta ainda com uma superpopulação, com uma maioria de pessoas cultas e uma juventude com grandes recursos educacionais, cursando as várias escolas e faculdades.

Isto posto, nossa cidade sente falta urgente de uma Capela Crematória. Para os leigos é preciso esclarecer que, para um corpo ser exumado através do forno crematório, há necessidade que ele registre esta vontade em duas testemunhas. Somente o interessado poderá usar esta forma de suprir seu desejo, caso contrário, a exumação seria da forma natural, ou seja, o sepultamento.

Trecho de uma carta escrita por um leitor, retirado do *Diário da Região*, S. José do Rio Preto, datado de 15 de abril de 1998 (ABREU, 2005).

Para iniciar, esse autor (op. cit., p. 44) informa que o conteúdo do texto não está de acordo com o mundo real, pois a cidade de São José do Rio Preto não se limita com vários estados, tampouco tem superpopulação. Ademais, salienta, um corpo (uma pessoa morta) não pode registrar vontade alguma. Caso pudesse, não o *faria em duas testemunhas*, mas *diante de duas testemunhas*. E destaca que é importante perceber o uso inadequado do léxico, pois *exumar* não é o mesmo que *cremar* ou *sepultar*.

ATIVIDADE FINAL

1. Identifique, nos trechos de textos a seguir, as incoerências e relacione-as às meta-regras estudadas. Os exemplos foram retirados da obra *Curso de redação*, de Antônio Suárez Abreu.

a. “Quando dois trens se aproximarem em um cruzamento, ambos devem parar por completo e nenhum dos dois reiniciar viagem até que o outro tenha passado” (De uma lei do Kansas).

b. “Damos cem por cento na primeira parte do jogo e, se isso não for suficiente, na segunda parte damos o resto” (Yogi Berra, jogador norte-americano de beisebol, famoso por suas declarações esdrúxulas).

c. “Quando um grande número de pessoas não consegue encontrar trabalho, o resultado é o desemprego” (Calvin Coolidge, presidente americano em 1931).

d. “Eu não estava mentindo. Disse, sim, coisas que mais tarde se viu que eram inverídicas” (Presidente Nixon, em depoimento durante as investigações do caso Watergate).

RESPOSTAS

a. Trata-se de infração à meta-regra de relação. O texto deve ser reconstruído, pois não está adequado a um estado de coisas no mundo real. A que outro ele se refere? Como se deve, após a parada no cruzamento, reiniciar a viagem? É preciso fornecer essa informação.

b. Trata-se de infração à meta-regra da não-contradição. Se já deu cem por cento, o que sobra?

c. Trata-se de infração à meta-regra de progressão. Segundo Abreu (2005, p. 43), um texto deve sempre apresentar informações novas à medida que vai sendo escrito.

d. Trata-se de infração à meta-regra da não-contradição, pois cada pedaço do texto deve fazer sentido com o que se disse antes.

RESUMO

Iniciamos esta aula revendo os conceitos aprendidos na aula anterior: similaridade, proximidade, continuidade e fechamento. A seguir, mostramos o conceito de coerência encontrado em dois dicionários e introduzimos a abordagem de três mestres no assunto: Kock, Travaglia e Abreu. Kock e Travaglia apresentam os tipos de coerência, a saber: coerência semântica, coerência sintática, coerência estilística e coerência pragmática. Abreu aponta a existência de quatro princípios fundamentais responsáveis pela coerência textual, sob a denominação meta-regras da coerência: meta-regra da repetição, meta-regra da progressão, meta-regra da contradição e meta-regra da relação. Na Atividade Final, apresentamos textos extraídos da obra de Abreu, no intuito de exercitar o assunto em questão.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Iniciaremos a próxima aula com exercícios sobre coerência, a fim de verificar se os conceitos aprendidos foram assimilados. Retomaremos os conceitos fornecidos por Comparato (*logos*, *pathos* e *ethos*) para analisar mensagens.

As ligações perigosas e as articulações necessárias (III)

AULA 17

Meta da aula

Demonstrar que o sentido que damos a um texto pode depender do conhecimento de outros textos com os quais ele se relaciona.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- estabelecer a diferença entre as linguagens oral, escrita e digital;
- reconhecer um texto acadêmico;
- identificar incoerências;
- reescrever mensagens e torná-las coerentes;
- reconhecer discursos incoerentes.

INTRODUÇÃO

Leia atentamente o texto a seguir, escrito especialmente para esta aula. Após a leitura, responda às questões da Atividade 1. Sugerimos que você consulte o dicionário sempre que necessário. Segundo Koch e Travaglia (2002, p. 18), é preciso lembrar que o sentido que damos a um texto pode depender (e, com frequência, depende) do conhecimento de outros textos, com os quais ele se relaciona. Propositadamente, com essa leitura, estamos levando você a consultar um dicionário sempre que necessário.

LINGUAGENS ORAL, ESCRITA DIGITAL E EDUCAÇÃO

Para Lévy (1996, p. 17):

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma solução), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático.

O elo entre a cibercultura e o virtual, de acordo com Lévy (1999, p. 53), realiza-se de modo direto e indireto. O modo direto se deve ao fato de a digitalização da informação poder ser aproximada da virtualização, isto é, a informação digital (0 e 1) pode ser qualificada de virtual por ser indecifrável como tal ao ser humano, necessitando de atualização por meio de exibição. O modo indireto revela que o desenvolvimento das digitais interativas favorece outros movimentos de virtualização e, assim, a comunicação segue a sua trajetória com o digital, entretanto, incluindo técnicas mais antigas, como a gravação do som e imagem, o rádio, a televisão, o telefone e a escrita.

E seguindo essa trajetória com o digital, revela-nos a própria história; história que remonta às sociedades orais.

Nas sociedades orais, comenta Lévy (1999, p. 114), as mensagens lingüísticas eram recebidas no tempo e espaço em que eram transmitidas; portanto, os atores da comunicação compartilhavam, no mesmo contexto e fluxo de interação, o conteúdo semântico da informação.

Quanto à linguagem, nessas sociedades, constituía-se como instrumento de propagação e representação da memória, embasando a organização e manutenção dos conceitos aprendidos.

Quanto ao conhecimento, este pode ser manifestado de três formas: oral, escrito ou digital, de acordo com Bohadana (2001). Para que o conhecimento se apresente, utilizamos algum instrumento de linguagem, que certamente vem carregado de suas características, seja na modalidade oral, escrita ou digital.

No que tange à linguagem oral, Bohadana (1992, p. 79) nos remete ao século VIII a.C., época das narrativas, em que *Mnemósyne* – deusa da memória –, derramando sobre o *Aedo* – cantador – “o conteúdo a ser cantado, faz da ação narrativa o eclodir de um acontecimento que arrasta o canto e o faz realizar como agora, outrora e porvir”, marcando a trajetória prometéica da humanidade.

Essa autora (op. cit., p. 79) ressalta que, na linguagem falada, a apreensão dos conceitos fica ligada às pessoas que dominam o mesmo tipo de dialeto, dando, assim, condições para que a mensagem seja repassada a todos os componentes daquele grupo, a fim de se armazenar na memória de cada sujeito.

Mas a função da memória não termina com o fim das epopéias, pois relata-nos Lieury (1997, p. 8) que, no século XII da era atual, foi descoberta, em Páros, uma tábula que destaca uma das possíveis técnicas de exercício mnemotécnico, datando do ano 264 a.C., e atribuída a Simônides, poeta do século VII a.C. Segundo a lenda, relatada por Cícero e Quintiliano, Simônides foi o único sobrevivente de um desmoronamento ocorrido em uma sala de banquete. No intuito de identificar os presentes naquele evento, teve que se lembrar dos convidados. Impressa em sua mente a imagem viva dos participantes em torno da mesa, ele deduziu o célebre “método dos locais”, que consiste em memorizar objetos em formas de imagens e em dispor mentalmente essas imagens em locais. Lieury (1998, p. 8) ressalta que, em Roma, a arte da memória se desenvolveu com finalidades utilitárias, como, por exemplo, para a argumentação persuasiva, tornando-se capítulo da Retórica.

Para Johnson (2001, p. 15), “foram esses os espaços-informação originais: as histórias convertiam-se em arquitetura, conceitos abstratos transformados em vastas – e meticulosamente decoradas – casas imaginárias”. Lembra-nos esse autor (op. cit., p. 15) que o estratagema de Simônides baseava-se numa singularidade da mente humana: a memória visual é mais duradoura que a textual.

Podemos inferir que, durante muitos séculos, a memorização fora confundida com conhecimento. Talvez a tênue fronteira estabelecida entre memória e conhecimento tenha influenciado uma tradição de ensino de língua com base no decorar.

Efetuada uma mudança radical na comunicação, o advento da escrita descortinou um horizonte até então desconhecido pelas sociedades orais: os atores da comunicação não estavam mais em interação direta, afirma Bohadana (2001).

Em outras palavras, essa mudança radical na comunicação possibilitava inteirar-se de mensagens produzidas por pessoas deslocadas no tempo ou no espaço.

Realizando-se fora dos padrões emissor/receptor em tempo e espaço únicos, Lévy (1999, p. 114) salienta que as mensagens escritas mantêm-se “fora de contexto”. E explica que esse “fora de contexto”, no que tange à ecologia das mídias e à pragmática da comunicação, foi legitimado, sublimado e interiorizado pela cultura.

No que diz respeito à legitimação, Berger e Luckmann (1985, p. 128) afirmam que “a legitimação explica a ordem institucional, outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados”. Portanto, justifica a ordem institucional, fornecendo dignidade normativa a seus imperativos práticos.

Lévy (1999, p. 114) levanta a questão da dificuldade de se compreender uma mensagem fora de seu contexto vivo de produção e conclui que, por esta razão, foram inventadas as artes da interpretação, da tradução, enfim, um aparato tecnológico lingüístico, constituído de gramáticas, dicionários e outros, o que confirma a legitimação.

Para esse autor, o significado, o sentido, no universal fundado pela escritura estática é “totalizante”. Salienta que a interpretação ao todo – à totalização – e a tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido encontram-se associadas ao universal, ou seja, certos tipos de mensagens são reconhecidas por conservarem o mesmo sentido, qualquer que seja a época ou o local da recepção. Portanto, trata-se de mensagens universais, como, por exemplo, a ciência, as religiões, os direitos do homem etc., e esta universalidade se erige sobre uma determinada limitação. Entretanto, faz-se mister ressaltar que existem sempre leituras regionais.

Segundo Bohadana (2001), a linguagem escrita favorece as múltiplas formas de registro e consagra o livro como principal suporte, avultando a lacuna, no que tange ao espaço e ao tempo, entre escritor e leitor, necessitando de uma cognição direcionada à hermenêutica.

Nesse suporte, as idéias são reorganizadas linearmente, e o autor comanda a narrativa de maneira onisciente e às vezes, também onipresente, embora a desintegração dessa linearidade tenha sido experimentada, entre outros, por Barthes, Joyce e Foucault, que vivenciaram a fragmentação, a conexão, enfim, a interatividade, na concepção e na criação do texto.

No que concerne à linguagem digital, Bohadana (2001) confirma que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) trazem novas formas de codificar, decodificar e compreender o escrever. E acrescenta que, diferentemente da linguagem impressa, a linguagem digital exige um suporte – disquete, disco rígido, disco ótico –, formado por uma série de códigos informáticos, expressa em linguagem binária, que encontra a sua tradução por meio de um objeto: o computador.

No dizer da referida autora, à linguagem digital agregam-se a linguagem falada e a escrita, complexificando ainda mais a questão da linguagem, uma vez que privilegia a cifração fonética.

Assim, as manifestações na modalidade escrita seguem um ritual criptográfico, numa economia em que o menos vale mais. De certa forma, há um empobrecimento da comunicação, pois constata-se a utilização, em larga escala, de “expressões-ônibus”, isto é, expressões que designam variadas situações, como, por exemplo, a expressão “é complicado...”, muito utilizada atualmente.

Portanto, é do interior de um contexto no qual vivemos um momento que podemos chamar de “raridade histórica”, um momento em que se assiste à aceleração da história, vendo as transformações em velocidade exponencial, que somos chamados, também, para repensar o papel da cultura e seus efeitos nas diferentes práticas sociais, inclusive na Educação (BOHADANA, 2004).



ATIVIDADE

1.a. Há coerência estilística no texto lido? Trata-se de que tipo de texto?

1.b. Com suas palavras, estabeleça a diferença entre as linguagens oral, escrita e digital. Conforme dito anteriormente, consulte o dicionário antes de elaborar o seu texto. Inicie-o com uma frase declarativa.

COMENTÁRIOS

1.a. Há coerência estilística no texto lido. Trata-se de um texto acadêmico, de um texto científico. Vale lembrar as palavras de Koch e Travaglia: o sentido que damos a um texto pode depender (e, com frequência, depende) do conhecimento de outros textos com os quais ele se relaciona.

1.b. Conforme aulas anteriores, esperamos que você construa uma frase declarativa para iniciar o seu texto. Nessa frase, coloque somente o que foi pedido: estabeleça a diferença entre as linguagens oral, escrita e digital.

Eis uma sugestão:

Segundo Bohadana (2001), há diferenças entre as linguagens oral, escrita e digital, pois cada uma vem carregada de suas características.

No que se refere à linguagem oral, essa autora nos informa que...

Agora é com você! Continue o desenvolvimento e elabore uma bela conclusão.



ATIVIDADE

2. Leia atentamente o texto a seguir. Grife as palavras mais importantes. Antes de responder às questões, faça uma reflexão sobre o assunto, discutindo-o com seus colegas. Reveja os conceitos aprendidos nas aulas anteriores.

Linguagem digital e coerência

A linguagem falada e a escrita agregam-se à linguagem digital, que é uma linguagem rápida, móvel e fluida, além de ser econômica. Econômica porque o sujeito escreve “vc”, “tb”, “aki”, “bjs”, “abs”, entre outras expressões, para dar agilidade ao que o pensamento vai ditando.

Decorrente dessa rapidez ao que vai sendo ditado pelo pensamento, o sujeito escreve velozmente e, a seguir, aperta a tecla “enter” ou “enviar”. Tudo feito de modo acelerado. Não há tempo a perder. Um, dois, três e ... Já! agora, Agora! Ao sabor do vento e das emoções! É isso o que o pensamento me ditou. Assim, essa linguagem caracteriza-se, podemos inferir, como uma linguagem emocional. Pensou: fez.

Importante destacar que se trata de mais uma possibilidade de comunicação e não se pode negar a validade dessa forma de expressão. Ela existe, está entre nós e cumpre, na maioria das vezes, a sua função.

Entretanto, vale lembrar que nem sempre estamos no “Orkut”, no “Gmail” ou no “Yahoo”, entre tantos outros, passando mensagens para pessoas de nossa relação: pessoas com as quais podemos ser emocionais e pensar “em voz alta”. Muitas vezes, estamos enviando mensagens para nossos mestres, nossos chefes, nossos coordenadores, entre outros.

Portanto, é real a necessidade de se adequar o discurso: para o amigo, escreva “bjs”, “naun”, entre outras “expressões”; para correspondência comercial, evite o uso dessas “expressões” e evite ser muito rápido, haja vista que você deve reler o que escreveu — é comercial; para os seus professores, utilize uma linguagem formal — sem deixar de ser carinhosa.

Afinal, é uma questão de coerência, não é?

Lembre-se sempre de que, no mundo moderno, a internet é uma ferramenta valiosíssima. Mais valioso ainda é saber utilizá-la (BOHADANA, 2008).

Após a leitura do texto, propomos-lhe que leia as mensagens fictícias a seguir e informe se estão adequadas (coerentes) ou não. Justifique a sua resposta com o conhecimento adquirido sobre coerência textual.

Mensagem 1

(Funcionário de uma multinacional enviou ao chefe do Departamento de Pessoal.)

Os documento solicitado naun chegou no malote pq os correio tão em greve.
Envio qdo chega creio q daqui 2 dia.

Valeu mano
J.J.

Mensagem 2

(Mãe de aluno para a professora de uma escola particular de Ensino Médio.)

Professora:
Recebi as provas do meu filho e verifiquei que falta corrigir uma questão e não concordo com a nota dada. Vê se tem mais respeito para corrigir as provas.
Abs,
E.M.

Mensagem 3

(Da Orientadora Educacional para os professores de uma escola particular.)

Prezados Colaboradores:
No dia 20, às 10h, realizaremos a nossa primeira reunião.
Solicito que tragam, por gentileza, os diários de classe devidamente preenchidos.
Agradeço-lhes a atenção.
Abs,
G.H.

Mensagem 4

(De um aluno do curso de Matemática para a tutoria da disciplina.)

Prezado Tutor:
Por gentileza, preciso de esclarecimentos sobre a primeira questão da AD2.
Está escrito que não devo ultrapassar as 10 linhas solicitadas; no entanto, o assunto a ser respondido é do meu interesse e não estou conseguindo ser breve. Em face do exposto, pergunto: posso ultrapassar o limite de linhas?
Aguardo resposta assim que possível.
T.S.

Mensagem 5

(De um cliente de uma famosa loja de eletrodomésticos para o Serviço de Atendimento ao Cliente – SAC.)

Boa tarde, senhores!
Vocês não imaginam o calor que está fazendo aqui em casa. Comprei no dia 20 de fevereiro uma porcária de aparelho de ar-condicionado aí na sua loja.

Quando instalei, constatei que em vez de esfriar ele esquentava. Voltei para reclamar com o vendedor que nem quis me ouvir. Além da porcaria de ar-condicionado ainda tive que engolir o safado do vendedor. Vou para o Procon e para os jornais. Devolvam o meu dinheiro já!

J.P.S.

COMENTÁRIO

Importante observar que, nesta atividade, você deverá estar atento ao assunto da aula, à coerência e aos conceitos que aqui aplicamos em toda forma de narrativa: o logos, o pathos e o ethos.

Mensagem 1

Quanto às palavras empregadas nesse pequeno texto, podemos observar que há inadequação. Profissionalmente, não devemos nos utilizar dessa linguagem. É evidente que houve comunicação. No entanto, o produtor da mensagem se esqueceu de colocar no plural as palavras “solicitado” e “correio”; escreveu “tão” em vez de “estão”. A seguir, deveria ter escrito:

“Envia-los-ei” ou “Eu os enviarei” quando chegarem (os documentos), daqui a dois dias. Poderia finalizar com a palavra “Atenciosamente”. A expressão “valeu mano” (gíria) não deve ser empregada nesse caso. Importante destacar a inadequação, também, de “pq” e “naun” nesse texto, tendo em vista o destinatário.

Nessa mensagem, há falhas no registro lingüístico. Em decorrência, há ausência de coerência semântica, de coerência sintática e de coerência estilística. Ademais, infringe a regra de meta-relação.

Mensagem 2

Primeiramente, o(a) produtor(a) da mensagem deve saber que a professora tem um nome e deve mencioná-lo na introdução ou iniciar o texto assim:

“Prezada Professora...”

Eis aí, claramente, uma infração à meta-regra de relação. O uso indevido da palavra “respeito” torna o texto agressivo. Talvez por estarem em tempo e espaço diferentes, por não estarem realizando o contato face a face, por ter a impressão de estar agindo no anonimato, a produtora da mensagem acredita na possibilidade de escrever o que vem à mente. Ledo engano!

E o respeito, e as implicações morais — o ethos — não existem? Possivelmente, acreditando no bom senso, talvez, a produtora da mensagem quisesse dizer “atenção”. Quis dizer, mas não disse. Vale o que está escrito e que vai ser perpetuado. Portanto, é preciso ter muito

cuidado com o que se escreve. Afinal, a professora não é a amiga ou a colega de bate-papos! Há ausência de coerência estilística, sintática e semântica nesse texto. Importante destacar o fato de escrever “abs” no final: isso caracteriza infração à meta-regra da não-contradição. É pura ironia? Essa mensagem precisa ser reescrita com respeito: é bom e todos gostam dele.

Mensagem 3

Logos, pathos e ethos bem utilizados. Texto redigido com informações progressivas e atendendo à norma do bom relacionamento, ou seja, muito educado. Sem problemas de coerência. Quanto ao “abs” no final da mensagem, poderia ser escrito por extenso; entretanto, não prejudica a mensagem.

Mensagem 4

Mais um exemplo de um texto escrito com progressão de idéias, não contraditório, entre outras qualidades. Trata-se de um texto coerente, um texto em que o produtor soube, com maestria, se utilizar dos conceitos citados anteriormente: logos, pathos e ethos. Se, por acaso, ao produtor da mensagem for negado o pedido, isto é, ultrapassar as dez linhas, a resposta deverá ser redigida, também, com extrema coerência e muito bom senso!

Mensagem 5

Isso não é briga entre comadres! Ora! Assuntos comerciais devem ser tratados de maneira comercial; afinal, o consumidor tem direitos e deles deve fazer uso. Há uma infração à meta-regra de relação, além de muita agressividade, expressa pela ausência de coerência estilística, pois o consumidor alega ser uma porcaria de ar-condicionado, além de o vendedor ser safado, conforme declara. E pode responder pela ofensa! Assim, possivelmente, mesmo dentro de seus direitos, esse consumidor vai aguardar um pouco mais. Feriu o ethos.

Poderia ter fornecido as informações necessárias, tais como: dia em que comprou, em que loja, nome do vendedor, garantias que o produto oferece, problemas que ocorreram com o aparelho, solicitação de soluções. E assim, escreveria o texto. Há progressão de idéias; entretanto, merece uma nova redação, pois contém pequenos problemas, por exemplo, com o uso da vírgula (“Comprei, no dia, um aparelho... entre outros). Conselho: para redigir cartas ou mensagens eletrônicas de reclamação, tenha cuidado com as palavras. Pense e repense. E reclame!

Mais uma vez, vale lembrar que, segundo Koch e Travaglia (2002, p. 18), o sentido que damos a um texto pode depender (e, com frequência, depende) do conhecimento de outros textos com os quais ele se relaciona. Também vale relembrar que pode haver coesão, isto é, união entre as partes de um texto, sem coerência, que é o sentido lógico, o nexos, o sentido do texto.

ATIVIDADE FINAL

1. Leia o quadro a seguir, dividido em quatro colunas. Selecione um elemento da coluna 1, um da coluna 2, um da coluna 3 e um da coluna 4. Repita, por seis vezes, essa operação. Com os elementos selecionados, na ordem, monte um discurso totalmente incoerente.

1	2	3	4
Caríssimos e caríssimas,	o problema dos objetivos deste programa	impõe-nos uma drástica reorganização	dos processos selecionados para as atividades solicitadas
Ademais,	a subjetividade inerente à elaboração do programa	estabelece as regras e as meta-regras de precisão	dos conceitos apresentados em uma primeira definição
Vale lembrar que	o produto obtido	assume importante fonte de pesquisa	para futuras e possíveis relações
É primordial enfatizar que	a estruturação contínua	garantirá o sucesso e facilitará a criação	de prováveis condições de sobrevivência
Diante deste quadro,	a reelaboração do projeto	poderá trazer conquistas	de novos mercados
Portanto,	a atividade	traz consigo a modernização	de importantes ações cognitivas

Assim:

Elemento da coluna 1: Caríssimos e caríssimas,

Elemento da coluna 2: a reelaboração do projeto

Elemento da coluna 3: assume importante fonte de pesquisa

Elemento da coluna 4: dos conceitos apresentados em uma primeira definição.

Por exemplo:

Caríssimas e caríssimos,

A reelaboração do projeto assume importante fonte de pesquisa dos conceitos apresentados em uma primeira definição.

Agora, é com você!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

COMENTÁRIO

Você perceberá que não está dizendo nada, acreditamos. Trata-se de um discurso que, na linguagem informal, dizemos que “não junta lé-com-crê”. Formalmente, podemos dizer que se trata de um discurso incoerente, que fere as meta-regras estudadas, pois a intenção do emissor é a de nada dizer.

Pode ser proposital, isto é, pode ser feito propositadamente pelo emissor.

Importante lembrar que, às vezes, ouvimos tais discursos. Caros leitores, “ouvidos atentos”: vale a pena reestudar as aulas anteriores, pois “ouvir traz consigo consequências” (ROGERS, 1977).

RESUMO

Nesta aula, inicialmente, apresentamos dois textos para leitura, abordando o seguinte tema: a linguagem digital. No primeiro, discutimos as diferenças entre as linguagens oral, escrita e digital; no segundo, tratamos somente da linguagem digital. Posteriormente, rediscutimos a coerência textual. Importante ressaltar que a leitura das aulas anteriores é imprescindível para a compreensão do assunto desta aula.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos os mecanismos de coesão. Ao elaborar uma mensagem, o produtor do texto deve perceber que o processo de coesão é responsável pela construção de unidades verbais significativas e, também, que os elementos relacionais não são somente partículas de ligação.

As ligações perigosas e as articulações necessárias (IV)

AULA 18

Meta da aula

Demonstrar que a utilização de elementos coesivos fornece ao texto mais legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- utilizar adequadamente os elementos de ligação;
- revisar textos, tornando-os coesos;
- preencher lacunas com palavras adequadas;
- consultar dicionários.

Pré-requisitos

Aulas 15, 16 e 17.

Agora trataremos do seguinte assunto: a coesão.

Vamos ao dicionário procurar o significado da palavra?

- Coesão — *s.f.* 1. União íntima das partes de um todo; conexão. 2. *fig.* Concordância, união (*Aurélio*).
- Coesão — *s.f.* (Do latim *cohaesione*) (*fís.*) Ligação recíproca das moléculas de um corpo; força atrativa que mantém essa ligação; (*fig.*) associação íntima; ligação moral; harmonia.

Se a coerência é o sentido lógico, o nexos, o sentido de um texto, a coesão é a ligação, a união entre as partes de um texto.

Para que a coesão seja estabelecida, é preciso conhecer os recursos de que a língua dispõe.

Existem vários mecanismos de coesão. Apresentamos, nesta aula, alguns deles e propomos exercícios de fixação do conteúdo apresentado.

Em nosso idioma, há vários elementos que permitem o mecanismo da coesão. “A utilização de tais elementos coesivos fornece ao texto mais legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem”, afirma Koch (2002, p. 18).

Essa autora afirma que o conceito de coesão textual está relacionado “a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (op. cit., p. 18).

Em outras palavras: para que haja coesão, é preciso que haja relações entre palavras, relações entre frases, relações entre períodos. Para que ocorra essa relação, usamos um conjunto de elementos. Tais elementos — conjunções, preposições, pronomes, tempos e modos verbais, construções por coordenação e subordinação, vocabulário, entre outros — devem ser empregados adequadamente.

Vale lembrar que, às vezes, tais elementos possuem funções diferentes no interior de enunciados. Citelli (1994, p. 37), em *O texto argumentativo*, explica tal afirmação e fornece um exemplo por meio de um trecho escrito por Ricardo Semler. Vamos lê-lo?

“É claro que generalizações sempre implicam injustiças, e as honradas exceções devem me perdoar. Mas não estaríamos nesta situação se os donos do dinheiro deste país tivessem dado um basta às negociatas, à corrupção e ao imediatismo que nos caracterizam hoje.”

Vejamos a explicação fornecida por Citelli (1994, p. 37):

Os elementos grifados a título de exemplo funcionam não apenas para relacionar partes do período, mas também são definidores e redefinidores de ordens e sentidos. O *e* retifica a frase inicial, lembrando que existem exceções no interior das generalizações. O *mas* promove o jogo do contrário, a adversão: existem aquelas exceções (entre os donos do dinheiro) que não estão ligadas aos esquemas de corrupção, mas persiste a corrupção porque a maioria (dos donos do dinheiro) continua alimentando-a. O *se* cria uma relação de condicionalidade: caso os donos do dinheiro não estimulassem as negociatas, a situação poderia ser outra. O *e* funciona como adição: o imediatismo é mais um dos aspectos que produziu a situação a que chegamos hoje.

ATIVIDADE



1. Faça como no exemplo e utilize o conectivo entre parênteses (*mas*, *no entanto*, *porém*, *todavia*, *contudo*):

a. Ganhei três presentes hoje. Coloquei os presentes sobre a mesa.
Ganhei três presentes hoje; *no entanto*, não os coloquei sobre a mesa.

Ou:

Ganhei três presentes hoje; *entretanto*, não os coloquei sobre a mesa.

b. Recebemos os convidados para a festa. Servimos aos convidados vinho branco.

c. No verão, chupamos muitas mangas. Colocamos as mangas na geladeira.

d. Ana Luísa e Marly compraram duas passagens aéreas. Ana Luísa e Marly usarão as passagens para irem a Paris em dezembro deste ano.

e. Pegamos a bola. Colocamos a bola no armário.

RESPOSTAS

b. Recebemos os convidados para a festa; porém, não lhes servimos vinho branco.

c. No verão, chupamos muitas mangas; entretanto, não as colocamos na geladeira.

d. Ana Luísa e Marly compraram duas passagens aéreas; todavia não as usarão para irem a Paris em dezembro deste ano.

e. Pegamos a bola; entretanto, não a colocamos no armário.

MECANISMOS DE COESÃO

Antes de tratarmos deste assunto, **mecanismos de coesão**, vale lembrar que Abreu (2005, p. 13) nos informa que:

Um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas, criando, assim, uma trama semântica a que damos o nome de textualidade. O encadeamento semântico que produz a textualidade chama-se coesão.

Existem vários elementos em nossa língua que favorecem o mecanismo da coesão. Ao elaborar uma mensagem, o produtor do texto deve perceber que o processo de coesão é responsável pela construção de unidades verbais significativas e, também, que os elementos relacionais não são somente partículas de ligação.

Segundo Citelli (1994, p. 40), os expedientes relacionais, os conectivos, entre outros, “executam funções coesivas diferenciadas: levam à conclusão, à adversão e instauram procedimentos de causa e consequência. E acrescenta que (op. cit., p. 40):

A estas observações cabe agregar o fato de que os mecanismos coesivos podem realizar-se em contextos verbais mais amplos, por exemplo: por jogos de elipse, por força semântica, por recorrências lexicais, por estratégias de substituição de enunciados.

Antes de apresentarmos os mecanismos de coesão, sugerimos que você faça uma revisão gramatical sobre os seguintes pontos: preposições e conjunções, como nos alerta Citelli (1994, p. 42).

Para efeito de lembrança, esse autor (op. cit., p. 43) destaca os seguintes indicadores:

1. Indicadores de oposição, contraste:

Preposições, conjunções e locuções	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, embora, contra, apesar de, não obstante, ao contrário, etc.
------------------------------------	---

2. Indicadores de causa e consequência:

Preposições, conjunções e locuções	Porque, visto que, em virtude de, uma vez que, devido a, por motivo de, graças a, sem razão de, em decorrência de, por causa de, etc.
------------------------------------	---

3. Indicadores de finalidade:

Preposições, conjunções e locuções	A fim de, a fim de que, com o intuito de, para, para a, para que, com o objetivo de, etc.
------------------------------------	---

4. Indicadores de esclarecimento:

Preposições, conjunções e locuções	Vale dizer, ou seja, quer dizer, isto é, etc.
------------------------------------	---

5. Indicadores de proporção:

Preposições, conjunções e locuções	À medida que, à proporção que, ao passo que, tanto quanto, tanto mais, a menos que, etc.
------------------------------------	--

6. Indicadores de tempo:

Preposições, conjunções e locuções	Em pouco tempo, em muito tempo, logo que, assim que, antes que, depois que, quando, sempre que, etc.
------------------------------------	--

7. Indicadores de condição:

Preposições, conjunções e locuções	Se, caso, contanto que, a não ser que, a menos que, etc.
------------------------------------	--

8. Indicadores de conclusão:

Preposições, conjunções e locuções	Portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois, de modo que, em vista disso, etc.
------------------------------------	--

Vejamos alguns mecanismos de coesão:

1. Coesão por elipse — segundo o dicionário *Aurélio*, elipse significa a omissão de palavra(s) subentendida(s).

Vejamos as palavras de Nelson Goodman, citado por Analice Dutra Pillar, em “Leitura e releitura”, parte da obra *A educação do olhar no ensino das artes*, a seguir.

Exemplo:

(...) o olho seleciona, organiza, discrimina, associa, classifica, analisa, constrói. Não atua como um espelho que, tal como capta, reflete (...) (PILLAR, 2006).

Observe que o autor do texto omitiu a palavra *olho* nas seqüências.

2. Coesão por referência — é aquela que se utiliza de elementos — tais como advérbios de lugar, pronomes (pessoais, demonstrativos e possessivos), artigos definidos — para tornar a frase mais elegante, evitando, assim, repetições desnecessárias.

Exemplo:

Gravamos melhor — e temos muito menos tendência a esquecer — *as memórias* de alto conteúdo emocional. *Aquelas* que Pavlov denominava “biologicamente significativas” (IZQUIERDO, 2005).

3. Coesão pelo léxico — A coesão lexical pode ser feita por meio da repetição do mesmo item lexical ou com sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e também pelo uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo (KOCH, 2002).

Hiperônimos ou sinônimos superordenados, segundo Abreu (2005, p. 15), são palavras que correspondem ao gênero do termo a ser retomado, em coesão.

Exemplos:

a. *Mariazinha* ganhou um vestido novo. A garotinha adorou o presente (sinônimo).

b. O *avião* aterrissou no aeroporto Tom Jobim. O *aparelho* desceu suavemente e não apresentou problemas (hiperônimo).

c. “Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a *coisa* se aproximando” (KOCH, 2002, p. 22).

Neste exemplo, “coisa” é nome genérico.

d. “Houve um grande *acidente* na estrada. Dezenas de *ambulâncias* transportaram os *feridos* para os *hospitais* da cidade mais próxima” (KOCH, 2002, p. 22).

Observe que “ambulâncias, feridos e hospitais” são termos pertencentes a um mesmo campo significativo.

4. Coesão por substituição — Consiste na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto ou, até mesmo, como salienta Koch (2002, p. 20), de uma oração inteira.

Exemplos:

- a. Ele *atirou a pedra* e a sua filha *também*.
- b. O padre *ajoelhou-se*. Todos *fizeram o mesmo*.

5. Coesão por conexão — Segundo Koch (2002, p. 21), “a conjunção ou conexão permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto”. Para realizar tal conexão, reveja o quadro de indicadores, apresentado anteriormente. Esses indicadores mostram o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que já foi dito, apresentando uma progressão do discurso.

Exemplos:

- Fui a Recife.
- Encontrei-me com Aninha.

Fui a Recife e me encontrei com Aninha.

- Começou a chover fortemente em Três Rios.
- Não houve inundações após a chuva.

Começou a chover fortemente em Três Rios, mas não houve inundações (ou porém, no entanto etc.).

- Ele comeu uma torta inteira de cupuaçu.
- Ele teve uma terrível indigestão.

Ele comeu uma torta inteira de cupuaçu, logo, teve uma terrível indigestão.



ATIVIDADE

2. Apertem os cintos: o revisor sumiu! Parece título de filme. Mas não é! O revisor desses textos, após ganhar 20 milhões na loteria, precisou viajar. Deixou todos os textos no departamento de pessoal com um bilhete: “Fui!”

Agora, caro(a) aluno(a), precisamos de você e lhe pedimos que revise os textos a seguir, fazendo as alterações necessárias. Contamos com a sua preciosa colaboração. Obrigado!

Retiramos dos textos somente os trechos com problemas de coerência e de coesão. Ao trabalho! Confiamos no seu trabalho.

Trecho 1

Em 1898, onde as mulheres ainda usavam vestidos longos, Mariazinha apareceu, em público, com um vestido curto.

Trecho 2

Ele olhou para o relógio, ele percebeu que não estava disposto a ouvir aquela conversa e ele saiu rapidamente da sala, logo o assunto não lhe interessava.

Trecho 3

O jogador de número 10 acreditou que o goleiro fosse chutar a bola para o meio do campo, mas porém eu não acreditei que ele chutasse a bola para o meio do campo.

Trecho 4

Ele conduzia o jumento pelo sertão afora e no sertão ele retirava as rédeas do veículo e o jumento seguia ele durante todo o percurso.

RESPOSTAS

Trecho 1

Em 1898, quando as mulheres ainda usavam vestidos longos, Mariazinha apareceu, em público, com um vestido curto.

Você deverá utilizar a palavra quando em vez de onde. Por quê?

Anteriormente, há indicação de tempo e não de lugar.

Trecho 2

Ele olhou para o relógio, percebeu que não estava disposto a ouvir aquela conversa e saiu rapidamente da sala, pois o assunto não lhe interessava.

Observe que o pronome pessoal ele já foi dito anteriormente. Não há necessidade de repetição. A conjunção logo é conclusiva. Não há idéia de conclusão no trecho, mas de explicação, portanto a conjunção explicativa pois é mais adequada.

Trecho 3

O jogador de número 10 acreditou que o goleiro fosse chutar a bola para o meio do campo, mas eu não acreditei que ele fizesse isso.

Observe:

Que ele fizesse isso equivale a que ele fosse chutar a bola para o meio do campo.

Ele substitui a palavra goleiro.

Trecho 4

Ele conduzia o jumento pelo sertão afora e, lá, retirava as rédeas do animal, que o seguia durante todo o percurso.

Observe:

- O advérbio lá se refere ao sertão.
 - Veículo não é hiperônimo da palavra jumento, veículo poderia ser usado para carro, avião etc.; assim, animal é o nome adequado.
 - A palavra que (pronome relativo) se refere ao animal.
- O pronome oblíquo o se refere ao pronome pessoal ele.*



ATIVIDADE

3. Preencha as lacunas com as palavras adequadas, que estão entre parênteses:

a. Você disse que a mercadoria era cara, que o preço era alto, que você não podia desembolsar aquela vultosa quantia; _____, comprou aquela jóia rara.

(no entanto – portanto – embora – por isso – visto que)

b. Para cumprir as exigências legais, as universidades entregarão os formulários preenchidos _____ terminem as inscrições.

(desde que – até que – onde – se bem que)

c. “As escolas se dedicam a ensinar os saberes científicos _____ sua ideologia científica lhes proíbe lidar com os sonhos, coisa romântica!” (R. Alves).

(senão – posto que – desde que – visto que)

d. “A ciência é muito boa – dentro de seus precisos limites. Quando transformada na única linguagem para se conhecer o mundo, _____, ela pode produzir dogmatismo, cegueira e, eventualmente, emburrecimento” (R. Alves).

(entretanto – logo – eis que – embora)

4. Reescreva o texto seguir, narrado por Platão, em *A República* – 615a-621-ad – (2005, p. 313-319), fazendo as alterações necessárias. Fique atento aos mecanismos de coesão.

Trecho 1

Er, o armênio, um bravo guerreiro, ele tombou numa batalha e foi dado como morto. Assim, colocaram ele deitado sobre uma pira fúnebre. O corpo de Er ficou ali por doze dias, misteriosamente intacto. Logo, no décimo segundo dia, para surpresa de seus amigos, Er acordou e contou *aos seus amigos* a sua viagem ao mundo das sombras. Ele disse aos seus amigos que sua alma deixou o seu corpo e se juntou a uma multidão de almas, num cenário que descreveu como estranho, desde que, maravilhoso. Envolto nessa atmosfera, informou aos seus amigos que, numa das passagens que se dirigia ao alto, havia juízes, sentados em uma espécie de trono, que decidiam a sentença a ser recebida pela pessoa. As almas dos justos eram instruídas pelos juízes a tomar um caminho ascendente, carregando um papiro com a decisão *do* juiz; as outras almas, por terem realizado más ações cá na Terra, eram instruídas a descer, rumo aos subterrâneos, seguindo um caminho descendente.

(Adaptado de *A República*, de Platão.)

Trecho 2

Naffah Neto (1998, p. 12) salienta que espiritualidade designa uma espécie de envergadura interior, que é um espaço ou curvatura interna, que é capaz de acolher e elaborar os múltiplos afetos que nos constituem e que impõe um certo tipo de interpretação do mundo.

Ressalta que nós vemos um mundo odioso e odiento quando nós somos atravessados pelo ódio; embora — complementa — se, por outro lado, o que nos domina é a alegria, nós recortamos e nós iluminamos da realidade o que a realidade tem de exuberante, contagiante.

RESPOSTAS

3.

a. Você disse que a mercadoria era cara, que o preço era alto, que você não podia desembolsar aquela vultosa quantia; no entanto, comprou aquela jóia rara.

b. Para cumprir as exigências legais, as universidades entregarão os formulários preenchidos até que terminem as inscrições.

c. “As escolas se dedicam a ensinar os saberes científicos, visto que sua ideologia científica lhes proíbe lidar com os sonhos, coisa romântica!” (R. Alves).

d. “A ciência é muito boa — dentro de seus precisos limites. Quando transformada na única linguagem para se conhecer o mundo, entretanto, ela pode produzir dogmatismo, cegueira e, eventualmente, emburrecimento” (R. Alves).

4.

Trecho 1

Er, o armênio, um bravo guerreiro, tombou numa batalha e foi dado como morto. Assim, colocaram-no deitado sobre uma pira fúnebre. Seu corpo ficou ali por doze dias, misteriosamente intacto. No entanto, no décimo segundo dia, para surpresa de seus amigos, acordou e lhes contou a sua viagem ao mundo das sombras. Disse aos presentes, na ocasião, que sua alma deixou o seu corpo e se juntou a uma multidão de almas, num cenário que descreveu como estranho, porém, maravilhoso. E, envolto nessa atmosfera, informou-lhes que, numa das passagens que se dirigia ao alto, havia juízes, sentados em uma espécie de trono, que decidiam a sentença a ser recebida pela pessoa. As almas dos justos eram instruídas pelos juízes a tomar um caminho ascendente, carregando um papiro com a decisão judicial; as outras, por terem realizado más ações cá na Terra, eram instruídas a descer, rumo aos subterrâneos, seguindo um caminho descendente.

Trecho 2

Naffah Neto (1998, p. 12) salienta que espiritualidade designa uma espécie de envergadura interior, espaço ou curvatura interna, capaz de acolher e elaborar os múltiplos afetos que nos constituem, impondo um certo tipo de interpretação do mundo. Ressalta que vemos um mundo odioso e odiento quando somos atravessados pelo ódio; no entanto — complementa — se, por outro lado, o que nos domina é a alegria, recortamos e iluminamos da realidade o que ela tem de exuberante, contagiante.

RESUMO

Nesta aula, informamos que a coesão é a ligação, a união entre as partes de um texto. Para que a coesão seja estabelecida, é preciso conhecer os recursos de que a língua dispõe. Existem vários elementos em nosso idioma que permitem o mecanismo da coesão. “A utilização de tais elementos coesivos fornece ao texto mais legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem”, afirma Koch (2002, p. 18).

Dito em outras palavras: para que haja coesão, é preciso que haja relações entre palavras, relações entre frases, relações entre períodos. Para que ocorra essa relação, usamos um conjunto de elementos. Tais elementos — conjunções, preposições, pronomes, tempos e modos verbais, construções por coordenação e subordinação, vocabulário, entre outros — devem ser empregados adequadamente.

Sugerimos que você faça uma revisão gramatical sobre os seguintes pontos: preposições e conjunções. Apresentamos, em seguida, os mecanismos de coesão: por elipse, por referência, pelo léxico, por substituição, por conexão.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, discutiremos o seguinte assunto: ler, compreender e produzir. Abordaremos, primeiramente, os seguintes tópicos: a leitura informativa, a leitura crítica e a leitura interpretativa.

Lendo, compreendendo e produzindo (I)

AULA 19

Metas da aula

Apresentar tipos de leituras e demonstrar a importância de ler para a produção textual.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- distinguir tipos de leitura;
- identificar palavras-chave no texto;
- empregar adequadamente palavras parônimas e homônimas;
- consultar dicionários;
- produzir textos a partir de outros textos.

Nesta aula, abordamos, primeiramente, os seguintes tópicos: a leitura informativa, a leitura crítica e a leitura interpretativa.

Faulstich (2003, p. 14) aponta dois tipos de leitura para que um texto técnico seja bem lido: a leitura informativa e a leitura crítica. Vejamos. Segundo essa autora, ao se fazer uma leitura informativa, buscam-se respostas a questões específicas. Para tal, propõe a elaboração de uma leitura seletiva.

Mas o que vem a ser o ato de fazer uma leitura seletiva? Simples! O leitor deve buscar no tópico frasal ou na frase-núcleo a palavra-chave, pois “é em torno dela que o autor normalmente desenvolve a idéia principal” (op. cit., p. 14). Antes de iniciarmos as atividades, cabe-nos explicar o que vem a ser frase-núcleo ou tópico frasal. Para tal, consultamos mestres no assunto: Othon Garcia, Magda Soares e Edson Nascimento Campos.

Para Garcia (1992, p. 206), trata-se do parágrafo inicial, representado por um ou dois períodos, em que se expressa de maneira sucinta a idéia-núcleo a ser desenvolvida.

Para Soares e Campos (1978, p. 62), após delimitar o assunto escolhido e após selecionar o objetivo orientador do parágrafo, cria-se uma ou mais frases para traduzir o objetivo escolhido. A essa frase ou frases, esses autores chamam tópico frasal ou frase-núcleo.

Vamos exercitar! Leia o texto seguinte e aponte a palavra-chave, que está na frase-núcleo.

A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos econômicos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou idéia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante (ARANHA, 1997).

A palavra-chave desse trecho é: _____

Se você apontou a palavra *propaganda*, você acertou.

Continuemos.

Leia este outro e localize a palavra-chave.

O amor, sendo o desejo de união com o outro, estabelece um tipo de vínculo paradoxal porque o amante cativa para ser amado livremente. O fascínio é gerador de poder: o poder de atração de um sobre o outro. No entanto, tal *cativeiro* não pode ser entendido como ausência de liberdade, pois a união é condição de expressão cada vez mais enriquecida da nossa sensibilidade e personalidade. É fácil observar isso na relação entre duas pessoas apaixonadas: a presença do outro é solicitada na sua espontaneidade, pois são os dois que escolhem livremente estar juntos. O amor imaturo, ao contrário, é exclusivista, possessivo, egoísta, dominador (ARANHA, 1997).

Palavra-chave: _____

Certamente, você assinalou a palavra *amor* como a mais importante do trecho.

Vamos continuar exercitando? Leia mais este parágrafo e localize as palavras-chave:

Segundo Santaella (2004, p. 19), há três tipos de leitores com modelos cognitivos que lhes são próprios: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. Para essa autora, o leitor contemplativo, meditativo da idade pré-industrial, é o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Esse tipo de leitor — acrescenta — nasceu no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. Quanto ao leitor movente, ressalta que esse tipo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, filho da Revolução Industrial e do surgimento das grandes metrópoles, pois nasce no auge da expansão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema, atravessando a era industrial e mantendo as suas características básicas, quando ocorre o advento da revolução eletrônica, época do apogeu da televisão. A seguir, afirma que, em decorrência, surge o terceiro leitor, o imersivo, que é aquele que começa a emergir dos novos espaços incorpóreos da virtualidade. Diferente dos dois primeiros tipos — ressalta —, as características cognitivas desse terceiro tipo, dada a sua novidade, ainda foram pouco exploradas.

Quais são as palavras-chave? _____

Exatamente: tipos de leitores (leitor contemplativo, leitor movente e leitor imersivo).

Cabe lembrar que imergir é diferente de emergir. Vamos ao dicionário fazer uma consulta?

Imergir : 1. Fazer submergir, mergulhar; 2. entrar, penetrar, introduzir-se.

Emergir: 1. Sair de onde estava mergulhado; 2. manifestar-se, mostrar-se.

Existem outras palavras assim, bem parecidas. Chamamo-las parônimas, pois possuem grafia e pronúncia parecidas.

Veja uma lista de algumas dessas palavras parônimas:

Descargo – alívio	Desencargo – desobrigação de um encargo
Eminente – notável, célebre	Iminente – prestes a acontecer
Aprender – instruir-se	Apreender – assimilar
Despercebido – não percebido, não notado	Desapercebido – desprovido, desaparelhado
Estádio – fase, período	Estágio – preparação
Infligir – aplicar pena ou castigo	Infringir – transgredir, violar
Mandado – ordem judicial	Mandato – período de missão política
Ratificar – confirmar	Retificar – corrigir, consertar
Vultoso – volumoso	Vultuoso – inchado, vermelho
Zumbido – sussurro de insetos alados	Zunido – som agudo do vento

As palavras com grafia ou pronúncia igual chamamos homônimas. Eis algumas delas:

Acerca de – sobre, a respeito	Há cerca de – faz aproximadamente
Afim de – semelhante (afinidade)	A fim de – com a finalidade de
Concerto – sessão musical, acordo	Conserto – reparo
Cozer – cozinhar	Coser – costurar
Esperto – vivo, inteligente	Experto – perito, especialista
Mal – antônimo de bem	Mau – antônimo de bom
Sexta – numeral	Sesta – descanso depois do almoço
Tachar – censurar, por defeito	Taxar – estipular, qualificar
Tacha – pequeno prego	Taxa – imposto
Viagem – substantivo (A viagem de Ulisses)	Viajem – forma verbal (Que eles viagem de navio...)



ATIVIDADE

1. Empregue as palavras parônimas e homônimas entre parênteses. Escolha a que preenche a lacuna adequadamente. Consulte as listas.
 - a. Isso aconteceu _____ duas décadas (há cerca de; acerca de).
 - b. O português é uma língua _____ espanhol e do italiano? (a fim de; afim de).
 - c. Estou _____ viajar de navio. Quero que meus filhos _____ comigo, pois acredito que será uma _____ inesquecível (a fim de; afim de; viagem; viagem).
 - d. Fiz aquilo apenas por _____ de consciência (descargo; descargo).
 - e. O defeito é devido ao _____ uso do aparelho; entretanto, não se trata de um _____ computador (mal; mau).
 - f. Ele passou _____ pela alfândega. Ninguém o notou. Parecia o homem invisível (despercebido; despercebido).
 - g. Como prêmio, recebeu uma quantia _____ (vultuosa; vultosa).
 - h. O juiz expediu um _____ de prisão para um político apenas com dez dias de _____ (mandato; mandato).
 - i. É preciso _____ a questão, digo, é preciso confirmar a questão, (retificar; ratificar).
 - j. É promissor o _____ em que se encontra a educação a distância, (estágio; estádio).

RESPOSTAS

- a. Isso aconteceu há cerca de duas décadas.
- b. O português é uma língua afim do espanhol e do italiano?
- c. Estou a fim de viajar de navio. Quero que meus filhos viagem comigo, pois acredito que será uma viagem inesquecível.
- d. Fiz aquilo apenas por descargo de consciência.
- e. O defeito é devido ao mau uso do aparelho; entretanto, não se trata de um mau computador.
- f. Ele passou despercebido pela alfândega. Ninguém o notou. Parecia o homem invisível.
- g. Como prêmio, recebeu uma quantia vultosa.
- h. O juiz expediu um mandato de prisão para um político apenas com dez dias de mandato.
- i. É preciso ratificar a questão, digo, é preciso confirmar a questão.
- j. É promissor o estádio em que se encontra a educação a distância.

Agora que você já sabe o que é leitura informativa, ao ler textos de outras disciplinas, isto é, de outras áreas do conhecimento, exercite os conceitos aprendidos.

No que tange à leitura crítica, Faulstich (2003, p. 18) salienta que “a leitura crítica exige uma visão abrangente em torno do assunto que está sendo focalizado. E acrescenta que é preciso que se faça uma pré-leitura do material a ser analisado. Ainda segundo essa autora (op. cit., p. 18), “ler criticamente significa reconhecer a pertinência dos conteúdos apresentados, tendo como base o ponto de vista do autor e a relação entre este e as sentenças-tópico”.

ATIVIDADE



2. Apresentamos-lhe, a seguir, um texto que faz parte da obra da Professora Doutora Magda Soares (*Linguagem e escola: uma perspectiva social*), para a sua apreciação, a fim de que você observe como há coerência entre os parágrafos. Após a leitura, observe, também, que a coerência, isto é, a pertinência, é que permite o estabelecimento de uma hierarquia entre a idéia mais abrangente e as que a auxiliam, dando-lhe base. O título do texto é:

Uma primeira explicação: a ideologia do dom

“Democracia?” A pergunta é de Mario Quintana. E ele mesmo a responde: “É dar, a todos, o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um.”

Que todos tenham seu lugar na escola – e a todos terá sido dado o mesmo ponto de partida. Qual será o ponto de chegada – o sucesso ou o fracasso –, isso dependerá de cada um.

Eis aí definida a ideologia do dom, segundo a qual as causas do sucesso ou do fracasso na escola devem ser buscadas nas características dos indivíduos: a escola oferece “igualdade de oportunidades”; o bom aproveitamento dessas oportunidades dependerá do *dom* – aptidão, inteligência, talento – de cada um.

A ideologia do dom oculta-se sob um discurso que se pretende científico: a existência de desigualdades naturais, de diferenças individuais vem sendo legitimada pela Psicologia, desde sua já distante constituição como ciência autônoma, na segunda metade do século XIX. Assim, a Psicologia Diferencial e a Psicometria – ramos da Psicologia – legitimam desigualdades e diferenças pela mensuração de aptidões intelectuais (aptidão verbal,

numérica, espacial etc.), de prontidão para a aprendizagem, de inteligência ou de quociente intelectual (QI) etc., por meio de testes, escalas, provas, aparentemente “objetivos”, “neutros”, “científicos”. Essas desigualdades e diferenças individuais, assim legitimadas, é que explicavam as diferenças de rendimento escolar.

Dessa forma, não seria a escola responsável pelo fracasso do aluno; a causa estaria na ausência, neste, de condições básicas para aprendizagem, condições que só ocorreriam na presença de determinadas características indispensáveis ao bom aproveitamento daquilo que a escola oferece. Esta seria responsável, isto sim, pelo “atendimento às diferenças individuais”, isto é, por tratar desigualmente os desiguais. Passa, assim, a ser “justo” que a escola selecione os “mais capazes” (por exemplo, pelos exames vestibulares), classifique e hierarquize os alunos (por exemplo: em “turmas fortes” e “turmas fracas”), identifique “bem-dotados” e “superdotados”, e a eles dê atenção especial, e oriente os alunos para diferentes modalidades de ensino (por exemplo: os “menos capazes” para um 2º grau profissionalizante, os “mais capazes” para um 2º grau que leve ao acesso a cursos superiores).

A função da escola, segundo a *ideologia do dom*, seria, pois, a de *adaptar, ajustar* os alunos à sociedade segundo suas aptidões e características individuais. Nessa ideologia, o fracasso do aluno explica-se por sua incapacidade de adaptar-se, de ajustar-se ao que lhe é oferecido. E de tal forma esse conceito está presente na escola e internalizado nos indivíduos que o aluno sempre culpa a si mesmo pelo fracasso, raramente pondo em dúvida o direito da escola de reprová-lo ou rejeitá-lo, ou a justiça dessa reprovação ou rejeição. Assim, para a *ideologia do dom*, não é a escola que se volta contra o povo; é este que se volta contra a escola, por incapacidade de responder adequadamente às oportunidades que lhe são oferecidas.

Embora a ideologia do dom esteja até hoje muito presente na educação, a cientificidade de seus pressupostos foi irremediavelmente abalada quando se evidenciou, sobretudo a partir da ampliação do acesso das camadas populares à escola, que as “diferenças naturais” não ocorriam, na verdade, apenas entre indivíduos, mas, sobretudo, entre grupos de indivíduos: entre os grupos social e economicamente privilegiados e os grupos desfavorecidos, entre pobres e ricos, entre as classes dominantes e as classes dominadas (SOARES, 1999).

Construa frases declarativas em resposta às questões:

a. Quais são as palavras-chave do texto?

b. A partir de qual comentário a autora define a ideologia do dom?

c. Você acredita que a escola oferece “igualdade de oportunidades” para todos?

d. Qual seria a função da escola, segundo essa ideologia?

RESPOSTAS

a. As palavras-chave do texto são ideologia do dom.

b. A partir da frase de Mario Quintana, a autora questiona se terá sido dado o mesmo ponto de partida a todos que se encontram na escola. Continuando o seu questionamento, pergunta qual será o ponto de chegada – o sucesso ou o fracasso –, e se isso, realmente, dependerá de cada um. Com tal indagação, define a ideologia do dom, segundo a qual as causas do sucesso ou do fracasso devem ser buscadas nas características individuais.

c. Com base no texto lido, esperamos que você informe se a escola oferece oportunidades iguais para todos. Inicie o seu texto com uma frase declarativa. Assim:

Não acredito que a escola ofereça igualdade de oportunidades para todos.

A seguir, explique o porquê de você discordar, fornecendo as informações lidas no texto, com as suas palavras. Retome, posteriormente, a frase inicial e elabore a sua conclusão.

*d. Construa uma frase declarativa para iniciar o seu texto. Assim:
A função da escola, segundo a ideologia do dom, seria a de...*

*A seguir, complete com o que você compreendeu do trecho e o escreva
com as suas palavras. Não acrescente informações: escreva somente
o que você leu no trecho. Elabore a sua conclusão, retomando a frase
inicial, também chamada frase-núcleo ou tópico frasal.*

Após realizar essa tarefa, faça uma leitura crítica do texto, que se encontra na página 10 da obra; discuta-o com alguém. Você concorda com as afirmações apresentadas? Por quê? Separe as idéias apresentadas, parágrafo por parágrafo, e forme a sua opinião sobre o assunto.

É nesse momento, após ter feito a leitura informativa e a leitura crítica, decompondo o texto, que se faz a leitura interpretativa ou cognitiva. Segundo Faulstich (2003, p. 22), para que se faça uma leitura interpretativa, é preciso ter o total domínio da leitura informativa. E acrescenta que entender um texto é compreender claramente as idéias expressas pelo autor, no intuito de interpretar e ir além dessas idéias, ajustando as informações analisadas no texto com as que o leitor já possui em seu arquivo de conhecimentos.

CONCEPÇÃO DE LEITURA

Antes de iniciarmos esta aula, recolhemos algumas frases que, freqüentemente, ouvimos sobre o ato de ler. Ei-las:

- “Ler é importante.”
- “O homem que lê vale mais” (provérbio).
- “Para escrever bem, é preciso ler muito.”
- “Ler é fundamental.”
- “A leitura é o alimento da alma” (ALVES, 2002).
- “Ler é fazer amor com as palavras” (ALVES, 2002).

Após algumas consultas sobre definições, eis que encontramos o que procurávamos. Retiramos um pequeno trecho e transcrevemo-lo para a sua apreciação.

Se há concertos de música erudita, jazz e MPB — por que não há concertos de leitura? Ouvindo, os alunos experimentarão os prazeres do ler. E acontecerá com a leitura o mesmo que acontece com a música: depois de ser picado pela sua beleza, é impossível esquecer. Leitura é droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos — gramática, usos da partícula se, dígrafos, encontros consonantais, análise sintática — que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto literário. Foi-lhes ensinada a anatomia morta do texto e não sua erótica viva. Ler é fazer amor com as palavras. E essa transa literária se inicia antes que as crianças saibam os nomes das letras. Sem saber ler, eles já são sensíveis à beleza (ALVES, 2002).

Agora, vejamos outras definições de especialistas no assunto. Segundo Wittrock (apud Manguel, 1997, p. 54),

ler não é um fenômeno idiossincrático, anárquico. Mas também não é um processo monolítico, unitário, no qual apenas um significado está correto. Ao contrário, trata-se de um processo generativo que reflete a tentativa disciplinada do leitor de construir um ou mais sentidos dentro das regras da linguagem.

Além disso, a leitura é também hábito e, por isso mesmo, é a leitura de muitos livros, sempre comparativa, que faz emergir a biblioteca vivida, a memória de livros anteriores e de dados culturais (GOULEMONT, 1996, p. 113). “Ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1997, p. 33).

A leitura do livro é, por fim, essencialmente contemplação e ruminação, leitura que pode voltar às páginas, repetidas vezes, que pode ser suspensa imaginativamente para a meditação de um leitor solitário e concentrado (SANTAELLA, 2004).

Primeiramente, é preciso ler todo o trecho. A seguir, grifar as palavras desconhecidas e consultar um dicionário.

Ao trabalho! Vamos ler juntos?

1. Segundo Wittrock (apud MANGUEL, 1997, p. 54)...

Quem escreveu esta obra?

Resposta: Lucia Santaella. Veja nas referências.

2. Quem é Wittrock?

Resposta: Trata-se de um autor citado por Alberto Manguel na obra *Uma história da leitura*, publicada em 1997. Wittrock foi citado por Manguel; daí a utilização da palavra latina *apud*, que significa *citado por*. A Professora Doutora Lucia Santaella leu o livro de Manguel e transcreveu essa parte. Posteriormente, fez a citação. Citar é muito importante. É ético. Caso contrário, é uma apropriação indébita, ou seja, uma apropriação indevida.

3. Qual o significado da palavra idiossincrático? Vamos ao dicionário?

Resposta: No dicionário *Aurélio*, encontramos o seguinte sinônimo:

Idiossincrasia (*s.f.*) – maneira própria de ver, sentir, reagir de cada indivíduo;

idiossincrático (*adj.*) – relativo a idiossincrasia.

Então, segundo o autor citado por Santaella, isto é, segundo Wittrock, ler não é um fenômeno próprio da maneira de ver do indivíduo, não é um fenômeno anárquico.

4. Qual o significado da palavra monolítico?

Resposta: Mais uma vez, vamos ao dicionário *Aurélio*.

Monólito (*s.m.*) – 1. Pedra de grandes dimensões; 2. monumento feito de um só bloco de pedra.

monolítico – relativo a monólito.

O autor afirma, então, que ler não é um processo como um só bloco, sem movimento, enfim, não é inerte.

5. Qual o significado da palavra generativo?

Resposta: No dicionário, já citado, encontramos o seguinte:

Generativo (*adj.*) – gerativo.

E gerativo?

Gerativo significa: 1. Que pode gerar; 2. relativo a geração.

Em outras palavras, ler é um processo gerativo, que reflete a tentativa de o leitor construir um ou mais sentidos para o texto lido dentro das regras de linguagem.

6. E os nomes que se encontram entre parênteses – Goulemont e Manguel – o que isso significa?

Resposta: Significa que são autores lidos por Santaella. Após a leitura e inserção do pensamento desses autores no texto, a autora fez a citação, entre parênteses, colocando a data em que a obra foi publicada e a página em que se encontra o trecho lido.

Continue lendo o texto. Acreditamos que, agora, você não encontrará dificuldades.

Após retirar todas as dúvidas, você poderá parafrasear o texto. A paráfrase, uma técnica de reescrita, será o assunto da próxima aula.

ATIVIDADE



3. Leia, atentamente, o texto a seguir. Consulte o dicionário, quando necessário. Grife as palavras-chave. Posteriormente, pesquise e responda às questões que se seguem.

A importância que o indivíduo assume na arte (na literatura) pode ser bem maior do que aquela que lhe é reconhecida na sociedade. Uma comprovação disso pode se encontrar na literatura grega clássica, na tragédia que Sófocles escreveu sobre Antígona.

Como mulher, Antígona não tinha os direitos de cidadania: não era dona de seu corpo, podia ser obrigada a abortar, não votava, não dispunha de nenhum instrumento legal para participar da política (atividade cujo nome, sintomaticamente, deriva de *pólis*).

Apesar de sua extrema fragilidade, Antígona, filha de Édipo, ousa enfrentar o Estado (representado por Creonte). Seus dois irmãos – Eteocle e Polínice – morreram em combate. Um deles, que defendia a cidade, é enterrado com honras fúnebres; o outro, que fazia parte do exército inimigo, deve apodrecer ao relento. Antígona se rebela contra a ordem de Creonte, argumentando que não entendia de política, mas entendia de amor. Os espectadores ficaram emocionadíssimos. Na sociedade, tal como estava organizada, Antígona não merecia maior atenção. Na tragédia escrita por Sófocles, contudo, ela marcou indelevelmente, como pessoa – como indivíduo! – a consciência dos homens que compunham o vasto público.

Antígona era uma contundente novidade. Antígona era um “tipo”. Sua dimensão singular precedia sua dimensão significativa universal. A criação de tipos – sempre diferentes uns dos outros – é um dos procedimentos decisivos dos narradores para apreender o novo na realidade social (KONDER, 2005, p. 63).

a. Quais são as palavras-chave?

b. O que Konder afirma na frase-núcleo e como comprova tal afirmação?

c. O autor cita a tragédia clássica grega. Qual é o seu conhecimento sobre o assunto? Pesquise antes de fornecer a sua resposta.

d. Pesquise: quem foi Sófocles?

e. E Antígona? O que ela fez para enfrentar o Estado, representado por Creonte? Pesquise.

f. Qual o significado da palavra *indelével*? Por que Antígona marcou, indelevelmente, a consciência do público?

g. “Sua dimensão singular precedia sua dimensão significativa universal. A criação de tipos – sempre diferentes uns dos outros – é um dos procedimentos decisivos dos narradores para apreender o novo na realidade social” (KONDER, 2005, p. 63). Explique o significado deste trecho, mas, antes, consulte no dicionário o significado de preceder e de apreender.

COMENTÁRIOS

- a. *Indivíduo, importância, literatura (arte).*
- b. *Konder afirma que a importância que o indivíduo assume na arte (literatura) pode ser bem maior do que a que lhe é reconhecida na sociedade. Para comprovar tal afirmação, cita a tragédia grega Antígona, de Sófocles.*
- c. *A tragédia clássica grega, segundo Jones (1997, p. 310), possivelmente traz o sacrifício em seu coração. Ainda segundo esse autor, os temas das tragédias eram sempre tirados da mitologia, com exceção de Os persas, de Ésquilo. Para comprovar essa afirmação, salienta que “o mito dava aos gregos o sentido do que era ser grego, pois, por meio dele, confrontavam-se com as bases de sua própria compreensão moral e ética”. A seguir, ressalta que a tragédia tem autoridade porque o poeta trágico está convicto de estar tratando de temas que estão no centro de sua própria compreensão da condição humana.*

Naffah Neto (1998, p. 13) afirma que “o herói trágico aprende, a duras penas, a aceitação do destino como a única forma de poder transcendê-lo”. Jones (1997, p. 315) ressalta que a tragédia grega era uma forma de arte muito ligada ao seu tempo e que cobriu o período de 472 a 406 a.C., passando, nesse período, por diversas transformações.

d. Sófocles nasceu em 496 a.C. e faleceu em 406 a.C. Foi um importante *tragediógrafo* (escritor de tragédias) grego. Destacou-se por sua tragédia *Édipo Rei*, “que conta como Édipo descobriu que havia assassinado o pai e desposado a mãe; e Antígona, que conta como Antígona foi condenada à morte por ter enterrado o irmão, desafiando um édito do rei, seu tio Creonte” (JONES, 1997, p. 381).

e. Trata-se do mito que se refere ao amor e lealdade profundos que podem se desenvolver entre irmãos. Segundo Burke e Sharman-Greene (2001, p. 35), o mito de Antígona nos põe diante de um profundo dilema moral: escolher a lealdade à família ou a opinião da sociedade?

Segundo essas autoras (op. cit., p. 36), a imagem de Antígona chegou aos dias atuais como um símbolo da lealdade diante da morte, pois

(...) trata-se de uma irmã que, longe de invejar o irmão, reconhece a injustiçada sorte que lhe coube e se recusa a compactuar com ela, ainda que isso signifique oferecer sua própria vida. Ela também reconhece os males causados pela falsa autoridade e o horror da crueldade gratuita, e faz o possível para se opor a eles. Seu claro senso de justiça é contagiante, pois, em resposta a seus atos, seu noivo, Hêmon, desobedece ao pai e a salva.

f. Encontramos, no dicionário Aurélio, o seguinte:

Indelével (adj.) – Que não se pode delir.

Delir (v.t.d. e p.) – 1. Apagar(se); 2. desfazer(se).

Então, *indelével* significa: que não se pode apagar.

Não se podem apagar as marcas que Antígona deixou na mente dos espectadores porque era uma contundente (categórica, decisiva) novidade.

Novidade que mostra que a importância assumida pelo indivíduo na arte (no caso, a literatura) é bem maior do que aquela que lhe é reconhecida na sociedade. Antígona era um “tipo”. Sua

dimensão singular precedia sua dimensão significativa universal. A criação de tipos – sempre diferentes uns dos outros – é um dos procedimentos decisivos dos narradores para apreender o novo na realidade social.

g. Primeiramente, o que é dimensão singular? Por dimensão singular (única, particular, especial, local), entende-se que a sua dimensão (extensão, importância) local precedia (antecedia, era anterior a) sua dimensão (importância) significativa universal (comum a todos os homens). A importância local de Antígona era anterior à importância significativa comum a todos os homens, isto é, universal. A criação de tipos (exemplo, modelo, pessoa que reúne singularidades) – sempre diferentes uns dos outros – é um dos procedimentos decisivos dos narradores para apreender (assimilar) o novo na realidade social. O tipo criado por Sófocles é o novo. Em outras palavras, o novo, o inusitado ou o singular é que uma mulher, presa às regras sociais da época, desafiou o poder.

ATIVIDADE FINAL

Leia o trecho seguinte e responda às questões.

Escrever é uma das formas que o sujeito encontra para manifestar poética e prosaicamente o seu existir-no-mundo. Afirma Lispector (1998):

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva, então, é escrever distraidamente.

E é por meio da escrita que se pode concretizar uma das formas de o sujeito se manifestar como educado: educado para o mundo, educado para a vida. Essas afirmações são corroboradas por Hoffmann (2002), sobretudo ao destacar que o produto visível da educação é a escrita. De fato, a vida escolar é recheada intensamente com atividades escritas. São 11 anos de estudos – oito no Ensino Fundamental e três no Ensino Médio – exercitando tal atividade, às vezes, em detrimento de outras atividades de comunicação, como ler, falar e ouvir.

Entretanto, de acordo com os dados do III Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF)¹, do Instituto Paulo Montenegro, 8% da população brasileira, entre 15 e 64 anos, encontram-se na faixa de analfabetismo absoluto. Nessa pesquisa, as pessoas alfabetizadas foram classificadas em três níveis, a saber: no nível 1, 30% da população brasileira, entre 15 e 64 anos, têm habilidade muito baixa, pois só são capazes de localizar informações simples em enunciados com uma só frase, num anúncio ou chamada de capa de revista, por exemplo; no nível 2, encontram-se 37% da população, na mesma faixa etária, com habilidade básica para localizar informações em textos breves (cartas, notícia curta etc.); e, no nível 3, encontram-se 25% com habilidade plena, pois são capazes de ler textos mais longos, localizar mais de uma informação, comparar informações contidas em diferentes textos e estabelecer relações diversas entre eles.

Com esses dados, são revelados não só a desigualdade social expressa na dimensão do conhecimento da língua portuguesa, em que a plena capacidade de leitura e compreensão de textos se torna privilégio, como também o agravamento de uma crise social, justificável pela entrada das tecnologias de informação e comunicação. Tecnologias que, ao introduzirem uma nova linguagem, a digital, e seus diversos recursos informacionais, lançam-nos a um universo de paradoxos e, por vezes, de contradições, tornando-se um revelador de diversas problemáticas.

Em face do exposto, recorremo-nos ao pensar de Montessori (1949, p.153). Para essa autora, somente aquele que escreve possui a linguagem necessária à cultura de nossos tempos, e a linguagem escrita não pode ser considerada apenas como uma matéria de estudo e uma parte da cultura, uma vez que é característica do homem civilizado.

Nesse momento, cremos ser oportuna uma explicação. Segundo Alves (2003, p. 28), explicação é uma palavra de origem latina (*ex-plicare*), derivada do verbo *plicare*, cujo significado é dobrar, antecedida do prefixo, também latino, *ex*, que significa movimento para fora. E acrescenta que “explicar é tirar as dobras onde mora a escuridão, alisar o texto como se alisa o pano com o ferro quente, de forma a eliminar todas as sombras”.

¹ www.ipm.org.br/na_ind_inaf_3.php. O Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa apresentaram, em 8/9/03, os resultados do III INAF. A data foi escolhida por representar o Dia Internacional da Alfabetização.

Após essa explicação, voltemos a Lispector (apud BORELLI, 1981):

A gente escreve como quem ama, ninguém sabe por que ama, a gente não sabe por que escreve. Escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente de solidão.

Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse.

Escrever não é uma tarefa fácil, pois requer habilidade de expressão, domínio de vocabulário, muita leitura, entre outras atividades. E deve ser um exercício constante. Na constância, na prática, o desenvolvimento surge.

Agora, responda às questões. Não inicie a sua resposta com as palavras *sim* ou *não*. Planeje, antes, a frase-núcleo.

a. O que significa escrever para você?

b. Para ser educado para o mundo, é preciso saber escrever?

Agora, sugerimos-lhe que escolha um dos livros listados nas referências e o leia. Rubem Alves (2001) afirma que os livros são iguais à comida. E acrescenta: “O chef prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma semelhante, prova um canapé do livro, antes de se entregar à leitura” (op. cit., p. 49). A nossa sugestão é a seguinte: prove um canapé da relação de livros das referências e complete a leitura nas férias, caso deseje.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos os tipos de leitura, citados por Faulstich (2003, p. 14). Essa autora aponta dois tipos de leitura para que um texto técnico seja bem lido: a leitura informativa e a leitura crítica. Para se fazer a leitura informativa, busca-se respostas a questões específicas. Para tal, propõe a elaboração de uma leitura seletiva, em que o leitor deve procurar no tópico frasal ou na frase-núcleo a palavra-chave, pois é em torno dela que o autor normalmente desenvolve a idéia principal. A seguir, no que tange à leitura crítica, salienta que esta exige uma visão abrangente em torno do assunto que está sendo focalizado. E acrescenta que é preciso que se faça uma pré-leitura do material a ser analisado. Ainda segundo essa autora (op. cit., p. 18), “ler criticamente significa reconhecer a pertinência dos conteúdos apresentados, tendo como base o ponto de vista do autor e a relação entre este e as sentenças-tópico”. É nesse momento, após ter feito a leitura informativa e a leitura crítica, decompondo o texto, que se faz a leitura interpretativa ou cognitiva. Para que se faça uma leitura interpretativa, é preciso ter o total domínio da leitura informativa. Entender um texto é compreender claramente as idéias expressas pelo autor, no intuito de interpretar e ir além dessas idéias, ajustando as informações analisadas no texto com as que o leitor já possui em seu arquivo de conhecimentos.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos uma técnica de reescrita: a paráfrase.

Lendo, compreendendo, parafraseando e produzindo

AULA 20

Meta da aula

Demonstrar a importância da leitura para a reprodução de textos.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- redigir frases interrogativas;
- elaborar entrevistas;
- reescrever textos com as próprias palavras;
- parafrasear textos.

Pré-requisito

Aula 19.

ENTREVISTA COM O AUTOR DO TEXTO

Propomos-lhe, caro aluno(a), uma rápida leitura. Posteriormente, vamos fazer uma entrevista imaginária com o autor do texto.

No entanto, cabe esclarecer, antes, o significado da palavra entrevista.

Encontramos, no dicionário *Aurélio*, a seguinte definição:

“**Entrevista** *sf* 1. Conversa de jornalista com pessoa, de destaque ou não, visando obter declarações, opiniões, para divulgação através dos meios de comunicação; 2. Exame oral de um candidato a emprego, curso etc.”

Leia um trecho da entrevista realizada por Paulo Bearzoti Filho e Carlos Alberto Faraco com Maria Helena Mira Mateus, publicada na revista *Discutindo Língua Portuguesa*. Trata-se de uma entrevista com uma das mais destacadas pesquisadoras de Portugal. Se necessário, consulte o dicionário. Ei-la:

Discutindo Língua Portuguesa – No Brasil, estabeleceu-se, historicamente, uma divisão conflituosa entre o padrão falado e o padrão escrito. Ocorreu o mesmo em Portugal?

Maria Helena Mira Mateus – Em Portugal, se não estivermos a referir-nos ao texto literário, não há um conflito aberto entre o padrão escrito e o falado, embora em ambos possam ocorrer infrações à norma, que são freqüentemente criticadas. Deve, no entanto, lembrar-se de que o uso da internet para comunicação entre jovens está a ter uma certa influência quer na forma escrita (utilização de letras e abreviações não aceites na escrita corrente) quer na linguagem oral. Esta questão ainda não está suficientemente estudada.

DLP – No Brasil, há uma linha de corte entre variedades que constituem o chamado Português popular e as variedades de prestígio. A esse corte estão associadas várias atitudes preconceituosas e de exclusão social que afastam os falantes das variedades sem prestígio. Ocorre algo semelhante em Portugal?

MH – Em Portugal, a distância entre o que se poderia chamar o Português popular (ainda que não se use essa denominação) e as variedades de prestígio não é tão grande como no Brasil. No entanto, é habitual afirmar-se que se encontram “erros” nos meios de comunicação social, sobretudo no discurso dos profissionais, o que, nesse caso, não está ligado a nenhum aspecto de exclusão social, mas ao que se interpreta erradamente como “declínio” da língua. É evidente que as pessoas se distinguem pela forma de utilizar a língua, mas as questões de exclusão social são mais

complexas. Não podemos, por outro lado, esquecer os muitíssimos imigrantes que os tempos recentes trouxeram para Portugal e que têm problemas lingüísticos diferentes.

Eis mais um trecho de entrevista para aprimorar os seus conhecimentos. Esta, também da revista *Discutindo Língua Portuguesa*, foi realizada por Sergio Simka com o lingüista Marcos Bagno, professor da Universidade de Brasília. Se necessário, consulte o dicionário. Leia-a.

Discutindo Língua Portuguesa – Como analisa a linguagem usada na internet? As pessoas estão “desaprendendo” a escrever?

Marcos Bagno – Não, pelo contrário, as pessoas (e principalmente, os jovens) estão escrevendo muito, como nunca antes na história. Além disso, o acesso à internet é uma fonte inesgotável de informação. Em poucos minutos de busca na rede, a gente aprende mais do que em muitas aulas de três horas na escola! É preciso estimular essa escrita, em vez de reprimi-la ou considerá-la um “perigo” para a língua. O fato de ela ser escrita com abreviaturas não significa absolutamente risco nenhum para a língua. Por que tudo que é novo e inusitado na língua é logo analisado em termos apocalípticos, ao contrário das outras inovações que surgem a toda hora?

DLP – Quais são as relações entre língua e poder na nossa sociedade?

MB – São relações que trazem as marcas mais profundas da nossa formação social. Somos uma sociedade essencialmente antidemocrática, oligárquica, elitista e autoritária. Nisso tudo estão incluídos, é claro, o racismo, o machismo, e a homofobia doentios que vigoram entre nós. E isso aparece claramente nas nossas relações lingüísticas. A minoria letrada (essencialmente branca) considera toda maneira diferente de falar como “errada”, muitas vezes as suas próprias maneiras de falar. Isso se deve à tradição autoritária da nossa escola, que ensina “português” como uma língua estrangeira, “difícil”, que nada tem a ver com a língua que o falante já conhece de sua vivência familiar, comunitária.

Segundo Richardson (1999, p. 207), a entrevista é uma técnica fundamental para permitir o desenvolvimento de uma estreita – ou quase estreita, inferimos – relação entre as pessoas. Trata-se de um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de um sujeito A para um sujeito B. Ainda segundo esse autor (op. cit., p. 207), a palavra entrevista é construída a partir de duas palavras, *entre* e *vista*, que se referem, respectivamente, à relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas e ao ato de ver, ter preocupação com algo.

Leia atentamente o texto a seguir.

Ler pode ser uma fonte de alegria. Pode ser. Nem sempre é. Livros são iguais à comida. Há os pratos refinados, como o *caillles au sarcophage*, especialidade de Babette, que começam por dar prazer ao corpo e terminam por dar alegria à alma. E há as gororobas, malcozidas, empelotadas, salgadas, engorduradas, que além de produzir vômito e diarreias no corpo produzem perturbações semelhantes na alma. Assim também os livros. Ler é uma virtude gastronômica: requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos. O *chef* prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma semelhante, prova um canapé do livro antes de se entregar à leitura (ALVES, 2001).

Caillles au sarcophage, palavras de origem francesa, significam “codornas no sarcófago”, uma iguaria preparada pela personagem Babette, do filme *A festa de Babette*. Babette recheava a codorna, já cozida e temperada, e cobria-a com massa folheada, levando a iguaria para assar.

Agora, vamos entrevistar o autor do texto. Elaboramos perguntas para que a resposta seja o texto lido.

Para auxiliá-lo nesta tarefa, elaboramos as questões e respondemo-las.

1. Podemos afirmar que ler é uma fonte de alegria?

Resposta:

Ler pode ser uma fonte de alegria. Pode ser. Nem sempre é.

2. O senhor acredita que os livros são iguais à comida? Por quê?

Resposta:

Livros são iguais à comida. Há os pratos refinados, como o *caillles au sarcophage*, especialidade de Babette, que começam por dar prazer ao corpo e terminam por dar alegria à alma. E há as gororobas, malcozidas, empelotadas, salgadas, engorduradas, que além de produzir vômito e diarreias no corpo produzem perturbações semelhantes na alma. Assim também os livros.

3. Então, o senhor acredita que ler é uma virtude gastronômica?

Resposta:

Ler é uma virtude gastronômica: requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos. O *chef* prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma semelhante, prova um canapé do livro antes de se entregar à leitura.



ATIVIDADE

1. Vamos ler outros textos e entrevistar o(a)/os(as) autor(es)(as). Primeiramente, localize as palavras-chave no texto e consulte o dicionário sempre que necessário. A seguir, inicie a entrevista.

Trecho 1

Certos cientistas vêem o cérebro como um computador e comparam a mente ao seu sistema operacional. Não é de surpreender, portanto, que alguns pais e professores tenham começado a ver a mente das crianças como máquinas programáveis. Nos dias de hoje, a imagem do cérebro como um computador aparece comumente na linguagem cotidiana, tanto nas escolas como em qualquer outro lugar. Habilidades envolvendo computadores são admiradas, em especial porque são vistos como a tecnologia de ponta. A inteligência, portanto, é definida como um tipo de arremedo técnico, através do qual a mente trabalha sincronizada passo a passo com os procedimentos da máquina, enquanto a memória humana torna-se apenas mais um banco de dados. Essa glorificação do raciocínio técnico — a ênfase na capacidade de entender funções técnicas — tem corroído a visão mais ampla do que significa ser educado e começado a diminuir nosso entendimento de como as crianças aprendem. Uma educação em ciências humanas, por exemplo, consiste em muito mais do que a aquisição de informação e técnicas. A palavra educação é derivada do latim *educare*, que significa conduzir. Sócrates acreditava que o papel do professor era o de extrair do aluno a consciência, o esclarecimento e o conhecimento que dissipariam a ignorância e conduziram a uma clareza de pensamento. Em outras palavras, educação significa o desenvolvimento de uma certa estrutura mental, um pensamento meditativo baseado no autoconhecimento e na observação cuidadosa do mundo. Isso é muito diferente de moldar mentes jovens para que funcionem como máquinas (ARMSTRONG, 2001).

a) Palavras-chave:

b) Localize o significado das seguintes palavras no dicionário:

arremedo sincronizada ênfase corroído dissipariam

c) Elabore três perguntas para o autor do texto de modo que a resposta esteja no texto lido.

?

?

?

Trecho 2

Inicialmente, é preciso reconhecer que, qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional, empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apóia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade. Essas duas linguagens podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e a cada uma delas correspondem dois estados. O primeiro, também chamado de prosaico, no qual nos esforçamos por perceber, raciocinar, e que é o estado que cobre uma grande parte de nossa vida cotidiana. O segundo estado, que se pode chamar justamente de estado segundo, é o estado poético” (MORIN, 1998).

a) Palavras-chave:

b) Localize o significado das seguintes palavras no dicionário:

empírica	mítica	denotar	objetivar	conotação	analogia
metáfora	halo	subjetivo			

c) Elabore somente uma questão para o autor do texto. Lembre-se de que a resposta à pergunta deve ser o próprio texto.

?

RESPOSTAS COMENTADAS

Trecho 1

a) Palavras-chave: *cérebro, computador, educação.*

b) De acordo com o dicionário Aurélio:

Arremedo: cópia, imitação.

Sincronizada: combinada (ações ou exercícios) para o mesmo tempo.

Ênfase: relevo ou destaque especial.

Corroído: consumido.

Dissipariam: espalhariam, dispersariam; desapareceriam.

c) • Como certos cientistas vêem o cérebro e a que o comparam?

• Como é definida a inteligência?

• Qual o papel do professor na concepção de Sócrates?

Trecho 2

a) *Palavras-chave: linguagens, prosaico, poético.*

b) *De acordo com o dicionário Aurélio:*

Empírica: baseada na experiência.

Mito: 1. Relato sobre seres e acontecimentos imaginários acerca dos primeiros tempos ou de épocas heróicas; 2. Narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo, e considerada verdadeira por ele.; 3. Idéia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela; 4. Pessoa, fato ou coisa real valorizados pela imaginação popular, pela tradição etc.; 5. Fig. Coisa ou pessoa fictícia, irreal.

Mítica: relativa a mito.

Denotar: 1. Revelar por meio de notas ou sinais; fazer ver; indicar; 2. Significar, exprimir, simbolizar.

Objetivar: 1. Tornar objetivo; 2. Ter por fim, pretender.

Conotação: 1. Relação que se nota entre duas ou mais coisas; 2. Sentido translato, ou subentendido, às vezes de teor subjetivo, que uma palavra ou expressão pode apresentar paralelamente à acepção em que é empregada.

Analogia: 1. Ponto de semelhança entre coisas diferentes; 2. Semelhança.

Metáfora: Tropo em que a significação natural duma palavra é substituída por outra com quem tem relação de semelhança. [Por metáfora, chama-se raposa a uma pessoa astuta.]

Halo: 1. Círculo luminoso que, às vezes, é visto ao redor do Sol, da Lua etc. [Auréola: brilho ou esplendor moral, prestígio, glória.]

Subjetivo: 1. Do, ou existente no sujeito; 2. Individual, pessoal.

c) *Qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua? Justifique a sua resposta.*

Você percebeu que, ao elaborar questões para o autor, você estabeleceu um diálogo, conversou com o autor do texto. E quando há diálogo, entra em ação uma importante atividade de comunicação: o ato de ouvir. Queremos dizer que, ao elaborar a questão, você ouviu o autor.

E, ouvindo o que foi lido, poderá desenvolver outra importante atividade de comunicação: escrever.

Escrever não é uma tarefa fácil, pois requer habilidade de expressão, domínio de vocabulário, muita leitura, entre outras atividades. E deve ser um exercício constante. Na constância, na prática, o desenvolvimento surge.

Após termos realizado uma leitura informativa, uma leitura crítica e uma leitura interpretativa, é chegado o momento de anotar no caderno ou digitar na tela do computador as idéias sobre o texto.

Primeiramente, vamos estudar uma técnica em que registraremos somente as idéias do autor, contidas no texto, isto é, vamos “ouvir” somente a voz do autor.

Essa técnica é chamada de paráfrase. Parafrasear não significa plagiar, pois o autor da paráfrase, ao citar o nome de outros escritores, está mostrando que se trata realmente de uma paráfrase. Em resumo, não está fazendo algo às escondidas ou tentando tornar-se proprietário do pensar dos outros.

Veja dois exemplos:

Exemplo 1

Como foi bem lembrado por Chartier (1998, p. 17), autores não escrevem livros, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados (SANTAELLA, 2004).

Observe que Santaella cita Chartier e informa o local onde você encontra esse trecho, isto é, na página 17 do livro de Roger Chartier, de 1998, citado nas referências bibliográficas. Consultando as referências, encontramos o seguinte: (CHARTIER, 1998).

Exemplo 2

Temos, diante de nós, uma questão preliminar: o que é um romance?

O romance, como gênero literário, existe desde a mais remota antiguidade, como sustenta Mikhail Bakhtin? Ou é uma criação recente, um tipo de narração que expressa a ascensão da burguesia e o processo da organização e da consolidação da sociedade capitalista, como afirma George Lukács?

As duas leituras são razoáveis, podem ser sustentadas com bons argumentos. Bakhtin (1996) afirma que determinados escritos antigos podem ser classificados como romances, e, em todo caso, não deveriam ser ignorados pelos estudiosos da história

do romance. E Lukács (2000) retruca que, ainda que venha a ser reconhecida a classificação desses escritos como romances, eram fenômenos isolados, não havia nenhuma continuidade no aparecimento deles, ou seja: não compunham uma história (KONDER, 2005).

Para elaborar o seu pensamento sobre o significado do romance, o filósofo Leandro Konder, um dos mais lúcidos pensadores do nosso país, leu Bakhtin e Lukács. Encontramos nas referências bibliográficas o seguinte:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética em Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Releia o trecho a seguir. Agora, vamos parafraseá-lo.

“Ler pode ser uma fonte de alegria. Pode ser. Nem sempre é. Livros são iguais à comida. Há os pratos refinados, como o *caillies au sarcophage*, especialidade de Babette, que começam por dar prazer ao corpo e terminam por dar alegria à alma. E há as gororobas, malcozidas, empelotadas, salgadas, engorduradas, que além de produzir vômito e diarreia no corpo produzem perturbações semelhantes na alma. Assim também os livros. Ler é uma virtude gastronômica: requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos. O *chef* prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma semelhante, prova um canapé do livro antes de se entregar à leitura” (ALVES, 2001, p. 49).

Você poderá iniciar a sua paráfrase da seguinte maneira:

De acordo com Alves (2001, p. 49),

Segundo Alves (2001, p. 49),

Para Alves (2001, p. 49),

Entre parênteses, mencione o ano em que a obra foi editada ou reeditada e a página em que se encontra o trecho. A seguir, informe o que o autor afirma ou aponta ou ressalta. Utilize o verbo adequado. Eis alguns: analisar, refletir sobre, comparar, distinguir, apontar, afirmar, salientar, ressaltar, questionar, informar, entre outros.

Vejamos:

De acordo com Alves (2001, p. 49), ler pode ou não ser uma fonte de alegria.

Indique a página com a abreviatura *p.* somente. É mais usada essa abreviatura.

A partir desta primeira frase, não mais repita o nome do autor, tampouco o chame de “*ele*”, chame-o de “esse autor”. Você poderá repetir o nome do autor caso mude de página ou caso coloque o nome de outro autor logo a seguir. Se isso não ocorrer, continue a reescritura do texto, tendo o cuidado de verificar de quem é a voz que faz tais afirmações todo o tempo. E também não utilize mais de uma vez a expressão “esse autor” durante a execução do trabalho.

Continuemos!

De acordo com Alves (2001, p. 49), ler pode ou não ser uma fonte de alegria. Esse autor salienta que os livros são iguais à comida e, para provar tal afirmação, compara os pratos refinados e os não refinados aos livros, argumentando que, se o alimento não for bom, causará mal-estar no corpo e na alma; da mesma forma, se o livro não for bom, causará sensações semelhantes às provocadas por tal alimento. E conclui que ler é uma virtude gastronômica, pois demanda uma educação da sensibilidade, sugerindo que o leitor cuidadoso deve provar um pouco do livro antes de lê-lo, assim como o *chef* de cozinha prova o alimento antes de servi-lo.

Prezado(a) aluno(a), é preciso compreender que não se trata de um modelo o trecho parafraseado. Trata-se de uma entre as possíveis leituras.

Vamos conferir se há presença da voz do autor no texto parafraseado, respondendo às perguntas a seguir:

1. Quem *afirma* que ler pode ou não ser uma fonte de alegria?
2. Quem *salienta* que os livros são iguais à comida?
3. Quem *compara* os pratos refinados e os não refinados aos livros?
4. Quem *conclui* que ler é uma virtude gastronômica?
5. Quem *sugere* que o leitor cuidadoso deve provar um pouco do livro antes de lê-lo?

A resposta a tais questões deve ser sempre: Alves, o autor.

Repetimos que não é de bom tom chamar o autor somente pelo primeiro nome (ou chamá-lo de *ele*), a não ser que este seja uma pessoa do seu convívio.

Observe que você pode, também, iniciar a sua paráfrase com o nome do autor. Vejamos:

Alves (2001, p. 49) afirma que ler pode ou não ser uma fonte de alegria.

(Observe que, neste caso, não há vírgula separando o nome do autor e o verbo afirmar.)

Observe, também, que, após o nome de Alves (o autor), você deverá colocar um verbo que exprima a ação realizada. Assim,

Alves (2001, p. 49) afirma..... (o quê?)

Alves (2001, p. 49) analisa..... (o quê?)

Alves (2001, p. 49) descreve..... (o quê?)

Alves (2001, p. 49) reflete sobre..... (o quê?)

Alves (2001, p. 49) salienta..... (o quê?)

Alves (2001, p. 49) ressalta (o quê?)

Alves (2001, p. 49) critica (o quê?)

Alves (2001, p. 49) compara (o que com o quê?), entre outras ações.

Para corroborar o que afirmamos até o momento, apresentamos-lhe a definição de Othon Garcia sobre o termo paráfrase.

Segundo Garcia (1992, p. 185),

(...) a paráfrase corresponde a uma espécie de tradução dentro da própria língua, em que se diz, de maneira mais clara, num texto B, o que contém um texto A, sem comentários marginais, sem nada acrescentar e sem nada omitir do que seja essencial, tudo feito com outros torneios de frase e, tanto quanto possível, com outras palavras, e de tal forma que a nova versão — que pode ser sucinta sem deixar de ser fiel — evidencie o pleno entendimento do texto original.

A seguir, apresentamos-lhe trechos de algumas obras, para que você elabore paráfrases.

Primeiramente, deixe perto de você um dicionário. Grife as palavras desconhecidas e procure pelo seu significado no dicionário. Dialogue com o(s)/a(s) autor(es) (as) dos textos, conforme as informações já lidas. Ouça-o(s)/a(as). Assinale as palavras-chave. Após ter realizado essa tarefa, leia a nossa sugestão, para que você possa dar continuidade a esta atividade. Como desejamos que você realize essa tarefa com base nas informações anteriores, não colocamos, propositadamente, sugestões em algumas atividades. Ademais, perceba que os textos vão ao encontro de idéias que, possivelmente, poderão contribuir para a sua formação profissional.

Ao trabalho!

ATIVIDADES



2. Leia o trecho a seguir. Elabore uma paráfrase, em 20 linhas, no máximo. Não se esqueça de citar os nomes das autoras, o ano em que foi publicada a obra e a página em que se encontra o trecho parafraseado. Você encontrará esses dados na referência, logo após o texto.

Tipos de violência

Nem sempre é fácil identificar a violência. Por exemplo, uma cirurgia não constitui violência, primeiro porque visa ao bem do paciente, depois porque é feita com o consentimento do doente. Mas certamente será violência se a operação for realizada sem necessidade ou se o paciente for usado como cobaia de experimento científico sem a devida autorização.

Mas, se o motorista causador de um acidente alegar que não foi violento por não ter causado prejuízo voluntariamente, é preciso verificar se não houve descuido ou omissão da parte dele. Afinal, a violência passiva ocorre toda vez que deixamos de fazer determinadas ações cujo cumprimento seria necessário para salvar vidas ou evitar sofrimentos. É nesse sentido que podemos lastimar os altos índices de acidentes de trabalho apontados no Brasil pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Outras vezes, estamos diante da violência indireta. Por exemplo, se sabemos que o clorofluorcarbono (CFC) destrói a camada de ozônio da Terra e com isso provoca câncer de pele, usar um desodorante *spray* contendo CFC significa agressão não só aos contemporâneos, como também às gerações futuras.

Há situações em que não existe violência física, mas outro tipo de violência, de natureza psicológica. Por exemplo, não existe violência quando tentamos superar as contradições e conflitos convencendo, por meio da persuasão, os que pensam de maneira diferente da

nossa. No entanto, existe violência quando, mesmo sem usar o chicote ou a palmatória, o pai ou o professor exigem o comportamento desejado, doutrinando as crianças, impondo valores e dobrando-as para a obediência cega e aceitação passiva da autoridade. Nesse caso, embora não haja violência física, existe violência simbólica, já que a força que se exerce é de natureza psicológica e atua sobre a consciência, exigindo a adesão irrefletida, que só aparentemente é voluntária.

Ocorre violência simbólica também nos casos em que um candidato a cargo público distorce informações para conseguir votos, quando a imprensa manipula a opinião pública ou ainda quando o governo usa propaganda e *slogans* para ocultar seus desmandos. Enfim, constitui violência simbólica toda manipulação ideológica que obriga a adesão sem crítica das consciências e das vontades. O manipulador dirige, molda as formas de pensar e agir de maneira que o manipulado acredita estar pensando e agindo por livre vontade. Portanto, a violência existe, mas não se apresenta como tal.

Nem sempre a violência “salta à vista”, não sendo claramente percebida. Às vezes, não é possível se conhecer o agente causador, outras vezes a ação não é prevista nem nos códigos penais, e, portanto, a tendência é não reconhecê-la como violência propriamente dita. Por exemplo, a existência da pobreza parece ser consequência inevitável de uma certa ordem natural que comanda as relações entre os homens. Haveria, então, pessoas pobres ou países subdesenvolvidos devido à incompetência, ao descuido ou à fatalidade: “afinal, sempre foi assim...”, é o que se costuma dizer. Porém, na raiz desses problemas encontramos a violência da desigualdade social decorrente da injusta repartição das tarefas e dos privilégios que levam ao irregular aproveitamento dos bens produzidos pela comunidade. Nesse sentido, é violência a fome crônica em amplas regiões do mundo como resultado do planejamento econômico que visa, em primeiro lugar, ao interesse dos negócios. É também violência a criança permanecer fora da escola, privando-a de educação e do saber acumulado pela sociedade em que vive, porque precisa trabalhar, ou por outros motivos decorrentes dos desfavorecimentos da classe a que pertence.

Chamamos de violência branca a esse tipo de privação, devido ao fato de não ser sangrenta (vermelha). Mas nem por isso pode ser considerada menos cruel (ARANHA, 1992, p. 171).

Sugestão:

Primeiramente, leia todo o texto.

Responda:

- a. Sobre qual assunto as autoras construíram o texto?
- b. Como esse assunto foi delimitado?

c. Qual é o objetivo das autoras ao escrever sobre esse assunto?

Nesse momento, após responder às perguntas, você está começando a refletir sobre o assunto e iniciando um diálogo com as autoras.

Observe que o assunto é violência.

Tal assunto foi delimitado assim: os tipos de violência.

O objetivo das autoras foi o de identificar, exemplificando, os tipos de violência.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

3. Leia o trecho a seguir. Elabore uma paráfrase. Mais uma vez, lembramos a necessidade de você citar o nome da autora, o ano em que foi publicada a obra e a página em que se encontra o trecho parafraseado. Você encontrará esses dados na referência bibliográfica após o texto.

Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais. Um ensino de língua materna que pretenda caminhar na direção desse objetivo tem de partir da compreensão das condições sociais e econômicas que explicam o prestígio atribuído a uma variedade lingüística em detrimento de outras, tem de levar o aluno a perceber

o lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais, econômicas e lingüísticas, e a compreender as razões por que esse dialeto é socialmente estigmatizado; tem de apresentar as razões para levar o aluno a aprender um dialeto que não é o do seu grupo social e propor-lhe um bidialeto, não para a sua adaptação, mas para a transformação de suas condições de marginalidade (SOARES, 1999, p. 78).

4. Elabore uma paráfrase do texto a seguir. Alertamos, mais uma vez, sobre a necessidade de você citar o nome da autor, o ano em que foi publicada a obra e a página em que se encontra o trecho parafraseado. Você encontrará esses dados na referência bibliográfica após o texto. No entanto, cabe lembrar que o autor do texto é Aguiton. O artigo “Uma estratégia para novos tempos” se encontra no livro *O outro Davos: mundialização de resistências e de lutas*, coordenados por Houtart e Polet.

O que caracteriza o neoliberalismo é a falta de consideração para com as relações sociais. O mercado é apresentado como autorregulamentador de todos os processos sociais. A mão invisível produz um equilíbrio geral, sob a condição de deixar as leis do mercado funcionarem livremente (leis naturais da economia). As políticas de ajuste estrutural são consideradas liberadoras da economia e comportam as privatizações, a abertura dos mercados, a desregulamentação do trabalho, etc. Tudo isso é pensado em um vazio social, sem levar em conta o peso relativo dos grupos sociais. As pessoas se surpreendem, enquanto os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres, como se se tratasse de um acidente de percurso que se poderia remediar por medidas passageiras, ao passo que se trata da própria lógica do sistema (AGUITON, 2002, p. 71).

COMENTÁRIOS

Apresentamos-lhe, a seguir, possíveis leituras. Vale lembrar que você deverá, após realizar o seu trabalho, verificar a “voz” do autor. Em outras palavras, você deverá verificar quem faz as afirmações. Após cada ponto final, realize essa tarefa. Assim:

Quem salienta? Quem ressalta? Quem afirma? Quem aponta? Quem informa? Quem conclui? A resposta deverá sempre ser: o autor do texto. A sua resposta poderá estar, provavelmente, diferente da resposta apresentada, porém, deverá estar próxima da leitura que fizemos.

Veja, agora, as possíveis leituras dos três trechos apresentados e compare com o seu trabalho.

2. Aranha e Martins (1992, p. 171) afirmam que nem sempre é fácil identificar a violência e apontam tipos de violência, a saber: passiva, indireta, simbólica e branca.

Para essas autoras, a violência passiva é aquela que ocorre quando deixamos de fazer algo, cujo cumprimento seria necessário para salvar vidas ou evitar sofrimentos.

Quanto à violência indireta, essas autoras ressaltam que se trata daquela que ocorre quando não pensamos nas consequências futuras de determinadas ações e exemplificam com o uso de desodorante spray, que contém clorofluorcarbono (CFC), que agride a natureza.

No que tange à violência simbólica, de natureza psicológica, afirmam que surge quando se exige do outro uma adesão irrefletida, com a imposição de valores, de obediência cega e aceitação passiva da autoridade.

No que se refere à violência branca, ressaltam que se trata daquela em que há privação de participação. Exemplificam com o fato de haver fome crônica no mundo e com a não-inclusão de crianças na escola. Concluem que, embora não seja sangrenta, esse tipo de violência também não deixa de ser cruel.

3. Para Soares (1999, p. 78), um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades, tanto sociais como econômicas, deve reconhecer o direito, no âmbito das relações entre a escola e a sociedade, de as camadas populares se apropriarem do dialeto que tem prestígio social. Ainda segundo essa autora (op. cit., p. 78), tal ensino com compromisso deve ter como objetivo levar os alunos dessas camadas a ter o domínio desse dialeto de prestígio. Adverte que não se trata de efetuar uma adaptação às exigências dessa sociedade que divide e discrimina. Deve, sim, adquirir um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais – complementa. Para efetivar tal ensino, com comprometimento, salienta, deve-se partir da compreensão das condições sociais e econômicas, pois essas explicam o prestígio atribuído a uma variedade lingüística em detrimento de outras. Ressalta, ainda, que tal ensino deve levar o aluno a ter percepção do lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais, econômicas e lingüísticas e, a seguir, entender os motivos pelos quais esse dialeto é socialmente estigmatizado. Enfim, conclui que, para a efetivação desse ensino, esses motivos devem ser apresentados, a fim de levar o aluno a aprender outro dialeto, além do de seu grupo social, propondo-lhe um bidialetarismo para a transformação de suas condições de marginalidade e não, simplesmente, para a sua adaptação.

4. Segundo Aguiton (2002, p. 71), o neoliberalismo é caracterizado pela ausência de consideração para com as relações sociais, haja vista que o mercado é apresentado como auto-regulamentador de todos os processos sociais. Para esse autor, tal sistema aparenta promover, invisivelmente, um equilíbrio geral, permitindo que as leis de mercado funcionem livremente; esse autor salienta que as políticas de ajuste estrutural são consideradas liberadoras da economia e comportam as privatizações, a abertura dos mercados, a desregulamentação do trabalho, entre outros; entretanto, tudo isso é pensado num vazio social. Em face disso, ressalta que as pessoas ainda se surpreendem ao verem que os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres, como se esse fato fosse acidente de percurso, e não a lógica de tal sistema.

ATIVIDADE FINAL

Elabore uma paráfrase dos trechos a seguir, resumidamente, em um único parágrafo, e utilize, adequadamente, verbos como: destacar, analisar, refletir sobre, afirmar, salientar, ressaltar, informar etc. Não se esqueça de citar a fonte.

A referência bibliográfica se encontra após o texto.

Não forneceremos as respostas completas, possíveis leituras para esses trechos. Entretanto, indicaremos como você deverá iniciar o seu trabalho e como deverá verificar a voz do autor ao terminar a sua tarefa. Sugerimos que você contate a tutoria presencial ou a distância para solucionar possíveis dúvidas. Ao trabalho!

Trecho 1

[...] o amor é o convite para sair de si mesmo. Se a pessoa estiver muito centrada nela mesma, não será capaz de ouvir o apelo do outro. É isso que acontece com a criança que procura com naturalidade quem melhor preencha suas necessidades. Mas quando esse procedimento continua na vida adulta, torna-se impedimento do encontro verdadeiro. Basta lembrar a lenda de Narciso, que, ao contemplar seu rosto refletido na água, apaixona-se por si próprio, o que causa sua morte, pois esquece de se alimentar, tão envolvido se encontra com a própria imagem inatingível. O “narcisista” morre na medida em que torna impossível a ligação fecunda com o outro.

O egocentrismo persiste na adolescência, como momento de passagem da vida infantil para a vida adulta. Por isso, o adolescente, muitas vezes, não ama propriamente o outro, ser de carne e osso, mas ama o amor. Trata-se do amor idealizado, romântico, em parte, fruto do medo de lançar-se nas contradições do exercício efetivo do amor.

O exercício do amor é conquista da maturidade (ARANHA, 1995, p. 320).

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Trecho 2

Temos mais de 98 por cento de nossos genes em comum com os chimpanzés; transpiramos líquidos que fazem lembrar a água do mar e ansiamos pelo açúcar que deu energia a nossos ancestrais, três bilhões de anos antes de se desenvolver a primeira estação espacial. Carregamos nosso passado conosco (MARGULIS, 2002, p. 227).

Antes de iniciar a próxima paráfrase, fornecemos mais informações sobre os termos utilizados pela autora, que é considerada uma excelente leitora de Sigmund Freud, por meio de outro texto, que poderá esclarecer as suas dúvidas. Siga as orientações das aulas anteriores: grife as palavras-chave, entreviste o autor e consulte o dicionário. Acreditamos que essa é uma das formas de construir conhecimentos. Lembre-se de que o sentido que damos a um texto pode depender do conhecimento de outros textos com os quais ele se relaciona. Ei-lo:

Em 1913, Freud dividiu teoricamente a psique humana em três porções: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Estes sistemas se integram e afetam um ao outro; o equilíbrio psicológico depende da harmonia energética entre eles. Ao nascer, o ser humano é apenas uma massa de desejos biológicos cegos: comer, beber, dormir, movimentar-se e reduzir a dor a um mínimo. Os instintos fisiológicos exigem satisfação imediata e a pequena atividade mental é destinada a satisfazer o corpo. A maneira ávida, egoísta, infantil, socialmente não realista de comportamento chama-se “processo primário”, que obedece ao princípio do prazer e é a base fundamental da expressão do ID-inconsciente. O ID, porção primitiva, é o reservatório da energia psíquica que se choca por pulsões contraditórias como o amor e o ódio. É chamado de *porção suja* da personalidade, pois abrange as mais diversas tendências humanas. O ID age impulsionando o comportamento no sentido do imediatismo e, quando frustrado, redobra sua energia negativa, manifesta em agressividade. É responsável pelos atos impulsivos sobre os quais o indivíduo tem pouco ou nenhum controle.

Com a maturação, o desenvolvimento da linguagem e experiências que diferem o “eu” do mundo, a criança assimila parte da realidade externa e, com isto, destaca-se o EGO, razoavelmente consciente, que, quando sadio, possui lógica. É o executivo da personalidade, nossa máscara externa e pública que desenvolve um sistema de padrões para lidar com as exigências e sanções sociais. O EGO é a sede dos conflitos psicológicos, pois é o mediador entre as necessidades primitivas do ID (sexo, agressão, etc.) e as pressões moralizantes do SUPEREGO. O EGO deve satisfazer as necessidades do ID, mas levando em consideração a realidade externa repleta de convenções.

As normas e as sanções morais formam a estrutura do SUPEREGO, censor da personalidade que pressiona o EGO no sentido da moralidade e dos bons costumes.

Esses três constructos teóricos e abstratos não são delimitados rigidamente, podendo flutuar ao nível de consciência ou inconsciência, de acordo com as situações e circunstâncias. Entre o jogo de forças antagônicas situa-se o que Freud chamou de pré-consciência ou subconsciente. O conteúdo do pré-consciente é formado por desejos violentos e reprimidos, cuja força energética impulsiona-nos para a ação real. Por exemplo, o homem casado, pai de filhos, conhecido como honrado e honesto, sente-se profundamente atraído pela linda vizinha, também casada e mãe. O medo de ser descoberto e recriminado poderá provocar sonhos eróticos com uma mulher desconhecida, cujo rosto não consegue ver. Este sonho é um dos elementos de seu pré-consciente (TISKI-FRANCKOWIAK, 2000, p. 25-26).

Trecho 3

Sob pressão excessiva dos impulsos e desejos inconscientes, como frustrações, inveja, ódio, sexo, etc., o EGO adota medidas extremas, que são chamadas de mecanismos de defesa, para aliviar a tensão ou culpa. São formas simbólicas ou fantasiosas de resolver os conflitos psicológicos e reduzir a ansiedade. Na maioria das vezes, as defesas distorcem, negam e falsificam a realidade. O EGO engendra formas substitutas de agir e pensar, desloca energia, transfere interesse de um objeto para outro, a fim de satisfazer o ID frustrado e o SUPEREGO moralizador.

A identificação, um desses mecanismos, é a associação de uma representação mental com a realidade física; daquilo que está na mente com aquilo que se encontra no mundo externo. É também um método pelo qual a pessoa recupera o objeto perdido por meio da fantasia. [...] Uma pessoa pode identificar-se com um ídolo, com um símbolo ou mito público ou com uma pessoa mais forte e proeminente, por medo, complexo de inferioridade, desejo de auto-afirmar-se, ser melhor e pertencer ao grupo de fãs, por exemplo. Este mecanismo é muito comum nas crianças, adolescentes e adultos inseguros e inferiorizados. Isto justifica o grande sucesso dos mitos infantis, como Xuxa e Menudos. O jovem, ao imitar os comportamentos, gestos, modos de vestir de seu ídolo, passa fantasiosamente a ser igual, a ter sucesso, ser amado e admirado. Além do mais, faz parte de todo o grupo que admira tais mitos.

A estrutura final da personalidade representa a acumulação de numerosas identificações em vários períodos da vida, embora o pai e a mãe sejam as figuras de identificação mais importantes.

A racionalização é, talvez, o mecanismo mais correntemente usado, pois serve para justificar e desculpar a impontualidade, as falhas, as gafes, a incompetência, a preguiça, enfim, tudo aquilo que não aceitamos em nós mesmos. É a elaboração de desculpas para esconder o real motivo de um comportamento. Este mecanismo de defesa estende-se das pequeninas mentiras, como cheguei tarde porque o pneu furou, até as mortes fictícias de parentes (a avó, que já morreu há vinte anos, está morrendo sempre que a situação exige uma justificativa destas). O aluno que tira notas baixas e não admite sua insuficiência na aprendizagem ou no processo de estudos culpa os professores, as instituições de ensino etc.

No âmbito mais geral, até mesmo países (Brasil) podem culpar os estrangeiros ou a crise internacional por seus fracassos econômicos. O sujeito rejeitado pela bela garota passa a dizer que não a quer mais e que rompeu o namoro, pois ela é feia e burra. Ou aquele que bebeu demais na festa e cheio de culpa se justifica: todos estavam bebendo. O mecanismo de defesa de racionalização tem por finalidade, nestes casos, evitar que o indivíduo enlouqueça e agrave suas culpas, inferioridade e inadequações do dia-a-dia.

O mecanismo de defesa de negação é também uma defesa muito comum contra conflitos e situações com as quais não sabemos lidar ou não podemos encarar. É uma tentativa do ego de expulsar da consciência aquilo que causa dor ou angústia. A negação é freqüente em casos de acidentes trágicos, em que o sobrevivente não se lembra de nada, em casos em que a mulher se nega a crer que o marido a traía com outra, em casos em que a mãe se recusa a acreditar que seu amado filho é viciado em drogas ou é culpado de qualquer outro delito, pois ele é tão bom, foi tão bem criado.

A formação reativa manifesta-se pelas formas extremas e exageradas de comportamentos não elásticos que indicam vigilância e protesto contra impulsos não aceitos socialmente. O machismo acentuado pode ser uma substituição, na consciência, de tendências homossexuais. O moralismo crítico pode ser um disfarce para as perversões e a luxúria. O sujeito que, morrendo de medo, passa assobiando ou cantando à meia-noite na frente do cemitério está reagindo contra sua sensação de medo. [...]

O mecanismo de defesa projeção deu origem aos chamados testes projetivos, pois os seres humanos têm a tendência de projetar suas necessidades, conflitos, ódios, em outras pessoas, situações e naquilo que vêem, fazem,

escrevem, pintam ou desenharam. A mulher que vê em todo homem um conquistador de mulheres indefesas pode estar querendo que isso aconteça com ela. Projeta, dessa maneira, seu desejo de ser amada e conquistada. É o caso de todo apaixonado supor ser correspondido e ver sinais nos gestos e olhares de outras pessoas. Uma criança, ao desenhar sua família dentro de uma cerca, pode estar projetando o desejo de mantê-la unida.

A compensação é um mecanismo que tem por finalidade suprir as carências psicológicas ou deficiências que mortificam a pessoa. São as costumeiras terapias de supermercado, em que o sujeito compra tudo o que pode — e o que não pode —, abarrotando o carrinho de futilidades por estar angustiado naquele dia. Aquela que se sente feia e mal amada toma banho de loja, muda o penteado, veste-se segundo o último grito da moda, compensando, assim, seu sentimento de inadequação. O pai, frustrado por não ter podido estudar, empenha todos os seus esforços para que os filhos o façam.

[...]O deslocamento é uma reação de fuga frente a um perigo difícil de enfrentar, pelas suas conseqüências, e o emprego da mesma energia em outro objeto perigoso. O homem humilhado por seu patrão pode chegar a sua casa e bater na mulher, pois esta oferece menores conseqüências para o seu ato. Aquele que brigou com o vizinho pode chutar-lhe o cachorro, pois este não poderá contar o ocorrido.

[...] Como vimos, pelos parâmetros freudianos, torna-se difícil estabelecer o que é normalidade no comportamento do ser humano, pois para quase tudo há um motivo oculto. Contudo, estes mecanismos, desde que não exagerados, ajudam — mesmo que falsamente — a adaptação do indivíduo aos seus conflitos.

Os mecanismos de defesa podem atuar em conjunto (...), mas se pode fazer uso de alguns mais freqüentemente do que os outros. Isto vai depender dos resultados obtidos durante o processo maturacional (TISKI-FRANCKOWIAK, 2000, p. 27-28).

Trecho 4

Em todos os países, independentemente de raças, credos ou sistemas políticos, a Matemática faz parte dos currículos desde os primeiros anos de escolaridade ao lado da Língua Materna. Há um razoável consenso com relação ao fato de que ninguém pode prescindir completamente da Matemática e, sem ela, é como se alfabetização não se tivesse completado.

Há, porém, um fato notável de natureza surpreendente: mesmo no tempo em que se dizia que as pessoas iam à escola para aprender a ler, escrever e contar, o ensino de Matemática e o da Língua Materna nunca se articularam para uma ação conjunta, nunca explicitaram senão relações triviais de interdependência. É como se as duas disciplinas, apesar da longa convivência sob o mesmo teto — a escola —, permanecessem estranhas uma à outra, cada uma tentando realizar sua tarefa isoladamente ou restringindo ao mínimo as possibilidades de interações intencionais.

Quando se observa que os elementos constituintes dos dois sistemas fundamentais para a representação da realidade — o alfabeto e os números — são aprendidos conjuntamente pelas pessoas em geral, mesmo antes de chegarem à escola, sem distinções rígidas de fronteiras entre disciplinas ou entre aspectos qualitativos e quantitativos da realidade, tal ausência de interação causa estranheza.

Naturalmente, mesmo as tentativas mais singelas de iniciação à Matemática pressupõem um conhecimento de Língua Materna, ao menos em sua forma oral, o que é essencial para a compreensão do significado dos objetos envolvidos ou das instruções para a ação sobre elas. Tal dependência da Matemática em relação à Língua Materna não passa, no entanto, de uma trivialidade, com a agravante de ser inespecífica, uma vez que se aplica igualmente a qualquer outro assunto que se pretenda ensinar.

Por outro lado, partindo do fato de que a Língua Materna é imprecisa, freqüentemente de caráter polissêmico, é comum pretender-se que a Matemática represente para a Ciência o papel de uma linguagem precisa, depurada de ambigüidades. Assim, a aprendizagem da Matemática não viria simplesmente a reboque da Língua Materna, mas constituiria, em certo sentido, uma superação dessa linguagem. A insuficiência para a Ciência tornaria a Língua Materna dependente da Matemática em questões relativas a aspectos quantitativos da realidade ou que demandem precisão terminológica. Visto desta forma, a relação que se estabelece entre os dois aprendizados apresenta-se excessivamente simplificada e apenas tangencia o cerne do problema da interação entre as duas disciplinas. Na verdade, dizer-se que a sombra depende da luz pouco contribui para a compreensão do real significado de uma e de outra: saber lidar com o claro e o escuro na construção de uma imagem é o que efetivamente importa, e o excesso de luz pode ter o mesmo efeito da obscuridade. Existem, no entanto, fecundas relações de interdependência entre essas duas disciplinas, que carecem de uma exploração conseqüente, tendo em vista o ensino de ambas (MACHADO, 2001. p. 15).

Trecho 5

Complementando as discussões sobre o ensino de redação, aponto algumas questões que, no meu entender, necessitam ainda de maior atenção nas escolas:

- a escassez de oportunidades que se oferecem aos alunos relativamente à expressão da escrita de suas idéias em todas as disciplinas;
- o não-comprometimento das várias disciplinas em trabalhar questões referentes à língua escrita, embora haja a percepção da falta de clareza e coerência na escrita dos alunos;
- a prioridade aos procedimentos de correção de textos elaborados pelos alunos desde as séries iniciais, priorizando-se a retificação das questões ortográficas e gramaticais, em detrimento à reflexão sobre questões de sentido, oriundas do mau uso dos recursos lingüísticos;
- a desarticulação entre as propostas pedagógicas desenvolvidas e as dificuldades que os alunos apresentam em termos de produção de textos;
- o não-acompanhamento da evolução do estudante em relações sucessivas, analisando-se textos esporádicos dos alunos, sem articulá-los ao conjunto de suas produções;
- a formalização excessiva das tarefas de produção de textos, sugerindo-se temas, roteiros, tamanho em linhas, formas de apresentação;
- a falta de trocas interativas, na escola, entre os alunos acerca de seus textos, bem como entre alunos e professores para discutir idéias e melhores jeitos de expressá-las;
- uma avaliação centrada no julgamento final, ao invés de procedimentos avaliativos qualitativos e mediadores, formadores de um escritor reflexivo, atento e responsável pelo aprimoramento do seu texto.

A atual discussão sobre a eficácia desse ensino justifica-se, de fato, pelas práticas que ainda prevalecem no Ensino Fundamental e Médio. Na maioria das escolas brasileiras, grande parte do tempo destinado às aulas de Língua Portuguesa é consumida com atividades voltadas à gramática e à história da literatura, e não ao trabalho de leitura e produção de textos. O objetivo principal do estudo da língua é o aluno aprender a se comunicar oralmente e por escrito, competência essencial à sua formação pessoal e profissional. É cada vez mais evidente a falta de sentido no estudo da gramática e da literatura que não resultem nessa aprendizagem (HOFFMANN, 2002. p. 14).

COMENTÁRIO

Conforme dito no enunciado da questão, em caso de dúvida, consulte o tutor presencial ou o tutor a distância. Esperamos que você, ao parafrasear os trechos de textos, resumidamente, utilize os verbos adequadamente e cite o(s) nome(s) do(s) autor(es), bem como o ano em que a obra foi publicada e a página em que se encontra o trecho.

Eis algumas sugestões para você iniciar a paráfrase desses trechos:

Trecho 1

Para Aranha e Martins (1995, p. 320), o amor é...

ou

Segundo Aranha e Martins (1995, p. 320), o amor é...

ou

Aranha e Martins (1995, p. 320) afirmam que o amor é...

A seguir:

Para essas autoras, o sujeito centrado nele mesmo é incapaz de ouvir o apelo...

Informam que é isso o que acontece com a crianças que...

E alertam que, quando esse procedimento persiste na vida adulta,...

Continue o trabalho; entretanto, após o término, verifique de quem é a “voz” do texto. A resposta deverá ser sempre: as autoras (que salientam, afirmam, advertem, apontam, ressaltam, entre outros verbos que podem ser utilizados).

Trecho 2

Margulis e Sagan (2002, p. 227) afirmam que...

ou

De acordo com Margulis e Sagan (2002, p. 227),...

ou

Como salientam Margulis e Sagan (2002, p. 227),...

A seguir:

Esses autores ressaltam que...

(É importante ler as referências e saber quem é o autor ou quem são os autores. São do gênero masculino ou do feminino? Continue o trabalho e solicite ajuda, quando necessário).

Trecho 3

Propositadamente, escolhemos um longo e importante trecho para você elaborar uma paráfrase. Acreditamos que você irá gostar da leitura. Qual o nosso objetivo? Resposta: o nosso objetivo é o de verificar como você fornece informações assimiladas durante a leitura. O que isso significa?

Significa que desejamos que você faça sempre citações. Também desejamos que você perceba que o sentido dado a um texto pode depender do conhecimento de outros textos com os quais ele se relaciona.

Você poderá iniciar a sua paráfrase assim:

Tiski-Franckowiak (2000, p. 27), embasada nos estudos de Freud, afirma que sob pressão excessiva...

ou

Para Tiski-Franckowiak (2000, p. 27), o EGO assume, sob pressão, medidas extremas para aliviar...

A seguir:

De acordo com essa autora, são sete os mecanismos de defesa, a saber:...

Com relação ao mecanismo de defesa denominado identificação, salienta que se trata... Exemplifica...

E assim por diante.

Voltamos a enfatizar que você deverá verificar o tempo todo de quem é a "voz". A resposta deverá ser sempre: da autora.

Observe:

O mecanismo mais utilizado é a racionalização, que serve para justificar e desculpar os nossos defeitos, as nossas falhas e gafes, a incompetência, a preguiça, enfim, tudo aquilo que rejeitamos em nós mesmos.

De quem é essa voz? Da autora? Não! É a voz de quem fez a paráfrase. Nesse caso, há uma apropriação indevida, o que não é ético.

Agora, continue o trabalho.

Mais uma vez, solicitamos que você siga as orientações anteriores: grife as palavras-chave, consulte o dicionário e entreviste o autor ou autores do texto.

Deixamos os demais textos para você parafrasear.

Reafirmamos: em caso de dúvida, consulte o tutor presencial ou a distância e esclareça as suas dúvidas.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos entrevistas com lingüistas de expressão e definimos o termo entrevista, que possibilita o diálogo. A entrevista é uma técnica fundamental para permitir o desenvolvimento de uma estreita – ou quase estreita, inferimos – relação entre as pessoas. Trata-se de um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de um sujeito para outro. A palavra entrevista é construída a partir de duas palavras, *entre* e *vista*, que se referem, respectivamente, à relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas e ao ato de ver, ter preocupação com algo.

A seguir, solicitamos que faça entrevistas com os autores de textos e mostramos uma técnica de reescrita: a paráfrase.

Essa técnica, segundo Garcia (1992, p. 185), “corresponde a uma espécie de tradução dentro da própria língua, em que se diz, de maneira clara, num texto B, o que contém um texto A, sem comentários marginais, sem nada acrescentar e sem nada omitir do que seja essencial,” ditos com outras palavras e de tal forma que a nova versão deixe claro o entendimento do texto original.

Frisamos que a não-citação do nome do autor ou autores constitui apropriação indevida, o que é antiético.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, o nosso assunto será a adequação do vocabulário.

Relendo o texto e adequando o vocabulário

Meta da aula

Apresentar subsídios para minimizar a inadequação vocabular.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- responder a questões usando frases declarativas;
- elaborar paráfrases;
- distinguir abordagens de ensino;
- corrigir textos parafraseados;
- preencher lacunas com verbos adequados;
- reescrever frases, eliminando redundância e fornecendo explicações.

Pré-requisitos

Aulas 13,14,15,16,17,18,19 e 20.

INTRODUÇÃO

Dividimos esta aula em duas partes. Na primeira, apresentamos-lhe as abordagens de ensino utilizadas para o aprendizado da língua materna e propomos-lhe, a seguir, uma atividade. O assunto em destaque tem o título “Abordagens de ensino”, no intuito de esclarecer por que optamos por uma abordagem prescritiva nesta apresentação.

Na segunda, a fim de aprimorar o vocabulário e de reconhecer redundâncias, mostramos as inadequações mais comuns e recorrentes no uso do vocabulário.

Posteriormente, elaboramos atividades para a fixação desse conteúdo.

Agradecemos a sua participação e pedimos-lhe que consulte a nossa equipe – tutorias a distância e presencial –, em caso de dúvida, a fim de obter mais esclarecimentos.

ABORDAGENS DE ENSINO

Leia o trecho a seguir.

Se a questão da alfabetização veio se revelando, ao longo dos tempos, um dos importantes e ousados desafios para os educadores, hoje se torna questão urgente, impulsionando debates e formulações de propostas. Nesse sentido, várias têm sido as propostas elaboradas para que a ação, que impulsiona o ensinar, alcance o êxito necessário. A medida desse esforço pode ser verificada por meio dos estudos de Halliday, McIntosh e Stevens (1974), quando esses autores apresentam três tipos de possibilidades de ensino: o prescritivo, o descritivo e o produtivo.

O ensino prescritivo – afirmam – tem como objetivo levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade lingüística, considerados inaceitáveis, por outros, considerados corretos. Portanto, objetiva levar o aluno a dominar a língua culta ou padrão.

O ensino descritivo objetiva mostrar o funcionamento da linguagem e como determinada língua, em particular, funciona – acrescentam. Trata, portanto, de todas as variedades lingüísticas. De certa forma, a validade desse ensino tem sido justificada pela afirmação de que o falante precisa conhecer a instituição lingüística de que se utiliza, assim como de outras instituições sociais, para melhor atuar em sociedade.

O ensino produtivo objetiva ensinar novas habilidades lingüísticas, não alterando as já adquiridas, mas incrementando os recursos que o aluno possui, no intuito de deixar à disposição a maior escala possível de potencialidades da língua para o uso adequado, afirmam Halliday, McIntosh e Stevens (1974).

Nessa mesma linha de pensamento, encontramos as formulações feitas por Soares (1999), para quem essas abordagens de ensino da língua não são excludentes, podendo ser utilizadas de acordo com os objetivos estabelecidos pela instituição e pelo professor. Em contrapartida, ou a despeito de formulações, como as de Halliday, McIntosh e Strevens, a abordagem prescritiva é a que tem sido hipervalorizada, causando mais prejuízo do que benefício à formação do alunato, pois, reivindicando fundamentalmente a língua culta, o ensino prescritivo tende a aumentar o hiato entre a linguagem falada – que afeta e é afetada pelas transformações culturais – e a linguagem escrita, essencialmente mais morosa em suas mutações.

Desta maneira, torna-se importante que, numa época de profundas transformações, em que a velocidade e rapidez mostram-se aliadas, a linguagem culta não se torne cada vez mais distante do alunato, uma vez que na cibercultura há um aumento dos neologismos, demonstrando uma redução de rigor. Cabe lembrar, também, que o aluno vem desenvolvendo um sentimento de abominação ao aprendizado da língua na modalidade escrita, principalmente, quando se lhe apresentam, exclusivamente, uma forma prescritiva para a compreensão da língua (MARQUES; BOHADANA, 2005).

Ciberespaço	Cibercultura
<p>A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção <i>Neuromante</i>. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural [...].</p> <p>Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LÉVY, 1999, p. 92).</p>	<p>A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço [...].</p> <p>A tese de fundo é que a cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica.</p> <p>[...] A tecnologia microeletrônica é, ao mesmo tempo, mágica (abolição do espaço e do tempo; telepresença) e agregadora (societária, comunitária) (LEMONS, 2002, p. 18).</p>



ATIVIDADES

1. Segundo Halliday, McIntosh e Strevens, quais são as três abordagens de ensino da língua materna? Inicie a sua resposta com uma frase declarativa e não se esqueça de fazer a citação.

2. Com suas palavras e citando os nomes dos autores, desenvolva a frase declarativa do exercício anterior, explicando cada abordagem. Importante lembrar que as afirmações não foram feitas por você, tampouco pelos autores do artigo. Foram feitas por três autores, citados por Marques e Bohadana. Portanto, deixe claro tal fato.

3. Essas abordagens de ensino podem ser excludentes, segundo Soares (1999)? Responda à questão utilizando uma frase declarativa. Não inicie a sua resposta com as palavras “sim” ou “não”. E siga as instruções da questão anterior.

4. Com suas palavras, explique o que é o ciberespaço e o que é a cibercultura, de acordo com as definições de Pierre Lévy e de André Lemos. Mais uma vez, lembremos-lhe que é necessário fazer as citações. Inicie as definições com uma frase declarativa. Não acrescente informações: trata-se de uma paráfrase.

5. Qual é a abordagem de ensino de sua preferência? Justifique a sua resposta. Construa uma frase declarativa, desenvolva-a, explicando por que você a escolheu; retome a frase inicial, a frase-núcleo, e apresente a sua conclusão.

RESPOSTAS

1. Segundo Halliday, McIntosh e Strevens, citados por Marques e Bohadana (2005), há três tipos de possibilidades de ensino da língua materna, a saber: o ensino prescritivo, o ensino descritivo e o ensino produtivo.

Ou:

Segundo Halliday, McIntosh e Strevens (apud MARQUES; BOHADANA, 2005), há três tipos de possibilidade de ensino da língua materna, a saber: o ensino prescritivo, o ensino descritivo e o ensino produtivo.

2. Esses autores afirmam que o ensino prescritivo tem por finalidade levar o aluno a dominar a língua culta ou padrão, substituindo os modelos de atividade lingüística, considerados como não-adequados, por outros, considerados corretos (op. cit. 2004).

No que se refere ao ensino descritivo, que aborda todas as variedades lingüísticas, informam que este tem por objetivo mostrar o funcionamento da linguagem e como determinada língua em particular funciona. Ressaltam que esse ensino tem sido considerado como válido e justificado pelo fato de que o falante precisa conhecer outras instituições, além da própria instituição lingüística, para atuar em sociedade de forma melhor (op. cit. 2004).

No que tange ao ensino produtivo, ressaltam que este objetiva ensinar novas habilidades lingüísticas, não mudando as já adquiridas, entretanto, aumentando os recursos que o aluno possui, a fim de deixar à disposição a maior escala possível de potencialidades da língua para o uso adequado (op. cit., 2004).

3. Soares, citada por Marques e Bohadana (2005), afirma que essas abordagens não são excludentes, podendo ser utilizadas de acordo com os objetivos do professor e da escola.

Ou:

Segundo Soares (apud MARQUES; BOHADANA, 2005), essas abordagens não são excludentes, podendo ser utilizadas de acordo com os objetivos do professor e da escola.

4.

a. Segundo Lévy (1999, p. 92), ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias desses computadores. Nessa definição, esse autor inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, porque transmitem informações vindas de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Informa, ainda, que a palavra foi inventada por William Gibson em 1984, no romance de ficção Neuromante.

b. De acordo com Lemos (2002, p. 18), cibercultura é a nova relação criada entre a técnica, representada pela tecnologia microeletrônica, e a vida social contemporânea. Salienta que essa tecnologia é mágica e agregadora; mágica, porque fornece uma nova idéia de tempo e espaço e permite a telepresença, e agregadora, porque se torna uma forma de união social.

5. Resposta pessoal. Esperamos que você inicie a sua resposta assim:

A abordagem de ensino de minha preferência é...

A seguir, informe o porquê de sua escolha.

Retome a frase-núcleo, a frase inicial, e conclua.

ADEQUAÇÃO VOCABULAR

Uso adequado dos verbos definir, colocar, botar e pôr, adequar e reverter

Após a explanação sobre os tipos de ensino, cabe ressaltar que você perceberá, claramente, que a abordagem utilizada nesta aula é a prescritiva, ou seja, a abordagem que valoriza a norma culta ou padrão.

Conforme dito anteriormente, Soares (1999) afirma que essas abordagens não são excludentes.

O objetivo desta atividade é o de minimizar as inadequações para a construção de futuros textos e incrementar os recursos que você já possui, a fim de deixar à disposição, como dito anteriormente, a maior escala possível de potencialidades da língua para o uso adequado. Os assuntos apresentados, possivelmente, serão de valia, principalmente, para a elaboração do trabalho de conclusão de curso. Pretendemos que esta aula funcione como ponte.

Para mais esclarecimentos sobre o assunto em questão, informamos que adentrar na discussão entre prescritivistas e descritivistas requer, como nos lembra Segura (2008), tentar compreender algumas das características por trás desses termos. Assim, leia o texto a seguir, e forme a sua opinião.

Prescritivo

Houve época em que os lingüistas eram vistos como “perda de tempo”. A citação seguinte é do professor Napoleão Mendes de Almeida, representante da ala mais conservadora do estudo da gramática:

Se com “uso comum” quisermos denominar aquilo que faz a maioria, estaremos dando um conselho muito perigoso não só para a língua, mas, o que é pior, para a vida; por mais freqüentes que sejam os vícios no falar, não há razão para ver nisto uma regra de linguagem (ALMEIDA, 1998).

O texto original do trecho citado é de Quintiliano e mostra como ainda hoje alguns professores pensam sobre o ensino e sobre a língua portuguesa. É dessa noção (por isso mesmo “prescritiva”) que surge a idéia de erro. Erro é o nome que se dá ao desvio da norma culta padrão. Erro também é o estigma aplicado à construção em desacordo com aquela considerada correta por um grupo de pessoas. Quintiliano viveu entre 35 e 95 d.C., ou seja, nossa tradição no estudo da língua mudou pouco até hoje.

É claro que a visão sólida de Quintiliano quanto aos fenômenos gramaticais não é tomada radicalmente. No século 21, poucos são os que ainda defendem tamanho rigor. Isso é, em parte, resultado da queda do prestígio quanto ao estudo de nossa língua. A própria idéia de ortografia está fundada em escrever corretamente, idéia bastante antiga (“orto” é, pois, corretamente; “graphia” quer dizer escrita, já anotava Santo Isidoro – 560-636 d.C.). [...]

Descritivo

Durante muito tempo, usar o mais polido e empolado vernáculo acrescia pontos à imagem social de um indivíduo. Ainda hoje, sobrevive a idéia de que falar bem é falar ornando as estruturas. O problema está no fato de que nem sempre construções refinadas, em português casto e puro, são compreensíveis pela maioria. “Deixei a minha caneta algures e não a acho”, diz Mario Prata, em seu *Schifaizfavoire*. Cá entre nós, “algures”, “alhures” etc. não são muito comuns. Estão corretos, porém isso não quer dizer que todos entenderão.

Essa idéia, a de que nem todos entenderão, suscita uma nova questão: deve-se “rebaixar” à linguagem dos que não dominam a norma ou estes devem “erguer-se” ao padrão? Há quem entenda que, no ato de ensinar, é preciso que o aluno “suba” ao nível do professor; há quem entenda que “é preciso estar no nível do aluno”. E há quem considere que os conhecimentos do aluno também são importantes e devem ser valorizados.

A partir desse olhar, surge a gramática descritiva. Ela se opõe à tradicional, também chamada normativa ou prescritiva. [...] Normativa é aquela que estabelece as normas, quase sempre com base em exemplos representativos dos mais hábeis escritores de nosso idioma. A própria palavra “prescritiva” soa um tanto impositiva, ditatorial – e o Brasil tem trauma em relação a essa palavra. Até o século 18, os poucos oponentes da gramática normativa eram considerados “ignorantes”.

A gramática descritiva, por sua vez, seria mais imparcial e, fatalmente, viria a questionar a prescritiva. [...]

A gramática descritiva tem como norte a gramática interiorizada, a habilidade de o falante estabelecer proposições e enunciados, manifestar-se e compreender informações recebidas. Para ela, a frequência dos acontecimentos tem tanta importância quanto à orientação da tradição, mas não se “tacham” de erros os desvios das normas oficiais. Assim, “eu comi o bolo de que gostava” é tão aceitável quanto “eu comi o bolo que eu gostava”, desde que haja respaldo na maneira de falar de um povo. Esse modo de ver a linguagem vem da lingüística.

Preconceito

A principal diferença entre os estudiosos da linguagem é, realmente, a observação da língua ou do falante. Mais exatamente, o fato de a gramática prescritiva censurar o falante e, pior, desqualificá-lo. É também daí que surge o preconceito, a idéia de que uma forma é melhor que a outra, a noção de erros e acertos. Pensamentos cujos resultados perpassam o estudo da gramática e chegam aos meios de comunicação com intensa força: durante muito tempo, os jornalistas que apareciam em participações eventuais fazendo cobertura de algum evento em seus estados tinham de disfarçar até o sotaque para que determinada emissora, por exemplo, não os censurasse. Quando (e ainda é, mesmo que em menor incidência) surgia um sotaque diferente, uma linguagem diferente, normalmente isso acontecia em novelas e era para causar o riso do telespectador. Ridicularizar linguagens diferentes, desvios da norma etc. ainda rende considerável audiência (SEGURA, 2008).



Responda:

– Você já foi picado(a) por um pernilongo?

Certamente, a sua resposta será:

– Sim!

– Você já foi mordido(a) por um leão?

– É claro que não! – você, certamente, responderá.

Pensemos juntos: o pernilongo é pequenino; já o leão, com uma arcada dentária enorme, é tão grande. Entretanto, é o pequenino que nos atinge; o grande, se nos pegar, provavelmente nos deixará “fora de cena”.

Pois é! Vamos transformar essa questão em uma lição:

“As pequenas coisas nos atingem; as grandes podem nos pegar, mas não estaremos aqui, depois, para contar a história.”

Pois é!

E tal fato pode acontecer num texto: pequenas inadequações podem desvalorizar o que foi escrito. São as pequeninas coisas...

Como o objetivo da aula é o de demonstrar que as abordagens de ensino não são excludentes, propomos a leitura do que se segue.

Lembre-se: um texto deve apresentar, entre outras qualidades, adequação vocabular. Como você já sabe e percebeu também, adequar o vocabulário é uma coisa pequenina, entretanto, importantíssima!

É imprescindível o cuidado no uso de determinadas palavras.

Quando você está construindo um texto, no calor e no entusiasmo do ato criativo, possivelmente você acredita que certas palavras são sinônimas. Porém, algumas vezes, há enganos.

Por exemplo, há uso (excessivo) de um verbo que “está na moda” – na mídia – e circula pelos “salões nobres da vida” lépido e fagueiro: o verbo definir.

Observe as frases a seguir e note como o verbo foi utilizado:

- O presidente definirá como vai abaixar os juros do BC.
- Marcela e Gustavo, finalmente, definiram a data do casamento.
- Os deputados não definiram quem dirigirá esta CPI.

Agora, consulte o dicionário e preencha a linha pontilhada com o sinônimo do verbo:

DEFINIR

.....

.....

Compare, agora, o que você encontrou no dicionário com as palavras grifadas nos exemplos. Certamente, você percebeu que ninguém mais decide, marca, estabelece, determina, escolhe...

O que realmente parece é que a ordem é DEFINIR. Vamos definir!!!

Você, provavelmente, perguntará:

— Mas isso é errado?

Não se trata de certo ou errado. O problema é maior. Maior, porque se trata de empobrecimento vocabular.

Afirma-se, aqui, que simplicidade vocabular não significa pobreza vocabular.

É inadequado utilizar o verbo definir com tais significados (marcar, estabelecer, escolher, entre outros).

Portanto:

- O presidente decidirá como vai abaixar os juros do BC.
- Marcela e Gustavo, finalmente, marcaram a data do casamento.
- Os deputados não escolheram quem dirigirá esta CPI.

Para a sua informação, o mesmo ocorre com os verbos colocar, botar e pôr.

Alguns autores de manuais de redação e professores renomados perceberam o uso excessivo do verbo colocar. Etimologicamente, colocar vem do latim *collocare* (*co* + *locare*), que significa pôr, pôr ao lado de, pousar.

De acordo com Nogueira (2004, p. 29), o uso do verbo colocar só é apropriado quando houver claramente a idéia de “lugar”.

Por exemplo:

Coloque as almofadas naquele canto.

Vamos colocar os livros na estante e as apostilas sobre a mesa.

Então, evite usar o verbo colocar quando não houver claramente a idéia de lugar. Utilize os outros verbos, como botar e pôr.

Eis alguns exemplos:

A galinha do vizinho bota ovo amarelinho. (E não coloca.)

A galinha põe ovos diariamente. (E não coloca.)

Vestiu a camiseta do América Futebol Clube. (E não colocou.)

Chegou mais um: vamos botar água no feijão! (E não colocar.)

O planejamento escolar é ótimo. Vamos pô-lo em prática. (E não colocá-lo.)

Trata-se de uma sugestão – de um ponto de vista – fazer tais substituições. Há quem discorde. Mas a maioria concorda com essa substituição, pois o uso é excessivo.

Entretanto, vamos pensar juntos: não é mais simples?

Cabe destacar o uso corrente do:

“Posso fazer uma colocação?” e “O autor coloca que ...”

Outra vez, vamos pensar juntos?

COLOQUE OUTRO VERBO NO LUGAR DE COLOCAR!

Por exemplo:

Posso falar? Posso opinar? Posso argumentar? Posso afirmar? (Em vez de: “Posso fazer uma colocação?”)

Outro exemplo:

Margulis e Sagan (2002, p. 211) afirmam que os componentes de nosso corpo retornam para a biosfera de que vieram. E advertem que “na economia restrita da arrogância e da fantasia humanas, os indivíduos podem acumular grande riqueza e poder”, no entanto, ressaltam que, “na economia solar da realidade biológica, cada um de nós é despachado para abrir espaço para a próxima geração”. E salientam que, “recebidos de empréstimo, o carbono, o hidrogênio e o nitrogênio de nosso corpo têm que ser devolvidos ao banco biosférico” (MARGULIS; SAGAN, 2002).

Observe: os autores afirmam, advertem, ressaltam, salientam...

(E não “colocam!”)

Morin (2000, p. 59) afirma que “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (MORIN, 2000).

Observe: o autor afirma e não coloca.

Vamos exercitar!



ATIVIDADE

6. Imagine que você seja um revisor de redação. E, como tarefa, você recebe trechos parafraseados — de diferentes áreas de conhecimento — para revisar. Você deverá saber elaborar paráfrases e ter lido as aulas anteriores para cumprir esse desafio. Então, ao trabalho!

Trecho 1

O autor coloca que quando o fenômeno do *laser* foi descoberto, os cientistas interpretaram ele como um processo de amplificação, já descrito por Einstein nos dias iniciais da Teoria Quântica (CAPRA, 2001, p. 83).

Trecho 2

Segundo o autor, o aprendizado decoreba é um aprendizado de mão única, no qual os professores produzem verdades e os alunos as engolem sem ao menos mastigar. Após essa colocação, salienta que essas verdades são absorvidas sem serem digeridas (BYINGTON, 2003, p. 74).

Trecho 3

Byington (2003, p. 75) define que, provavelmente, o ensino decoreba pode ser produtivo na primeira fase do aprendizado. Entretanto, define também que, se não for adiante e passar ao ensino criativo, facilmente se tornará defensivo.

Trecho 4

Na obra *O gene da Matemática*, o autor coloca como nossa habilidade inata de formação de padrões nos permite desempenhar confortavelmente o raciocínio a nível matemático. O autor nos dá dicas e define caminhos através dos quais podemos melhorar nossas habilidades matemáticas. (DEVLIN, 2004, p. 75.)

Trecho 5

Segundo (PERNIOLA, 1993, p. 14.), “o já sentido é a fim não só do já pensado, mas também do já feito, da burocracia”.

RESPOSTAS

Trecho 1

Capra (2001, p. 83) ressalta (ou afirma, salienta) que, quando o fenômeno do laser foi descoberto, os cientistas o interpretaram (ou interpretaram-no) como um processo de amplificação, já descrito por Einstein nos dias iniciais da Teoria Quântica.

Trecho 2

Segundo Byington (2003, p. 74), o aprendizado decoreba é um aprendizado de mão única, no qual os professores produzem verdades e os alunos as engolem sem ao menos mastigar. Após essa afirmação, salienta que essas verdades são absorvidas sem serem digeridas.

Trecho 3

Byington (2003, p. 75) afirma que, provavelmente, o ensino decoreba pode ser produtivo na primeira fase do aprendizado. Entretanto, alerta (adverte), também, que, se não for adiante e passar ao ensino criativo, facilmente se tornará defensivo.

Trecho 4

Na obra O gene da Matemática, Devlin (2004, p. 75) ressalta como nossa habilidade inata de formação de padrões nos permite desempenhar confortavelmente o raciocínio matemático. O autor nos dá dicas e apresenta caminhos por meio dos quais podemos melhorar nossas habilidades matemáticas.

Trecho 5

Para Perniola (1993, p. 14), “o já sentido é afim não só do já pensado, mas também do já feito, da burocracia”.

ATIVIDADE

7. Reescreva o texto a seguir – elabore uma paráfrase – e utilize os verbos afirmar, ressaltar, salientar, alertar, destacar, analisar, refletir etc. (menos, é claro, colocar, definir...). Consulte o dicionário e verifique o significado dos verbos citados, para usá-los adequadamente. Convém lembrar que é importante buscar o significado do verbo analisar (sempre com “s”), caso você o utilize. A referência para que a citação seja feita se encontra após o trecho do texto. Ao trabalho!

É antiético forçar os estudantes a um futuro *high-tech* e não lhes proporcionar as habilidades críticas para entender as limitações que toda tecnologia possui. Essa falha pode criar uma geração incapaz de imaginar qualquer outro futuro. Imaginar o melhor futuro que pode ser construído a partir das realidades atuais é o ato crítico de qualquer geração. Não podemos deixar nossas crianças e nossas escolas nas mãos de fabricantes e anunciantes de *software*. As necessidades educacionais das crianças são supridas quando se suprem primeiro as suas necessidades emocionais e físicas. Nada é mais importante para uma criança na escola do que seu relacionamento com um professor (ARMSTRONG; CASEMENT, 2001. p. 23).

RESPOSTA

De acordo com Armstrong e Casement (2001, p. 23), é antiético forçar os alunos a um futuro altamente tecnológico sem antes lhes fornecer bases críticas para compreender as limitações que todas as tecnologias detêm. Para esses autores, isso se constitui numa falha, pois pode criar uma geração incapaz de imaginar outro futuro que não esse. Ressaltam, então, que imaginar o futuro, partindo da realidade atual, é o ato crítico de qualquer geração.

Alertam, ainda, que não podemos deixar as crianças e as escolas sob o domínio de fabricantes e anunciantes de software. Advertem que as necessidades educacionais das crianças são abastecidas quando se suprem primeiro as suas necessidades emocionais e físicas. Concluem que nada é mais importante para uma criança na escola do que a sua relação com um docente (op. cit., p. 23).

Continuemos!

Agora, apresentamos-lhe outros verbos utilizados de forma inadequada: adequar, acontecer e reverter. Consulte o dicionário e anote o sinônimo desses verbos. Ao trabalho!

DEFECTIVO

Diz-se do verbo a que faltam pessoas (eu, tu, ele...), modos ou tempos.

Segundo Francisco Fernandes, em seu *Dicionário de verbos e regimes*, o verbo adequar é defectivo; contudo, entendem alguns autores que possa ser empregado em todas as formas arrizotônicas.

ADEQUAR:

.....
.....

REVERTER:

.....
.....

ARRIZOTÔNICA

O significado desta palavra é: *a* (prefixo grego, significa não) + *rizo* (radical grego, significa raiz). Arrizotônica significa: que tem a tonicidade fora da raiz. O verbo adequar é defectivo; isto é, a tonicidade não está em “*adeq*”, mas nas terminações.

A seguir, leia as frases que se seguem e faça uma comparação com o que você acabou de anotar, isto é, com os sinônimos encontrados no dicionário.

- A alternativa não se adequa (ou adéqua) a essa questão.
- Para melhorar o produto, é necessário que a firma se adéque (ou adequé) à nova visão empresarial.

O verbo adequar vem do latim *adaequare*. Trata-se de um verbo **DEFECTIVO**: usado somente nas formas **ARRIZOTÔNICAS**.

Em outras palavras – e para encurtar o assunto – o verbo adequar não apresenta as três pessoas do singular (eu, tu, ele) e a 3ª pessoa do plural (eles) do presente do indicativo. Conseqüentemente, nada haverá no presente do subjuntivo.

Assim:

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
Eu	—	—
Tu	—	—
Ele	—	—
Nós	adequamos	—
Vós	adequais	—
Eles	—	—

Cabe lembrar que nos tempos do pretérito e do futuro tudo “corre” normalmente.

Então, você poderá, certamente, escrever ou dizer:

Ele adequou ...

Eu adequava ...

Ela adequara

Eu adequaria ...

Ela adequará ...

Eu estou adequando ...

Isto é adequado ...

Portanto, as frases dos exemplos podem ser reescritas da seguinte forma:

- A alternativa não está adequada a essa questão.
- Para melhorar o produto, é necessário que a firma fique adequada à nova visão empresarial.

Com relação ao verbo reverter, no dicionário, há a seguinte definição:

REVERTER = *v. tr. ind.* Regressar; tornar (ao ponto de partida); retroceder; voltar (para a posse de alguém); do latim *revertere*.

Leia, agora, as frases a seguir e compare-as com a definição da palavra:

- É necessário reverter a situação em que se encontra a Educação.
- – Vamos reverter o placar – grita a torcida furiosa.

É claro que se trata de uso excessivo do verbo em questão.

Portanto, se a idéia não for a de retornar, utilize, por exemplo, mudar, inverter ou alterar, conforme o caso.

- É necessário mudar (ou alterar) a situação em que se encontra a Educação.
- – Vamos inverter o placar – grita a torcida furiosa.

Como bem nos lembra Nogueira (2004), não se pode confundir o verbo reverter (que tem o prefixo *-re*) com verter e inverter.

Veja:

Verter para o inglês: O livro está sobre a mesa (*The book is on the table.*)

Reverter (prefixo *-re*) dá a idéia de repetição, volta, regresso.

Se você disser que é preciso “reverter a situação atual”, isso significa voltar à situação anterior.

Entretanto, quando os médicos dizem que é necessário “reverter o quadro clínico”, estão cobertos de razão. Isso quer dizer que haverá uma volta à situação inicial, ou seja, se o paciente estiver doente, vai ficar são. O que é muito bom!



ATIVIDADES

8. Preencha as lacunas com o verbo adequado entre parênteses:

- Esses autores _____ três abordagens de ensino.
(colocam, advertem, apontam)
- Ana Luísa não _____ que curso vai fazer.
(colocou, definiu, decidiu)
- Em vez de dizer "*Posso fazer uma colocação?*", você deve dizer: "*Posso _____?*"
(colocar, salientar, falar)
- É preciso _____ o que é verbo defectivo.
(colocar, definir, reverter)
- Os políticos não _____ qual será o valor do aumento salarial.
(definiram, decidiram, estabeleceram)

9. Reescreva as frases, fazendo as alterações necessárias para que o vocabulário fique adequado, coerente.

- a. Sou contra a colocação feita pelo político.

- b. Antes, já era péssima. Agora, é insuportável a situação em que se encontram os aposentados. Chega! É preciso reverter essa situação.

- c. Quando os alunos definirem a data da formatura, pensaremos na festa.

- d. As repostas não se adéquam a essa questão.

RESPOSTAS

8.

- Esses autores *apontam* três abordagens de ensino.
- Ana Luísa não *decidiu* que curso vai fazer.
- Em vez de dizer "*Posso fazer uma colocação?*", você deve dizer: "*Posso falar?*"
- É preciso *definir* o que é verbo defectivo.
- Os políticos não *decidiram* (ou *estabeleceram*) qual será o valor do aumento salarial.

9.

a. Sou contra a afirmação feita pelo político.

b. Antes, já era péssima. Agora, é insuportável a situação em que se encontram os aposentados. Chega! É preciso mudar (ou alterar, modificar) essa situação.

c. Quando os alunos decidirem (ou escolherem) a data da formatura, pensaremos na festa.

d. As respostas não são adequadas a essa questão.

Redundâncias

O que é redundância? Redundância é um substantivo feminino, qualidade de redundante. REDUNDANTE é um adjetivo, que significa supérfluo, excessivo, pleonástico.

Voltamos ao assunto por acreditar que nunca é demais rever o que já foi aprendido.

Por exemplo, a música que o Raul Seixas cantava e que ainda muitos dela se lembram:

“Eu nasci
há dez mil anos atrás...”

Se foi há dez mil anos, só pode ser “atrás”. A palavra em destaque é redundante. Não há necessidade de enfatizá-la.

Observe outros exemplos:

Ela fará parte integrante da banca.

Se fará parte, é porque integra. Use uma ou outra palavra. Assim, é melhor:

Ela fará parte da banca.

Receberam o piso salarial mínimo.

Sé é piso, só pode ser mínimo, não é? Apenas diga ou escreva: piso salarial.

Todos os países do mundo estão lutando contra esse mal.
 É melhor afirmar: Todos os países estão lutando contra esse mal.
 (Os países, é claro, pertencem ao mundo.)

Os candidatos, na hora do abraço, foram cercados por todos os lados.

Se foram cercados... Não dá para cercar e deixar espaços abertos.
 Melhor afirmar:

Os candidatos, na hora do abraço, foram cercados (pela multidão, com certeza!).

A diretora da escola afirmou que o projeto é inteiramente subsidiado.

Ora, o projeto apenas é subsidiado. Inteiramente?

Procure no dicionário o significado da palavra subsídio. Percebeu? Como se lê a palavra subsídio, com o som de “s” ou de “z”? Com o som de “s”, é claro.

Uma curiosidade: procure no dicionário como se lê a palavra OBSOLETO.

Interessante, não é? A sílaba tônica está no LE (aberto).

ATIVIDADE FINAL

Agora, você deverá encontrar a redundância e elaborar a sua explicação.

a. As relações bilaterais entre as duas instituições de ensino são positivas.

b. Após a formatura, a turma já tem planos para o futuro.

c. O diretor informou-lhes, no relatório, que havia goteiras no teto da escola.

d. No último jogo entre as equipes, o goleiro ganhou de graça a bola.

e. Quando entrou na loja, pediu, imediatamente, uma loção de barba para homens.

f. – Corra, ligue a televisão, pois o telejornal está começando agora.

g. Já lhe disse: (eu) lavei as minhas mãos!

h. Não fez a prova, mas porém estudou muito.

i. A secretária da instituição deferiu favoravelmente o requerimento.

j. Mesmo contrariados com a decisão, há expectativas futuras.

l. Aquelas histórias do Nhô Quim eram fatos verídicos.

m. É preciso encarar o problema de frente! Há solução?

n. Vimos por meio desta esclarecer a situação.

o. É consenso geral: ela é uma pessoa humana muito boa.

p. Há, nesse crime, um elo de ligação.

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Se são bilaterais, só podem ser entre duas instituições.

As relações bilaterais entre as instituições de ensino são positivas.

b. Se tem planos, só podem ser para o futuro.

Após a formatura, a turma já tem planos.

c. Se havia goteiras, a localização só pode ser no teto. Nas paredes, é vazamento.

- d. Se ganhou, só pode ser gratuitamente.
No último jogo entre as equipes, o goleiro ganhou a bola.
- e. Ora, ora! Loção de barba só pode ser para homens.
Quando entrou na loja, pediu, imediatamente, uma loção de barba.
- f. Se está começando, só pode ser neste exato momento, isto é, agora.
— Corra, ligue a televisão, pois o telejornal está começando.
- g. Não é costume lavar as mãos de outras pessoas. Diga sempre:
Se já lhe disse: lavei as mãos!
- h. Ou mas ou porém. Use somente um.
Não fez a prova, mas estudou muito.
Não fez a prova, porém estudou muito.
- i. Se deferiu, só pode ser favoravelmente. Caso contrário, indeferiria.
A secretária da instituição deferiu o requerimento.
- j. Se há expectativas, só podem ser futuras.
Mesmo contrariados com a decisão, há expectativas.
- l. Se eram fatos, só poderiam ser verdadeiros.
Aqueles histórias do Nhô Quim eram fatos.
Aqueles histórias de Nhô Quim eram verdadeiras.
- m. Encarar já é de frente, já face a face.
É preciso encarar o problema! Há solução?
- n. Por meio desta, da carta, já é redundante. Evite.
Vimos esclarecer a situação.
- o. Se consenso, só pode ser geral. Se é pessoa, só pode ser humana.
É consenso: ela é uma pessoa muito boa.
- p. Se é um elo, só pode estar ligado a. Então:
Há, nesse crime, um elo. Há nesse crime uma ligação.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos os três tipos de ensino da língua materna, de acordo com Halliday, McIntosh e Stevens, a saber: o ensino prescritivo, o ensino descritivo e o ensino produtivo. Esses autores afirmam que o ensino prescritivo tem por finalidade levar o aluno a dominar a língua culta ou padrão, substituindo os modelos de atividade lingüística considerados como não-adequados por outros considerados corretos. No que refere ao ensino descritivo, que aborda todas as variedades lingüísticas, informam que este tem por objetivo mostrar o funcionamento da linguagem e como determinada língua, em particular, funciona. Ressaltam que esse ensino tem sido considerado como válido e justificado pelo fato de que o falante precisa conhecer outras instituições, além da própria instituição lingüística, para atuar em sociedade de forma melhor. No que tange ao ensino produtivo, ressaltam que este objetiva ensinar novas habilidades lingüísticas, não mudando as já adquiridas, entretanto, aumentando os recursos que o aluno possui, a fim de deixar à disposição a maior escala possível de potencialidades da língua para o uso adequado. Segundo Soares, essas abordagens não são excludentes, podendo ser utilizadas de acordo com os objetivos do professor e da escola.

Após essa explanação sobre os tipos de ensino, informamos que a abordagem utilizada nesta aula é a prescritiva, ou seja, a abordagem que valoriza a norma culta ou padrão.

Informamos, também, que os assuntos apresentados, adequação vocabular e redundâncias, possivelmente, serão de valia, principalmente, para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, apresentaremos e esclareceremos dúvidas acerca de algumas expressões utilizadas no dia-a-dia e a respeito de pontuação.

Dúvidas acerca de expressões e do uso da vírgula e outros sinais – uma revisão

AULA 22

Meta da aula

Apresentar as dúvidas gráficas e rever alguns sinais de pontuação.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- reescrever frases com a palavra adequada;
- empregar as palavras *onde* e *aonde* em frases;
- pontuar textos;
- pontuar e parafrasear textos.

Pré-requisitos

Para compreender melhor esta aula, você deverá rever as Aulas 20 e 21.

DÚVIDAS ACERCA DA GRAFIA DE ALGUMAS EXPRESSÕES E ALGUMAS “INUTILIDADES”

As dúvidas a seguir são acerca de expressões. Primeiramente, a palavra “acerca”.

Leia: acerca de, há cerca de, a cerca de. Qual o significado de cada uma dessas expressões?

No título da aula, quando se afirma que as dúvidas são acerca de expressões, já há a “dica” do significado dessa expressão. Acerca (junto) significa SOBRE, A RESPEITO DE.

Assim:

Escreve-se sobre as dúvidas, acerca das dúvidas, a respeito das dúvidas.

Pode-se, também, falar acerca de alguém, isto é, sobre alguém, a respeito de alguém.

Agora, observe:

- Há cerca de dez expressões difíceis no texto. (Neste caso, substitua a expressão por “existem perto de” .)
- Há cerca de 1.100 alunos estudando Português Instrumental neste semestre.
- Havia cerca de dez provas para revisar.
- Houve cerca de 1.100 aprovações. [Estude e fique animado(a).]

Observe outro exemplo:

- Não entro na plataforma há cerca de vinte dias. (Substitua por *faz perto de*.)

Entretanto, muito cuidado ao utilizar a expressão *a cerca de*, escrita separadamente. Tal expressão deve ser usada quando há a idéia de futuro ou de distância.

Observe:

- Encontrar-nos-emos daqui a cerca de dez dias (FUTURO).
- O corpo se encontra a cerca de três metros da calçada (DISTÂNCIA).

Agora, observe uma outra expressão muito falada na atualidade. Entretanto, no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (ABL), não há registro dessa expressão. Ela não existe! Poderá um dia ser registrada. Mas, no momento, ela não existe. E a norma culta, às vezes um tanto cruel, abomina esta expressão. Trata-se do famoso “a nível de”.

Houve um momento, antes de renomados gramáticos informarem que a expressão era inexistente, que era “chique” falar o “a nível de”. Ouvia-se alto e bom som a expressão nos telejornais, nos programas de entrevistas, entre outros. (Cabe destacar que a expressão “alto e bom som” assim deve ser falada e escrita: ouvi alto e bom som e não “em alto e bom som”, pois tente substituir por “em baixo”...) Assim, ouvia-se nos “salões nobres da vida”, a nível de informática, a nível de Brasil, a nível de economia mundial, a nível de Educação, a nível de globalização, mundialização e planetarização, e por aí segue uma extensa lista da utilização dessa expressão.

Encontramos essa expressão, pela primeira vez, numa tradução. Trata-se do livro *Macrotendências*, uma importante obra, sobre análise econômica, escrita por John Naisbitt. E, acreditem, é uma tradução feita em Portugal, em 1988. Lê-se, na página 52 dessa obra: “A nível universitário...”

Tal expressão deve ser evitada. É modismo! Em vez de escrever ou falar a nível de, escreva ou fale:

- Por falar em Educação, (...)
- Em se tratando de Educação, (...)
- Em Informática, (...)

No entanto, a expressão EM NÍVEL DE existe!!!! E pode ser utilizada quando houver a idéia de nivelamento.

Observe:

- A reunião será em nível de diretoria. (Isto quer dizer *em termos de, no plano de*; em outras palavras, trata-se de uma reunião somente para diretores — gerentes e supervisores não estão convocados.)

Cabe lembrar que há a forma *ao nível de*, com o significado de “à mesma altura”, por exemplo, “está ao nível do mar”.

Mais uma expressão para a sua apreciação: HAJA VISTA.

É uma expressão invariável com o sentido de “tendo em vista”. Isso quer dizer: não existe “haja visto”. Exemplos:

- Ele tirou dez, haja vista que estudou em demasia.
- Ela foi aprovada, haja vista as notas do boletim.

Outro assunto: modismo? Sim! De tempos em tempos, surgem expressões utilizadas por muitos entretanto, com significado duvidoso e inútil.

É o caso de *tempo hábil*, *vida útil* e *meio ambiente*, já consagrados.

Observe:

- Não tenho tempo hábil para ouvi-lo agora.
- Tenho tempo hábil para realizar esta tarefa.
- Teremos tempo hábil para estudar, professor?

Pergunta: por que pôr antes da palavra tempo a palavra *hábil*? Por que dar essa “habilidade” ao tempo? Não é inútil? Portanto, evite a expressão. Assim:

- Não tenho tempo para ouvi-lo agora.
- Tenho tempo para realizar esta tarefa.
- Teremos tempo para estudar, professor?

Observe:

- A vida útil do aparelho é de quatro anos.

Existe vida inútil? Aparelho tem vida? Por que não trocar a palavra? Por que não falar em “durabilidade” do aparelho. Problemas com a garantia?

Portanto, escreva:

A durabilidade do aparelho é de quatro anos.

No que tange à expressão “meio ambiente”, já consagrada, sugerimos que você procure no dicionário o sinônimo de meio e o sinônimo de ambiente.

Percebeu? Problemas do meio. Problemas do ambiente ou problemas ambientais. É só buscar a simplicidade.

Você percebeu, na aula anterior, que EM VEZ DE usar o verbo colocar, você deverá utilizar outro verbo, certo?

Fique atento ao significado das expressões: *em vez de* e *ao invés de*:

Usa-se a expressão EM VEZ DE quando houver a idéia de substituição.

Exemplo:

Vou ao cinema, em vez de ir ao teatro.

Use a expressão AO INVÉS DE quando houver a idéia de contrariedade.

Exemplo:

Ele subiu, ao invés de descer.

Observe:

- Não tenho tempo hábil para ouvi-lo agora.
- Ela está a fim de terminar os estudos de Filosofia.

No sentido de “finalidade”, “com o propósito de”, você deve usar a expressão desta forma (escreve-se separadamente): A FIM DE, isto é, no intuito de, com a intenção de.

Agora, caro(a) aluno(a), na expressão *afim de*, há idéia de afinidade.

Por exemplo:

- O português é uma língua afim do espanhol.
- Descobrimos que eles são parentes afins (isto é, parentes por afinidade).

Em princípio, parece fácil. No entanto, é preciso exercitar, praticar, pôr as informações no papel ou na tela do computador; é preciso aplicar as informações adquiridas.

Observe as expressões “em princípio” e “a princípio”. São diferentes, é claro!

Em princípio significa teoricamente, em tese, de um modo geral, em termos; a princípio significa no começo, inicialmente.

Por exemplo:

Em princípio, não somos contra o ensino da Gramática Normativa. (Teoricamente não somos contra.)

A princípio, éramos contra o internetês ou língua escrita teclada. (Agora não somos mais, concebemos o internetês como mais uma possibilidade de comunicação.)

Pois é! Vivendo e aprendendo, dia a dia. Entretanto, no nosso dia-a-dia, essas expressões aparecem e, muitas vezes, ficamos confusos.

Pois é! A expressão “dia a dia” significa dia após dia, todos os dias, e não aparece determinada por um artigo ou por um pronome.

Já dia-a-dia, com hífen, significa diário, cotidiano — e vem sempre determinado por um artigo (o dia-a-dia) ou por um pronome (o meu dia-a-dia).

É possível que você, muitas vezes ou algumas vezes, tenha confundido essas expressões. Mas, a partir de agora, nada de confusão.

Note bem: a expressão “muitas vezes”. Evite escrever “muita das vezes”. É inadequado.

Repetindo, utilize: muitas vezes. E a expressão “a partir”, escreva sempre separadamente.

Onde foi que paramos? Aonde você vai? Continue a leitura!

Vamos continuar! Onde paramos?

Observe a frase abaixo:

Aprecio o autor “onde” você se baseou. ONDE?

A palavra onde deve ser usada caso o antecedente forneça a idéia de “lugar”.

Observe que a palavra “autor” não dá a idéia de lugar; portanto, você deve usar “no qual”.

Assim:

Aprecio o autor no qual você se baseou.

Agora:

Fomos à cidade onde você nasceu.

Perfeito! *Cidade* dá idéia de lugar. Também pode ser “em que” você nasceu ou “na qual” você nasceu.

Outra forma inadequada do uso da palavra *onde*:

No ano de 1898, onde as pessoas ainda não conheciam o computador, havia problemas diferentes.

A palavra *anterior* não dá idéia de lugar e sim de tempo, portanto:

No ano de 1898, quando as pessoas ainda não conheciam o computador, havia problemas diferentes.

E como se deve usar *onde* e *aonde*?

Resposta: Você deve usar a palavra *onde* com verbos que não indicam movimento.

Por exemplo:

Onde você está? Você está onde?

Entretanto, com verbos que indicam movimento, você deve usar *aonde* (ou *para onde*).

Por exemplo:

Aonde você vai? Você vai aonde?

— Você quer chegar aonde com essas informações? — Você me pergunta?

Esta atividade é de reciclagem ou de atualização?

Certamente de atualização. Vamos fazer um curso de atualização em Informática?

Vamos fazer um curso de atualização em História? Em Educação Artística?

Nós nos atualizamos! Entretanto, usamos a palavra reciclar para coisas, por exemplo, reciclar o lixo, reciclar latinhas etc.

Observe que nomes de disciplinas devem ser escritos com letras maiúsculas. Assim:
Introdução à Filosofia; Teoria da Comunicação; Banco de Dados; Algoritmos; Matemática Discreta; Língua Portuguesa IV, Oficina de Redação etc.

E a palavra *através*, como usá-la?

É preferível usar essa palavra com o seu sentido original, equivalente a “por dentro de”, que dá a idéia de atravessar. Por exemplo:

A bala passou através do pequenino corpo.

Jogou o olhar através da janela e viu a bela cena.

Entretanto, já é aceitável o uso desta locução prepositiva (*através de*) no sentido de “por meio de”, “por intermédio de”.

Como dito anteriormente, é preferível o sentido original. Observe:

Começou a estudar através de livros esotéricos.

Sugerimos:

Começou a estudar com livros esotéricos.

Fez a edificação através de muito esforço.

Sugerimos:

Fez a edificação com muito esforço.

Elaborou a pesquisa através de investigação bibliográfica.

Sugerimos:

Elaborou a pesquisa por meio de investigação bibliográfica.

Agora, veja bem...

Veja bem! (Cabe aqui abrir parênteses: não gostamos desta expressão, “*veja bem*”, tão utilizada na modernidade. Parece que, quando a expressamos, temos em mente que o outro, o receptor da mensagem, não vê bem, não enxerga bem, é quase cego. O mesmo se verifica com a expressão “sim, mas...”, em que concordamos e discordamos ao mesmo tempo. Evitamo-las por acreditarmos que não são de bom-tom, por não serem elegantes.)

Neste momento da aula, você pode perguntar:

– Enquanto estudamos, devemos fazer anotações, certo?

E como usar adequadamente a palavra ENQUANTO?

Atualmente, utilizam a palavra *enquanto* em substituição a “como”, “sob o aspecto de”. Trata-se de modismo!

Convém lembrar que a palavra “enquanto” é uma conjunção basicamente temporal. E também que a expressão “enquanto que” deve ser evitada.

Por exemplo:

Enquanto a menina dorme, a mãe prepara a mamadeira.

A dívida interna aumentava, enquanto o salário do trabalhador caía dia a dia.

Estamos chegando ao fim desta lição. Esperamos que ela tenha sido útil, que não tenha sido à toa. Tanta leitura, não é? À toa ou à-toa? Eis outra dúvida!

Lembre-se:

- À toa, sem hífen, é advérbio.

Exemplo:

“Estava à toa na vida, o meu amor me chamou...” (Chico Buarque).

- À-toa, com hífen, é adjetivo.

Exemplo:

Trata-se de um sujeito à-toa.

Chegamos ao final desta parte da aula. Será que a sua opinião vem ao encontro da nossa? Ou de encontro à nossa?

Observe:

Ao encontro de: o que vai ao encontro de alguma coisa ou de alguém é algo favorável.

De encontro a: o que vai de encontro a alguma coisa entra em choque, vai contra, significa oposição.

Exemplo:

Que a sua opinião venha ao encontro da nossa!



ATIVIDADES

1. Reescreva as frases, fazendo as mudanças necessárias para atender à norma culta ou padrão:

a. Nessa disciplina, acerca de muitos estudantes.

b. O corpo se encontra há cerca de três metros do carro.

c. Falávamos a cerca de abordagens de ensino na escola.

d. Conseguiu passar o ano, haja visto que estudou muito.

e. Informou que a nível de educação isso é improvável.

f. Não temos tempo hábil para fazer a monografia.

g. Muita das vezes, fazia pesquisa através de uma investigação classificada como exploratória.

h. Dia-a-dia, as prestações aumentavam.

i. Não é à-toa que Português Instrumental, enquanto disciplina eletiva, tem muitos alunos.

2. Preencha as lacunas, utilizando a forma apropriada das palavras *onde* e *aonde*:

a. Você está _____ ?

b. Você vai _____ ?

c. A essa altura, não sei _____ ir?

d. Tantos problemas que não sei mais _____ começar.

e. As meninas ficaram _____ ?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. a. *Nessa disciplina, há cerca de muitos estudantes.*
 - b. *O corpo se encontra a cerca de três metros do carro.*
 - c. *Falávamos acerca de abordagens de ensino na escola.*
 - d. *Conseguiu passar o ano, haja vista que estudou muito. (Conseguiu passar o ano, isto é, de uma série (ou período) para outra. Passar de ano, por exemplo, será de 2009 para 2010, entendeu?)*
 - e. *Informou que, em se tratando de educação, isso é improvável. Informou que, em educação, isso é improvável.*
 - f. *Não temos tempo para fazer a monografia.*
 - g. *Muitas vezes, fazia pesquisa por meio de uma investigação classificada como exploratória.*
 - h. *Dia a dia (dia após dia), as prestações aumentavam.*
 - i. *Não é à toa que Português Instrumental, como disciplina eletiva, tem muitos alunos.*
-
2. a. *Você está onde?*
 - b. *Você vai aonde?*
 - c. *A essa altura, não sei aonde ir?*
 - d. *Tantos problemas que não sei mais onde começar.*
 - e. *As meninas ficaram onde?*

Para finalizar esta parte, apresentamos-lhe uma última observação, para ser pensada com as aulas anteriores.

Leia o trecho a seguir.

O texto fala que a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo.” (SANTOMÉ, 2003, p. 10).

Quem fala?

Observe que:

- a) o texto não *fala*; o texto não *aborda*; o texto não *ressalta*.
- b) o autor não *fala*, o autor não *diz*.

Santomé (2003, p. 10) afirma que a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo”.

Ou

Segundo Santomé (2003, p. 10), a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo”.

Ou

A admissão da impossibilidade de buscar alternativas é o que melhor evidencia o grau de avanço do conservadorismo (SANTOMÉ, 2003, p. 10).

O autor (citar o último nome do autor, colocar entre parênteses o ano em que a obra foi editada e a página): afirma, salienta, destaca, ressalta, apresenta, analisa, reflete sobre, estabelece, critica, analisa, compara etc.

REVENDO O USO DA VÍRGULA E DE OUTROS SINAIS

Há pessoas que adoram enviar correio eletrônico. Há pessoas que adoram receber mensagens. Há outras que adoram colecionar as mensagens recebidas em PPS (PowerPoint Show).

Aparecem, de vez em quando, algumas mensagens realmente criativas, interessantes para um colecionador de mensagens. Sobre o uso da vírgula, um dia desses, apareceu esta:

Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria loucamente à sua procura.

Abaixo dessa frase, havia a seguinte informação:

Os homens põem a vírgula após um verbo, geralmente. Já as mulheres, põem-na logo após um substantivo que consideram importantíssimo.

Decifra-me ou te devoro? Não se trata do enigma da Esfinge.

É fácil!

Observe:

Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria loucamente à sua procura.

Observe:

Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria loucamente à sua procura.

Interessante a mudança de sentido, não é? Eis o poder da vírgula!

Na internet, não há o nome do autor da frase. Mas, em investigações, descobrimos que foi criação da professora Albertina Ramos, uma excelente mestra.

ATIVIDADE



3. Uma vez que citamos o enigma da Esfinge, você vai ler agora um texto sem sinais de pontuação. Leia-o e, a seguir, faça a pontuação adequadamente. Utilize vírgulas, dois pontos, aspas, travessões e pontos finais. Finalmente, conheça o enigma da Esfinge.

Édipo continuou rumo a Tebas quase à porta da cidade o herói foi abordado por um monstro pavoroso a Esfinge o animal fantástico postou-se ante o rapaz e lhe disse se queres passar por aqui em paz e prosseguir o teu caminho sem perderes a vida deverás decifrar o meu enigma decifra-me ou te devoro qual é o enigma perguntou Édipo sem medo a esfinge fez a pergunta cantando como era de seu hábito qual é o animal que no começo da vida anda de quatro pés no meio com dois e no final da existência com três é o homem que no início da vida engatinha na fase adulta anda sob os dois pés e na velhice se apóia em um bastão como uma terceira perna a Esfinge decifrada saltou em um abismo desaparecendo para sempre quando Édipo chegou a Tebas todos já sabiam que ele havia livrado a cidade da horrível cantora como prêmio por esse serviço notável Édipo ganhou a mão de Jocasta a rainha cujo marido havia morrido nos arredores da cidade sem que ninguém soubesse quais foram os seus assassinos ou assassino assim cumpria-se o destino reservado a Édipo pois os decretos da Moira são inexoráveis e nenhum mortal pode escapar deles (LEAL, 1997).

RESPOSTA

Eis uma das possibilidades de pontuação desse texto:

“Édipo continuou rumo a Tebas. Quase à porta da cidade, o herói foi abordado por um monstro pavoroso: a Esfinge. O animal fantástico postou-se ante o rapaz e lhe disse:

– Se queres passar por aqui em paz e prosseguir o teu caminho sem perderes a vida, deverás decifrar o meu enigma. Decifra-me ou te devoro.

– Qual é o enigma? – perguntou Édipo, sem medo.

A esfinge fez a pergunta cantando, como era de seu hábito:

– Qual é o animal que, no começo da vida, anda de quatro pés; no meio, com dois, e, no final da existência, com três?

– É o homem que, no início da vida, engatinha; na fase adulta, anda sob os dois pés e, na velhice, se apóia em um bastão, como uma terceira perna.

A Esfinge, decifrada, saltou em um abismo, desaparecendo para sempre.

Quando Édipo chegou a Tebas, todos já sabiam que ele havia livrado a cidade da horrível cantora. Como prêmio por esse serviço notável, Édipo ganhou a mão de Jocasta, a rainha, cujo marido havia morrido nos arredores da cidade sem que ninguém soubesse quais foram os seus assassinos (ou assassino). Assim, cumpria-se o destino reservado a Édipo, pois os decretos da Moira são inexoráveis e nenhum mortal pode escapar deles.”

Observe que você utilizou vírgula, ponto, dois pontos, ponto-e-vírgula, aspas e travessão.

Certamente, você pontuou adequadamente o texto.



ATIVIDADE

4. A seguir, você lerá trechos em que a vírgula foi colocada propositalmente de forma inadequada. Você deverá fazer a alteração e explicar por que retirou ou pôs a vírgula, justificando a mudança realizada.

- a. "O Olimpo a morada dos deuses imortais, estava em festa, pois se casava a deusa marinha Thétis com o mortal Peleu."
- b. "Todos os deuses, foram convidados."
- c. "Éris que é a deusa da Discórdia, não foi convidada."
- d. "Éris reclamou por não ter sido convidada entretanto não aceitou o convite de Hera."
- e. "Após dizer que não gostava de festas ou melhor que não gostava de barulho, a Discórdia informou que estava lá somente para deixar a maçã para a deusa mais bela."

RESPOSTA COMENTADA

Note uma outra possibilidade:

A morada dos deuses imortais, o Olimpo, estava em festa...

Entretanto, a conjunção pois, com valor explicativo ou causal, pode ou não vir antecedida de vírgula. Assim:

a. O Olimpo, a morada dos deuses imortais, estava em festa pois se casava a deusa marinha Thétis com o mortal Peleu. (Pois = Porque)

Ou

O Olimpo, a morada dos deuses imortais, estava em festa, pois se casava a deusa marinha Thétis com o mortal Peleu.

É aconselhável pôr a vírgula antes do pois. Em outras palavras, trata-se de uma questão de preferência.

Para informação, a conjunção pois, com valor conclusivo, deve ficar entre vírgulas.

Assim:

Afrodite compareceu à festa; será, pois, agraciada com néctar e ambrosia.

b. "Todos os deuses, foram convidados."

Foram convidados? Quem?

— Todos os deuses —, certamente você responderá!

Note: não se separa sujeito de predicado com vírgula, a não ser que haja termo intercalado.

Portanto:

“Todos os deuses foram convidados.”

c. *“Éris que é a deusa da Discórdia não foi convidada.”*

Quem é a deusa da Discórdia? Éris, é claro! Note que há uma explicação. A vírgula, então, deve ser utilizada quando a oração adjetiva é explicativa.

Assim:

Éris, que é a deusa da Discórdia, não foi convidada.

(Duas idéias: Éris é a deusa da Discórdia e Éris não foi convidada.)

d. *“Éris reclamou por não ter sido convidada entretanto não aceitou o convite de Hera.*

Usa-se a vírgula antes das conjunções adversativas (mas, porém, no entanto, entretanto, contudo, todavia)

Portanto:

“Éris reclamou por não ter sido convidada, entretanto não aceitou o convite de Hera.”

e. *“Após dizer que não gostava de festas ou melhor que não gostava de barulho, a Discórdia informou que estava lá somente para deixar a maçã para a deusa mais bela.”*

A vírgula deve ser utilizada para separar os incisos explicativos. Incisos explicativos?

Sim, eis alguns deles: por exemplo, isto é, ou melhor, a saber, aliás, digo, ou seja, além disso etc.

Assim:

“Após dizer que não gostava de festas, ou melhor, que não gostava de barulho, a Discórdia informou que estava lá somente para deixar a maçã para a deusa mais bela.”

Nessas mesmas orações, vale destacar que há um deslocamento. Observe as orações na ordem direta (sujeito + predicado + complementos):

“A Discórdia informou que estava lá somente para deixar a maçã para a deusa mais bela após dizer que não gostava de festas, ou melhor, que não gostava de barulho.”

Também é uma possibilidade!

E as aspas? Como usá-las?

Numa citação, por exemplo, você deverá usar as aspas assim:

a. Você inicia a citação com aspas:

“Na Grécia antiga, toda vez que uma pessoa tentava se igualar em feitos a algum Deus, dizia-se que ela cometia hybris. Então, por ter ultrapassado o seu métron, isto é, a sua medida humana, era punida com um castigo divino. A hybris é o que, em psicologia, denominamos de inflação da personalidade.”

(GRINBERG, 1997).

Então, caso você tenha iniciado com aspas e for utilizar toda a citação, você deverá colocar o ponto final e depois fechar as aspas, como no exemplo.

b. Entretanto, se você iniciar com um texto (de sua propriedade ou já parafraseado, possivelmente) e deseja inserir uma citação, a posição do ponto final será diferente.

Observe:

Ao argumentar sobre o si-mesmo como imago Dei, Jung salienta que as pessoas ligadas a profissões de auto-ajuda, como professores e médicos, por exemplo, devem ficar atentas às projeções divinas que se costumam fazer sobre elas. No entanto, é parte do ato de educar não acatar essa projeção que o aluno confere ao educador. Na perspectiva de Buber (2003), “aceitar uma projeção divina é impedir o estabelecimento de uma relação Eu-Tu, uma vez que é essa relação que poderá gerar a transformação e a libertação do outro”.

c. Para destacar uma expressão:

O diálogo ao qual nos referimos deverá ser tecido por uma palavra “dialógica”, na qual prevaleça a intenção de um “voltar-se para o outro” (BUBER, 2003).

E o travessão? Como usá-lo?

No teclado do computador, você deverá acionar Ctrl + Alt e uma tecla (-) acima do sinal de +, local em que estão os números, do lado direito do teclado.

Mas por que essa informação? Porque muitos utilizam o hífen como travessão.



O hífen une: Ex.: couve-flor.

O travessão separa: Ex.: Ponte Rio–Niterói.

Quanto ao uso, eis duas informações:

a. quando marca a troca de interlocutor no diálogo:

Por exemplo:

“Com voz desagradavelmente aguda, ela disse:

— Festinha, hein? Nem fui convidada.

— Que é isso, Éris, você é da família. Não depende de convite — disse Hera em tom conciliador.

— Tudo bem. Por natureza, não gosto de festas — disse a Discórdia secamente.

— Está bem, Éris. Porém, se você já está aqui, fique conosco e aproveite a festa — disse Atená.

— Já disse que não sou de festa. Vim aqui para trazer esta maçã. Ela pertence à deusa mais bela. Bem, a maçã está aí, e eu já vou.”

b. quando você deseja dar destaque a palavras, expressões, substituindo as vírgulas.

Por exemplo:

A energia psíquica — para Freud — é de natureza unicamente sexual, o que implica que o desenvolvimento se completaria ao se atingir a maturidade sexual.

A energia psíquica — para Jung — pode ser considerada como a própria energia vital, que não é só biológica, e o desenvolvimento ocorre ao longo de toda a vida.

(GRINBERG, 1997).

DOIS PONTOS são utilizados para anunciar uma explicação, uma enumeração, uma citação e após expressões como OBSERVAÇÃO, NOTA, POR EXEMPLO.

Por exemplo:

“Sensação: diz que algo existe.

Pensamento: revela o que é esse algo.

Sentimento: mostra o seu valor.

Intuição: indica suas possibilidades.”

(GRINBERG, 1997)

Para finalizar esta parte, apresentamos-lhe uma observação, para ser pensada com as aulas anteriores.

Leia o trecho a seguir e observe a pontuação, além, é claro, da ação atribuída à palavra *texto*.

O texto fala que a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo.” (SANTOMÉ, 2003, p. 10).

Quem fala?

Observe que:

- a. o texto não *fala*; o texto não *aborda*; o texto não *ressalta*.
- b. o autor não *fala*, o autor não diz.

Santomé (2003, p. 10) afirma que a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo”.

Ou

Segundo Santomé (2003, p. 10), a admissão da impossibilidade de buscar alternativas é “o melhor indício do grau de avanço do conservadorismo”.

Ou

A admissão da impossibilidade de buscar alternativas é o que melhor evidencia o grau de avanço do conservadorismo (SANTOMÉ, 2003, p. 10).

O autor (citar o último nome do autor, colocar entre parênteses o ano em que a obra foi editada e a página em que se encontra o trecho): afirma, salienta, destaca, ressalta, apresenta, analisa, reflete sobre, estabelece, critica, analisa, compara etc. Evite os verbos dizer, escrever e falar para anunciar a ação que o sujeito faz (nesse caso).



ATIVIDADE

5. O texto a seguir deve ser reescrito. Precisa ser revisado. Para tal tarefa, contamos com você. Há problemas com a pontuação e há palavras usadas inadequadamente. Ao trabalho!

O texto, ressalta que a cultura dominante de direita espalha um pessimismo que nega a possibilidade de reverter, o que nos rodeia, tentando nos convencer de que estamos diante de um novo e último exemplar de ser humano. E cita a citação de Francis Fukwiama O texto de Fukwiama fala que “o último homem no final da história, sabe que é melhor não arriscar sua vida por uma causa, porque percebe que a história, está cheia de fúteis combates sem sentido, nos quais, os homens lutaram pelo fato de serem cristãos ou muçulmanos, protestantes ou católicos, alemães ou franceses.” No entanto o texto diz claramente, que quem adota essas análises, esquece que os seres humanos também lutaram, contra a escravidão e venceram, contra a opressão da mulher, também com sucesso , contra vários regimes políticos autoritários, de modo satisfatório, contra a pena de morte, com certo êxito, contra o trabalho infantil, luta em andamento (SANTOMÉ, 2003, p. 10).

RESPOSTAS

Santomé (2003, p. 10) ressalta que a cultura dominante de direita espalha um pessimismo que nega a possibilidade de alterar o que nos rodeia, tentando nos convencer de que estamos diante de um novo e último exemplar de ser humano. E apresenta a citação de Francis Fukwiama (1992, p. 410), quando esse autor afirma que “o último homem no final da história sabe que é melhor não arriscar sua vida por uma causa, porque percebe que a história está cheia de fúteis combates sem sentido, nos quais os homens lutaram pelo fato de serem cristãos ou muçulmanos, protestantes ou católicos, alemães ou franceses”. Após a citação, esse autor alerta que quem adota essas análises se esquece de que os seres humanos também

lutaram contra a escravidão e venceram, contra a opressão da mulher, também com sucesso, contra vários regimes políticos autoritários, de modo satisfatório, contra a pena de morte, com certo êxito, contra o trabalho infantil, luta em andamento.

Ou

No texto, Santomé (2003, p. 10) ressalta que a cultura dominante de direita espalha um pessimismo que nega a possibilidade de mudar o que nos rodeia, tentando nos convencer de que estamos diante de um novo e último exemplar de ser humano. E, para comprovar a afirmação, apresenta a seguinte citação de Francis Fukwiama: “o último homem no final da história sabe que é melhor não arriscar sua vida por uma causa, porque percebe que a história está cheia de fúteis combates sem sentido, nos quais os homens lutaram pelo fato de serem cristãos ou muçulmanos, protestantes ou católicos, alemães ou franceses”. No entanto, adverte que quem adota essas análises se esquece de que os seres humanos também lutaram contra a escravidão e venceram, contra a opressão da mulher, também com sucesso, contra vários regimes políticos autoritários, de modo satisfatório, contra a pena de morte, com certo êxito, contra o trabalho infantil, luta em andamento.

ATIVIDADE FINAL

Leia os trechos a seguir e pontue-os adequadamente:

a. Há inúmeras concepções acerca da qualidade de uma redação essa definição é de grande complexidade porque a expressão qualidade da redação vincula duas palavras que absorvem múltiplas dimensões de análise qualidade atrelada a múltiplos valores de quem a define e redação tarefa que revela múltiplas dimensões de conhecimento competência textual e lingüística ou seja o termo qualidade é vago e impreciso recebendo tantos significados quantas são as pessoas que o concebem (HOFFMANN, 2002, p. 40).

b. "(...) a vida é produto não só de forças físicas cegas como também da seleção no sentido de que os organismos escolhem todos os seres autopoéticos têm duas vidas a que nos é dada e a que fazemos."

(MARGULIS, 2002, p. 233)

RESPOSTAS

a. *"Há inúmeras concepções acerca da qualidade de uma redação. Essa definição é de grande complexidade, porque a expressão qualidade da redação vincula duas palavras que absorvem múltiplas dimensões de análise: qualidade (atrelada a múltiplos valores de quem a define) e redação (tarefa que revela múltiplas dimensões de conhecimento, competência textual e lingüística), ou seja, o termo qualidade é vago e impreciso, recebendo tantos significados quantas são as pessoas que o concebem."*

Ou

"Há inúmeras concepções acerca da qualidade de uma redação. Essa definição é de grande complexidade, porque a expressão qualidade da redação vincula duas palavras que absorvem múltiplas dimensões de análise: qualidade — atrelada a múltiplos valores de quem a define — e redação — tarefa que revela múltiplas dimensões de conhecimento, competência textual e lingüística, ou seja, o termo qualidade é vago e impreciso, recebendo tantos significados quantas são as pessoas que o concebem."

b. *"(...) a vida é produto não só de forças físicas cegas como também da seleção, no sentido de que os organismos escolhem. Todos os seres autopoéticos têm duas vidas: a que nos é dada e a que fazemos."*

Será que a sua opinião vem ao encontro da nossa?
Ou de encontro a nossa?

Ao encontro de

O que vai ao encontro de alguma coisa ou de alguém é algo favorável.

De encontro a

O que vai de encontro a alguma coisa entra em choque, vai contra, significa oposição.

Ficamos por aqui.

Que a sua opinião venha ao encontro da nossa!

RESUMO

Nesta aula, também com uma abordagem prescritiva, que tem por finalidade levar o aluno a dominar a língua culta ou padrão, substituindo os padrões de atividade lingüística, considerados como não-adequados, por outros, que atendem à norma culta ou à norma padrão da língua, apresentamos e esclarecemos dúvidas acerca de algumas expressões e revemos os sinais de pontuação. Foram apresentadas as seguintes dúvidas gráficas, a saber: há cerca de, a cerca de e acerca de; à-toa e à toa; em princípio e a princípio; em vez de e ao invés de; entre outras. A seguir, revimos alguns sinais de pontuação e retomamos assuntos de aulas anteriores: coesão, coerência e paráfrase.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, apresentaremos os seguintes assuntos: 1. como fazer resumos; 2. como fazer resenhas; como elaborar atas e memorandos; os clichês, principais expressões e abreviaturas usadas em referências bibliográficas.

Análises, resumos e resenhas, expressões latinas, normas bibliográficas, ata, memorando e agradecimento

AULA 23

Meta da aula

Capacitação para a escrita de resumos e resenhas, para a elaboração de referências em trabalhos acadêmicos, para o reconhecimento de palavras e expressões latinas, para a escrita de textos utilizados em instituições e organizações e para a elaboração de agradecimentos.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- elaborar análises de textos;
- construir resumos, resenhas, atas e memorandos;
- identificar o significado de palavras e expressões latinas;
- ordenar referências bibliográficas;
- elaborar nota de agradecimento.

Dona Wirtz, conhecida como Dona It em Guaratinguetá, interior do estado de São Paulo, era uma excelente cozinheira. “Mãos de fada!”, todos diziam ao provar seus quitutes. Era como Babette, personagem do filme *A festa de Babette*, ou Tita, personagem do filme *Como água para chocolate*. Dona It sabia que cozinhar era algo divino: ponto de encontro entre o saber e o sabor. Pois esta aula será iniciada com sabor e com saber.

Primeiramente, propomos-lhe a leitura de um texto para reflexão. A seguir, mostramos-lhe uma receita para execução. Posteriormente, apresentaremos os assuntos desta aula, retomando as palavras *sabor* e *saber*, a fim de navegar e participar dessa aventura por mares desconhecidos.

Como bússola, inicialmente, para abordarmos as palavras *sabor* e *saber*, solicitamos o auxílio de nosso capitão, Mestre Rubem Alves, que nos conduzirá por esses mares desconhecidos.

Alves, na sua vasta obra, cita o nome de Babette e de Tita diversas vezes. Lançamo-nos, num barco imaginário, às novas terras, por outros mares. Silenciosamente, como crianças, tomemos a mão do Mestre e o sigamos. Os trechos a seguir são dele, do *Livro sem fim*. Transcrevemos para que você inicie a sua reflexão. Ei-lo:

O saber da cozinheira

A cozinheira: por onde se inicia o preparo do banquete?

Se me disserem que o banquete se inicia na cozinha, com as panelas, os fogões, utensílios, ingredientes e tempero, eu direi que estão errados. O banquete se inicia com uma decisão de amor.

Babette, com pena das pessoas mirradas e mesquinhas que a inveja e o ressentimento tornaram insensíveis, na aldeia em que vivia, prepara um banquete que lhes daria uma experiência inesquecível de prazer, beleza e generosidade.

Tita, proibida pela mãe de amar o seu amado, prepara os sabores que lhe permitissem fazer, na mesa, o amor que não podia fazer na cama.

O nutricionista, ao preparar um jantar, se pergunta sobre o equilíbrio científico dos vários componentes alimentares que irão compor a refeição. Pondera as utilidades: vitaminas, carboidratos, proteínas. Cozinha para alimentar quem come. Deseja matar a fome de quem come. Seu evangelho reza: “Bem-aventurados os que têm fome porque eles serão fartos.”

A cabeça da cozinheira funciona ao contrário. Não considera vitaminas, carboidratos e proteínas. Sua imaginação está cheia de sabores. Sonha com os efeitos que os sabores irão produzir no corpo de quem come. Não quer matar a fome. Matar a fome é fácil. Basta angu e feijão. O que ela deseja é fazer amor com quem come, através dos sabores. Quando a fome está satisfeita, o festival de amor chegou ao fim. “Não quero faca nem queijo. Quero é a fome”, diz Adélia Prado. Gostaria de que o texto evangélico fosse outro: “Bem-aventurados os que têm fome porque eles terão mais fome.” Deseja que o seu convidado morra de prazer!

O que cozinhar? Sua decisão inicial exige um conhecimento que não se encontra em livros. Ela tem de ser uma adivinha: precisa conhecer o desejo de quem vai comer, a sua geografia erótica, as curvas onde o seu prazer desliza. Matar a fome é fácil. Qualquer angu com feijão faz isso. O que se pretende não é matar a fome. É o seu contrário: provocá-la. O que os amantes buscam, na erotização dos seus corpos, não é o orgasmo e, com ele, a morte do desejo. O que eles desejam é a alegria de ver crescer a fome do outro. Fome, desejo: palavras diferentes para designar um mesmo mistério.

O desejo não é coisa universal. Não se deseja “em geral”. Quem gosta de tudo não gosta de nada. Quando se gosta de tudo, de qualquer coisa, é porque as coisas são todas iguais, indiferentes. Ah! Como Babette e Tita se sentiriam ofendidas se, aos convidados, qualquer coisa servisse. Aliás, no caso de Babette, o que os convidados tentaram fazer, com medo de que o banquete fosse um ritual de feitiçaria, foi exatamente isso: não sentir o gosto da comida, fazer com que tudo fosse igual, indiferente.

A essa delicada arte de discriminar as sutilezas do desejo se dá o nome de “crítica”. A palavra “crítica” foi e é usada para definir o objetivo da educação. “O objetivo da educação é o de criar uma consciência crítica”, papagueiam os pedagogos, pensando que a crítica é bisturi científico. Mas as conotações da palavra são culinárias. “Crítica” deriva do verbo *Kreinein*, que significa “julgar”, “separar”, “distinguir”.

Mas isso o saber científico não consegue fazer. Um meu amigo, professor de Engenharia da UniCamp, comentou que se se matriculasse um computador num cursinho, ele tiraria sempre nota máxima em todos os testes, passaria em primeiro lugar no vestibular, “salvaria”, na sua memória, tudo o que lhe fosse ensinado. Em tudo, ele seria superior aos seus colegas humanos. Menos num detalhe: uma pergunta ele não saberia responder: “De tudo o que você estudou e aprendeu, o que foi aquilo de que você mais gostou?”

BARTHES

(1915-1980)

Roland Barthes nasceu em Cherbourg, na França. Para Japiassú (2006, p. 27), “seu pensamento, inspirado na lingüística de Saussure, na antropologia estrutural e na psicanálise de Lacan, está voltado para as relações da literatura com o poder”.

PASCAL

(1623-1662)

Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, na França. Notável filósofo e cientista, Pascal inventou a máquina de calcular, aos 20 anos. Com Leibniz, criou o *cálculo das probabilidades*. Para ele, “o coração tem razões que a razão desconhece” (JAPIASSÚ, 2006, p. 213).

CARTESIANO

(1596-1650)

A palavra vem de *Cartesius*, nome latino de René Descartes. Descartes nasceu numa família nobre, na França. Dedicou-se ao estudo da Filosofia, no intuito de conciliar a nova ciência da época com as verdades do Cristianismo, afirma Japiassú (2006, p. 69). É o autor da frase: “Penso, logo existo” (*Cogito, ergo sum*).

Gostoso, bom para comer, pode ser engolido.

Ruim, mau de comer, deve ser cuspidor: essas são as duas categorias básicas do pensamento do corpo.

O degustador é o crítico. Ele não come. Ele apenas coloca a comida na boca. Submete-se à prova do corpo. E, ao corpo, caberá fazer o julgamento e dar a sua sentença. O sabor tem sempre a palavra final.

O corpo da cozinheira sabe as regras do correto pensar. Digo “o corpo sabe” porque há um saber que mora na cabeça e pode ser dito por meio de palavras, e um outro saber que mora no corpo, e não precisa ser dito por meio de palavras. E, como bem ensina a psicanálise, com frequência, os dois não estão de acordo. “O meu corpo não tem as mesmas idéias que eu”, diz BARTHES. Parodiando PASCAL: “O corpo tem razões que a própria razão desconhece.”

O saber que mora na cabeça é CARTESIANO, depende de luz, de contornos precisos e de espelhos. É o saber que, para existir, precisa de consciência: a consciência é um espelho.

O saber que mora no corpo, entretanto, vive na deliciosa ignorância de si mesmo. Não tem necessidade de se ver refletido em espelhos para existir. Ele sabe sem ter necessidade de saber dizer-se. É assim que falamos a nossa língua, sabendo sem saber as regras da gramática. Se o saber das regras da gramática estivesse presente no ato de falar, todos gaguejaríamos ao falar. Se o pianista, no ato de tocar, tivesse consciência daquilo que deve ser tocado, seus dedos tropeçariam ao tocar, porque a música é mais rápida que o pensamento. Vale para o saber metodológico da cozinheira o curto aforismo de GUIMARÃES ROSA: “O que um dia eu vou saber, não sabendo, eu já sabia...”

GUIMARÃES ROSA

Escritor mineiro, formado em Medicina, nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo. João Guimarães Rosa escreveu *Grande sertão: veredas*, *Sagarana*, *Primeiras estórias*, entre outros. Foi ministro e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi o maior estilista da língua portuguesa, pois tinha uma maneira muito peculiar de brincar com as palavras, de criar e recriar significados.

É o caso dos olhos: eles vêem tudo, menos a si mesmos. O olho que se vê é cego. A cozinheira não se vê, não sabe a cor dos seus olhos, não sabe o seu saber, não tem as palavras para se explicar. De fora, como observadores, nós a vemos em ação e vemos tanto a cor dos seus olhos quanto o seu pensamento tomando forma na coreografia dos seus gestos culinários. Babette e Tita se movimentam de maneira simples, clara e eficaz. Sabem

qual é o objeto do seu desejo. E sabem o que deve ser feito para produzi-lo. Essas duas coisas, (1) o conhecimento do desejo e (2) o conhecimento do que fazer para produzi-lo, são o resumo da sabedoria (ALVES, 2002, p. 133-135).



Adélia Prado

Nascida em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro, Adélia Prado é, sem dúvida nenhuma, a poetisa da sensibilidade. Deus é a personagem principal em sua obra, presente em tudo. A peça *Dona Doida: um interlúdio*, encenada por Fernanda Montenegro, foi baseada em textos de sua obra. Visite a página da autora. Insira o nome dela na página do Google, em pesquisar, e faça uma “viagem poética”.

Nesta parte da aula, tomamos a mão de Dona It. Seguramo-la com firmeza, carinho e saudade. Indagamos-lhe sobre suas receitas. Há pessoas que não gostam de dar receitas – pensamos. E, mesmo dando-as, ninguém consegue fazer algo semelhante. Entretanto, a nossa convidada, Mestre nas “Artes Estratégicas do Abraço”, gentilmente, como de costume, retira da bolsa um manuscrito e nos entrega. E se vai... Nós continuamos no barco, mar adentro.

Transcrevemos, a seguir, a receita de Dona It, aquela que tem as mãos de fada. Propomos-lhe que ponha a mão na massa. Brinque um pouco: produza um sabor com saber. Você já fez um bolo? Se não fez ainda, esta é a sua oportunidade. Convide os amigos e se delicie com o produto realizado. Aproveite a oportunidade e, enquanto “põe a mão na massa”, converse com eles sobre a reflexão feita sobre o “sabor e o saber”. Interessante, não é? Ei-la:

Bolo da Dona It

Ingredientes

- 2 xícaras de açúcar granulado (cristal)
- 4 ovos
- 1 xícara de óleo vegetal
- 2 xícaras de trigo
- 2 xícaras de cenoura ralada
- ½ xícara de nozes (picadas)
- ½ xícara de amêndoas (picadas)

½ xícara de passas (sem semente)
1 colher de sopa de fermento em pó
1 colher de sopa de canela em pó
½ colher de chá de sal

Fazendo o bolo

Aqueça o forno a 200°C. Unte, com margarina, uma forma retangular, de 40cm de comprimento por 20cm de largura, aproximadamente. Polvilhe farinha de trigo, a seguir, na forma.

Numa tigela grande, coloque todos os ingredientes. Você deve colocar o fermento por último. Misture todos os ingredientes do bolo até que estejam “combinados”. Evite mexer muito. Quando iniciar a mistura, conte até vinte e pare.

Despeje na forma a “mistura dos ingredientes” e leve-a para assar.

Após 40 minutos, teste com um palito, perfurando o bolo, para ver se já está pronto (em outras palavras, verifique se nada sai grudado no palito).

Se o palito sair limpinho, está na hora de retirar o bolo do forno.

Somente para pensar após a leitura da receita:

2 xícaras de cenoura ralada: ralo fino ou ralo grosso?

Agora a decisão é sua! Mãos à obra!

Mande-nos notícias. Deu certo a receita? Esperamos que sim!

Como você pode perceber, em receitas podemos usar a nossa criatividade, com coerência, é claro. Não se pode colocar duas colheres de sopa de sal nesse bolo, não é? E deve haver coesão entre os elementos a serem misturados. Caso contrário...

A seguir, apresentamos-lhe um novo assunto: a análise de textos. Posteriormente, como elaborar um resumo, após análise do texto.

No entanto, advertimos: não há receita. Você deverá seguir somente os passos básicos que lhe mostramos; como na receita (colocar damascos picados ou não, é com você! Ralar a cenoura com ralo fino ou grosso, também!). Cada um fará um resumo diferente do outro; porque depende do objetivo da leitura do texto e de que e para quem o resumo é feito; entretanto, contendo o mesmo saber – e, por que não, sabor?

A ANÁLISE E O RESUMO

Vários autores já se debruçaram sobre esta temática: a análise de textos.

Importante para a realização de trabalhos acadêmicos, a análise de textos requer paciência, dedicação, esforço intelectual e muita disciplina – como na receita, para aguçar o sabor.

O que vem a ser uma análise?

Encontramos as seguintes definições para a palavra *análise* em dois conceituados dicionários:

1. “Exame de cada parte de um todo para conhecer-lhe a natureza, as funções etc.” (*Aurélio*).
2. “Decomposição de um todo em seus elementos” (*Globo*).

Marconi e Lakatos (2008, p. 23) salientam que “analisar significa decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos”. Essas pesquisadoras (op. cit., p. 23) apresentam os conceitos formulados pelos seguintes renomados autores: Castagnino (1953), Bloom (1971), Barquero (1979), Massaud Moisés (1979), os quais transcrevemos a seguir.

a) “Consiste no estudo de uma obra ou parte dela, desintegrando-a, procurando separar os distintos elementos e partes que a compõem, até conseguir penetrar na idéia primeira que a originou, até achar esse item misterioso que é a chave do autor” (CASTAGNINO).

b) “A análise significa fracionamento do material em suas partes constitutivas, a determinação das relações que prevalecem entre tais partes e compreender de que maneira estão organizadas” (BLOOM).

c) “Analisar é descobrir não só o esqueleto – isto é, o plano do texto –, mas também estruturar suas idéias de maneira hierárquica segundo sua maior ou menor importância” (BARQUERO).

d) “A análise deve conduzir à crítica, ou seja, deve fornecer à crítica os dados indispensáveis para que ela exerça seu mister judicativo (de julgamento), mas nunca a substituir ou dispensar” (MASSAUD MOISÉS).

Marconi e Lakatos (2008, p. 23) concluem que analisar é decompor um todo em suas partes, no intuito de realizar um estudo mais completo. No entanto, advertem que “o mais importante não é reproduzir a estrutura do plano, mas indicar os tipos de relações existentes entre as idéias expostas”.

Então, para atingir esses objetivos, quais são os procedimentos a serem utilizados?

Primeiramente, antes de iniciar a decomposição, é necessário ler todo o texto. A seguir, com lápis e borracha na mão, você deve realizar a segunda leitura, grifando as palavras desconhecidas e adotando o antigo conselho: consultando o dicionário.

Repetindo: a análise requer paciência, dedicação, esforço intelectual e muita disciplina, qualidades que podem ser adquiridas. É uma questão de desejo (e de necessidade, às vezes). O objetivo dessa etapa é o de levar o aluno a realizar uma leitura mais profunda.

De posse dos sinônimos das palavras desconhecidas, é hora de fazer uma nova leitura, buscando as palavras-chave, assunto já estudado anteriormente. A seguir, localizar, em cada parágrafo, a idéia central e compará-las, organizando-as da menor para a maior. Feito isso, interpretar as idéias contidas em cada parágrafo, objetivando encontrar as conclusões a que o autor chegou e, dessa forma, compreender possíveis deduções (op. cit., p. 24).

Bloom, citado por Marconi e Lakatos (2008, p. 25), aponta três tipos de análise:

- a) identificação e classificação dos elementos – fragmentação do material em suas partes constitutivas;
- b) explicitação das relações entre tais elementos – verificação de suas conexões e interações;
- c) reconhecimento dos princípios de organização – tendo em vista sua disposição e estrutura.

Na análise dos elementos, devem ser observados: referências bibliográficas e credenciais do autor; tema, problemas, hipóteses e metodologia; estrutura do texto; vocabulário; fatos históricos, acontecimentos; modelo teórico, doutrina; idéias principais e secundárias; afirmações, juízos de valor; conclusões (op. cit., p. 25).

Na análise das relações, permite-se verificar se há ou não coerência em relação aos elementos constitutivos do texto. As relações podem ser observadas entre: idéias secundárias, fatos específicos que confirmam uma opinião, pressupostos básicos de uma tese sobre a qual se apóia, hipóteses e dados coletados, elementos de causa e efeito, entre outros (op. cit., p. 26).

Na análise da estrutura, são analisadas as partes de um todo, no intuito de estabelecer relações entre elas. São os seguintes itens nesse tipo de análise que devem ser analisados: a intenção do autor; os conceitos adotados; as técnicas de argumentação; a posição tomada pelo autor, entre outros (op. cit., p. 27).

Existem outros tipos de análise.

Gagliano, citado por Marconi e Lakatos (2008, p. 28), para a análise textual, apresenta três itens: análise textual, que deve ser realizada após leituras, no intuito de ter uma noção da totalidade, marcando vocabulário, dúvidas, fatos, doutrinas, obras, autores utilizados na construção do texto e elaboração de um esquema desse texto; análise temática, que consiste na compreensão das idéias, dos problemas, dos processos de raciocínio, das comparações e do esquema do pensamento do autor; análise interpretativa, em que se faz uma demonstração dos tipos de relações existentes “entre as idéias do autor do contexto científico e filosófico, de diferentes épocas e objetivo do texto: discussão e resumo”.

Para o nosso trabalho, tendo como base a orientação desses importantes pesquisadores, propomos-lhe, para a análise textual e para a confecção do resumo, um olhar poliocular a fim de verificar três tópicos, que chamaremos olhares, a saber: olhar informativo, olhar pré-formativo, olhar formativo.

1. Olhar informativo

Neste estágio, sugerimos que você leia o texto do início ao fim. A seguir, grife as palavras desconhecidas e procure o sinônimo no dicionário. Comece a fazer anotações, pesquise dados sobre o autor do texto e responda às seguintes questões: em que são fundamentadas as argumentações, ou seja, quais as referências utilizadas por esse autor para construir o texto?; qual é o tema do texto lido?; como esse tema é problematizado?; o autor levanta alguma hipótese?; o autor se utiliza de fatos para comprovar a sua argumentação?; que relações você pode estabelecer com os conhecimentos que você já possui sobre o tema?

Cabe lembrar que se desconhecer totalmente o assunto, não estabelecer nenhuma relação com os conhecimentos já adquiridos, possivelmente, nesta etapa, você poderá sentir dificuldade em continuar a análise. No entanto, advertimos, não pare: esse sentimento é comum.

O importante é que continue e não desista diante do primeiro empecilho. Como alertamos, é preciso paciência e esforço intelectual – qualidades de um aluno preocupado com a própria construção do conhecimento. Preocupação importante: é preciso dar sabor ao saber.

2. Olhar pré-formativo

Neste estágio, após coletar dados, você estará munido de informações para iniciar mais uma leitura do texto. Releia-o totalmente e, a seguir, comece a planejar um esquema. De quantos parágrafos o texto é composto? Qual é a idéia central? Quais são as idéias secundárias? Como essas idéias se relacionam, parágrafo por parágrafo? A que conclusão chega o autor? Responda a essas questões e monte um esquema com poucas palavras.

3. Olhar formativo

Na fase em que se lança o olhar formativo, o leitor deve utilizar as informações anteriores, do olhar informativo e do olhar pré-formativo, compreendendo que toda informação até agora coletada é importante para estabelecer relações com o texto lido, principalmente de fatos e citações, nos quais o autor, possivelmente, se embasou, para que a obra seja desvendada. Trata-se de um estágio objetivo, isto é, a análise deve ser feita somente com os dados adquiridos até o momento, não permitindo que emoções interfiram no trabalho.

Para tal, resuma cada parágrafo em poucas palavras e acrescente-o ao esquema realizado anteriormente.

Última etapa do trabalho, neste estágio, você deverá reunir todas as informações, buscar significados para compreender todo o texto. É chegado o momento, após conhecer todo o texto, de construir um novo texto, fruto da análise realizada. Entretanto, na realização do trabalho, não inclua julgamentos, pois não são próprios da análise, como advertem Marconi e Lakatos (2008, p. 25), haja vista que isso é próprio da crítica.



ATIVIDADE

1. Sobre o texto a seguir, lance os olhares informativo e pré-formativo. Esteja atento às palavras grifadas para, posteriormente, iniciar a sua pesquisa.

Saber esperar

Para nós, não há nada mais difícil do que esperar. A exemplo do que fez com tudo mais, nossa cultura privilegiou a dimensão quantitativa do tempo. Deu primazia ao tempo medido em relação ao vivido. Como a temporalidade medida é, em nossa concepção, igual a dinheiro, e como o dinheiro muito freqüentemente se relaciona a imediatismo, ansiedade e temor, saber esperar reduziu-se a um sinônimo de perder tempo, isto é, perder dinheiro e sentir medo.

Transformamos o tempo em uma coisa, uma mercadoria, como mostrou Marx em seus estudos sobre o tema. Na mesma linha, a apropriação do tempo (e a mecanização da gestualidade) das pessoas foi consagrada como o ponto central do taylorismo – a “gerência científica” das linhas de produção industrial, que Charles Chaplin satirizou em *Tempos modernos*. Qualquer tentativa de fazer uma ontologia do tempo suscita, desde logo, a questão de se ele é linear ou circular. É importante registrar que nas três grandes tradições patriarcais de nossa época – o cristianismo, o judaísmo, o islamismo – o tempo é linear. Na Bíblia, com exceção de Eclesiastes, é assim que ele é considerado. Segundo essas tradições, marchamos sobre essa reta com princípio, meio e fim determinados. Sempre em direção a um alvo final – a morte –, que pode representar a salvação ou danação eternas. Não existe possibilidade de segunda chance.

É essa linearidade que torna possível as pressões, cobranças e advertências, que instilam em nós o pavor em relação a esse marco do qual não se volta. Tal circunstância contribui, evidentemente, para que encaremos a morte como um ponto final que nos apavora, e não como um dado da vida. Tende também a fazer com que desvalorizemos a passagem, a trajetória, e tudo aquilo que com ela se relaciona.

Trata-se de uma unidirecionalidade que torna possível as ameaças partidas de deuses masculinos, severos, punitivos e fiscalizadores. Possibilitou, ainda, a emergência de filosofias como o determinismo histórico de Hegel, apropriado por Marx e transformado em uma espécie de via dolorosa, a ser percorrida na direção da beatitude final do comunismo salvador.

Além de levar à desvalorização do cotidiano, a retilineidade princípio-meio-fim dificulta muito a prática da tolerância, da serenidade e da compaixão. Por outro lado, sempre estimulou a “competitividade”. Mesmo com o aceno a penas terríveis e com a impossibilidade do retorno, porém, não se conseguiu evitar as infundáveis tentativas de burlar as punições, mediante toda sorte de estratégias, muitos deles antiéticos.

Tudo isso nos levou ao desaprendizado da espera. A concepção linear do tempo tornou possível, como já foi dito, a sua apropriação e transformação em mercadoria – ponto central da filosofia das linhas de montagem

industrial e da idéia de produto acabado. A reificação, a quantificação e a comercialização do tempo fizeram com que ele se tornasse artificialmente escasso, e como tal objeto de usura. É o caso dos prazos bancários – e também da apropriação e desvalorização da temporalidade e da subjetividade das pessoas. Nesse modelo, não há lugar para o ser humano individualizado, mas sim para o homem recortado, o homem-função.

O padrão linear-quantitativo fez com que a técnica determinasse a vida humana e não o contrário. Temos uma enorme dificuldade de compreender que, ao ver o tempo unicamente como um bem de consumo ou moeda de troca, perdemos a sabedoria da espera. Isto é: perdemos uma das dimensões mais importantes da nossa existência. Não sabemos distinguir o tempo cultural do tempo natural e pagamos muito caro por isso. Ao institucionalizar a temporalidade linear, deixamos de respeitar a diversidade das temporalidades individuais.

Essa é a tônica da nossa cultura, na qual os dominadores impõem aos dominados (mas também a si próprios) o seu modelo mecânico de temporalidade, e o tempo da cultura patente reprime o da cultura latente. É claro que precisamos dessa linearidade para as práticas da vida mecânica – mas decididamente não precisamos dela como indutora de paranóias. Do ponto de vista qualitativo, o tempo não se ganha nem se perde: vive-se. Nas grandes tradições, anteriores à judaico-cristã, a temporalidade é circular, reflete a dinâmica dos sistemas da natureza, o que nos mostra que vivemos num mundo de ciclos. Com elas, aprendemos que saber esperar é saber viver.

É preciso reaprender a aguardar o nascer do dia, o cair da noite, a chegada de uma estação do ano, as fases da lua, o desenvolvimento de uma idéia. Os ciclos da vida incluem o tempo de espera dos sistemas. Vivemos neles e eles em nós. Não há como desenvolver uma alteridade significativamente diversa da que vivemos hoje, sem entender a complementaridade dos tempos linear (o tempo mecânico-produtivista) e não-linear (o tempo sistêmico). Ela nos levará a uma visão complexa da temporalidade.

É preciso, por exemplo, não pretender apressar a chegada da felicidade. Essa proposta não quer dizer que devemos esperá-la passivamente, mas por outro lado mostra que de nada adianta persegui-la como se ela fosse uma caça. Com efeito, a experiência mostra (e insistimos em não aprender com ela) que é precisamente a perseguição ansiosa da felicidade que muitas vezes nos faz infelizes.

Aqui a noção de coisa mais uma vez faz com que ignoremos a de processo: a felicidade que se busca com tanta sofreguidão é apenas a da acumulação material. Essa é a idéia de felicidade que herdamos do Iluminismo e que continua em vigor até hoje. Ela pressupõe que as sociedades caminharão sempre rumo à perfeição, que o evoluir da história está predeterminado por leis fixas e que o indivíduo, na qualidade de instrumento desse determinismo, é inexoravelmente conduzido por ele.

Trata-se, pois, da idéia de felicidade projetada sobre uma linha de tempo, sujeita à quantificação e que suscita, no outro pólo, a noção de escassez. Esta, por sua vez, produziu a convicção de que prolongar o processo vital é igual a prolongar a felicidade. Trata-se de um ponto de vista, em princípio, razoável, mas que em certos casos, além de desvalorizar o momento presente, inspira ações de postergação artificial da vida, em situações em que ela já não é compatível com a dignidade humana.

Fala-se pouquíssimo na felicidade que surge no aqui-e-agora do convívio das pessoas – a felicidade solidária. É compreensível: nosso cotidiano competitivo pode ser tudo, menos feliz, embora seja nele e não num reino transcendental que temos de viver. Nossa mente tem pouca capacidade de entender e valorizar a felicidade que emerge da convivência. Um dos motivos para isso é que esta não é facilmente apropriável e transformável em moeda de troca, como se faz com o tempo.

Os obstáculos a essa compreensão são muitos e estão profundamente enraizados nos cânones de nossa cultura, segundo os quais é preciso competir, batalhar, ganhar muito dinheiro para poder comprar a felicidade. Na prática, as pessoas não raro acabam concluindo que é tão difícil de ser feliz por esses meios que imaginam que o seja por todos os demais. E, assim, no fim das contas, acabamos nos considerando incapazes de ser felizes seja de que maneira for.

A felicidade não está no término de uma linha de tempo, na qual o começo e o meio também estão predeterminados. A própria idéia de conquista subentende-a difícil e fugidia. Nessa ótica, ela é considerada uma forma de vantagem e continuamos a persegui-la por toda parte – menos onde realmente se encontra: no espaço de convivência com o outro humanamente legitimado e no respeito ao tempo de que ela precisa para emergir.

Saber esperar não é uma condição que deriva de um conjunto de regras, de um sistema filosófico ou de uma disciplina pragmática. Tampouco é uma condição transcendente, à qual devemos nos curvar movidos pela fé. Trata-se de uma dimensão importante da condição humana e negá-la é negar a própria essência do viver (MARIOTTI, 2000, p. 300-303).

Olhar informativo:

[illegible]

Olhar pré-formativo:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

RESPOSTA COMENTADA

A seguir, você encontrará uma possibilidade de responder à questão. Deixamos claro que não se trata de uma “receita de bolo”. Apresentamos-lhe caminhos a serem percorridos nessa nau. Agora somente serão lançados dois olhares no texto, como solicitado na atividade.

*Olhar informativo**a) Leitura total do texto e anotação das palavras desconhecidas*

- *Ontologia – segundo o dicionário, a parte da Filosofia que trata da natureza do ser. Buscamos subsídios em Chauí (1998, p. 238) para esclarecer a questão. Para essa autora, a palavra ontologia deriva do particípio presente do verbo einai (ser), isto é, de on (ente) e ontas (entes), dos quais vem o substantivo to on: o Ser (op. cit., p. 238). Ressalta que ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes. No dicionário Globo, encontramos a seguinte definição de ente: “sm. Ser; aquilo que existe; coisa; objeto; substância; aquilo que supomos existir”. Chauí (1998, p. 242) salienta que “a ontologia investiga a essência ou sentido do ente físico ou natural, do ente psíquico, lógico, matemático, estético, ético, temporal, espacial etc. Investiga as diferenças e as relações entre eles, seu modo próprio de existir, sua origem, sua finalidade. E exemplifica com as questões da ontologia, entre elas, em nosso caso, vale a pena destacar as seguintes: O que é o mundo? O que é o outro? O que é espaço-tempo? O que é a linguagem? A religião? A sociedade? A arte? A morte?*

Portanto, quando o autor afirma que “qualquer tentativa de fazer uma ontologia do tempo”, está se referindo à realização de qualquer tentativa de investigação sobre a origem ou finalidade do tempo.

- *Suscitar: provocar; sugerir.*
- *Linearidade (o pensamento linear e o não-linear – o sistêmico) e complexidade.*

Estes conceitos permeiam a obra de Mariotti (2000, p. 29). Acreditamos ser a chave para desvendar o pensamento expresso no trecho. Esse autor, para iniciar a explicação do que é pensamento linear e não linear, recorre ao exemplo de Joseph O'Connor e Ian McDermott, dois conceituados pesquisadores. Assim introduz a questão:

– A Terra é plana? E a responde (op. cit., p. 30):

É claro que sim: basta olhar o chão que pisamos. No entanto, como mostram as fotografias dos satélites e as viagens intercontinentais, ela é, obviamente, redonda. Concluímos, então, que do ponto de vista do pensamento

linear, da causalidade imediata, a Terra é plana. Uma abordagem mais ampla, porém, mostra que ela é redonda e faz parte de um sistema.

Precisamos dessas duas noções para as práticas do cotidiano. Mas elas não são suficientes, o que leva a ampliar o exemplo desses autores e dizer que: a) do ponto de vista do pensamento linear, a Terra é plana; b) pela perspectiva do pensamento sistêmico, ela é redonda; c) por fim, do ângulo do pensamento complexo — que promove a complementaridade dos dois anteriores — ela é, ao mesmo tempo, plana e redonda.

Essa forma de ver a realidade como um grande mecanismo fornece subsídios para que a lógica linear se estabeleça. Assim, nessa forma de pensar, tudo deve ter uma causa passível de explicação, e o raciocínio linear deve estar sempre vigilante contra o perigo da contradição, haja vista que “cair em contradição” é a grande maldição de nossa sociedade — adverte Mariotti (2000, p. 59). Esse autor apresenta várias características da lógica linear; entretanto, destacamos três (op. cit., p. 59), a saber:

— objetividade: há sempre um sujeito (o observador) que observa e julga um objeto (o observado) e transforma esse julgamento num discurso. A objetividade deve conferir ao observador o que ele chama de “isenção” ou de “imparcialidade”.

— quantificação: a tendência a interpretar tudo em termos quantitativos varia na razão direta da exclusão dos aspectos humanos de uma determinada situação.

— seqüencialidade, ordem direta: “você não está sendo claro” é uma reclamação corriqueira, que surge sempre que as pessoas se defrontam com algo fora da ordem linear — algo que, pra elas, está fora do padrão começo-meio-fim e é, portanto, perigoso.

No intuito de lhe fornecer mais subsídios para a compreensão do texto, acrescentamos mais um trecho retirado da obra desse autor. Acreditamos que se trata de uma importante ferramenta. Leia-o (op. cit., p. 37):

Em suma, nossa mente só vê o que está preparada para ver, isto é, está condicionada. Dito de outro modo:

- a) nosso comportamento e visão de mundo são determinados por nossas percepções;
 - b) nossas percepções são determinadas por nossa estrutura cognitiva;
 - c) logo, para mudar as percepções (e a partir daí os comportamentos), é preciso mudar essa estrutura;
 - d) mas sabemos que essa mudança exige um trabalho sobre os fatores que condicionam a mente da nossa cultura.
- Ou seja: é necessária uma educação que integre os modos linear e sistêmico de perceber e pensar o mundo, isto é, uma educação para o pensamento complexo.

• **Eclesiastes:**

Pseudônimo usado pelo autor do livro do Eclesiastes. O título do livro em hebraico é *qoelet*, uma forma particular do verbo “reunir”. O conteúdo desse curto tratado, no entanto, é menos eclesial que sapiencial, exibindo um ceticismo e um humor sardônico que seriam incongruentes numa assembléia religiosa formal. Escrito provavelmente no século III a.C, o livro é mais filosófico do que religioso e consiste de uma seqüência de respostas a perguntas apresentadas em Eclesiastes 1,2-3: “Que ganha uma pessoa com sua labuta?” Começando e terminando com esse tema, o livro se divide em duas partes: um tratado filosófico sobre a vida e o absurdo (Caps. 1-6), e uma discussão ética sobre como deveria viver a própria vida em consequência disso (Caps. 7-12). Envergando o manto de Salomão e, assim, investido de perfeita sabedoria, o autor procura sentido onde tradicionalmente ele pode ser encontrado: no prazer, em bens, no trabalho. Tudo isso termina em morte. Até a própria sabedoria de nada vale. O absurdo permanece, e não simplesmente na experiência pessoal, mas enraizado na experiência humana: “Deus deu aos homens” o instinto inato de raciocinar sobre os porquês, mas até isso é “ vaidade”. Paradoxalmente, a inevitabilidade da morte centra a mente no “agora”, e assim a vida humana, com suas limitações e prazeres, ocupa o centro do palco. Eclesiastes representa uma visão de mundo e de existência baseada na experiência de um indivíduo e uma ética resultante fundada na razão e aplicada àquela experiência.

- **Instilar:** insinuar, infiltrar-se.
- **Burlar:** enganar, fraudar.
- **Estratagema:** ardil, astúcia, subterfúgio.
- **Reificação:**

Segundo Ferrater Mora (2001, p. 628), entendeu-se “reificação” em vários sentidos. Destacamos dois:

1) “Ver os seres humanos como coisas ou tratá-los como se assim fossem, é uma “reificação” e desumanização dos humanos.

2) “Marx usou o termo *Verdinglichung* – traduzível por “reificação” e por “coisificação” – para se referir ao processo por meio do qual se produz a alienação dos frutos do trabalho. Ao se reificarem esses produtos, também se reifica ou se coisifica o homem que os produziu mediante o trabalho; o ser humano converte-se, então, numa “coisa” chamada “mercadoria” (op. cit., p. 628).

- *Usura*: lucro exagerado; mesquinhez; ambição.
- *Alteridade*: caráter ou qualidade do que é outro. Palavra de origem latina “alter”, que significa outro. Segundo Japiassú (2006, p. 7), do ponto de vista lógico, significa negação precisa da identidade e afirmação da diferença.
- *Sofreguidão*: impaciência; ânsia.
- *Inexorável*: inflexível; implacável; rígido.
- *Escassez*: falta.
- *Postergação*: deixar para trás, preterir; desprezar.
- *Cânones*: regra; decreto; decisão da Igreja sobre princípios de fé ou disciplina.
- *Pragmática*: praxe; usual; pragmatismo: sistema que, opondo-se ao intelectualismo, considera o valor prático como critério da verdade.
- *Transcendente*: que excede os limites ordinários; muito elevado; superior; sublime; metafísico.

b) Dados sobre o autor

- Humberto Mariotti é coordenador do Grupo de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico da Associação Palas Athena, em São Paulo. Trata-se de um excelente autor, que discursa sobre os temas complexidade, pensamento sistêmico e pensamento complexo com extrema clareza. Entre suas obras, destacam-se: *Organizações de aprendizagem*, *Educação continuada* e *A empresa do futuro*. É médico psicoterapeuta.

c) Referências bibliográficas

- São os seguintes autores que dão sustentação teórica ao estudo desse autor, a saber: o antropólogo inglês Gregory Bateson; o sociólogo, antropólogo e filósofo Edgar Morin; os criadores da biologia da cognição, os chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela; as idéias de Jiddu Krishnamurti, pensador de expressão mundial; o físico David Bohm; o brasileiro Ubiratan D’Ambrósio, participante da introdução da transdisciplinaridade e da etnomatemática em nossa cultura.

d) Tema: saber esperar.

e) Problematização:

Como o não-saber esperar pode conduzir a uma vida sem qualidade?

f) Hipótese:

Saber esperar é uma dimensão da condição humana e negá-la é negar a própria essência do viver.

g) Fatos para comprovar a argumentação ou fundamentação teórica do autor:

• Marx

Segundo Chauí (1998, p. 52), no final do século XIX, as idéias de Karl Marx (1818-1881), voltadas para a economia e política, mudaram os rumos da História. Por quê? Essa autora responde à questão informando-nos que Marx descobriu que

[...] temos a ilusão de estarmos pensando e agindo com nossa própria vontade, racional e livremente, de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e a agir como agimos. A esse poder – que é social – ele deu o nome de Ideologia.

• Taylor

Frederick Taylor (1856-1915), no livro Princípios de administração científica, estabeleceu os parâmetros do método científico de racionalização da produção – daí em diante conhecido como taylorismo – que visa ao aumento de produtividade com economia de tempo, a supressão de gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo. Taylor parte do princípio de que o trabalhador é indolente, gosta de “fazer cera” e usa os movimentos de forma inadequada (CHAUÍ, 1998).

Observando seus gestos, determina a simplificação deles, de tal forma que a devida posição do corpo, dos pés e das mãos possa aumentar a produtividade (ARANHA; MARTINS, 1993).

Nesse sistema são criados cargos de gerente especializados em treinar operários, usando cronômetros e, depois, vigiando-os no desempenho de suas funções. Os bons funcionários são estimulados com recompensas; os indolentes, sujeitos a punições.

Taylor tentava convencer os operários de que tudo isso era para o bem deles, pois, em última análise, o aumento de produção se transformaria em benefícios também para eles, gerando a sociedade da opulência (op. cit., 1993).

• *Charles Chaplin*

Diretor e ator de seus filmes, Charles Chaplin (1889-1977) ficou conhecido mundialmente pela personagem Carlitos, no cinema. No filme Tempos modernos, a vida na sociedade industrial é focalizada, apresentando o homem reduzido a gestos mecânicos e repetitivos, tornado esquizofrênico.

Walter Benjamin, citado por Kramer (2008, p. 18) em A educação a contrapelo, afirma que, "na era industrial, porém, gestos repetitivos e mecânicos tornam a experiência cada vez mais imune a choques; o comportamento torna-se reativo, a memória é liquidada. A perda da experiência está ligada à mudança dos seres humanos em autômatos, peças da linha de montagem, sem significado".

• *determinismo histórico de Hegel*

Determinismo: Segundo Ferrater Mora (2001, p. 160), "os deterministas radicais afirmaram que não só os fenômenos naturais, mas também as ações humanas (explicáveis então como fenômenos naturais), estão submetidas a um determinismo universal". Esse autor afirma que, numa acepção geral, "o determinismo sustenta que tudo o que houve, há e haverá, e tudo o que sucedeu, sucede e sucederá está de antemão fixado, condicionado e estabelecido, não podendo haver nem suceder senão aquilo que está de antemão fixado, condicionado e estabelecido" (op. cit., p. 82).

• *Hegel*

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) estudou na Universidade de Teologia de Tübingen, na Alemanha (CHAUÍ, 1998).

Para Hegel, a razão é histórica. Por quê?

Segundo Chauí (1998, p. 80), a filosofia, preocupada em assegurar a diferença entre uma simples opinião e a verdade "considerou que as idéias só seriam racionais e verdadeiras se fossem intemporais, perenes, eternas, as mesmas em todo lugar e tempo". Essa autora salienta que Hegel criticou essa intemporalidade atribuída à razão e à verdade, pois o filósofo afirmou que a razão é histórica. Por quê? Hegel afirma que a "razão não está na História; ela é História. A razão não está no tempo; ela é o tempo. Ela dá sentido ao tempo" (op. cit., p. 81).

Então, há um novo conceito de História, que deriva das idéias de Hegel.

Aranha e Martins (1993, p. 119) afirmam que, para Hegel, a crítica filosófica se faz ao final do trabalho realizado. Acrescentam que “Hegel propõe um novo conceito de História: o presente é retomado como resultado de um longo e dramático processo; a história não é uma simples acumulação e justaposição de fatos acontecidos no tempo, mas é um verdadeiro engendramento, um processo cujo motor interno é a contradição” (op. cit., p. 119).

- *modelo mecânico de temporalidade*

Leia o trecho a seguir, encontrado em Schmidt (1996, p. 76):

A descoberta da lei da gravidade universal, segundo a qual todos os corpos se atraem, teve uma extraordinária repercussão filosófica. Em primeiro lugar, ao contrário do pensamento medieval, ela afirmava que as leis da natureza eram as mesmas tanto na Terra quanto no resto do Universo. Em segundo lugar, expressava a confiança extraordinária de que, sozinha, a ciência é capaz de explicar todo o funcionamento do Universo. Isso levou os homens dos séculos XVII e XVIII a ver a realidade da natureza e do homem como se fosse um grande mecanismo com engrenagens que moviam e eram movidas por outras. Tudo seria explicado em termos de causa e efeito. É o que se chama visão mecanicista da realidade. A Revolução Científica do século XVII influenciou decisivamente o século seguinte: tanto economicamente (A Revolução Industrial) quanto política e intelectualmente (o Iluminismo). De certo modo, é o berço do nosso mundo contemporâneo.

- *Iluminismo*

O Iluminismo, segundo Schmidt (1996, p. 85), possui vários sinônimos, entre eles: Esclarecimento, Filosofia das Luzes e Ilustração. Corrente de pensamento elaborada durante o século XVII, é também denominado Século das Luzes. Para os seguidores desse movimento, “os homens da sociedade do Antigo Regime viviam nas trevas da ignorância, do fanatismo, das superstições, da violência, do atraso e da opressão” (op. cit., p. 85). Isso acontecia porque os homens haviam sido educados nessa atmosfera, nesse meio. Assim, esse autor (op. cit., p. 86) nos informa que:

Essa é uma idéia que os iluministas criaram e defendiam com vigor: o homem é produto do meio em que vive, da sociedade e da educação. O filósofo Jean-Jacques

Rousseau, por exemplo, gostava de dizer que o homem é bom por natureza, a sociedade é que o corrompe. Conclusão: seria preciso reeducar os homens, esclarecê-los. No Antigo Regime, a educação era controlada pela Igreja Católica. Uma Igreja que apoiava com unhas, dentes e excomunhões o feudalismo e o direito divino dos monarcas absolutistas. Para os Iluministas, a Igreja ensinava uma filosofia ultrapassada (a escolástica) e tornava os homens ignorantes, fanáticos e submissos.

Três foram os principais filósofos desse movimento: Montesquieu, Voltaire e Jean-Jacques Rousseau.

- *Que relações você pode estabelecer com os conhecimentos que você já possui sobre o tema?*

- *Olhar Pré-formativo*

Após a releitura do texto, eliminando todas as dúvidas, quer seja do vocabulário, quer seja sobre os fatos abordados no texto, inicia-se a confecção de um esquema. Para tal, deve-se responder às questões:

De quantos parágrafos o texto é composto?

O texto é composto por 18 parágrafos.

Qual é a idéia central?

O não-saber esperar.

Quais são as idéias secundárias?

Temporalidade e felicidade.

Assim:

Saber esperar é difícil, pois nossa cultura privilegiou a quantificação do tempo, dando prioridade ao tempo medido (concebido como dinheiro). Em decorrência, saber esperar reduziu-se a perder tempo, dinheiro e sentir medo. O tempo foi “coisificado”. Caso se queira investigar a origem ou finalidade do tempo, surge a questão da linearidade ou circularidade. Entretanto, nas tradições patriarcais, o tempo linear — com princípio, meio e fim determinados — é consagrado e direcionado a um fim, rumando para a salvação ou danação, sem a possibilidade de segunda chance, favorecendo as pressões que infiltram em nós o medo em relação ao local de onde não se volta. Assim, não tendo a morte como um dado da vida, a tendência é a de desvalorizar essa trajetória. Essa direção única, determinista, conduz à desvalorização do cotidiano e dificulta a prática da tolerância, estimulando a competitividade. Dessa forma, surge o desaprendizado da espera, pois a concepção linear possibilitou a apropriação e transformação do tempo em mercadoria, coisificando-o. O padrão linear-quantitativo fez com que a técnica determinasse a vida humana. Conseqüentemente, não se distingue o tempo cultural do tempo natural e, assim, não se respeita a diversidade das temporalidades individuais, tônica de nossa cultura, que nos impõe o modelo mecânico de temporalidade. Por outro lado, do ponto de vista qualitativo, vive-se o tempo. Nas tradições anteriores à judaico-cristã, considera-se a temporalidade circular, que reflete a dinâmica dos sistemas da natureza, em ciclos. Nessa dinâmica, aprende-se que saber esperar é saber viver. Esse reaprendizado conduz a uma visão complexa da temporalidade. Assim, certamente, compreende-se que não se deve apressar a felicidade, mas esperá-la, pois a busca ansiosa traz a infelicidade. A idéia de felicidade que vigora, herdada do Iluminismo, é a de acumulação material e pressupõe que as sociedades caminharão rumo à perfeição deterministicamente. Tal pensar põe a idéia de felicidade sobre uma linha de tempo, sujeita à quantificação. Pouco se discute sobre a felicidade do momento no convívio, a felicidade solidária. Compreende-se essa lacuna pelo fato de que o cotidiano competitivo pode ser tudo, menos feliz. No entanto, não se vive num reino transcendental. Nossa mente, que não é facilmente apropriável e transformável em moeda de troca — como se faz com o tempo —, tem pouca capacidade de entender e valorizar a felicidade que emerge da convivência. Os obstáculos a essa compreensão são culturais, haja vista que é preciso competir, batalhar, ganhar muito dinheiro para poder comprar a felicidade, o que, na prática,

incapacita o sujeito de ser feliz de algum jeito. A felicidade se encontra no espaço da convivência, sem determinismos e sem a idéia de linha de tempo, e no respeito ao tempo de que ela precisa para emergir. Saber esperar é uma dimensão importante da condição humana e negá-la é negar a própria essência do viver.

Quanto à redação final do resumo, cada um dará uma “roupagem” a seu gosto e dentro das próprias possibilidades; entretanto, é mister não divagar e não ser crítico. Ei-lo mais resumido:

Saber esperar é difícil, pois nossa cultura privilegiou a quantificação do tempo, dando prioridade ao tempo medido (concebido como dinheiro). Em decorrência, saber esperar reduziu-se a perder tempo e dinheiro e sentir medo. O tempo foi “coisificado”, transformado em mercadoria, em face de um pensar linear e não circular. Tal pensar, determinista e em direção única, dificulta a prática da tolerância, estimulando a competitividade, e fez com que a técnica seja a determinante da vida humana, não distinguindo o tempo cultural do tempo natural; assim, não respeitando a diversidade das temporalidades individuais. Por outro lado, do ponto de vista qualitativo, vive-se o tempo em que se considera a temporalidade circular, que reflete a dinâmica dos sistemas da natureza, em ciclos. Nessa dinâmica, aprende-se que saber esperar é saber viver. Esse reaprendizado conduz a uma visão complexa da temporalidade. Assim, certamente, compreende-se que não se deve apressar a felicidade, mas esperá-la, pois a busca ansiosa traz a infelicidade. A idéia de felicidade que vigora, herdada do Iluminismo, é a de acumulação material e pressupõe que as sociedades caminharão rumo à perfeição deterministicamente. Esse pensar põe a idéia de felicidade sobre uma linha de tempo, sujeita à quantificação, sem discuti-la no momento do convívio. E sem respeitar o tempo de que ela precisa para emergir. Saber esperar é uma dimensão importante da condição humana e negá-la é negar a própria essência do viver.



ATIVIDADE

3. Leia o texto a seguir. Inicialmente, lance um olhar informativo e pré-formativo e registre no seu caderno as suas anotações. Posteriormente, elabore um resumo do trecho lido, lançando um olhar formativo.

A imprevisibilidade e o poder de prometer

Ao contrário do perdão, que sempre foi considerado irrealista e inadmissível na esfera pública – talvez devido à sua conotação religiosa, talvez devido à ligação com o amor presente em sua descoberta –, a força estabilizadora inerente à faculdade de prometer sempre foi conhecida em nossa tradição. Podemos encontrá-la no sistema legal romano, na inviolabilidade de acordos e tratados (*pacta sunt servanda*); ou podemos atribuir sua descoberta a Abraão, o homem de Ur, cuja história, na versão bíblica, revela tão grande inclinação de fazer pactos que é como se houvesse deixado sua terra exclusivamente para pôr à prova, na vastidão do mundo, o poder da promessa recíproca, até que o próprio Deus finalmente consentisse em firmar com ele uma Aliança. Seja como for, a grande variedade de teorias do contrato confirma, desde os tempos de Roma, que o poder de prometer ocupou, ao longo dos séculos, lugar central no pensamento político.

A imprevisibilidade, eliminada, pelo menos parcialmente, pelo ato de prometer, tem dupla origem: decorre ao mesmo tempo da “treva do coração humano”, ou seja, da inconfiabilidade fundamental dos homens, que jamais podem garantir hoje quem serão amanhã, e da impossibilidade de se prever as conseqüências de um ato numa comunidade de iguais, onde todos têm a mesma capacidade de agir. O fato de que o homem não pode contar consigo mesmo nem ter fé absoluta em si próprio (e as duas coisas são uma só) é o preço que os seres humanos pagam pela liberdade; e a impossibilidade de permanecerem como senhores únicos do que fazem, de conhecerem as conseqüências de seus atos e de confiarem no futuro é o preço que pagam pela pluralidade e pela realidade, pela alegria de conviverem com outros num mundo cuja realidade é assegurada a cada um pela presença de todos.

A função da faculdade de prometer é aclarar esta dupla obscuridade dos negócios humanos e, como tal, constitui a única alternativa a uma supremacia baseada no domínio de si mesmo e no governo de outros; corresponde exatamente à existência de uma liberdade que é dada sob a condição de não-soberania. O perigo (e a vantagem) inerente a todos os corpos políticos assentados sobre contratos e pactos é que, ao contrário daqueles que não se baseiam no governo e na soberania, não interferem com a imprevisibilidade dos negócios humanos nem com a inconfiabilidade dos homens, mas encaram-nas como se fossem uma espécie de oceano, no qual podem instalar certas milhas de previsibilidade e erigir certos marcos de confiabilidade. Quando as promessas perdem seu caráter de pequenas ilhas de certeza num oceano de incertezas, ou seja, quando se abusa dessa

Referimo-nos antes ao poder que passa a existir quando as pessoas se reúnem e “agem em concerto” e que desaparece assim que elas se separam. A força que as mantém unidas – que não é o espaço de aparência no qual se reúnem nem o poder que conserva a existência desse espaço público – é a força da promessa ou do contrato mútuo. A soberania que sempre é espúria quando reivindicada por uma entidade única e isolada, quer seja a entidade individual da pessoa ou a entidade coletiva da nação, passa a ter certa realidade limitada quando muitos homens se obrigam mutuamente através de promessas. A soberania reside numa limitada independência em relação à impossibilidade de calcular o futuro, e seus limites são os mesmos limites inerentes à própria faculdade de fazer e cumprir promessas. A soberania de um grupo de pessoas cuja união é mantida, não por uma vontade idêntica que, por um passe de mágica, as inspirasse a todas, mas por um propósito com o qual concordaram e somente em relação ao qual as promessas são válidas e têm o poder de obrigar, fica bem clara por sua incontestável superioridade em relação à soberania daqueles que são inteiramente livres, isentos de quaisquer promessas e desobrigados de quaisquer propósitos. Esta superioridade decorre da capacidade de dispor do futuro como se este fosse o presente, isto é, do enorme e realmente milagroso aumento da própria dimensão na qual o poder pode ser eficaz. Nietzsche, com sua extraordinária sensibilidade para os fenômenos morais – a despeito de seu moderno preconceito de enxergar a fonte de todo poder na vontade de poder do indivíduo isolado –, viu na faculdade de prometer (a “memória da vontade”, como ele a chamou) a verdadeira diferença que distingue a vida humana da vida animal. Se a soberania é, na esfera da ação e dos negócios humanos, o que a mestria é na esfera da fabricação e no mundo das coisas, a principal diferença entre ambas é que a primeira só pode ser alcançada pela união de muitos, enquanto a segunda só é concebível no isolamento (ARENDT, 2001, p. 255-257).

[illegible]

COMENTÁRIO

*Conforme informamos, não há receita ideal. Você deverá seguir os pontos estudados e elaborar o seu resumo. Para isso, você deverá pesquisar as palavras cujos significados desconhece, dados sobre a autora do texto, obras da autora, entre outras pesquisas. A seguir, resuma o texto com as suas palavras, de forma que tenha em mão material para acrescentar, futuramente, em algum trabalho acadêmico. Importante destacar que, caso queira incluir o resumo num trabalho (no de monografia, por exemplo), você deverá fazer a citação da fonte, ou seja, deverá citar o nome da autora. Quanto à expressão latina *pacta sunt servanda*, eis o que encontramos no Dicionário de Expressões Latinas, de Antônio Filardi Luiz: Os pactos (convenções) devem ser cumpridos (observados)."*

Desejamos-lhe sucesso na realização do trabalho.

RESENHA

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 95), a resenha é uma descrição minuciosa em que se apresentam as idéias fundamentais de uma obra, de forma sintética. Para essas autoras, “consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro, feitos pelo resenhista”. Ademais, advertem que o resenhista deve apontar as falhas encontradas sem fornecer pormenores e que deve tecer elogios aos méritos da obra, desde que ponderados (op. cit., p. 95).

Para a execução deste trabalho, é necessário estudar e analisar bem a obra a ser criticada.

Marconi e Lakatos (2008, p. 96) sugerem os seguintes dados para a elaboração de uma resenha:

a) Referência bibliográfica: de acordo com as normas da ABNT, você deve informar o nome do autor, o título da obra, o número da edição (em caso de primeira edição, não é necessária essa informação), o local de publicação, a editora, o ano da publicação e o número de páginas da obra. Em caso de tradução, informe o nome do tradutor.

Assim:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1. 253 p.

b) Credenciais da autoria: nesta parte, você deverá informar quem é o autor, que obras já produziu; enfim, você deverá traçar um perfil da vida acadêmica do escritor. Por exemplo:

Walter Benjamin (1892-1940) foi um dos mais notáveis intelectuais ... Escreveu... E assim por diante.

c) Resumo da obra: informe como a obra é estruturada, quais idéias são desenvolvidas, como o assunto é abordado, com qual objetivo etc.

Trata-se de uma obra dividida em x capítulos... Informa que ...

O objetivo é o de...

d) Conclusões do autor: nesta etapa, você deverá apresentar as conclusões a que o autor chegou.

e) Apreciação do resenhista: agora é com você! Neste estágio, você deverá informar se o autor é objetivo, se as idéias são apresentadas de maneira coerente, se há clareza e originalidade etc. Interessante, também, é o fato de informar em que paradigma as idéias do autor estão inseridas.

f) Indicações da obra: você deverá informar a que público a obra se destina e quem, ou que grupo tais idéias podem favorecer.

Leia, a seguir, trechos de uma resenha, retirados da revista *Entrelivros*, Ano 2, nº 19, da Editora Integrare. A cada número, são publicadas diversas resenhas nessa revista. Vale a pena lê-las.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, 440 p.

Por: Ricardo Lísias

Nasceu em Beadnell, Inglaterra, em 1945. É doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Princeton (1979). No Brasil, nos anos 1970, intensificou seus estudos sobre o poeta Carlos

Drummond de Andrade, sobre o qual lançou *Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade* (1981) e *Influências e impasses* (2003). Aproximou-se, também, no Brasil, da obra de Machado de Assis, a quem dedicou livros e estudos. É autor de *Machado de Assis: ficção e história* (1986), *Machado de Assis: impostura e realismo* (1991), e organizador de antologias de contos e crônicas do escritor. Atualmente, leciona Literatura Latino-Americana na Universidade de Liverpool.

(...) o novo livro do professor e crítico inglês John Gledson, *Por um novo Machado de Assis*, é uma reunião de ensaios que, como motivo unificador pretende apresentar novas abordagens para nosso escritor maior. Desde já, sem querer contar o final, de fato, Gledson consegue realmente isso: os ensaios são originais, às vezes ousados e outras, comedidos, mas interessantes, e resta, ao final da leitura, uma impressão de matéria nova.

John Gledson está entre os principais nomes que elevam, em solo estrangeiro, a cultura brasileira a uma posição notável, não apenas por divulgar de maneira consistente o que temos de melhor (o que já seria de bom tamanho), mas, sobretudo, por oferecer ao objeto artístico e intelectual brasileiro a seriedade e a leitura profunda de que muitas vezes nossos próprios intelectuais carecem — fato que, a propósito, não passa despercebido ao próprio Gledson, quando, logo no início do livro, comenta a falta de interesse e originalidade de grande parte da crítica acadêmica brasileira. Antes, porém, de entrar no mérito do livro, vale a pena examinar, mesmo brevemente, sua produção anterior, pois na própria conformação geral de sua obra pode estar uma pista sobre o método utilizado para ler Machado de Assis: Gledson ordena seus livros do mesmo jeito que lê os textos.

(...) Com Machado de Assis, o método é exatamente o mesmo, ainda que se amplie consideravelmente: além de estudos cerrados da obra, Gledson preocupa-se em organizar edições meticulosas (como a coletânea de contos publicada em 1998, pela Companhia das Letras), lança mão de gêneros pouco valorizados entre nós, caso da crônica e de sua bela edição (também hiperesgotada) *Bons dias*, preocupa-se com as traduções de Machado de Assis e, como se fosse pouco, ainda verte para o inglês não só títulos notáveis de sua ficção (caso do *Dom Casmurro* publicado pela Oxford), como os volumes centrais da crítica machadiana: quem quiser fazer uma leitura curiosa pode ler o clássico de Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, traduzido por Gledson para a língua que representa o próprio capitalismo.

Dessa forma, talvez esteja aqui uma das chaves da crítica de John Gledson: a multiplicidade de interesses pretende formar um conjunto original que se desdobra em diversos olhares diferentes. Não será espanto, assim, se, no interior de um ensaio, Gledson observar o problema da fixação dos textos machadianos ou lembrar um detalhe das suas crônicas. O próprio elemento biográfico, muito pouco valorizado entre nós, recebe atenção. Não quero parecer muito entusiasmado, mas acho digno de aplauso o fato de que John Gledson parece ser o único, mesmo que muito rapidamente, a tentar trazer para o debate certo feminismo machadiano.

Não resta nenhuma dúvida, portanto, de que o título de sua nova coleção de ensaios, que a princípio pode parecer pretensioso, é adequado: o leitor vai mesmo ter em mão um Machado de Assis pouco observado entre nós.

(...) Antes de tudo, ainda, quero chamar atenção para um detalhe curioso de *Por um novo Machado de Assis*: os ensaios são muito bem escritos. John Gledson, obviamente, conhece muito bem a língua portuguesa, mas ainda assim os textos são redigidos em inglês e, conforme notas apensas, traduzidos posteriormente. É claro que o processo de trânsito é acompanhado pelo autor que, assim, trabalha a afinidade entre as duas línguas. Sem forçar, o procedimento fica um tanto próximo das hipóteses de tradução de Walter Benjamin (sobretudo em *A tarefa do tradutor*), o que filia Gledson aos grandes intérpretes da modernidade. Portanto, seu lugar de leitor de Machado de Assis está garantido.

A multiplicidade de olhares presente em *Por um novo Machado de Assis* faz o próprio Gledson, na introdução, procurar o que traria unidade para o livro. Para o autor, seu mérito estaria na tentativa de um foco novo. Não acredito, porém, que a questão principal seja essa. Não resta dúvida de que o crítico obtém, realmente, um resultado original, mas creio que a principal chave de leitura esteja na explicitação de que os ensaios de Gledson são traduzidos: o lugar é o de Benjamin (e repito que Gledson verteu *Um mestre na periferia do capitalismo*, que se apropria de *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo) e, mais adiante, o de Theodor Adorno e a primazia do ensaio.

Assim, reconsidero: não é que o leitor tenha em mãos um novo Machado de Assis; trata-se, sobretudo, de um trabalho rigoroso com a forma ensaística que transpõe em abstrato e muito modernamente a chave formal e gestada pelo próprio Machado de Assis. Gledson é fiel a cada detalhe porque sabe que de um jeito diferente jamais conseguiria ler com adequação a obra do bruxo

do Cosme Velho. A leitura da identidade brasileira, por exemplo, articula gêneros diferentes para procurar na estrutura oculta entre as diferentes maneiras de nos organizar o que pode haver de singularidade. A maior graça desses ensaios é a visada totalmente corajosa que aparece descrita com toda a naturalidade.

E é com a tranquilidade do ensaísta seguro que Gledson enfrenta problemas completamente espinhosos na nossa cultura ainda tristemente conservadora: há um ensaio no livro, esse, de fato imperdível, sobre o homossexualismo na obra de Machado e, mais cuidadosamente, na de Graciliano Ramos. O assunto, como o próprio feminismo, é totalmente escamoteado pela crítica “oficial”, já que seria, para uns, menos importante (e isso não passa de preconceito) e, para outros, mero modismo importado – o que registra falta de foco, pois a questão não é deixar alguns autores de lado, mas justamente analisar o que há de politicamente avançado justamente nos grandes escritores. Será que a crítica tem medo de se surpreender?

Por fim, coloco apenas um reparo nesse livro excelente que, a propósito, pode ser estendido à parte grande da nossa crítica sobre Machado: virou moda leituras criticarem outras sem citar o objeto criticado, textos de fôlego ignorarem outros estudos e silenciamentos patéticos deixarem nossas leituras mancas. O Brasil não precisa ficar mais pobre ainda. Sem querer criar polêmica, mas dizendo claramente o que é preciso dizer, é meio constrangedor ver que Alfredo Bosi, em seu último livro, não dá atenção a Gledson que, do mesmo jeito, não observa a leitura de Bosi convenientemente. Isso – extensivo a vários outros estudos e autores – não é, de jeito nenhum, digno de Machado de Assis.



ATIVIDADE

4. Propomos-lhe que elabore uma resenha. Indicamos-lhe uma obra que deve ser lida por todos aqueles que trabalham com Educação. Trata-se de uma importante obra no cenário da educação brasileira. A seguir, eis a referência bibliográfica:

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1999, 95 p.

[illegible]

COMENTÁRIO

Acreditamos que a leitura desta obra acrescentará uma série de informações relevantes para a sua formação. Solicitamos-lhe que adquira a obra e siga as instruções dadas para a elaboração de uma resenha. Elabore o seu trabalho e mostre-o para um colega. Peca opinião: é importante fazer isso.

PALAVRAS E EXPRESSÕES LATINAS

A seguir, apresentamos algumas palavras e expressões latinas e seus significados somente para consulta, quando necessário, retiradas do *Dicionário de Expressões Latinas*, de Antônio Filardi Luiz. Tais palavras e expressões são utilizadas em textos acadêmicos. Geralmente, aparecem em itálico, no corpo do texto. Ei-las:

A fortiori: por mais forte razão.
A posteriori: do que vem depois.
A priori: o que precede, o que vem antes.
Ad exemplum: por ou para exemplo.
Ad hoc: para isto, para este caso.
Alea jacta est: a sorte está lançada.
Amor vincit omnia: “O amor vence todas as coisas” (Virgílio).
Apud: junto a (citado por).
Carpe diem: aproveita o dia.
Ridendo castigat mores: corrige os costumes sorrindo.
Casus belli: motivo da guerra.
Cogito, ergo sum: “Penso, logo existo.”
Corpus: corpo; objeto material.
Data venia: dada a permissão (permissão para discordar).
Deo gratias: Graças a Deus.
Ego sum qui sum: eu sou o que sou.
Et caetera: e outras coisas mais (abrevia-se *etc.*).
Ex cathedra: do alto da cadeira. Expressar-se dogmaticamente sem admitir objeções a seus conceitos.
Ex more: conforme o costume.
Ex nunc: a partir de agora. De agora em diante.
Exempli gratia: por exemplo (abrevia-se *e.g.*).
Fac simile: reprodução exata do original.
Fiat lux: faça-se a luz.
Homo sapiens: homem sapiente, sábio.
Honoris causa: por causa da honra. Título universitário conferido, sem exame, no intuito de homenagear uma pessoa importante.
Id est: isto é.
I.N.R.I.: é a abreviatura de Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum.
Expressão pejorativa colocada na cruz: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.
Ibidem: no mesmo lugar.
Idem: o mesmo, a mesma. Abrevia-se *id.*
In memoria: em memória.
In verbis: nas palavras.
Ipsis litteris: textualmente, com as mesmas palavras.
Ipsis verbis: com as mesmas palavras.
Ipso facto: por isso mesmo; conseqüentemente.

Lato sensu: em sentido amplo.

Leges mori serviunt: as leis servem aos costumes.

Manu manus lavat: uma mão lava a outra.

Mea culpa: por minha culpa.

Modus faciendi: modo de fazer.

Modus vivendi: modo de viver.

Nec plus ultra: não mais além.

Nosce te ipsum: “Conhece-te a ti mesmo.” Frase inscrita na entrada do templo de Delfos, na Grécia.

Op. cit.: abreviatura de *Opus citatum* (obra citada).

Pari passu: passo a passo.

Passim: aqui e ali.

Per capita: por cabeça.

Per se: por si; por si mesmo.

Persona grata: pessoa bem-vinda.

Persona non grata: pessoa indesejada.

Post factum: após o fato; depois.

Post Scriptum: após o escrito (abrevia-se P.S.).

Prima facie: à primeira vista; aparentemente.

Pro forma: por mera formalidade.

Pro labore: pelo trabalho.

Pro re nata: segundo as circunstâncias.

Probatio: prova.

Q.E.D.: abreviação de *quod erat demonstrandum*. O que devia se demonstrar. Expressão usada em Matemática, no desenvolvimento de teoremas.

Quod scripsi, scripsi: o que escrevi, escrevi.

Sic: assim; assim mesmo.

Sine die: sem dia. Adiar *sine die* significa adiar para data incerta.

Sine qua non: sem a qual não.

Statu quo: estado em que; estado anterior da questão de que se trata.

Strictu sensu: no sentido estrito.

Sui generis: peculiar; singular.

Tabula rasa: tábua rasa.

Te Deum: a ti, ó Deus (louvamos).

Tu quoque, fili: Tu, também, filho!

Ut infra: como abaixo.

Ut retro: como dito.

Ut supra: como acima.

Verbi gratia: por exemplo (abrevia-se *v.g.*).

Vade mecum: vai comigo. Livro, geralmente pequeno e de conteúdo prático.

Veni, vidi, Vincit!: Vim, vi e venci!

REFERÊNCIAS

Pergunta: como ordenar, adequadamente, a referência bibliográfica?

Observe a pontuação após cada item. Eis as maneiras para relacionar a referência de livros, segundo Cruz e Ribeiro (2004):

a) Somente um autor:

- Último nome do autor (em letras maiúsculas); a seguir, o nome e sobrenome (somente com a inicial em maiúscula);
- Nome da obra (em itálico);
- Edição (se segunda, terceira etc. Caso seja a primeira, não é necessário colocar);
- Local onde a obra foi publicada;
- Nome da editora;
- Ano da publicação;
- Número de páginas do livro (opcional).

Assim:

BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise sintática*. 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 360 p.

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, Almir. *Administração inteligente: novos caminhos para as organizações do século XXI*. São Paulo: Futura, 2001.

E se o nome terminar por Júnior, Sobrinho, Filho e similares?

Resposta:

Coloca-se o nome anterior acrescido das palavras Júnior, Sobrinho e similares.

Assim:

MARQUES NETO, Bruno de Alcântara P.

MARQUES JÚNIOR, M.

MARQUES FILHO, Marcio José E. M.

b) Com dois autores

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d'água*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

c) Com três autores:

RIZZINI, Irma; SARTOR, Carla; CASTRO, Mônica Rabello. *Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais*. Rio de Janeiro: USU Ed., 1999.

d) Com mais de três autores:

Pode-se indicar somente o primeiro, seguido da expressão latina “*et al.*” (e outros).

LUCKESI, Cipriano C. *et al. Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez Ed., 1989.

e) Organizador(es) (as), coordenador(es) (as), compilador(es) (as):

CHANLAT, Jean-François (Coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1993.

GÓMEZ, Maria Nélida González; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (Org.). *Política de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Ed. da UFRN, 2006.

f) Consultas na internet – Segundo Cruz e Ribeiro (2004, p. 169), o endereço eletrônico deve ser apresentado entre “brackets”. Assim: < >. Deve vir precedido das expressões: “Disponível em:” e a data do acesso ao documento precedida da expressão “Acesso em:”.

Observem o exemplo fornecido por esses autores:

BELLO, José Luiz de Paiva. Estrutura e apresentação do Trabalho. In: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em foco, Metodologia Científica*. 1998. Atualizada em 14 fev. 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met07htm>>. Acesso em: 21 fev. 2002.

Para realizar uma pesquisa mais completa sobre o assunto, sugerimos que você entre no seguinte sítio: Google. Digite, no espaço reservado para busca, onde se lê “pesquisar”, a sigla abnt (em maiúsculas ou minúsculas). ABNT significa Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Visitando esta página, você estará sempre atualizado(a) para elaborar as referências dos seus trabalhos, principalmente, o de monografia.

ATIVIDADES



5. Dê o significado das seguintes palavras e expressões:

- a) *Apud*: _____
- b) *A priori*: _____
- c) *Statu quo*: _____
- d) *Sic*: _____
- e) *Exempli gratia*: _____
- f) *Nosce te ipsum*: _____

6. Ordene, adequadamente, as seguintes referências:

- a) *Leitores, espectadores e internautas*; 2008; Iluminuras; São Paulo; Néstor Garcia Canclini.
- b) Pierre Bourdieu; Jorge Zahar Editor; *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*; 1998; Rio de Janeiro.
- c) Paulus; *A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes*; 2007; São Paulo. César Ricardo Siqueira Bolaño; Valério Cruz Brittos.
- d) Estrella Bohadana; *Mito-imagem: o corpo e a palavra*; Tempo Brasileiro; 1990; Rio de Janeiro.
- e) Jurjo Torres Santomé; Artmed; 2003; Porto Alegre; *A educação em tempos de neoliberalismo*.

RESPOSTAS COMENTADAS

5.

- a) *Apud*: *junto a (citado por)*.
- b) *A priori*: *o que precede, o que vem antes*.
- c) *Statu quo*: *estado em que*.
- d) *Sic*: *assim mesmo*.
- e) *Exempli gratia*: *por exemplo*.
- f) *Nosce te ipsum*: *“Conhece-te a ti mesmo”*.

6.

- a) CANCLINI, Nestor Garcia. *Leitores, espectadores e internauta*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- b) BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

c) *BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes. São Paulo: Paulus, 2007.*

d) *BOHADANA, Estrella. Mito-imagem: o corpo e a palavra. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.*

e) *SANTOMÉ, Jurjo Torres. A educação em tempos de neoliberalismo. Porto Alegre: Artmed, 2003.*

ATAS, MEMORANDOS E AGRADECIMENTOS

Ata

Segundo Martins e Zilberknop (2003, p. 148), “ata é o resumo escrito dos fatos e decisões de uma assembléia, sessão ou reunião para um determinado fim”.

Características:

a) Deve ser escrita em livro próprio ou em folhas soltas. Importante destacar que deve ser escrita de modo que torne impossível fazer modificações.

b) Geralmente, são transcritas a mão, sem rasuras. Pode ser, também, digitada.

c) Se manuscrita, em caso de erro, empregam-se os termos “digo” ou “dizemos” seguidos da correção.

d) Se o erro for notado após a redação do manuscrito, utiliza-se a expressão “em tempo” e faz-se a correção a seguir.

e) Deve-se escrever os números por extenso.

f) Trata-se de um documento de valor jurídico.

g) Geralmente, é redigida por um secretário eleito; em caso do não-comparecimento deste, outro (*ad hoc*) deve ser designado.

h) O tempo verbal a ser utilizado, preferencialmente, é o pretérito perfeito do indicativo.

i) Na ata, devem constar: dia, mês, ano, hora e local da reunião; os nomes das pessoas presentes; declaração do presidente e secretário; os assuntos tratados; um fechamento, assinaturas dos participantes, inclusive do secretário e do presidente da reunião.

A seguir, eis um modelo de ata, fornecido por Martins e Zilberknop (2003, p. 150):

ATA DA 52ª SESSÃO ORDINÁRIA DE 1998.

Aos quatorze dias do mês de junho do ano de mil, novecentos e noventa e oito, às quatorze horas, no Conselho de terras da União, quinto andar, sala quinhentos e vinte e três, do edifício do Ministério da Fazenda, reuniu-se o Conselho, em Sessão Ordinária, presidido pelo Conselheiro-Presidente, Senhor _____, presentes os Conselheiros, Senhores _____;

Presente, também, o Procurador-Representante da fazenda Nacional, Senhor _____.

Iniciados os trabalhos, o Senhor Procurador-Representante da Fazenda remeteu ao Relator-Conselheiro, Senhor _____, o processo nº 242.958-97, do interesse de _____ e outros, do qual tivera vista. A seguir, com a palavra o Conselheiro, Senhor _____, iniciou-se a discussão do processo nº 66.634-98, do interesse de _____ e outros, ocasião em que o Senhor Conselheiro Relator rememorou as principais fases do processo bem como suas implicações no âmbito do Poder Judiciário, até que foi atingido o término da hora regimental dos trabalhos, sustando-se, em consequência, a continuação dos debates. E, após a leitura da pauta para a próxima reunião, o Senhor presidente encerrou esta, da qual, para constar, eu, _____, lavrei esta Ata. Sala das Sessões, em 14 de junho de 1998.

Memorando

Segundo Medeiros (2002, p. 231), “na linguagem comercial, significa a nota ou a carta ligeira enviada por um comerciante a outro, comunicando o lançamento de um produto ou de uma operação comercial”.

Também é usado como documento para comunicação entre departamentos em instituições e organizações.

Fazem parte de um memorando interno as seguintes informações:

- a) Numeração (assim: memorando interno nº 1.234).
- b) Para (destinatário: nome e departamento).
- c) De (emissor: nome e departamento).
- d) Data.
- e) Assunto (informar do que se trata).

Assim:

Memorando Nº 073/2008

Para: Mariana Marques

Departamento de Química Industrial

De: André Schwartz

Departamento de Pessoal

Data: 23.9.2008

Assunto: Admissão de estagiária, Srta. Marcela Osório

A partir de 2 de outubro de 2008, a Srta. Marcela Osório, promovida a Assistente 1, realizará investigações acadêmicas em seu laboratório. Contamos com o seu apoio para apresentar à pesquisadora os programas de pesquisa para o ano de 2009.

Assinatura

Importante informar que cada local (instituição ou organização) faz as suas regras; entretanto, obedecendo às diretrizes anunciadas. Comumente, não se costuma fazer despedidas ou agradecimentos no final do memorando.

Notas de agradecimento

Ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso, você irá se deparar com o seguinte assunto: nota de agradecimento.

Parece e é simples. Agradecer é muito importante. Por isso, elaboramos esta pequena nota. Entretanto, esteja atento ao acento indicador de crase.

Não se usa crase diante de palavras masculinas, diante de nomes célebres e da palavra Deus. A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos (minha, sua, tua, nossa, vossa, suas, tuas, minhas, nossas, vossas). Você pode indicá-la ou não; no entanto, assuma uma posição: indique ou considere uso facultativo.

Observe:

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Adilson Florentino, à Prof^ª. Dr^ª. Solange Lucena, à Prof^ª. Dr^ª. Antonia Petrowa, à Prof^ª. Ms. Márcia Maria, por terem acreditado na realização deste trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Lucia Moutinho, pelo carinho e pelos valiosos conselhos, além, é claro, de muito incentivo.

Ao Prof. Dr. Manuel Martins, por ter me iniciado no mundo da informática, com competência e sabedoria, e a Prof^ª. Dr^ª. Maria Elena Viana de Souza, pela compreensão e pelos valiosos conhecimentos trocados em sala de aula.

Ao Prof. Ms. André Barbosa, à Prof^ª. Ms. Marilene Silva, à Prof^ª. Ms. Naduska Palmeira, à Prof^ª. Ms. Fátima Brito, à Prof^ª. Ms. Miriam Guimarães, companheiros leais do dia-a-dia.

À Prof^ª. Ms. Giovana Duarte e ao Prof. Ms. Sergio Nogueira, por compreenderem que amigos também dizem “eu vos amo”.

À Prof^ª. Dr^ª. Wanda de Paula e à Prof^ª. Dr^ª. Ila Falcão, por terem me dado a primeira chance — inesquecível.

À Prof^ª. Dr^ª. Vilma Póvoas de Almeida, por ter me apresentado um novo mundo e por sempre estar presente.

À Prof^ª. Dr^ª. Estrella Bohadana, pelo carinho, competência e extremo compromisso e pelos preciosos conhecimentos: nada teria acontecido sem a sua presença iluminada.

Às minhas irmãs, Marly Marques e Myriam Ribeiro, à Andréa Roquete e ao Carlos Martins, ao Jairo Rodrigues, ao Fernando Henrique e à Malu, à Vera Martins e à Renata, à Kátia e ao Nélcio, à Rosiméria e à Aline, pelo ombro amigo nas horas difíceis e por compreenderem minha ausência nos eventos, sem cobranças.

Ao Prof. Dr. José Meyohas, revisor do CEDERJ, segue um sincero “Deus lhe pague”, pelos conselhos e pelas prosas, sempre preciosas, sempre enriquecedoras. De coração, obrigado.

COMENTÁRIOS

1. Observe o modelo de ata fornecido e realize o que foi solicitado na atividade, seguindo o exemplo.
2. Para a nota de agradecimento, elabore um pequeno texto. Trata-se de uma resposta pessoal. Caso queira, envie-a à tutoria e discuta o assunto. Desejamos-lhe sucesso na elaboração do trabalho! Abraço fraterno.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos a definição da palavra análise, feita por Marconi e Lakatos (2008, p. 23). Esses autores salientam que “analisar significa decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos”. Esses pesquisadores (op. cit., p. 23) apresentam os conceitos formulados pelos seguintes renomados autores: Castagnino (1953), Bloom (1971), Barquero (1979) e Massaud Moisés (1979). Em nosso trabalho, utilizamos os seguintes conceitos para elaborar uma análise e um resumo: olhar informativo, olhar pré-formativo e olhar formativo.

Para lançar um olhar informativo, sugerimos a leitura do texto do início ao fim. A seguir, é necessário buscar sinônimos nos dicionários para as palavras ou expressões desconhecidas.

No que tange ao olhar pré-formativo, após coletar dados informativos, com o sinônimos, o leitor estará munido de informações para iniciar mais uma leitura do texto. E deve estar atento às questões: de quantos parágrafos o texto é composto?; qual é a idéia central?; quais são as idéias secundárias?; como essas idéias se relacionam, parágrafo por parágrafo?; a que conclusão chegou o autor?

Finalmente, o leitor lança um olhar formativo: o último estágio. Deve utilizar as informações anteriores, do olhar informativo e do olhar pré-formativo, compreendendo que toda informação até agora coletada é importante para estabelecer relações com o texto lido. Informações históricas, as intenções do autor devem agora aparecer para que a obra seja desvendada. Trata-se de um estágio objetivo, isto é, a análise deve ser feita somente com os dados adquiridos até o momento, não permitindo que emoções interfiram no trabalho.

Vimos, nesta aula, os procedimentos para se fazer uma resenha. Resenha é uma descrição minuciosa em que se apresentam as idéias fundamentais de uma obra, de uma forma sintética.

Para a execução deste trabalho, é necessário estudar e analisar bem a obra a ser criticada, com a obtenção dos seguintes dados: referência bibliográfica, de acordo com as normas da ABNT; credenciais da autoria, ou seja, quem é o autor, que obras já produziu; resumo da obra; as conclusões a que o autor chegou; a apreciação do resenhista; a que público a obra se destina e a quem, a que grupo, tais idéias podem favorecer.

Apresentamos, também, algumas palavras e expressões latinas e seus significados, haja vista que são utilizadas em textos acadêmicos e, geralmente, aparecem em *itálico* no corpo do texto.

Na parte final, três novos assuntos: ata, memorando e agradecimentos.

Ata é o resumo escrito dos fatos e decisões de uma assembléia, sessão ou reunião. Memorando é uma comunicação entre departamentos ou empresas, muito utilizado em organizações e instituições. Agradecimento é uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso extremamente importante: revela a grandeza do ser. Não agradecer denota egoísmo, pobreza de espírito, cegueira.

Projeto: objetividade e subjetividade na produção acadêmica

AULA 24

Meta da aula

Orientar a elaboração de um projeto
de pesquisa.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- articular o pensamento e expressá-lo em texto;
- dominar as técnicas de elaboração de um projeto de pesquisa;
- preparar um projeto de pesquisa com o fito de redigir o trabalho de conclusão de curso.

Prezado(a) aluno(a),

Tendo amadurecido com o estudo das aulas anteriores, convém começar a pensar na elaboração de um projeto de pesquisa. Se, por um lado, essa tarefa agora pode parecer prematura para você que está no primeiro período do curso, por outro, não deixa de ser uma atitude prudente, por informá-lo sobre os primeiros passos desse tipo de trabalho.

A CONTRADIÇÃO ENTRE SUJEITO PESQUISADOR E OBJETO A SER PESQUISADO

Existe uma contradição imanente na concepção humana do mundo e da vida, sob qualquer perspectiva, seja mítica, religiosa, artística, teórica, filosófica, política e mesmo científica, porque é na relação entre sujeito e objeto, unidos indissolivelmente, que se chega a um contato com a realidade. A subjetividade, característica do sujeito, e o fato de ser a percepção humana limitada por sua própria natureza podem deformar a apreensão de um objeto. Este tanto se modifica pela concorrência da nossa ação sobre ele como, por sua vez, exerce influência sobre o sujeito, que, à medida que adquire conhecimento sobre o objeto, vai ganhando uma nova face. Podemos considerar, por exemplo, como objetos de estudo e observação: o número 2, como objeto matemático;

$$x^4 = \frac{x^3 + x^2}{2}$$

o vestuário, como signo social; o carnaval, como signo etnográfico; e uma infinidade de fenômenos à espera de indagações. Conhecer equivale a captar os objetos tais como são? E o que é o objeto? O objeto não é só o palpável, o concreto, o material e o físico. A fantasia e a ficção também são fontes de conhecimento da realidade – objetiva ou subjetiva. A linguagem como mediadora entre homem e mundo é que o enuncia. A linguagem, pois, ao manifestar tanto o real como o imaginário e ao possibilitar tanto o conhecimento da realidade como o da fantasia, não deixará de existir, não deixará de ser linguagem, será concreta, material, física e objeto palpável de investigação também.

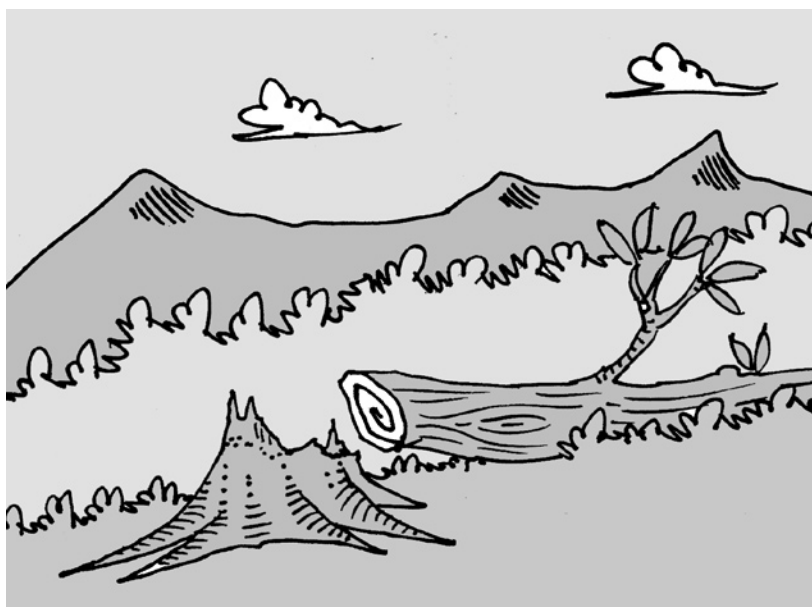
Vale citar um trecho do jornalista Fausto Wolff a respeito dessa matéria:

Passei quase toda a vida pensando que morava numa rua, casa, num bairro, cidade, estado, país. Em verdade, os dois últimos são abstrações geográficas. O que vale é onde você pisa. **BERKELEY**, um filósofo menor, ia mais longe. Achava que existia apenas aquilo que você podia perceber com os sentidos. É aquela velha história: se uma árvore gigantesca tomba numa floresta deserta, existiu o som que ninguém ouviu?

(WOLFF, Fausto. Morte duas vezes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 mar. 2008. Caderno B, p. B2.)

JORGE BERKELEY

Natural da Irlanda, eclesiástico e professor de grego, hebraico e teologia em Dublin, no início do século XVIII, reconhecia que a sensação constituía a base do nosso saber.



Mas onde é que fica o texto acadêmico, diria você? Sigamos algumas orientações.

Os manuais de metodologia de pesquisa e de redação científica recomendam a omissão do *eu*, pois uma monografia, um ensaio, uma dissertação ou tese não comportam expansão emotiva. Para isso, damos preferência à terceira pessoa do discurso mediante o uso do pronome *se*, como índice de indeterminação do sujeito de verbos transitivos indiretos e intransitivos, ou pronome apassivador próprio do emprego da voz passiva sintética. Se pretendemos envolver o leitor na proposta, usamos a primeira pessoa do plural, característica de modéstia ou majestade.

Exemplifiquemos:

1. o pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito de verbo transitivo indireto com sujeito indeterminado. Ex.: *Recorreu-se* a textos...; *Tende-se* a uma reflexão sobre...
2. o pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito de verbo intransitivo com sujeito indeterminado. Ex.: *Chegou-se* a um ponto de equilíbrio; *Vive-se* bem em São Francisco de Itabapoana.
3. o pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito de verbo de ligação com sujeito indeterminado. Ex.: *Era-se* inseqüente naquele tempo.

De posse da sua gramática, confirme as ocorrências do pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito e examine as citações a seguir.

Para Cereja e Magalhães:

“Sujeito indeterminado é aquele que não é nomeado na oração, ou por não se querer nomeá-lo ou por se desconhecer quem pratica a ação.

A indeterminação do sujeito se dá por meio de dois procedimentos:

- colocando-se o verbo (ou o auxiliar, se houver locução verbal) na 3ª pessoa do plural, sem referência a seres determinados: Rasgaram meu livro de Matemática; Telefonaram para você.
- empregando-se partícula *se* junto à 3ª pessoa do singular dos verbos:
 - intransitivos: Vive-se bem aqui.
 - transitivos indiretos: Precisa-se de motorista com prática.
 - de ligação: Era-se jovem naquela época.

CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999, p. 245.)

A *Gramática crítica* acrescenta que:

De acordo com a NGB (Norma Gramatical Brasileira), os verbos classificam-se em: intransitivo, transitivo (direto/indireto) e de ligação. [...]

Intransitivo: exprime AÇÃO ou FENÔMENO de sentido completo, NÃO exigindo, em princípio, COMPLEMENTO.

Ex.: Os sonhos vêm e os sonhos vão.

(Legião Urbana, “Há tempos”)

Transitivo: exprime AÇÃO ou FENÔMENO de sentido incompleto, EXIGINDO, portanto, COMPLEMENTO. Divide-se em três tipos:

a. Transitivo direto: pede COMPLEMENTO não regido de preposição.

Ex.: Porque você não verá meu lado ocidental.

v.t.d. o.d.

(Lô Borges-Márcio Borges-F. “Para Lennon e McCartney”)

b. Transitivo indireto: pede COMPLEMENTO regido de PREPOSIÇÃO ou termo equivalente (um pronome oblíquo átono).

Exs.: Não gosto de chuva nem gosto de sol.

v.t.i. o.i. v.t.i. o.i.

(Tom Jobim, “Lígia”)

Ouçá um bom conselho, eu lhe dou de graça.

o.i. v.t.i

(Chico Buarque, “Bom conselho”)

c. Transitivo direto e indireto: pede as duas espécies de COMPLEMENTO. Alguns autores também o designam como “bitransitivo”. Este caso não é oficialmente mencionado pela NGB.

Ex.: Não me peça que eu lhe faça uma canção.

o.i. v.t.d.i. o.d. ou oração subordinada
substantiva objetiva direta

(Belchior, “Apenas um rapaz latino-americano”)

a. Verbo de ligação: é um elemento de conexão dentro da construção, estabelecendo, em princípio, um vínculo entre o predicativo e o sujeito da oração.

Ex.: Meu amor, disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza.

sujeito predicativo sujeito predicativo
verbo de ligação verbo de ligação

(Legião Urbana, “Há tempos”)

(LEITÃO, Luiz Ricardo (Org.). *Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.)

4. o pronome apassivador *se* próprio da voz passiva sintética ou pronominal.

Ex.: *Evitem-se* neologismos na dissertação; *tomaram-se* por base duas obras; *analisar-se-á* a produção de... ; *sabe-se* que...; *observe-se*...; *conhece-se* a teoria segundo a qual o presente implica a crítica do passado;

Lembremos o conceito de vozes do verbo. São elas: ativa, passiva e reflexiva. Segundo Bechara, as vozes verbais distinguem-se em:

a. Ativa: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere pratica a ação. A pessoa diz-se, neste caso, agente da ação verbal:

Exs.: Eu escrevo a carta.

Tu visitaste o primo.

Nós plantaremos a árvore.

b. Passiva: forma verbal que indica que a pessoa recebe a ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal:

Exs.: A carta é escrita por mim.

O primo foi visitado por ti.

A árvore será plantada por nós.

A passiva pode ser analítica (formada com um dos verbos ser, estar, ficar seguido de particípio) ou pronominal (formada com verbo acompanhado do pronome oblíquo se, que se chama, no caso, pronome apassivador):

Exs.: A casa foi alugada (passiva analítica).

Aluga-se a casa (passiva pronominal). [...]

c. Reflexiva: forma verbal que indica que a pessoa é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal, formada de verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

Ex.: Eu me visto, tu te feriste, ele se enfeita.

(BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.)

5. a primeira pessoa do plural do pronome pessoal de caso reto *nós*.

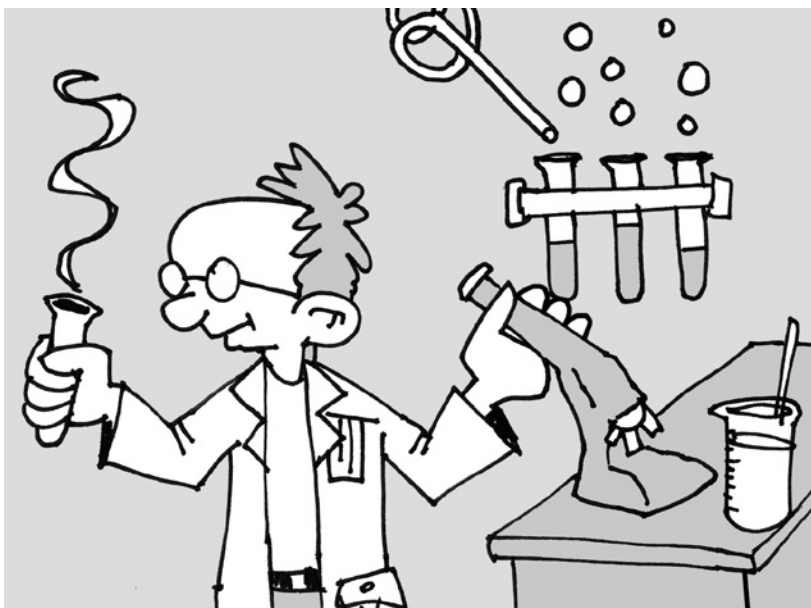
Ex.: *Ousamos* dizer que...; *partimos* do princípio de que; as definições *nos* permitiram...; ...como *afirmamos* anteriormente; a tarefa, nesse momento, se *nos* afigura inexecutável.

O(A) autor(a) do texto, entretanto, deve ficar atento(a) para respeitar sempre a mesma forma verbal ao longo do trabalho: se preferir a terceira pessoa característica da impessoalidade na redação indicada pela partícula *se* em suas várias ocorrências ao emprego do *nós*, ou se preferir este à anterior, não deve alterná-los. Empreguemos um recurso lingüístico ou outro.

Se o emissor de um texto científico diz *eu*, parece fazer afirmação tão categórica que não admite réplica, debate ou discussão, o que estaria longe de acontecer em uma produção acadêmica ou não haveria progresso

na ciência. Trata-se aqui do preceito metodológico da *disputatio*, que admite que toda e qualquer tese pode ser contestada, superada por sua antítese, de cujo choque advém a síntese, tornando com isso a ciência um processo dialético ininterrupto na tentativa de acompanhar e fazer evoluir a marcha da humanidade, por observá-la, compreendê-la e ao mundo que a cerca. Presente desde a Idade Média na escola, a *disputatio* se encontra nas defesas de dissertações de mestrado, de teses de doutorado, de monografias de fim de curso de graduação e, por que não, desde a alfabetização nos exercícios, provas e desafios a que são submetidos os pequenos discentes, mediante um processo de crítica e autocrítica perene, pois é assim que se preserva e transmite o saber na nossa cultura letrada, na nossa *tribo*...

Uma monografia, uma dissertação, uma tese, de fato, contribuem para a produção e a aquisição de conhecimento, para a transformação da realidade, para o avanço da ciência. E a produção do conhecimento implica inevitavelmente o binômio sujeito e objeto. Advinda do latim *jeto*, presente no francês *jeter* (= *atirar, jogar*) e no português *jato*, a palavra *objeto* significa etimologicamente aquilo que se lança diante de nós, o sujeito observador, para ser conhecido.



GHOST-WRITER

A tradução literal da palavra inglesa é *escritor-fantasma*. A expressão designa o escritor que escreve por outrem e cuja autoria não é revelada. Citemos um exemplo aproximado dessa concepção: o consagrado romancista e cronista mineiro Fernando Sabino (1923-2004), autor dos romances *Encontro marcado* (1957) e *O grande mentecapto* (1979) e da famosa crônica *O homem nu*, publicou em 1991 uma biografia da ministra da Economia do governo de Fernando Collor, Zélia Cardoso de Melo. Colhida a partir de depoimentos da mentora do Plano Collor, intitulou-a *Zélia, uma paixão*, no calor do escândalo do caso amoroso dela com outro ministro. Então, o “escritor-fantasma”, cuja autoria se esconde sob o nome do suposto autor, seleciona, enforma e publica as passagens mais significativas de um relato.

O conhecimento extraído da relação entre sujeito e objeto se faz a partir de uma teoria, uma lei, um discurso, uma linguagem, que, como representação da realidade, conduzem a uma verdade possível sobre aquele objeto, embora se saiba que discurso e realidade não se correspondem integralmente. Se, por um lado, há uma cisão entre sujeito e objeto, por outro, o sujeito também pode fazer parte do mundo dos objetos e ser observado como objeto de especulação científica, na medicina, na psicologia, na arte, na educação, na linguagem... A limitação humana, por razões históricas, de subjetividade e lingüísticas, só pode identificar no objeto aquilo que lhe interessa, aquilo que consegue ver, captar, apreender do objeto sob o prisma que escolheu. Esse problema se resolve com metodologia, porque esta fornece ao sujeito instrumentos para captar o objeto, com essa ou aquela visão, sob essa ou aquela perspectiva, o que levará a pesquisa a uma das verdades possíveis a um objeto. O trabalho acadêmico é, pois, excludente, já que o seu objeto é examinado sob um ponto de vista político, não será sob um ponto de vista físico; se o ponto de vista for religioso, não será matemático; se for psicanalítico, não será estatístico, e assim por diante. Delimitamos a realidade para conhecê-la, transformá-la, através da investigação. Além disso, o conhecimento científico requer certa dose de refutabilidade e crítica. Se não houvesse brechas para discussão numa produção científica, ela não contribuiria para o desenvolvimento do saber, pois apresentar-se-ia como dogma, como univocidade, e não comportaria diálogo. Assim, a realidade envolve dificuldades práticas e teóricas que a incansável especulação humana exige resolver. Nesse ponto, atua o pesquisador, que, ao reconhecer na realidade uma situação de desequilíbrio, procuraria resgatar-lhe o equilíbrio; ao constatar um problema, tentaria resolvê-lo.

Uma questão filosófica se impõe: a dos critérios de seleção para que se elimine o preterível e se estabeleçam prioridades. O pesquisador se comporta, então, como uma espécie de **GHOST-WRITER** de si mesmo para saber ler (no sentido etimológico de *eleger*) ou escolher, dentro do material coletado, o que redigir. A sua capacidade de abstração e simbolização, aliada à intuição e à criatividade, o faz estabelecer cortes para atingir eficácia. Aqui intercede a função de conceituar. Definir conceitos e localizar o prisma sob o qual o assunto ou objeto formal é focalizado evitam dispersão. Identifique-se pois um fenômeno, formule-se uma questão sobre ele, aplique-se-lhe um método, obtenha-se um resultado. Em seguida,

conforme preceito platônico, mereça-se divulgá-lo na escola, nos livros, revistas, congressos, aulas... As idéias estão aí para circular.

Ao reproduzir a pesquisa em uma dissertação, mediante a tríade introdução-desenvolvimento-conclusão, ou em capítulos e subcapítulos de uma monografia mais alentada, reconhecemos os princípios metodológicos aplicados por **RENÉ DESCARTES**, segundo o qual os passos para atingir um objetivo devem seguir uma seqüência lógica, do menos problemático para o mais problemático, do menor para o maior.

A dúvida de Descartes

Os animais são máquinas? Quem é o homem? O que faz os planetas girarem em torno do Sol? Por que o arco-íris aparece no céu? O francês René Descartes tentou responder a essas e a muitas outras perguntas sobre o Universo. E muitas respostas que encontrou ajudaram a chegar ao conhecimento que temos hoje sobre a natureza.

Que tal um programa hoje à tarde? Há uma sorveteria nova na esquina da Rua dos Sabores com a Rua Gel Ada. Poderíamos dar um pulo até lá e, depois, ir ao teatro. Já tenho as entradas: sua cadeira é a sete, na fila E. Talvez você não tenha se dado conta, mas esse programa é pura matemática. Já pensou o trabalho que ia dar encontrar uma sorveteria nova em uma cidade grande sem ter o endereço? Ou, então, ficar um tempo procurando seu lugar no teatro?

Foi no século XVII que o francês René Descartes imaginou um plano – uma folha de papel, por exemplo – no qual um ponto ou um lugar pode ser localizado por dois números. Os números que localizam um ponto ou um lugar são as coordenadas desse local. As coordenadas se referem a duas retas chamadas eixos. Essa representação passou a ser conhecida como cartesiana, que vem de Descartes.

Para Descartes, a dúvida estava sempre presente. Ele achava que não se pode ter certeza de nada, pois a única certeza é duvidar de tudo. Sempre usando a razão, dizia: se duvido, é porque penso, se penso, é porque existo. Ficou então famosa a sua frase: “Penso, logo existo.”

Cientistas e filósofos continuam procurando respostas para questões como “quem é o homem?” e “de onde vem o mundo?” Mas, nessa busca, não se pode usar só a razão. O primeiro passo deve ser dado pela intuição e a imaginação. E, como achava Descartes, o que importa é duvidar. (LOPES, Maria Laura Mouzinho Leite. *Ciência hoje das crianças*. O Globo, Rio de Janeiro, 09 dez. 2001. Globinho, p.1-4.) (Integrante do Projeto Fundação do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a autora do texto é professora na UFRJ e na Universidade Santa Úrsula).

RENÉ DESCARTES DU PERRON

Nasceu em 31 de março de 1596, na França.

No colégio dos jesuítas, estudou Ciências Humanas (Gramática, Latim e Grego, Retórica) e Filosofia, Metafísica e Moral, Lógica, Física e Matemática. Mais tarde, fez Direito, ainda na França.

Aos 21 anos, alistou-se no exército e durante quatro anos ficou a serviço de várias armadas de nobres europeus. Percorreu os territórios que hoje fazem parte da Alemanha, Polônia, Holanda, Suíça e Itália. Em 1639, foi para a Holanda, onde ficou por vinte anos e publicou o *Discurso do método*.

Em 1649, a convite da rainha Cristina, que mantinha um círculo de intelectuais, Descartes foi para Estocolmo, na Suécia, onde morreu de pneumonia no inverno de 1650.

E não por acaso a palavra método em grego quer dizer caminho. Para trilhar um bom caminho, lançamos mão de argumentos tão convincentes que o leitor do trabalho desistirá de suas premissas a ponto de ele mesmo por sua vez divulgar as nossas. Aí surpreendemos

PERÍFRASE

“Também chamada *circunlóquio*, a *perífrase* consiste em substituir uma palavra por uma série de outras, de modo que estas se refiram àquela indiretamente” (MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 395.) Usamos a perífrase no intuito de evitar repetições e monotonia no texto. Ex.: é comum encontrarmos menção ao sociólogo pernambucano Gilberto Freire (1900-1987), autor de *Casa-grande & senzala* (1933), como o “*Mestre de Apipucos*”, porque residia na Praia de Apipucos; o político brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, como “O Patriarca da Independência”; o cantor Roberto Carlos, como o “Rei da Jovem Guarda”; o país do sol nascente pelo Japão...

a arte de argumentar, correspondente à quarta etapa da argumentação estabelecida por Aristóteles (cf. Aula 12), a do fazer fazer, que provoca no interlocutor a vontade de repetir o que disséramos. Estabelece o Estagirita (trata-se de uma **PERÍFRASE** para referir-se tradicionalmente ao filósofo Aristóteles, que nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia) os processos argumentativos em quatro fases:

1. fazer saber ou informar ao interlocutor a mensagem a transmitir;
2. fazer crer, isto é, procurar convencer o outro a compartilhar as idéias do expositor;
3. fazer prazer, seduzir ou transferir emoções pelas idéias veiculadas;
4. fazer fazer, em que o conteúdo da informação é tão convincente que o interlocutor desistirá de suas premissas para adotar as do emissor e as divulgará.

EIS UM ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO

a. Título:

O título condensa a questão a ser discutida.

b. Autor:

c. Área (Letras, Pedagogia, Ciências etc.)

Convém contemplar mais de uma área de estudo acadêmico.

d. Período de realização:

Como se trata de um trabalho temporário, devemos limitar um prazo para a consecução do projeto, seja de arquitetura, de engenharia, de pesquisa etc.

e. Descrição e justificativa do projeto:

A descrição e a justificativa do projeto situam o tema do projeto, explicam o motivo do trabalho a ser empreendido e o problema que se pretende discutir.

f. Objetivos:

Os objetivos correspondem à finalidade e à função do projeto e devem ser redigidos com verbo no infinitivo para identificar as ações propostas com precisão e isenção.

g. Evidências de interesse:

As evidências de interesse expressam a contribuição do projeto não só para o meio acadêmico, como o profissional e o social.

h. Métodos e técnicas:

Os métodos e as técnicas constituem a maneira como vamos executar a pesquisa. O caminho que vamos seguir para atingir o objetivo proposto. A pesquisa qualitativa prevê entrevistas, observação, seleção de materiais. A pesquisa quantitativa coleta dados. Além disso, aí enumeramos as técnicas, procedimentos, equipamentos necessários, testes, materiais a serem usados.

i. Fundamentação teórica:

A fundamentação teórica fornece os autores e teorias que vão fundamentar o trabalho no âmbito dos debates contemporâneos acerca da matéria em questão. Trata-se de um estudo da bibliografia produzida até o momento da consecução da pesquisa.

j. Cronograma:

O cronograma estabelece as etapas durante as quais decorrerá a pesquisa.

l. Viabilidade

Aí garantimos que o projeto será executado porque há meios disponíveis para isso.

m. Divulgação e publicação;

Expomos em que oportunidade poderemos divulgar os resultados obtidos com a pesquisa (em congressos, aulas, palestras, artigos científicos, revistas ou livros).

n. Formação de recursos humanos:

Antecipamos os benefícios que o projeto trará à formação profissional do(a) autor(a) do projeto, a terceiros, à sociedade e à ciência.

o. Bibliografia:

A enumeração das fontes bibliográficas de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) não só corresponde a um preceito ético que deve nortear todo o projeto pelo bem da verdade, que é compromisso de toda busca científica, como facilita ao leitor o acesso aos dados fornecidos se assim lhe convier. Na bibliografia arrolamos livros, periódicos e consultas à internet.

BREVE ESBOÇO DE UM PROJETO DE PESQUISA A TÍTULO DE EXEMPLO

a. Título: *A expressão escrita no processo de escolarização*

b. Autor:

c. Área: Língua Portuguesa e Pedagogia.

d. Período de realização: 1 ano letivo.

e. Descrição, justificativa do projeto e formulação do problema:

O projeto *A expressão escrita no processo de escolarização* tenciona apresentar técnicas para o docente estimular a redação em língua portuguesa em aula. Justifica-se à medida que percebemos a dificuldade do aluno de redigir. Detém-se no sério problema da expressão escrita e tenta determinar as causas dessa dificuldade.

f. Objetivos:

- desenvolver conceitos e habilidades próprios da expressão em língua portuguesa;
- esclarecer a importância do uso adequado do idioma na expressão escrita;
- expor métodos de tradução de pensamentos e sentimentos oralmente e por escrito;
- despertar nos aprendizes o gosto de escrever.

g. Evidências de interesse:

O trabalho é ambicioso, mas não há negar que a empresa de levar o aluno a superar suas inibições e redigir com clareza e criatividade, respeitando a norma culta, é uma das principais aspirações da escola.

h. Métodos e técnicas:

Despertar e aguçar o olhar do jovem para a realidade do mundo em volta e para o simulacro dessa realidade que o mundo dos livros e dos textos reproduz, sejam de histórias, ciências, matemática, estudos sociais, gramática, constituem ferramenta didática imprescindível. Sendo assim, ao docente compete: apresentar a paisagem em torno, desenvolver no discente a capacidade de observar o universo que nos cerca, apurar-lhe o senso crítico, estimular a leitura, propor exercícios de redação.

Para inspirar-se, o aluno desenha, escreve o que lhe vem à mente, completa breves textos. Em seguida, passa a elaborar textos mais densos, com orações completas, pontuação, descrições, pequenas histórias, personagens, diálogos. Por fim, apresentamos leituras amenas para descansar e encetar a criação de novos textos e desenhos.

i. Fundamentação teórica: a obra de pedagogos como Jean Piaget, de linguistas e gramáticos, manuais de redação.

j. Cronograma

Março e abril – recolha de dados bibliográficos mediante fichamentos.

Maio – discussões com o orientador sobre a pertinência dos dados recolhidos.

Junho a agosto – redação do trabalho.

Setembro – submissão do trabalho ao orientador.

Outubro – revisões e digitação.

Novembro – defesa do trabalho perante a banca argüidora; ajustes cabíveis sugeridos pela banca.

Dezembro – seleção de material para divulgação e publicação.

l. Viabilidade

Dados o acesso à bibliografia disponível, a experiência didática em sala de aula do(a) autor(a) da proposta e a necessidade da escola como um todo de desenvolver a habilidade da escrita no discente, é viável – e urgente – o estudo sobre *A expressão escrita no processo de escolarização*.

m. Divulgação e publicação

Havendo oportunidade, pretende-se divulgar e publicar os resultados da pesquisa em comunicações a congressos e em publicações especializadas.

n. Formação de recursos humanos

A relação ensino-aprendizagem tendo como base e objetivo a produção textual traz benefícios inegáveis tanto para o discente como para o professor: para este, pela gratificação de assistir o trabalho em curso e vê-lo realizado; para aquele, porque está adquirindo conhecimento e desenvolvendo a habilidade de escrever e expressar-se. Trata-se de um processo de aperfeiçoamento recíproco.

o. Bibliografia

- Bibliografia especializada de Língua Portuguesa e de Pedagogia.
- Currículos oficiais.
- Dicionários de Língua Portuguesa.
- Gramáticas de Língua Portuguesa.
- Livros de exercícios.
- Livros de leituras extra-classe, de autores como Monteiro Lobato, Lucia Benedetti, Bernardo Campos, *Harry Potter*, *O senhor dos anéis* e outros.
- Manuais de redação em Língua Portuguesa de nível fundamental.



ATIVIDADE

Sugerimos-lhe elaborar um projeto de pesquisa próprio a sua área de estudos, com base nas instruções de Caleffe e Moreira. Para esses autores, o tema da pesquisa nasce de uma inquietação, dúvida ou problema suscitado no pesquisador a partir de seu ambiente de trabalho, suas leituras e das próprias meditações. Entretanto, devemos estabelecer cortes a fim de circunscrever ou reduzir o enfoque. A revisão da literatura sobre a matéria em tela traz benefícios inegáveis à reflexão, amplia o conhecimento, ajuda a conceber o problema, suscita hipóteses, situa o trabalho em relação aos demais, aponta soluções.

(CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. O planejamento da pesquisa: do problema à revisão da literatura. In: _____.; _____. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 21-38.)

Atribua-lhe um título sugestivo e siga o roteiro estabelecido por eles, conforme transcrito a seguir:

1. Título

2. Justificativa

3. Revisão da literatura (fundamentos teóricos)

4. Problema

5. Objetivos

6. Metodologia e procedimentos

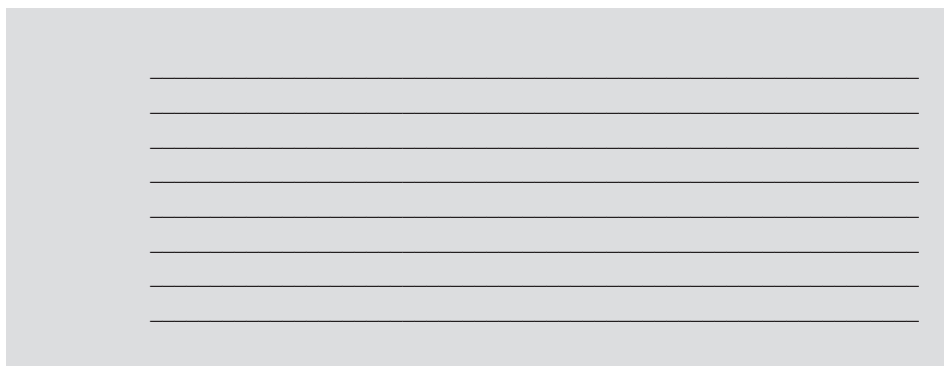
7. Cronograma

8. Referências bibliográficas

Recomenda-se enumerar os textos em ordem alfabética pelo sobrenome do autor conforme a seqüência:

SOBRENOME DO AUTOR EM CAIXA-ALTA, nome do autor. *Título da obra em itálico*. Cidade: Editora, ano da publicação. Número de páginas.

Sendo assim, siga o modelo das referências bibliográficas enumeradas na aula.



CONCLUSÃO

Proposto o plano de trabalho, estabelecidas as etapas, traçadas as previsões, o próximo passo é executar a pesquisa, da qual partirá a redação da monografia. Nesta aula, procuramos fornecer-lhe as ferramentas para você partir para a execução do seu projeto de pesquisa, conforme a sua área de estudos. O(a) aluno(a) do CEDERJ inscrito(a) em Língua Portuguesa Instrumental/Português Instrumental pertence ao curso que abrange um dos seguintes campos da ciência: Licenciatura em Pedagogia, Biologia, Física, Matemática e Química. Então, cabe a você, prezado(a) aluno(a), debruçar-se sobre o assunto que resolveu pesquisar, como pesquisá-lo, como apresentar o seu projeto, desenvolvê-lo e concluí-lo. Mãos à obra!

RESUMO

Do contato entre sujeito pesquisador e objeto a ser pesquisado é que adquirimos conhecimento. Esse processo não surge espontaneamente. Exige esforço, observação dos fatos, reflexão, leituras, estudo, método. Desenvolve-se mediante etapas de elaboração a fim de se atingir o objetivo proposto. Trata-se de um trabalho de racionalização do conteúdo a ser pesquisado, que vai redundar na monografia de fim de curso.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte, você aprenderá a elaborar fichamento.

Meta da aula

Conceituar fichamento.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- saber selecionar as idéias principais de um texto;
- anotar em fichamento uma leitura teórica.

Pré-requisito

Aula 24.

Prezado(a) aluno(a),

Como os textos acadêmicos são, geralmente, muito teóricos e, às vezes, até herméticos, e como você deverá lê-los em profusão, a fim de realizar o trabalho de conclusão de curso e as tarefas didáticas das disciplinas pertinentes à sua área de estudo, convém fazer fichamentos ou anotações de tais leituras.

FICHAMENTO: APREENDER CONTEÚDO

O fichamento, junto com o resumo e a resenha, constitui uma atividade de síntese. Para realizá-la, incumbe-se o leitor de selecionar as idéias principais do texto a ser fichado. Trata-se de uma técnica de coleta de informações que serve como referência para a elaboração de trabalhos de pesquisa. É, pois, um método de estudo e de memorização dos conteúdos examinados. Consiste no registro sintético e documentado de idéias e de informações relevantes do ponto de vista do leitor de uma obra filosófica, científica ou literária. Como não é possível reter todas as leituras na memória, arquivemos a documentação recolhida em texto. Por isso, o fichamento ficou tradicionalmente conhecido como “memória de papel”. Fichando, tornamos mais fácil o acesso aos dados fundamentais para a elaboração do trabalho. O termo deriva de ficha, porque, antes do advento do computador, as anotações eram feitas em fichas pautadas de cartolina, que, hoje, deram lugar ao arquivamento eletrônico: “Quanto mais se estuda, mais se percebe que o ato de estudar é lento, exige interesse, esforço, disciplina” (HÜHNE, 1992, p. 64). Daí a necessidade de fichar ou de registrar o material necessário à compreensão de um assunto.

O conteúdo do fichamento pode ser de *citação*, extraído-se, entre aspas, trechos do texto, com menção às páginas em que se localizam; de *resumo*, escrito com as próprias palavras do fichador; e de *comentário*, se o pesquisador desenvolve idéias suas sobre a leitura. Este processo se chama *ideação*, que forçosamente decorre do estudo em pauta.

RECOMENDAÇÕES

a. Informar a referência bibliográfica conforme as normas da ABNT: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. *Título*. Cidade: Editora, ano da publicação. N°. de páginas.

- b. Destacar as palavras-chave (cf. Aula 19) de cada parágrafo, a fim de identificar as idéias-núcleo do parágrafo (cf. Aula 20).
- c. Manter a ordem do texto, as divisões em capítulos, a seqüência dos parágrafos.
- d. Usar frases curtas e linguagem concisa, eliminando adjetivos e advérbios.

Tudo isso são práticas que, afinal, vão ajudá-lo(a) a automatizar o seu raciocínio lógico e a tradução deste em uma escrita coesa e coerente. Se você soube sintetizar as idéias de alguém, é porque as compreendeu.

Como temos conversado a respeito da aquisição de conhecimento, propomos adiante um texto para leitura e fichamento sobre esse assunto.

BREVE REFLEXÃO SOBRE A TEORIA DO CONHECIMENTO OU EPISTEMOLOGIA

Arrolemos a seguir o significado que o dicionário dá para o termo epistemologia: do francês *epistémologie*, este do grego *episteme*, “ciência, arte, habilidade, conhecimento” + -logo + -ia (*dicionário etimológico*).

Termo filosófico que se refere ao estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas, e que visa a determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo delas; teoria do conhecimento (*Aurélio*).

Teoria do conhecimento – estudo do valor e dos limites do conhecimento e, especialmente, da relação entre sujeito e objeto.

Ciência – do latim *scientia*, “conhecimento; conhecimento científico, saber teórico, ciência”, por via culta (*dicionário etimológico*).

Ciência – 1. Conhecimento. 2. Saber que se adquire pela leitura e meditação; instrução, erudição, sabedoria. 3. Conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio: *ciências históricas; ciências físicas*. (*Aurélio*).

Tomemos, pois, o termo ciência como o saber humano que todas as *tribos* possuem. O nosso saber é produzido e conservado na escola. A epistemologia é, pois, um debruçarmo-nos sobre o próprio saber ou um estudo sobre o estudo. Ela indica o que estudar, como estudar, para que estudar; o que pesquisar, como pesquisar, para que pesquisar; o que conhecer, como conhecer, para que conhecer. Trata, logo, da origem da

ciência, do objeto da ciência, de como adquirir ciência e da finalidade da ciência, sob um enfoque teórico apenas.



Transcrevamos um fragmento da primeira parte do *Discurso do método* (LEYDEN, 1637), de René Descartes (cf. Aula 23), o fundador da epistemologia. Surpreendentemente agradável de se ler, nesse capítulo o mestre discorre sobre algumas áreas de estudo, segundo a própria experiência, quais sejam: a alfabetização, as letras, a importância da leitura, a ficção, a poesia, a matemática, as ciências, a teologia, a filosofia e as viagens de observação e aprendizado.

Eis o trecho de Descartes a que nos referimos:

Mas não receio dizer que penso ter tido muita sorte em ter-me encontrado desde a juventude em certos caminhos, que me conduziram a considerações e máximas com as quais formei um método que penso ser um meio de aumentar gradualmente meu conhecimento e de elevá-lo aos poucos ao mais alto ponto que a mediocridade de meu espírito e a curta duração de minha vida permitam atingir. Pois dele já recolhi tantos frutos que, muito embora nos julgamentos que faço de mim mesmo eu tenda sempre para o lado da desconfiança e não o da presunção, e muito embora, examinando com um olhar de filósofo as diversas ações e os empreendimentos dos homens não haja quase nenhum que não me pareça vão e inútil, não deixo de sentir uma extrema satisfação

com o progresso que penso já ter feito na busca da verdade e de conceber esperanças quanto ao futuro; pois, se entre as ocupações dos homens, puramente homens, há alguma que seja solidamente boa e importante, ousou crer que é a que escolhi.

Todavia pode ocorrer que eu me engane, e talvez não passe de um pouco de cobre e de vidro o que tomo por ouro e diamantes. Sei o quanto estamos sujeitos a nos equivocar naquilo que nos toca, e também o quanto devemos suspeitar dos julgamentos de nossos amigos quando são a nosso favor. Mas gostaria muito de mostrar neste discurso que caminhos segui, e de representar minha vida como um quadro a fim de que cada um possa julgá-la; e, recolhendo as opiniões emitidas sobre ela, que este fosse um novo meio de me instruir, acrescentado àqueles que costumo utilizar. Assim, meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira procurei conduzir a minha. Os que se metem a dar preceitos devem se julgar mais hábeis que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, merecem ser criticados. Mas, ao propor este escrito apenas como uma história, ou se quiserem, como uma fábula na qual, entre alguns exemplos possíveis de imitar, talvez se encontrarão vários outros que se terá razão de não seguir, espero que ele será útil a alguns sem ser prejudicial a ninguém, e que todos ficarão satisfeitos com minha franqueza.

Fui nutrido nas letras desde a minha infância, e, convencido de que por meio delas podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, eu tinha um desejo extremo de aprendê-las. Mas assim que concluí todo esse curso de estudos, ao cabo do qual é costume ser admitido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me vi embaraçado em tantas dúvidas e erros que me pareceu não ter tirado outro proveito, ao tratar de instruir-me, senão descobrir cada vez mais minha ignorância. No entanto eu estava numa das mais célebres escolas da Europa, onde pensava deviam existir homens sábios, se os houvesse em algum lugar da Terra. Eu havia aprendido tudo o que os outros lá aprendiam; inclusive, não me contentando com as ciências que nos ensinavam, havia percorrido todos os livros que tratavam daquelas consideradas mais curiosas e mais raras e que puderam cair entre minhas mãos. Além disso, eu sabia os julgamentos que os outros faziam de mim, e não via que me julgassem inferior a meus colegas, embora entre eles já houvesse alguns destinados a ocupar os lugares de nossos mestres. E, enfim, nosso século me parecia tão florescente e tão fértil em bons espíritos quanto qualquer um dos precedentes. O que me fazia tomar a liberdade de julgar por mim todos os outros, e de pensar que não havia nenhuma doutrina no mundo que fosse tal como antes me haviam feito esperar.

Contudo eu não deixava de estimar os exercícios praticados nas escolas. Sabia que as línguas que nelas se aprendem são necessárias para a compreensão dos livros antigos; que a graça das fábulas desperta o espírito; que as ações memoráveis das histórias o estimulam, e que, lidas com discernimento, elas ajudam a formar o julgamento; que a leitura de todos os bons livros é como uma conversação com os melhores homens dos séculos passados, que foram seus autores, e até mesmo uma conversação estudada, na qual nos revelam apenas os melhores de seus pensamentos; que a eloquência tem forças e belezas incomparáveis; que a poesia tem delicadezas e doçuras muito encantadoras; que as matemáticas têm invenções sutilíssimas e que muito podem servir tanto para contentar os curiosos quanto para facilitar todas as artes e diminuir o trabalho dos homens; que os escritos que tratam dos costumes contêm vários ensinamentos e várias exortações à virtude que são muito úteis; que a teologia ensina a conquistar o céu; que a filosofia oferece um meio de falar com verossimilhança de todas as coisas, e de fazer-se admirar pelos menos eruditos; que a jurisprudência, a medicina e as outras ciências trazem honras e riquezas aos que as cultivam; e enfim, que é bom tê-las examinado a todas. Mesmo as mais supersticiosas e falsas, a fim de conhecer seu justo valor e não ser por elas enganado.

Mas eu acreditava já ter dedicado tempo bastante às línguas, e também à leitura dos livros antigos, e a suas histórias, e a suas fábulas. Pois é quase o mesmo conversar com os dos outros séculos quanto viajar. É bom saber algo dos costumes de diversos povos, a fim de julgar os nossos mais corretamente, e não pensar que tudo o que se opõe aos nossos modos é ridículo e contrário à razão, como costumam fazer os que nada viram. Mas, quando se emprega tempo demais em viajar, acaba-se por virar estrangeiro no próprio país; e, quando se é muito curioso por coisas que se praticavam nos séculos passados, fica-se geralmente muito ignorante das que se praticam neste. Além disso, as fábulas fazem imaginar como possíveis acontecimentos não o são; e mesmo as histórias mais fiéis, se não alteram nem aumentam o valor das coisas para torná-las mais dignas de serem lidas, pelo menos omitem quase sempre as mais baixas e menos ilustres circunstâncias; do que resulta que o resto não se mostra tal como é, e os que regulam seus costumes pelos exemplos tirados dessas fábulas estão sujeitos a cair nas extravagâncias dos paladinos de nossos romances, e a conceber projetos que vão além de suas forças.

Eu estimava muito a eloquência e era apaixonado pela poesia; mas achava que ambas eram dons do espírito, mais do que frutos do estudo. Os que têm raciocínio mais forte e digerem melhor seus pensamentos, a fim de torná-los claros e inteligíveis, podem sempre

persuadir melhor o que propõem, ainda que falem baixo bretão e nunca tenham estudado retórica. E os que fazem as invenções mais agradáveis, e sabem exprimi-las com mais ornamento e doçura, não deixariam de ser os melhores poetas, ainda que a arte poética lhes fosse desconhecida.

Eu me comprazia sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro uso, e, pensando que serviam somente às artes mecânicas, surpreendia-me de que sobre seus fundamentos, sendo tão firmes e sólidos, nada de mais elevado tivesse sido construído. Ao contrário, eu comparava os escritos dos antigos pagãos que tratam os costumes a palácios muito soberbos e magníficos, edificados apenas sobre a areia e a lama. Eles elevam muito alto as virtudes, e as fazem parecer estimáveis acima de todas as coisas que há no mundo; mas não ensinam suficientemente a conhecê-las, e com freqüência o que chamam com tão belo nome é tão-somente uma insensibilidade, ou um orgulho, ou um desespero, ou um parricídio.

Eu reverenciava nossa teologia, e pretendia, como outro qualquer, ganhar o céu; mas, tendo aprendido como coisa muito segura que seu caminho não está menos aberto aos mais ignorantes que aos mais doutos, e que as verdades reveladas, que conduzem a ele, estão acima de nossa inteligência, eu não ousaria submetê-las à fraqueza de meus raciocínios, e pensava que, para empreender examiná-las e ser bem-sucedido, era preciso contar com uma assistência extraordinária do céu, e ser mais do que um homem.

Nada direi da filosofia, a não ser que, vendo que fora cultivada pelos mais excelentes espíritos que viveram desde muitos séculos, e que não obstante não há nela coisa alguma sobre a qual não se dispute, e portanto que não seja duvidosa, eu não tinha a menor presunção de esperar ser mais bem-sucedido que os outros; e, considerando o quanto podem ser diversas as opiniões de homens doutos relativas a uma mesma matéria, sem que jamais possa haver mais de uma só que seja verdadeira, eu reputava quase como falso tudo o que era apenas verossímil.

Quanto às outras ciências, à medida que tomam seus princípios da filosofia, eu julgava que nada podia ser edificado, que fosse sólido, sobre fundamentos tão pouco firmes. E nem a honra nem o ganho que elas prometem eram suficientes para convidar-me a aprendê-las; pois não me sentia, graças a Deus, numa condição que me obrigasse a fazer da ciência um ofício, para o alívio de minha fortuna; e, embora não professasse desprezar a glória como um cínico, eu fazia muito pouca questão daquela que só esperava poder adquirir com falsos títulos. Enfim, com relação às más doutrinas, eu pensava já conhecer suficientemente o que valiam

para não mais sujeitar-me a ser enganado, nem pelas promessas de um alquimista, nem pelas imposturas de um mágico, nem pelos artifícios ou a presunção de qualquer um dos que fazem da profissão de saber mais do que sabem.

... E, decidindo não buscar mais outra ciência senão a que se poderia achar em mim mesmo, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto da minha juventude em viajar, em ver cortes e exércitos, em freqüentar pessoas de diversos humores e condições, em recolher experiências, em provar-me a mim mesmo nos encontros que a fortuna me propunha, e em toda parte refletir sobre as coisas que se apresentassem de tal modo a tirar delas algum proveito. [...]

(DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Introdução de Denis Lerrer Rosenfield. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 38-46).

ATIVIDADE



1. Extraíamos um exercício desse texto.

a. Numerar os parágrafos e identificá-los.

Ex.: Primeiro parágrafo – “Mas não receio... escolhi.”

b. Sabendo você que a cada parágrafo corresponde uma frase-núcleo ou tópico frasal, solicitamos destacar as palavras-chave e nomear-lhe as idéias-núcleo (cf. Aulas 19 e 20).

Identificar a frase-núcleo ou tópico frasal de cada parágrafo de um texto em prosa constitui um método de leitura eficaz e muito útil à elaboração de fichamentos.

Ex.: Primeiro parágrafo - A escolha cartesiana pela busca do conhecimento e da verdade. A humildade cartesiana e menção aos demais homens.
Palavras-chave: método – conhecimento – verdade.

12o.: “E, decidindo ... proveito.” O saber não se restringe aos livros, mas também é ganho na experiência. Palavras-chave: livro – mundo – viajar.

COMENTÁRIO

No trecho dado, René Descartes discorre sobre as várias áreas do saber, sua utilidade e como alcançá-lo. Se você tiver dificuldade de entender o texto, porque se trata de um texto do século XVII, esqueça-o um pouco, deixe-o de lado. Mais tarde volte a ele e, amadurecido(a), descobrirá como tem verdades e conceitos que permanecem vivos até hoje. De posse das técnicas de fichamento, convém arquivá-lo com suas palavras e, assim, compreendê-lo. Aliás, recomendamos a leitura integral da obra.

INDICAÇÃO DE TEXTOS PARA FICHAMENTO

Há vários títulos interessantes da área de Pedagogia publicados recentemente pela Editora DP&A, do Rio de Janeiro. Abordam questões atuais que não devemos desconhecer. Cabe a você localizá-los, lê-los e fichá-los, para ir formando o seu repertório de saber. Por outro lado, não perca de vista as questões gramaticais de Língua Portuguesa. Tenha sempre à mão um dicionário de Língua Portuguesa, para esclarecer dúvidas de ortografia e ilustrar o vocabulário. Recorra também às gramáticas de Língua Portuguesa. Convém reler seu conteúdo sobre morfologia, sintaxe e semântica. Vimos como é difícil apreender de memória tudo o que estudamos, daí a necessidade de fazer fichamentos. Assim, se a leitura é importante, a releitura é fundamental. Boa idéia! Que tal fazer fichamentos sobre os vários aspectos gramaticais? Por exemplo: sobre as formas verbais; sobre gênero e número de adjetivos e substantivos; regência nominal e verbal; concordância nominal e verbal. Esses são assuntos que nós, professores, eventualmente, senão, durante todo o desempenho profissional, devemos percorrer. Se a língua reproduz a realidade, se dominamos a língua oralmente e por escrito, talvez possamos abarcar o mundo por meio dela.

Embora a feitura de um fichamento guarde um pouco do nosso jeito de estudar – e devemos respeitá-lo –, transcrevemos adiante um modelo de fichamento extraído de um manual de metodologia de pesquisa essencial:

Modelo de fichamento (a respeito de obstáculo epistemológico, de G. Bachelard)

Inf. Bibl. A noção de obstáculo epistemológico

BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1957.

Recensão

1 – Noções sobre Bachelard: Nasceu em 1884, em Champagne, e faleceu em Paris em 1962. Foi professor de ciências na sua cidade natal, mais tarde, professor de história e filosofia das ciências em Sorbonne. Preocupado com a pedagogia das ciências, analisa nesta obra a noção de obstáculo epistemológico à luz da psicanálise do conhecimento objetivo.

Citação

2 – Influência da psicanálise freudiana sobre G. Bachelard: Neste texto, o A. não apresenta os objetos externos como os empecilhos verdadeiros ao conhecimento científico, mas analisa principalmente aqueles obstáculos internos de caráter inconsciente, que surgem no próprio ato de conhecer. “...é no interior do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de necessidade funcional, retardos e perturbações.”

[...]

Citação. 6 – A pedagogia da ciência: Bachelard mostra a sua perplexidade face aos professores que partem da tese de que o aluno quando aprende determinada matéria é “uma tabula rasa”, esquece que ele está condicionado a preconceitos e motivações diversas. Ele mostra não só a necessidade de se começar por fazer uma “catarse intelectual e afetiva”, como também de introduzir o aluno no campo da racionalização, campo que na verdade não é fácil nem simples. “Eles não refletiram que o adolescente chega às aulas de física com conhecimentos empíricos já constituídos, não se trata então de adquirir uma cultura experimental, e sim de derrubar obstáculos já amontoados pela vida cotidiana.”

7 – Conclusões

1. G. Bachelard estabelece diferenças fundamentais entre conhecimento empírico e científico, entre eles há uma ruptura.
2. Ele introduz novas categorias de ciência que modificam a concepção tradicional.

3. Ele afirma progresso descontínuo de conhecimento do ponto de vista histórico.

Comentários e novas questões – Apreendemos com G. Bachelard uma nova visão de ciência a partir de sua tese de que a atividade científica não é espontânea no homem. Ela exige uma ruptura com os conhecimentos do senso comum, corte que só se consegue a partir de uma auto-análise do conhecimento.

Só à luz da psicanálise do conhecimento científico é possível elaborar uma ciência que é uma resposta a um problema bem colocado.

Descobrimos também novas categorias de ciência que modificam a concepção tradicional: 1) a noção de obstáculo epistemológico; 2) corte epistemológico; 3) vigilância e lógica do erro; 4) recorrência e atualidade científica.

(HÜHNE, Leda Miranda, org. *Metodologia científica*: caderno de textos e técnicas. Rio de Janeiro: Agir, 1992, p. 66-69).

CONCLUSÃO

Passo a passo, aprofundamos o domínio sobre a nossa disciplina específica. Um dos recursos para tal é a feitura de fichamentos, cuja prática será sempre muito útil para seus estudos.

RESUMO

Fichamento consiste num arquivamento de anotações sobre uma leitura acadêmica e cumpre a função de facilitar o estudo.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você estudará as estratégias linguísticas próprias de uma dissertação.

Dissertação: o pensar e o escrever

AULA 26

Meta da aula

Expor os recursos lingüísticos próprios de uma dissertação.

De posse de tais recursos, você deverá estar apto a:

- articular de forma coerente as etapas da dissertação;
- dominar e exercitar os mecanismos de construção de parágrafos concebidos como unidade privilegiada do texto dissertativo;
- desenvolver a capacidade de argumentar;
- redigir dissertações com propriedade.

Pré-requisito

Solicitamos que tenha em mão sua gramática de Língua Portuguesa. Nela, releia os capítulos sobre Sintaxe e Verbo.

Caro(a) aluno(a),

Se o projeto de pesquisa resulta em uma monografia, examinemos, pois, alguns instrumentos lingüísticos e metodológicos próprios para a sua confecção.

INTRODUÇÃO

Ensinam os manuais contemporâneos de redação, arrolados na bibliografia e cuja leitura recomendamos, que os primeiros autores a se preocupar com a ordem, a precisão e a beleza do discurso foram os gregos, entre eles, Górgias, Sócrates e Aristóteles. Com o desenvolvimento político da democracia grega, no século V a. C., as novas gerações em ascensão precisavam se expressar oralmente com clareza, com a intenção de ocupar cargos públicos. Górgias foi um sofista que aplicava técnicas de retórica e de persuasão a esses jovens e cobrava por suas lições. Seu contemporâneo Sócrates, ao contrário, popularizou o seu saber em aulas públicas e gratuitas nas praças, mercados e ginásios. Por meio de um método indutivo e dialético, denominado *maiêutica*, palavra que advém de parto, trazia o interlocutor da ignorância à luz. Esses diálogos foram registrados e eternizados por seu discípulo Platão (cf. Aula 12). Coube a Aristóteles (cf. Aula 12), discípulo de Platão, sistematizar os artifícios retóricos e lingüísticos da persuasão na obra *Arte retórica*. Os estudos retóricos se mantiveram em Roma nos célebres discursos de Cícero (século I a. C.) e, depois, nos de Quintiliano. Tendo caído em desuso, a partir do século XIX, que foi um século libertário e que propugnou a abolição de fórmulas clássicas, o ensino de retórica e persuasão sobrevive, atualizado, nas aulas de técnicas de redação dissertativa e argumentativa. A arte da persuasão é ainda praticada na publicidade e explorada, oralmente, por vendedores, professores, locutores e apresentadores de rádio e televisão, políticos... Mesmo a criança que está aprendendo a falar tenta convencer os pais por meio de seus rudimentos de fala a comprar-lhe uma bala, por exemplo.

Os Sofistas (ou “mestres da sabedoria”, conforme a origem etimológica do termo), como Protágoras, para quem “o homem é a medida de todas as coisas”, Górgias e Hípias, eram oradores, pensadores e professores, que, em Atenas, na segunda metade do século V a. C., conduziam os jovens a galgar a vida pública e social, mediante o recurso retórico da persuasão. Górgias foi quem primeiro se preocupou com a estilística.



Sócrates – Nasce em Atenas em torno de 470 a. C. Filho de uma parteira e de um escultor, fundou o método indutivo *maieutico*, inspirado na profissão da mãe, porque despertava o nascer do conhecimento, induzido pelo diálogo, mesmo em um leigo. No diálogo platônico *Mênon*, Sócrates leva um iletrado a formular conceitos de geometria. Acusado de corromper a juventude e por não abjurar de suas convicções políticas, Sócrates foi condenado à morte, envenenando-se com cicuta, uma planta letal.

Cícero – Apesar da origem provinciana, foi representante da aristocracia no Senado romano, no século I a. C. Como cônsul, resistiu à conjuração do rival Catilina, o que deu origem aos célebres discursos *Catilinárias*, aplicados na escola brasileira, quando ainda se estudava latim. Traduziu para o latim o pensamento helênico, fonte essencial da história antiga. Entre suas obras encontram-se *De legibus* (*Das leis*), *De republica* (*Da república*) e o tratado de eloquência *De oratore* (*Do orador*).

Quintiliano – Pedagogo romano, nasceu na Espanha no século II. Foi professor de retórica em Roma e primeiro professor pago pelo estado, quando Vespasiano era imperador. Na *Instituição oratória*, em 12 volumes, expõe o processo de formação do orador, cuja figura ideal Cícero delineara no *De oratore*. As normas da eloquência eram o fim supremo da educação romana, conforme o espírito prático-político característico da época.

A DISSERTAÇÃO

Há três tipos básicos de texto em prosa: a descrição, a narração e a dissertação. Abordemos, aqui, a dissertação.

A dissertação é, geralmente, um texto acadêmico, ou seja, é produzido na universidade, destinado a expor uma idéia ou demonstrar uma tese. Tanto explana um problema, como busca soluções para ele, como defende um ponto de vista sobre determinada questão com argumentos tão consistentes que acaba por convencer o interlocutor. O autor da dissertação deve armazenar recursos sólidos para chegar ao objetivo de fundamentar a tese e obter o resultado pretendido. A redação de uma dissertação traz-nos autoconhecimento, autocrítica, senso crítico e conhecimento sobre a realidade, indispensáveis ao amadurecimento profissional e ao aperfeiçoamento intelectual e humano.

Ao obedecer à tríade introdução, desenvolvimento e conclusão, a dissertação traduz em texto, concisamente, os próprios passos da investigação científica. Esse método de exame de um objeto e de apresentação de uma pesquisa foi-nos ensinado por René Descartes, filósofo francês do século XVII (cf. aula anterior). No seu famoso *Discurso do método*, publicado em 1637, em Leyden, cidade holandesa, onde se refugiara para escapar da agitação parisiense e lá encontrar a concentração necessária às suas reflexões, estabeleceu quatro princípios norteadores da razão:

O primeiro [...] era evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e nada incluir em meus julgamentos senão o que se apresentasse de maneira tão clara e distinta a meu espírito que eu não tivesse nenhuma ocasião de colocá-lo em dúvida.

O segundo, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas possíveis e que fossem necessárias para melhor resolvê-las.

O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, fazer em toda parte enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.

(DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2007. p. 54-55).

Isso quer dizer que devemos destituir-nos de preconceito ao abordar uma questão e observá-la com isenção, partindo dos aspectos menos complexos, aos quais corresponderia a introdução do texto dissertativo, para os mais complicados, que precisariam de mais vagar e alento, por isso, equivaleriam à segunda etapa da averiguação, o desenvolvimento. Por fim, procedemos à revisão e, logo, à conclusão. Esta advém de todas as revisões possíveis, a fim de evitar equívocos e garantir ao corpo do trabalho toda a racionalidade investida durante a sua feitura.

À introdução cabe:

- a. apresentar o tema a ser desenvolvido, a hipótese a ser demonstrada, o(s) objetivo(s) do trabalho, enfim;
- b. definir os conceitos pertinentes ao assunto em tela;
- c. propor a hipótese, isto é, o exame do problema que se vai demonstrar e provar por meio de fatos e argumentos para se chegar a uma certeza;
- d. suscitar a curiosidade do leitor a respeito dessa hipótese a ser demonstrada ao longo do desenvolvimento;
- e. expor o prisma e a maneira pelos quais se vai abordar a questão, isto é, a metodologia da pesquisa ou mesmo uma combinação de metodologias.

No desenvolvimento encontram-se o conteúdo propriamente dito do trabalho e os argumentos que vão defender a tese, fundamentados com fatos, testemunhos e provas ao que queremos demonstrar. Dependendo da perspectiva escolhida pelo(a) autor(a), entre os argumentos, podemos:

- a. enumerar dados estatísticos;
- b. empreender uma revisão bibliográfica, isto é, comentar a respeito de outras dissertações ou ensaios que abordaram o mesmo tema ou situação-problema;
- c. fornecer dados retrospectivos, isto é, fazer um histórico da questão até o momento da explanação;
- d. fazer citações de autores abalizados para dar credibilidade às afirmações;
- e. comprovar as declarações por meio do relato de evidências;

f. citar exemplos para fundamentar a tese, esclarecer e orientar o leitor.

Segue um exemplo de introdução a um trabalho sobre Monteiro Lobato em que o autor traça os objetivos e os métodos para atingi-los:

Tomamos conhecimento de que Monteiro Lobato, 1882-1948, escreveu, entre 1921 e 1944, com intuitos claramente inovadores, vinte e três livros para crianças, já lidos, até hoje, por vários milhões de brasileiros (em 1943 tinham sido vendidos já mais de um milhão e meio de exemplares). Tendo também sabido que até àquela altura não tinha sido ainda realizada uma pesquisa que englobasse um estudo das obras infantis lobatianas e pré-lobatianas, o qual incluisse dados colhidos diretamente, optamos por, no âmbito da nossa dissertação de mestrado, tentar:

- descrever as principais características da produção literária infantil lobatiana e pré-lobatiana;
- definir a projeção dessa obra na formação da literatura infantil brasileira;
- apontar inovações da obra infantil de Monteiro Lobato em ordem à aprendizagem da língua portuguesa e à criação do gosto da leitura [...].
- pesquisamos, por processos que envolvem formas implícitas de comparação, dados e elementos que se foram revelando inovadores. [...]

Demos especial realce ao estudo da linguagem.

Procedemos à análise de aspectos que nos pareceram mais significativos, quer para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, quer para o estímulo do gosto da leitura.

(VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: Portugalmundo, 1994. p. 14-15).



ATIVIDADE

1. Tente redigir uma introdução ao assunto que você terá proposto no exercício sobre projeto da Aula 23, esclarecendo os objetivos a atingir e os métodos utilizados.

PARAGRAFAÇÃO

O texto em prosa progride mediante a seqüência de parágrafos (cf. Aulas 9 e 14). Entre os recursos que fundamentam a argumentação e encetam um parágrafo, encontram-se o parágrafo padrão, o parágrafo com pergunta, exemplo, frase nominal, contraste de idéias ou oposição, causa e consequência, citação, dados estatísticos, enumeração, alusão histórica: a. nas afirmações usamos a técnica do parágrafo padrão, que apresenta uma frase-núcleo ou tópico frasal (cf. Aula 19), do qual decorrem idéias corolárias. Ele é adequado, pois, para afirmar uma idéia, definir conceitos, propor a hipótese, expor o método da abordagem e/ou os pressupostos teóricos. Exemplifiquemos com textos jornalísticos por serem mais sintéticos e, embora nem sempre desenvolvam parágrafos dissertativo-argumentativos, as informações que emitem são objetivas e um tanto ou quanto imparciais:

Há duas portas de entrada para a educação e para a socialização da vida humana: a família e a escola. Da família herdamos ou não o sentido da acolhida e da autoconfiança (da mãe) e o sentido dos limites e a percepção de valores éticos (do pai). A escola, além de repassar informações, se propõe o objetivo de criar as condições para a formação de pessoas autônomas com competência para plasmar o próprio destino e aprender a conviver como cidadãos

participativos. A educação, nestas perspectivas, era centrada no ser humano e na sociedade.

(BOFF, Leonardo. Educação ecocentrada. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 abr. 2008. p. A9).

- b. no sentido de alternar os mecanismos sintáticos disponíveis em uma redação e de captar a atenção do leitor, cabe introduzir o parágrafo com uma pergunta:

Já imaginou um personagem do cinema no divã? E já parou para pensar que ele pode ter muito a ver com você? A partir de amanhã, os psicanalistas Waldemar Zusman e Neilton Dias da Silva, a museóloga e professora Ana Lúcia de Castro retomam o Fórum de Cinema e psicanálise, na Unirio, com a exibição de *Babel*, do diretor mexicano Alejandro Gonzáles-Iñárritu. Após ser exibido, o filme é analisado pelo trio, num papo-cabeça que pretende ir a fundo no inconsciente dos papéis interpretados por estrelas como Brad Pitt e Cate Blanchett.

(LIMA, Ludmilla. *O Globo*. Zona Sul. Rio de Janeiro, 27 mar. 2008. p. 26).

- c. uma técnica eficaz para ilustrar a idéia a ser veiculada, e assim instruir o leitor, é fornecer um exemplo bem concreto do conceito a definir:



Cálculo de brasileiro com base em imagens do telescópio Chandra atesta que objeto bizarro gira em alta velocidade.

Na hora de bater uma vitamina em um liquidificador, a velocidade de rotação do motor do eletrodoméstico é fundamental para o sucesso da empreitada. No espaço, nos buracos negros carregados de massa, a situação é mais ou menos a mesma – o problema é que lá não existe um painel de velocidade disponível para ser usado. Rodrigo Nemmen, pesquisador da UFRGS, resolveu contribuir para o manual de instruções desses grandes liquidificadores espaciais, que chegam a ter 1 bilhão de quilômetros de raio (quase a distância de Saturno ao Sol). Segundo cálculos feitos por ele, mesmo com todo esse tamanho os buracos negros gigantes completam uma volta ao redor de seu eixo a cada 24 horas. Ou seja, seu “dia” tem a mesma duração do dia terrestre.

(GERAQUE, Eduardo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 jan. 2008. p. A16).

d. num rasgo de estilo para atrair a atenção do leitor, vale introduzir o parágrafo com frase nominal, em que uma ou mais palavras figuram na frase sem verbo, para enfatizar a idéia formulada a seguir, que vem a ser a explicação do sintagma ou unidade lexical de abertura do parágrafo, isto é, a frase nominal:

Solidariedade. Esta é a palavra que dá o tom das campanhas promovidas desde 2002 pelos Jornais de Bairro, em parcerias com shoppings do Estado e o Viva Rio. Este ano elas ganharam o slogan “Abra seus braços”. A iniciativa começa hoje, com estandes em 38 shoppings do Estado, recebendo livros novos e usados. (O *Globo*. Zona Sul. Rio de Janeiro, 27 mar. 2008. p. 30).

e. contraste de idéias ou oposição:

Implantar a lei que traz uma proposta tão ousada [Estatuto da Criança e do Adolescente] encontra resistências, sobretudo numa sociedade marcada por enormes diferenças sociais e econômicas.

Por um lado o legislador propôs uma distribuição eqüitativa de direitos afirmando nossa Carta que devem as crianças ser prioridade absoluta na garantia de seus direitos fundamentais. Por outro, parte da sociedade agarrada aos seus instintos egoístas pretende a manutenção dos privilégios que permite que poucos se mantenham diferenciados dos demais numa distância alarmante entre os poucos que tudo têm e os muitos que nada possuem.

(DARLAN, Siro. O *Globo*. Rio de Janeiro, 14 abr. 2008. p. A9).

f. causa e consequência:

Depois que irrompeu o paradigma ecológico, nos conscientizamos do fato de que todos somos ecodependentes. Não podemos viver sem o meio ambiente, com seus ecossistemas, que incluído o ser humano, forma o ambiente inteiro. Somos um elo da comunidade biológica. A humanidade não está à frente da natureza, nem acima dela como donos, mas dentro dela como parte integrante e essencial. Participamos de uma comunidade de interesses com os demais seres vivos que conosco compartilham a biosfera. O interesse comum básico é manter as condições para a continuidade da vida e da própria Terra, tida como superorganismo vivo. Gaia. (BOFF, Leonardo. op. cit.).

g. a citação confere credibilidade às idéias expostas:

“Espera mais um ano que eu vou ver. / Vou ver o que posso fazer. / Não posso resolver neste momento / Pois não achei o teu requerimento.” (Noel Rosa).

A inépcia do nosso setor público para atender às necessidades da população causa espanto e provoca justa revolta. E não é de hoje, como podemos ver pela crítica irreverente, contundente e inteligente de Noel Rosa à nossa burocracia, feita há mais de 70 anos. (IORIO, Ubiratan. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jan. 2008. p. A9).

h. dados estatísticos:

A mortalidade de crianças com menos de cinco anos caiu 65% entre 1990 e 2006. A queda, acentuada a partir de 2004, fez o Brasil melhorar 27 posições no *ranking* desse indicador, que foi divulgado ontem no relatório “Situação Mundial da Infância 2008”, do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância). (PINHO, Ângela. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 jan. 2008. p. C1).

i. enumeração:

No Norte da África, o Marrocos é capaz de satisfazer a todas as vontades e vontades de todos, em pouco tempo. Em duas semanas, pode-se mergulhar nas águas calmas do Mediterrâneo ou surfar as ondas do Oceano Atlântico; andar de camelo pelas dunas douradas do Deserto do Saara ou esquiar nas montanhas nevadas dos Atlas; visitar ruínas romanas ou palácios de reis mouros, e percorrer coloridos *souks*, mercados povoados por encantadores

de serpentes, contadores de histórias e outros personagens das mil e uma noites. Antigo protetorado francês, o Marrocos fica a um passo da Espanha. Apenas 14 quilômetros, a partir do Estreito de Gibraltar, separam o reino muçulmano da Europa. Graças à sua História e à localização, o Marrocos é um dos países árabes mais ocidentalizados, e, ao mesmo tempo, um dos poucos que souberam conservar suas tradições.

(YANAKIEW, Mônica. Rio de Janeiro. *O Globo*. Boa Viagem. Rio, 20 mar. 2008. p. 6).

j. alusão histórica:

A conservação da hora, além de servir à organização da sociedade civil, foi sempre fundamental à navegação. A abertura dos portos às nações amigas por Dom João em 1808, exigia que tivéssemos um meio de fornecer às embarcações que aqui aportavam informações que permitissem o acerto dos cronômetros de bordo, para que os navegantes pudessem prosseguir as suas viagens com segurança. Com esse objetivo, em 2 de janeiro de 1808, o relojoeiro inglês Robert Roskell (1768-1830) – um dos membros de uma família de famosos fabricantes de cronômetros e relógios de precisão, desde o fim do século 17, inicialmente na cidade de Liverpool e, mais tarde, em Londres – além de instalar um dos primeiros estabelecimentos destinados para a venda e reparo de instrumentos científicos, montou o primeiro observatório astronômico destinado à determinação de hora astronômica no Brasil.

(FREITAS, Ronaldo Rogério Mourão de. *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 abr. 2008. p. A9).

Além destes recursos, podemos alternar estruturas sintáticas: ora usamos ordem direta, ora indireta (com o sujeito posposto), ora iniciamos a oração com um adjunto adverbial, um verbo conjugado ou um infinitivo, a frase nominal...

Tudo isso contribui para que o texto não se torne monótono e conduza o leitor a prosseguir a leitura. Temos o fito de assim persuadir o leitor convidado de início a acompanhar a proposta e chegar até a conclusão que pode assumir várias facetas:

- a. arrematar de forma coerente o que foi dito;
- b. confirmar a tese inicial;
- c. resumir os principais aspectos discutidos no texto;
- d. expor os benefícios da pesquisa realizada;
- e. e/ou apontar novas trajetórias e sugestões para trabalhos vindouros.

Extraíamos um exemplo de conclusão do livro mencionado:

Constatamos que Lobato afastando-se da linguagem usada pelos escritores que o precederam, deu, ensinando e divertindo, maleabilidade e graça à sua comunicação. [...] Rejeitando processos técnico-compositivos próprios das obras para adultos, usados no entanto pelos seus predecessores, estruturou as suas de modo a dar aos leitores a sensação de assistirem ao desenrolar das cenas. [...] Por tudo isto, estamos convictos de que a linguagem e a apresentação destas obras se tornaram um meio admirável para ensinar a língua e criar o gosto da leitura.

(VALE, F. M. op. cit. p. 187).

Feito o trabalho ou em via de conclusão, atribuímos-lhe um título. Notemos que tema não é o mesmo que título. Este, é claro, contém o tema e condensa com fidelidade tudo o que pretendemos dizer.

O(a) autor(a) da tarefa deve elaborar um título tão atraente que desperte a curiosidade do leitor. O título cumpre, pois, as funções de síntese e de chamariz, tal como uma manchete de jornal, mas sem sensacionalismo. Pelo contrário, a empresa de uma dissertação ou monografia de pesquisa requer contenção.

Essa tão buscada contenção redundava de uma forma de tratamento discursivo impessoal e neutro de modo que o autor fique tão apagado que a tese a ser defendida é que sobressai. Como expusemos na aula anterior, entre os artifícios lingüísticos para obter certa isenção no discurso, encontram-se algumas formas de se organizar a sintaxe. Entre estas:

Sintaxe em grego quer dizer ordem, organização, como as fileiras de soldados em um exército. Assim, as frases de uma língua, para que se tornem inteligíveis, também têm a sua ordem, a sua sintaxe: "Certos protocolos criam predisposição para a leitura" (frase extraída do texto de Prado Coelho adiante). Em Língua Portuguesa não diríamos: "A para certos predisposição criam leitura protocolos."

a. a terceira pessoa do discurso característica do sujeito indeterminado, que se manifesta na partícula *se* como índice de indeterminação do sujeito, como em *Conclui-se que...*; *Pode-se dizer que...*; *Busca-se demonstrar que...*

b. o verbo *haver* no sentido de existir como em *Há várias questões a discutir...*; *Há interrogações que permanecem...*

c. as orações expressas em voz passiva sintética com o pronome apassivador *se* como em *Examinou-se a questão sobre...*, porque o sujeito está explícito e o exemplo quer dizer o mesmo que *A questão foi examinada...*, o sujeito fica apagado e releva da frase a ação verbal a ser desempenhada: *Impõe-se uma reflexão sobre...*; *Tomaram-se por base duas obras...*; *Analisar-se-á o texto...*; *Faz-se referência a demais autores*; *Tentam-se consolidar fundamentos...*; *Mantém-se a tese de que...*

d. o emprego de orações principais que exigem orações substantivas subjetivas, porque exercem a função sintática de sujeito daquelas, mantém certo distanciamento entre sujeito e objeto, preservando, assim, a objetividade requerida pelo trabalho acadêmico: *Urge esclarecer que...*; *Importa observar que...*; *É conveniente que...*; *É apropriado...*

e. o emprego da primeira pessoa do plural nós, indicativa de modéstia, caso o(a) autor(a) do texto dissertativo não queira se sentir tão oprimida: *Pretendemos...*; *Verificamos...*; *Se atentarmos para o problema...*; *Recapitulemos...*; *Encaramos...*; *Partimos do princípio de que...*; *As analogias nos permitiram inferir que...*; ... como afirmamos anteriormente; *A tarefa, nesse momento, se nos afigura inexecutável.*

Antes da redação propriamente dita, convém fazer um roteiro das idéias a serem desenvolvidas para que não se percam nem nos contradigamos. A partir de então, mãos à obra.

ATIVIDADE



2. Leia um trecho do ensaio sobre o poeta português Manuel Gusmão, de autoria do professor, pensador e ensaísta lisboeta Eduardo Prado Coelho, morto prematuramente em 2007, como motivação para o exercício adiante:



Que faz aquele que lê? Uma distinção se impõe à partida: há quem leia de passagem, sem chegar a pousar, ou repousar, sobre o corpo do texto, quem leia apressado e aflito, esbaforidamente, porque precisa passar a outra coisa, e essa coisa é que é linda, ou ela é o que importa. [...]. [Eu] podia subir com o livro que trouxera até ao jardim da Estrela, quase deserto àquela hora, sentar-me num banco, olhar o céu, colocar o corpo na posição exata para ler, dizer que neste momento eu tenho a vida toda à minha frente para ler todos os livros do mundo, abrir o livro sobre os joelhos, ler a primeira frase, levantar os olhos do livro, e dizer: eis-me na posição exata para ler um livro, disposto a ler, a entrar lentamente na fresca e frondosa casa das palavras escritas. Donde ler pode ser passar os olhos, varrer com a vista. E depois: ler pode ser também escolher a posição certa para ler, partindo de todo um conjunto de protocolos que criaram a predisposição para a leitura. [...]

Que significa ler? Etimologicamente, aquele que lê é aquele que escolhe, que vai colher na árvore dos textos os frutos escolhidos: ler é eleger, escolher as palavras que emergem do fio do discurso, dar-lhes o brilho e a cor que lhe convêm, e por isso todo o leitor é um eleitor, e não leitura sem uma política da leitura, e não há verdadeira leitura sem uma democracia da leitura. ... textos de Fernando Pessoa e Sá-Carneiro eram lidos, [...] eles, os leitores incertos, tropeçavam nas palavras, embrulhavam as sílabas, mas por isso mesmo, neste modo vulnerável de desemaranhar os textos, eram

cada um deles o cidadão comum, anônimo, vulgar, que exerce o direito de eleger, o direito de ler. Tratava-se assim de um ato coletivo (mas “ler” é também “reunir”, “coleccionar”, “fazer a coleta”) em que a comunidade se fazia à roda da leitura, coro implícito e silencioso, ou ruído de fundo nos corredores dos conventos medievais, quando a leitura de cada um era ainda uma leitura em voz alta, e o coro se fazia na diversidade dos textos e dos corações ali recolhidos (isto é, lidos e relidos por Deus na eterna recoleção dos textos divinos).

E foi dessa leitura que cada um ganhou o estatuto de “intelectual”, aquele que tem a capacidade de compreender, porque é capaz de interlegere, isto é, de escolher naquilo que há para ler o que vale a pena ser lido, e escolher no atropelo dos textos o que vale a pena ser retido para dar aos textos o sentido que eles têm, ou melhor, esse sentido que eles podem ter, porque ler coloca-nos sempre no futuro de cada texto: o leitor escreve para que seja possível. E assim cresce a inteligência de cada um na inteligência de todos, colocando-se o intelectual no seu lugar de ser orgânico, elemento de um corpo que aumenta (o autor é aquele que aumenta o mundo e que nisso provisoriamente se autoriza) em sentidos e sentido, preso da paixão do inteligível [...].

Havia um termo para “amor”, termo antigo e amarelecido, que era dilectio, e dizia-se “filho dileto”, isto é, filho escolhido, ou o “amigo dileto”, ou (menos, infinitamente menos) o “amante dileto”, e no entanto era sempre de amor que se tratava, entre aquele que diligentemente (palavra que começou por dizer escolha feita com consciência e empenho, e que depois se deixou ser outra coisa, e passou a designar o cuidado que se põe em fazer depressa uma coisa) escolhe um ser, ou objeto amado, e uma pequena zona do mundo, incisão ou cicatriz, que passa a ser o lugar, o corpo, o olhar, o gesto ou o cicar da pele que se tornam, entre todos os possíveis, os que se dizem prediletos. Trata-se então de não negligenciar o que se elegeu ou recolheu, e criar em torno desse amor a sua lenda, isto é, o seu corpo de palavras a serem lidas como um mito, lenda e legenda de um encontro, de uma imagem, de uma fotografia, o fotograma dileto, a fotografia delida, a fotografia lida e relida na gramática da sua luz, no drama da sua memória, na elegância de um olhar silencioso, na repetição impossível do nome que a nomeia.

Temos agora coligidas algumas das teses duma teoria da leitura: a) a leitura cria um ritmo próprio: vibrações, oscilações, emergências, rupturas; em tudo é fundamental a questão do ritmo; b) a leitura cria uma temporalidade própria; c) o tempo da leitura desemboca numa espacialização do tempo [...]; d) a leitura constrói a casa da própria leitura; e) tal como a fala ou a escrita, a leitura sustenta-se num destinatário [...].

A casa da leitura ganha agora a arquitetura de uma biblioteca [...]: convicção de que na biblioteca se encontra tudo, que está ali o inventário do mundo, e que na rede de palavras que se bifurcam como jardins sem fim podemos descobrir o enigma de todas as coisas, a teologia na sua condição mais rasteira, empoeirada e material – tudo está escrito, e tudo está sempre

disponível para ser lido, mas cada leitura implica uma nova posição do leitor, e por isso, a biblioteca é a totalidade e a leitura é o infinito que excede qualquer totalidade. Daí que o alvoroço da leitura, esse “tropol apaixonado” seja a experiência reiterada desta contradição: a biblioteca dispensa o mundo na media em que os mundos irrompem da própria biblioteca [...].
(COELHO, Eduardo Prado. Se o Leitor escreve, tu escreves. *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, Cátedra Jorge de Sena, Cosmos, p. 143-150. set. 2001).

Com base no exposto acima, solicitamos-lhe completar os exercícios:

a. Transforme o sujeito das orações, estilizadas a partir do trecho acima, em sujeito indeterminado com o pronome **se** na função de índice de indeterminação do sujeito:

Ex.: O leitor lê de passagem.

R.: Lê-se de passagem.

O leitor deve repousar sobre o texto.

R.: _____

Quem lê entra na casa da palavra escrita.

R.: _____

O intelectual é capaz de escolher a leitura.

R.: _____

As palavras emergem do fio do discurso.

R.: _____

RESPOSTAS COMENTADAS

É indispensável ao aprendizado da redação em Língua Portuguesa a insistência em exercícios básicos e práticos, com a finalidade de automatizar a escrita. Daí a proposta de atividades com frases curtas e objetivas. Os comentários encontram-se após cada item.

1.a. Deve-se repousar sobre o texto.

Na oração o sujeito é indeterminado devido ao emprego do pronome se como índice de indeterminação do sujeito de verbo intransitivo repousar.

Entra-se na casa da palavra escrita. (Verbo intransitivo entrar).

É-se capaz de escolher a leitura. (Sujeito indeterminado de verbo de ligação ser).

Emerge-se do fio do discurso. (verbo intransitivo emergir).

b. Substitua o sujeito das orações pelo pronome apassivador **se** próprio da voz passiva sintética:

Ex.: O leitor escolhe a posição certa para ler.

R.: Escolhe-se a posição certa para ler.

Certos protocolos criam predisposição para a leitura.

R.: _____

Eu trouxe o livro até o jardim.

R.: _____

O autor tem a vida toda pela frente.

R.: _____

RESPOSTAS COMENTADAS

*Cria-se predisposição para a leitura. / Trouxe-se o livro até o jardim.
/ Tem-se a vida toda pela frente.*

Verifique como a voz passiva sintética, isto é, construída com o pronome apassivador se e um só verbo conjugado, recalca a subjetividade ao eliminar a figura sintática do agente da passiva (que era o sujeito da oração na voz ativa), fazendo sobressair a ação designada pelo verbo transitivo direto (criar, trazer, ter).

c. Passe as frases para a voz passiva sintética:

Ex.: Os frutos escolhidos são colhidos na árvore.

R.: Colhem-se os frutos escolhidos na árvore.

Brilho e cor são dados ao texto.

R.: _____

Um ritmo é criado para a leitura.

R.: _____

Uma temporalidade é tida pela leitura.

R.: _____

O destinatário deve ser focalizado pelo autor.

R.: _____

RESPOSTAS COMENTADAS

Dão-se brilho e cor ao texto./Cria-se um ritmo para a leitura./Tem-se uma temporalidade para a leitura./Focaliza-se o destinatário.

Constate como o verbo da primeira frase foi empregado na terceira pessoa do plural, porque o sujeito é composto e por isso dizemos Dão-se brilho e cor.

d. Passe os termos sublinhados para o plural:

Ex.: Há certo ritmo para a leitura.

R.: *Há certos ritmos* para a leitura.

Observe: O verbo *haver* permanece no singular porque se trata de uma oração sem sujeito e o termo que se segue ao verbo é objeto direto, que, por ser complemento verbal, não concorda com o verbo. Logo, diz-se *Pode haver certos ritmos, Deve haver certos ritmos, Houve certos ritmos, Havia certos ritmos, Haverá certos ritmos, Haveria certos ritmos, Se houvesse certos ritmos..., Quando houver certos ritmos...*

Há uma distinção entre ler apressado e ler repousando.

R.: _____

Houve uma coisa linda.

R.: _____

Pode haver um protocolo para a leitura.

R.: _____

Havia um sentido no texto.

R.: _____

Haverá uma política da leitura.

R.: _____

RESPOSTAS COMENTADAS

Há distinções entre ler apressado e ler repousando. / Houve coisas lindas. / Pode haver protocolos para a leitura. / Havia vários sentidos no texto. / Haverá políticas para a leitura.

*Se a regra geral de concordância verbal dita que o verbo concorda com o sujeito, se a oração construída com verbo *haver* não tem sujeito e, por isso, se classifica como oração sem sujeito, não há por que concordar o verbo com o objeto direto que se lhe segue. Nas orações acima, as palavras *distinções*, *coisas lindas*, *protocolos*, *vários sentidos*, *políticas* são objetos diretos do verbo *haver* que, no sentido de existir, se mantém sempre na terceira pessoa do singular.*

e. Passe para o plural os sujeitos das orações em voz passiva sintética. Note que os verbos também vão para o plural, porque, nesse caso, obedecemos à regra geral de concordância verbal, segundo a qual o sujeito concorda com o verbo:

Ex.: Leu-se o edital.

R.: Leram-se os editais.

Colheu-se um fruto.

R.: _____

Escolheu-se a palavra adequada.

R.: _____

Propôs-se uma democracia para a leitura.

R.: _____

Reteve-se o texto.

R.: _____

RESPOSTAS COMENTADAS

Colheram-se frutos. / Escolheram-se palavras adequadas. / Propuseram-se políticas para a leitura. / Retiveram-se os textos. Seguimos a regra geral de concordância verbal, segundo a qual o verbo deve concordar com o sujeito, logo, sujeito no plural, verbo no plural. Este comentário se aplica ao exercício abaixo.

f. Passe para o plural, conforme o modelo anterior:

Evite-se ambigüidade na dissertação.

Pesquisou-se a célula-tronco.

Pesou-se a questão.

Fez-se a experiência.

Investigou-se o trabalho discente.

Examinou-se a relação do docente com a comunidade.

Analisou-se o problema.

Atingiu-se resultado positivo.

Observe-se a reação da molécula.

Impôs-se a dúvida.

Exige-se estudo da matéria.

Recolheu-se material no leito do rio.

Põe-se a equação em questão.

Realizou-se uma tarefa.

Discutiu-se a proposta.

Levantou-se a bibliografia.

Definiu-se o conceito.

Formulou-se uma hipótese.

Desenvolveu-se um raciocínio.

Comprovou-se a tese.

RESPOSTAS COMENTADAS

Leia o comentário ao exercício anterior.

Pesquisaram-se as células-tronco. / Pesaram-se as questões.

/Fizeram-se experiências./ Investigaram-se os trabalhos discentes.

/ Examinaram-se as relações docentes com a comunidade.

/Analisaram-se os problemas. /Atingiram-se resultados positivos.

/ Observem-se os comportamentos. /Impuseram-se as dúvidas. /

Exigem-se estudos da matéria. / Recolheram-se materiais no leito

dos rios. / Realizaram-se tarefas. / Discutiram-se as propostas. /

Levantaram-se bibliografias. / Definiram-se conceitos. / Formularam-

se hipóteses. / Desenvolveram-se raciocínios. / Comprovaram-se

as teses.

g. Passe os verbos anteriores para a primeira pessoa do plural:

Ex.: Evite-se ambigüidade na dissertação.

Evitemos ambigüidade na dissertação.

RESPOSTAS COMENTADAS

Se você optar por conferir certa personalidade ao discurso, empregue o nós, que, ademais, chama o leitor para o texto.

Pesquisamos a célula-tronco./Pesamos a questão./Fizemos experiências./ Investigamos o trabalho discente./Examinamos a relação do docente./ Analisamos o problema./Atingimos um resultado positivo./Observamos o comportamento./Impusemos as dúvidas./Exigimos um estudo da matéria./ Recolhemos materiais./Realizamos a tarefa./ Discutimos a proposta. / Levantamos a bibliografia. / Definimos o conceito. / Formulamos a hipótese. / Desenvolvemos o raciocínio./ Comprovamos a tese.

h. Mantendo a primeira pessoa do plural, passe os verbos anteriores para o presente do subjuntivo:

RESPOSTAS COMENTADAS

Se você quiser mais envolvimento ainda, opte eventualmente pelo emprego do modo subjuntivo, que representa o provável de uma ação. Recorra a sua gramática, releia o capítulo sobre o verbo e suas conjugações e confira:

Pesquisemos.../Pesemos.../Façamos.../Investiguemos.../ Examinemos.../ Analisemos.../ Atinjam.../Observemos.../ Imponhamos.../Exijamos.../Recolhamos.../Realizemos.../ Discutamos.../Levantemos.../Definamos.../Formulemos.../ Desenvolvamos.../ Comprovemos...

i. Impregnado de subjetividade, o texto de Eduardo do Prado Coelho não deixa de ser, entretanto, um texto argumentativo. Sendo assim, sugerimos-lhe, de posse da técnica de paráfrase, que você já domina, porque a estudou na aula ..., dar-lhe uma feição objetiva e elaborar uma introdução e uma conclusão.

RESPOSTA COMENTADA

O breve ensaio intitulado Se o leitor escreve, tu escreves de Eduardo Prado Coelho pretende discutir os vários aspectos de uma leitura. Esta exige da parte do leitor não apenas disposição física, corpórea, como também certa energia intelectual. Na origem etimológica da palavra ler encontra-se o termo eleger, logo, escolher, entre vários textos, o que merece ser lido. Tal é o papel do intelectual, aquele que tem a capacidade de interlegere, que não é só ler ou selecionar a leitura, mas também interpretá-la. O mesmo étimo ou raiz semântica se encontra na palavra dileto, o preferido entre vários, logo, o escolhido, o que leva a inferir que durante a leitura não deixa de haver uma relação de amor. Leitura é diálogo, é troca, conversa entre o texto e o leitor. Ela subentende convenções, um tempo e um espaço para que ocorra, um código e um pacto entre emissor e destinatário. O isolamento da biblioteca condensa nos livros o mundo e a leitura e assim reaviva a memória contida nela.

ATIVIDADE

3. Leia atentamente o trecho abaixo, do livro *Portos de passagem* do professor de lingüística João Wanderley Geraldi:

A primeira pergunta a fazer aqui é para que se lê o que se lê? Como ensina Ducrot que não se pode falar a alguém sem imaginar que o que se fala pode lhe interessar, podemos nos perguntar como se estatui a legitimidade das leituras que se fazem em sala de aula.

Se considerarmos as práticas normalmente propostas por livros didáticos, toda a lição ou unidade destes livros, organizados em unidades [...], iniciam-se por um texto para leitura. Como tais leituras não respondem a nenhum interesse mais imediato daqueles que sobre os textos se debruçam, a relação interlocutiva a ocorrer deverá se legitimar fora dela própria. Ou seja, mesmo quando a leitura se inspira em concepções mais interessantes sobre textos e sobre a leitura, as relações interlocutivas em sala de aula não respondem à necessidade do estabelecimento destas relações. Daí, sua legitimidade

se estatuir e não se constituir. Os alunos, leitores e portanto interlocutores, lêem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles, leitores/alunos, engajados. Com que legitimidade são eles convocados para esta relação?

[...]

Ancorada na autoridade, a legitimidade se impõe. Os procedimentos são, aqui, os mesmos que, na passagem do produto do trabalho científico a conteúdos de ensino, reificam estes produtos. Tornam hipóteses verdades absolutas. Tornam textos, que se elegem para as aulas, em leitura obrigatória, cujos temas valem por si e cujas estratégias de construção são também válidas em si. Reificam-se os textos. E, contraditoriamente, “repartindo-os” pela escolarização, sacralizam-nos (e na ambigüidade do nos incluem-se todos os seus sentidos: os textos, seus autores, seus selecionadores e, por mais incrível que pareça, seus leitores, pois estes, no contato magicamente imposto, “eruditos” se tornam porque leram o que selecionado a ler se lhes “deu” a ler – escolarizados estão).

Não se trata, pois, de textos buscados por sujeitos que, querendo aprender, vão a eles chafos de perguntas próprias. E mais uma vez o que poderia ser uma oportunidade de discurso ensino/aprendizagem, um diálogo em sentido enfático de fala conjunta, de um com o outro em busca de respostas, produz-se o discurso de sala de aula, que, como a pergunta didática, faz do texto um meio de estimular operações mentais e não um meio de estimular operações mentais e não um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos. Não há perguntas prévias para se ler. Há perguntas que se fazem porque se leu. É muito freqüente os alunos lerem primeiro as perguntas que se seguem ao texto de leitura do livro didático para encontrarem alguma razão para o esforço que farão. Mais freqüentemente ainda, como tais perguntas podem não exigir qualquer esforço, de posse delas, o aluno passeia pelo texto e sua superfície em busca das respostas que satisfarão não a si, mas à aferição de leitura que livro didático e professor podem vir a fazer.

Como construir outra legitimidade que não se assente na autoridade? [...] [Os autores], para produzirem, precisam voltar-se para sua própria experiência (real ou imaginária) para dela falarem: buscam e inspiram-se nela para extrair daí o que dizer. E ao dizê-lo, desvelam as categorias (ou sistema de referências) em que interpretam estas experiências, suas vidas. É destas interpretações que se podem tirar tópicos que, discutidos na sala de aula, demandam a busca de outras informações, de outros modos com que outros viram e vêem experiências semelhantes. É neste sentido que a leitura incide sobre “o que se tem a dizer” porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente.

(GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 168-171).

a. Resuma o trecho acima em um parágrafo-padrão de, no máximo, 6 linhas.

RESPOSTA COMENTADA

O autor, nessa reflexão, quer dizer que as leituras em sala de aula são impostas pelo professor e, por isso, o(a) aluno(a) nelas não veria interesse. Assim, propõe que o(a) próprio(a) aluno(a), a partir da sua experiência intelectual e existencial, produza os textos para leitura em classe, para que haja uma troca entre os discentes a encetar o debate. Com isso, haveria maior motivação para a atividade de leitura e produção de texto e o(a) aluno(a) é que conferiria legitimidade à leitura.

b. Dialogue com o texto do professor Geraldi e indague-lhe “Ancorada na legitimidade, a autoridade se impõe?”

RESPOSTA COMENTADA

“Ancorada na legitimidade, a autoridade se impõe?”

É verdade que o processo de escolarização cede livros, sejam de Matemática, Ciências, História, Geografia, Língua Portuguesa ou de leituras extra-classe, para o(a) aluno(a) acompanhar o trabalho, bem como deles se serve o(a) docente. Tem sido sempre assim, pois o nosso saber se encontra nos livros, no registro escrito. Concordamos que a experiência discente é muito importante para que o(a) aluno(a) produza textos, amplie suas reflexões sobre as leituras, faça associação de idéias, troque suas reflexões e dúvidas com os colegas e professores. O ensino, de fato, corresponde a um processo dialético ininterrupto. Sem o próprio cabedal, sem as próprias escolhas, não conseguiria o(a) aluno(a) desenvolver ideação, isto é, reflexão e crítica sobre as leituras didáticas. Por outro lado, isso não é o bastante para desenvolver o

raciocínio lógico-matemático, conhecer fenômenos físicos, acompanhar a evolução social, solidificar noções de gramática e literatura. Ademais, ao professor cumpre a tarefa de dialogar com o aluno, de despertar-lhe a curiosidade e o gosto por estudar, trazendo-lhe por sua vez a sua bagagem de saber.

COMENTÁRIO

(aos textos dos professores Prado Coelho e Geraldi)

Eduardo Prado Coelho denota deliciar-se com a leitura dos poemas de Manuel Gusmão e leva o leitor a compartilhar essa delícia. Se os poemas fossem sugeridos a uma turma em dia de leitura e redação, impregnados que estariam com o prazer evocado pelo crítico, com certeza trariam inspiração.

Acrescentamos o texto de João Wanderley Geraldi, mais objetivo e didático, com a intenção de fornecer um contraponto ao anterior e dizer junto com ele como é significativa a contribuição discente ao processo de aprendizado, considerando-se que o leitor não deixa de ser co-autor durante a leitura, por projetar nela as suas inflexões, mesmo nos exercícios de interpretação de texto levados pelo professor. Aliás ao mesmo texto poderia o(a) aluno(a) fazer as suas perguntas.

Além disso, nada impede que o(a) discente conheça os clássicos da literatura, infanto-juvenil, brasileira ou universal. Mesmo que nem sempre nos identifiquemos com o que expressa, por ser antiga, extemporânea ou ultrapassada, não deixa de trazer-nos conhecimento sobre algo que, se não estivesse registrado em texto, jamais saberíamos acontecer, mesmo que em ficção. Tampouco devemos ignorar os autores contemporâneos que nos informam sobre a atualidade.

CONCLUSÃO

A redação da monografia de pesquisa sob a forma de uma dissertação corresponde à última etapa da sua formação profissional em nível de graduação. O esforço empreendido vai operar em você uma transformação. Assim, de posse do diploma de nível superior, abrir-se-ão portas no mercado de trabalho da carreira que você escolheu. Boa sorte!

RESUMO

A palavra-chave para a redação de uma dissertação é argumento, embora nem todo trabalho de conclusão de curso exija a defesa de uma tese da qual o interlocutor precisará sair convencido. O(a) autor(a) do texto pode se dar o direito de expor uma questão com clareza, objetividade e correção de linguagem, no sentido de instruir o leitor sobre o assunto, explanando-o mediante introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução declara o interesse do trabalho. O desenvolvimento aprofunda o conteúdo. A conclusão confirma tudo o que fora dito. Como se trata de um texto em prosa, estrutura-se em parágrafos. Estes encerram frases coesas e coerentes que encadeiam as idéias a serem expostas mediante distanciamento do sujeito.

Português Instrumental

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOHADANA, Estrella. Subjetividade e cultura: os novos signos do saber. *Methodus*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 87-105, ago./dez. 1999.
- _____. *Sobre deuses e poetas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- _____. O terceiro milênio e a reconfiguração da humanidade: ética, educação e cultura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2001. v. 1. p. 1-15. CDRom.
- BOHADANA, Estrella; MARQUES, Marcio. A escritura e o papel na era digital. *Aprender: caderno de filosofia e psicologia da educação*. Vitória da Conquista, n. 3, p. 63-78, jul./dez. 2004.
- COSTA, Wellington Borges. Concluindo a introdução. *Discutindo língua portuguesa*, São Paulo, n. 4, p. 38-39, 2007.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1950.
- SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- SOARES, Magda; CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, comunicação e cor*. São Paulo: Ícone, 2000.

Aula 16

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOHADANA, Estrella. Subjetividade e cultura: os novos signos do saber. *Methodus*. Rio de Janeiro, n.2, p. 87-105, ago./dez. 1999.

_____. *Sobre deuses e poetas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. O terceiro milênio e a reconfiguração da humanidade: ética, educação e cultura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2001. v. 1. p. 1-15. CDRom.

_____.; MARQUES, Marcio. A escritura e o papel na era digital. *Aprender: caderno de filosofia e psicologia da educação*, Vitória da Conquista, n. 3, p. 63-78, jul./dez. 2004.

COSTA, Wellington Borges. Concluindo a introdução. *Discutindo Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 4, p. 38-39, 2007.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário Brasileiro Globo*. 30. ed. São Paulo: Globo, 1993. 720 p.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livro Acadêmico, 1950.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SOARES, Magda; CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, comunicação e cor*. São Paulo: Ícone, 2000.

Aula 17

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 22. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

BOHADANA, Estrella. Subjetividade e cultura: os novos signos do saber. *Methodus*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 87-105, ago./dez. 1999.

_____. *Sobre deuses e poetas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. O terceiro milênio e a reconfiguração da humanidade: ética, educação e cultura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2001. v. 1. p. 1-15. CDRom.

BOHADANA, Estrella; MARQUES, Marcio. A escritura e o papel na era digital. *Aprender: caderno de filosofia e psicologia da educação*, Vitória da Conquista, n. 3, p. 63-78, jul.-dez. 2004.

COSTA, Wellington Borges. Concluindo a introdução. *Discutindo Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 4, p. 38-39, 2007.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1950.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SOARES, Magda; CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, comunicação e cor*. São Paulo: Ícone, 2000.

Aula 18

ABREU, Antonio Suarez. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CITTELI, Adilson. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em mim: ensaios, crônicas, entrevistas*. São Paulo: Plexus, 1998.

PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SILVA, Sergio Nogueira Duarte. *O português do dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Aula 19

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 6. ed. São Paulo, 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria H. Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

FAULSTICH, Enilde L. *Como ler, entender e redigir um texto*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

KONDER, Leandro. *As artes das palavras: elementos para uma prática marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

JONES, Peter V. *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em mim*. São Paulo: Plexus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, MAGDA; CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação: as articulações lingüísticas como técnica de pensamento*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

Aula 20

AGUITON, Cristophe. Uma estratégia para novos tempos. In: HOUTART, François; POLET, François (Coord.). *O outro Davos: mundialização de resistências e de lutas*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 71.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 6. ed. São Paulo, 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

ARMSTRONG, Alison; CASEMENT, Charles. *A criança e a máquina: como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BEARZOTI FILHO, Paulo; FARACO, Carlos Alberto. A dama da lingüística portuguesa. *Discutindo Língua Portuguesa*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 9-10, [19--].

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliando redações: da escola ao vestibular*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

KONDER, Leandro. *As artes das palavras: elementos para uma prática marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, José Nilson. *Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. *O que é vida?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia e sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SIMKA, Sergio. Erro sobre “erro”. *Discutindo Língua Portuguesa*. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 29, [19--] Especial.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, comunicação e cor*. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2000.

- ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*: São Paulo: Ática, 1998.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*: o dilema da educação. 6. ed. São Paulo, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria H. Pires. *Filosofando*: introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- ARMSTRONG, Alison; CASEMENT, Charles. *A criança e a máquina*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A construção amorosa do saber*. São Paulo: Religare, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DEVLIN, Keith. *O gene da Matemática*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 75.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1963.
- GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- KONDER, Leandro. *As artes das palavras*: elementos para uma prática marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. *O que é vida?* São Paulo: Zahar, 2002.
- MARQUES, Marcio Mori; BOHADANA, Estrella D'Alva Benaion. A escrita e o papel na era digital. *Aprender*: caderno de filosofia e psicologia da educação, ano 2, n. 3, p. 63-78, 2005.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2000.
- NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em mim*. São Paulo: Plexus, 1998.
- PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Lisboa: Presença, 1993.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SEGURA, Luciano Ricardo. Antes das variantes. *Discutindo Língua Portuguesa*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 7-8, 2008. Especial.

SILVA, Sergio Nogueira Duarte. *O português do dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda; CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação: as articulações linguísticas como técnica de pensamento*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

Aula 22

ARMSTRONG, Alison; CASEMENT, Charles. *A criança e a máquina*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. 6. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da pedagogia simbólica junguiana*. São Paulo: Religare, 2003, p. 74.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2001, 83 p.

DEVLIN, Keith. *O gene da Matemática*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALLIDAY, M.; McINTOSH, A.; STREVENS, P. *As ciências linguísticas e o ensino da língua*. Petrópolis: Vozes, 1974.

GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliando redações: da escola ao vestibular*. Porto Alegre: Mediação, 2002, 40 p.

LEAL, José Carlos. *Os deuses eram assim*. Duque de Caxias: Mil Folhas, 1997.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. *O que é vida?* São Paulo: Zahar, 2002.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2000.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa: estudos e observações*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1950.

SILVA, Sérgio Nogueira Duarte da Silva. *O português do dia-a-dia: como falar e escrever melhor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Lisboa: Presença, 1993.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre: Artmed, 2003, 10 p.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

———. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. São Paulo: Moderna, 1996.

Aula 23

ALVES, Rubem. *Livro sem fim*. São Paulo: Loyola, 2002.

ARANHA, Maria Lucia A.; MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 255-257.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. *Metodologia científica: teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004.

KRAMER, Sonia. *Educação a contrapelo*. Revista Benjamin pensa a Educação. São Paulo, v. 7, p. 18. mar. 2008.

LUIZ, Antônio Filardi. *Dicionário de expressões latinas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia S. *Português instrumental*. 24. ed. Porto Alegre: Ed. Sagra-Luzzatto, 2003.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência: técnicas de comunicação criativa*. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Maicael D. *Dicionário da Bíblia: as pessoas, os lugares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARIOTTI, Humberto. *As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2006.

SCHMIDT, Mário. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1996.

Aula 24

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. O planejamento da pesquisa: do problema à revisão da literatura. In: _____.; _____. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 21-38.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999. 245 p.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Introdução de Denis Lerrer Rosenfield. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Ana Maria. *Apontamentos ao curso de especialização em Filosofia: módulo: monografia da pesquisa*. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1993.

HÜHNE, Leda Miranda (Org.). *Metodologia científica: caderno de textos e técnicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

LEITÃO, Luiz Ricardo (Org.). *Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.

LOPES, Maria Laura Mouzinho Leite. *Ciência hoje das crianças*. O Globo, Rio de Janeiro, 09 dez. 2001. Globinho, p. 1-4.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 395.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WOLFF, Fausto. Morte duas vezes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 mar. 2008. Caderno B, p. B2.

Aula 25

CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DICIONÁRIO Etimológico da língua portuguesa. José Pedro Machado. Lisboa: Horizonte, 1977. 5 v.

ESTEBAN, Maria Teresa, ZACCUR, Edwiges. *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HÜHNE, Leda Miranda (Org.). *Metodologia científica: caderno de textos e técnicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas*. São Paulo: Atlas, 1991.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

Aula 26

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar idéias*. São Paulo: Ática, 2000.

CAMPOS, Edson Nascimento; SOARES, Magda Becker. *Técnica de redação*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.

_____. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CINTRA, Luís F. Lindley; CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.

COELHO, Eduardo Prado. Se o leitor escreve, tu escreves. *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, Cátedra Jorge de Sena, Cosmos, n. 2, p. 143-155, set. 2001.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Introdução de Denis Lerrer Rosenfield. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ESTEBAN, Maria Teresa, ZACCUR, Edwiges. *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1998.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

PACHECO, Agnelo de Carvalho. *A dissertação: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1995.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma tese*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ISBN 978-85-7648-559-9



9 788576 485599



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério
da Educação

